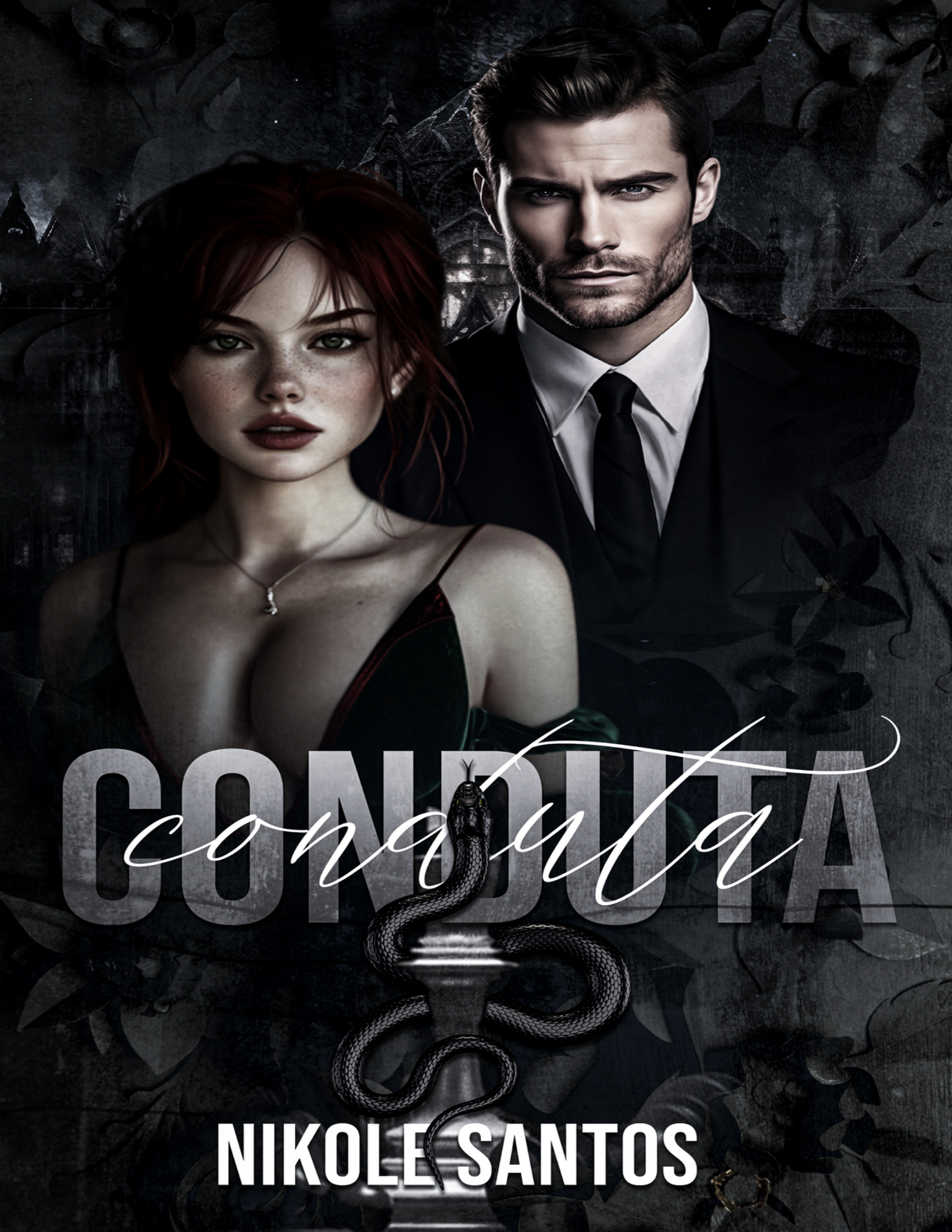

CONDUTA
conduta
NIKOLE SANTOS

CONDUTA

NIKOLE SANTOS

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.
Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.
Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios (tangível ou intangível) sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.2018.

Capa: Designer Lysa Moura
Leitura crítica: Danielle Oliveira
Leitura beta: Verônica Santos
Revisão: Leticia Oliveira
Diagramação: Nikole Santos

Copyright © 2024 Nikole Santos



SINOPSE



Henrico Milano será o próximo consigliere da 'Ndrangheta e atualmente tem mais um objetivo: matar Cesare Russo, o homem que traiu a poderosa família Barone quando criou uma droga altamente viciante, a Behavior.

Tudo se encaminhava para o sucesso do plano, quando mais uma vez Cesare conseguiu fugir, mas ele deixou algo precioso para trás.

Serena Russo foi forçada a se casar com Cesare e depois de viver o inferno em suas mãos, ela foi sequestrada pelo homem que quer matar seu marido.

Existe uma chance dela mudar o jogo ao seu favor e conseguir a liberdade que tanto sonha.

Ela é impulsiva,

Ele é controlador,

Ela fala demais,

Ele é de poucas palavras,

Ela quebra todas as regras dele,

Ele luta para não quebrar sua maior regra: não se apaixonar.



RECADO DA AUTORA



Para você que acaba de me conhecer e dar uma chance à minha história, obrigada pela oportunidade. Espero que se divirta muito com o meu casal caótico, que foi feito com muito carinho e dedicação.

Para quem já me acompanha, é isso quengas, o surto veio, um livro de máfia.

Em agosto, andava puta da vida, não podia quebrar nada na casa onde morava porque era alugada e a louça já era pouca, então resolvi fazer uma história onde podia descontar a minha raiva.

Pois bem, descontei.

Eu achei que ouvindo Lana Del Rey sairia uma máfia romance cabuloso, mas no fim ficou como todos os meus outros livros, com personagens levemente cômicos, só que na versão que matam e fazem outras atrocidades.

Não vou mentir, eu gostei.

Como sempre, as minhas histórias são para causar alívio, relaxamento e a única coisa visceral que tem é possivelmente a vontade de fazer xixi de rir (mas nunca vi ninguém dizendo que aconteceu isso), no mais o sentimento de constrangimento, vergonha alheia e uma dose do hormônio da felicidade (que não lembro o nome porque faz três anos que terminei a faculdade de fisioterapia).

Vou vender este livro como um romance de máfia, porque é isso que ele é. Acho que não tem nada dark, a não ser que você seja extremamente sensível. Não gosto muito

de dizer que meus livros são comédias românticas antes de muita gente ler e vir me dizer que riu, pra não ser propaganda enganosa. Sem contar que tenho um humor bem duvidoso.

Mas eu ri e as outras pessoas que leram também.

Para as pessoas que pegaram essa história em PDF, espero que seu aparelho quebre; para a pessoa que só espera meus lançamentos saírem para dar 1 estrela, espero que seja bloqueada pelo app; para mim, espero não surtar de ansiedade e conseguir escrever o próximo; para Dani, minha assessora, que todos queiram um livro dos Barones depois de ler esse, assim realizo o seu sonho; para Verônica, às 14h você tem que entrar na chamada pra betar o próximo livro.

Beijos e boa leitura,
pessoas não cornas, diferente
do Cesare.



DEDICATÓRIA I



Para as mulheres que adorariam ser levadas por um homem gostoso, de quase 1,90, que sabe usar seu brinquedo em qualquer posição, dar muito prazer e ainda vingar aquele namoro onde elas sofreram demais.



DEDICATÓRIA II



Para as pessoas da minha família que não leem e dizem que eu não trabalho e vivo presa dentro de casa sem fazer nada. Se vocês trabalhassem como eu não teriam tempo de ficar vendo a vida dos outros, fofocando, nem passeando por aí.

PRÓLOGO
CAPÍTULO 1 – DIAS ATUAIS
CAPÍTULO 2 – ONDE ELE ESTÁ?
CAPÍTULO 3 – UMA DÍVIDA
CAPÍTULO 4 – CADÊ O INGRATO?
CAPÍTULO 5 – TUDO QUE FIZ POR VOCÊ
CAPÍTULO 6 – AS REGRAS
CAPÍTULO 7 – ANTES DE EU MORRER
CAPÍTULO 8 – MEU FUNERAL
CAPÍTULO 9 – SENHORITA FIEL
CAPÍTULO 10 – MINHA NAMORADA
CAPÍTULO 11 – O QUE VOCÊ QUER SABER?
CAPÍTULO 12 – AMEAÇAS MORTAIS
CAPÍTULO 13 – DISTÂNCIA, ROMAN
CAPÍTULO 14 – TEREMOS UM JANTAR
CAPÍTULO 15 – VOU CONTAR A VERDADE
CAPÍTULO 16 – UMA FAMÍLIA NORMAL
CAPÍTULO 17 – O QUE QUEREM SABER SOBRE ELA?
CAPÍTULO 18 – O CARTÃO
CAPÍTULO 19 – NEM SONHE COM ELA
CAPÍTULO 20 – TUDO ACONTECEU ASSIM
CAPÍTULO 21 – UMA RÁPIDA PERSEGUIÇÃO
CAPÍTULO 22 – É ELA
CAPÍTULO 23 – CUMPRIREI MINHA PROMESSA
CAPÍTULO 24 – CHANTAGEADA
CAPÍTULO 25 – VAMOS FICAR JUNTOS
CAPÍTULO 26 – CARTAS DE AMOR
CAPÍTULO 27 – VOCÊ GOSTA DE BRINCAR COM FOGO?

CAPÍTULO 28 – O CLUBE

CAPÍTULO 29 – DROGADA

CAPÍTULO 30 – O BAILE BENEFICENTE

CAPÍTULO 31 – VOCÊ É MINHA, SERENA

CAPÍTULO 32 – ESTOU EM UMA SURUBA

CAPÍTULO 33 – O FIM DA LINHA

CAPÍTULO 34 – UMA RECOMPENSA

CAPÍTULO 35 – CASAMENTOS FORÇADOS

CAPÍTULO 36 – O PARQUE

CAPÍTULO 37 – TEM ALGO QUE PRECISAM SABER

CAPÍTULO 38 – DISTRAÇÕES

CAPÍTULO 39 – A FESTA

CAPÍTULO 40 – TORTURA

CAPÍTULO 41 – TE PEGUEI!

CAPÍTULO 42 – ELA NÃO FOI SEQUESTRADA

CAPÍTULO 43 – É MENTIRA!

CAPÍTULO 44 – ACABOU

CAPÍTULO 45 – DIGA A VERDADE

CAPÍTULO 46 – NÃO VOU DESISTIR DE VOCÊ

CAPÍTULO 47 – VAMOS RESOLVER AS COISAS

CAPÍTULO 48 – CONTRA A NOSSA VONTADE

CAPÍTULO 49 – A CARTA

CAPÍTULO 50 – ELA É MINHA

EPÍLOGO

AGRADECIMENTO



PRÓLOGO

Henrico Milano

— ***ABRA*** A PORTA OU DERRUBAREI! — *papà*[1] gritou e tremi nos braços da minha irmã, escondidos debaixo da mesa da cozinha.

Era ali o nosso refúgio, embora não nos livrasse de sofrer as severas “correções” de nosso pai.

Mais uma vez ele voltou para casa possesso. *Mamma*[2] dizia que eram as drogas, pois ele usava as mais fortes e perturbadoras, mas eu sabia que aquele homem era ruim por natureza. Nos seus dias mais felizes, ele carregava um olhar sombrio, como se estivesse observando a todos para tirar suas conclusões nada sensatas.

Eu tinha apenas dez anos e já enxergava a vida como um inferno.

— ABRA! — Ele estava armado.

Não com revólver ou alguma arma do tipo, ele usava um taco de golfe que ganhou quando trabalhou para o senhor Barone, alguns anos atrás, e foi demitido por conta da sua falta de comprometimento. Ele guardava o taco como um troféu e batia na nossa mãe e em nós como se fôssemos a pequena bola que se usa no campo.

Mamma não respondeu, mas sabíamos que ela já deveria ter pulado a janela e corrido em busca de ajuda.

Naquele momento, minha irmã, Chiara, e eu estávamos em perigo.

Ele chutou a cadeira. Podemos ver o móvel se arrastando de um lado para o outro, em seguida caindo no degrau da cozinha.

Era questão de segundos até ele virar a mesa e nos encontrar.

Não era preciso muito para isso, afinal ela mal escondia nossos pés, embora eles estivessem quase abaixo de nossas bundas de tão encolhidos que ficamos.

Chiara era um ano mais nova que eu, mas sempre agiu como a minha protetora. Ela pensava rápido, enquanto eu ficava paralisado por conta do medo. Contudo, quando se aproximava o momento de sermos pegos, a *ragazza* forte sumia, tremia e ficava pálida.

Eu lastimava por não ter tamanho suficiente para enfrentá-lo. Por vezes, pensava em pegar uma faca e usar como pudesse, contra ele, mas pensar em tirar a vida do meu pai me dava peso instantâneo na consciência e me culparia a vida inteira pelo crime.

E, por evitar isso, estava sujeito a me culpar a vida inteira por não ter defendido a minha mãe e a minha irmã.

Assim que a mesa sumiu das nossas cabeças, cobri Chiara como pude e recebi o primeiro golpe do taco, que pegou perto do ombro. Uma dor tremenda que logo se juntou ao do golpe no quadril e também o que recebi na cabeça.

Eu não sabia me defender, não tinha coragem de fazer o que poderia nos livrar desse problema para a vida toda, mas havia algo que eu não dava para ele: lágrimas.

Aguentava a tudo calado, sem gemer, sem chorar, sem olhar para ele.

Sabia que em algum momento, toda a dor e machucado resultaria no acumulado de ódio suficiente para fazer o que eu não fazia por falta de coragem.

O ódio movia, aprendi isso cedo.

Meu pai era movido por ele e, em breve, eu poderia ser assim.

Ele experimentaria seu veneno e colheria o que plantou.

— Para, *papà*, por favor, para! — Chiara chorava debaixo de mim.

Já tinha perdido a conta de quantos golpes havia recebido, quando um barulho ensurdecedor fez meu pai parar. Um zumbido que me deixou desorientado. Eu o ouvia bem alto e quase inaudível a minha mãe, na frente. Ela me chamava, apavorada, enquanto Chiara corria para ela.

Estava estático, meu pai caiu na minha frente, o sangue que saía da sua cabeça formava uma poça cada vez maior, e os olhos, mesmo sem vida, olhavam para mim, da mesma forma que sempre olhou.

Talvez, ele sempre estivesse morto por dentro.

O homem que tirou a vida do meu pai me puxou pelo braço e me guiou até a saída.

Mamma e Chiara choravam, já eu não sabia o que sentia.

Talvez o pavor fosse mais paralisante que o medo.

Fora da nossa casa, um grupo de homens de terno estava parado, três carros iguais estavam estacionados atrás deles e quando o homem me largou, foi direto na minha mãe.

— Resolvemos o que pediu e vamos dar um sumiço nele, mas existe um preço para tudo isso.

Eu tinha uma breve lembrança do seu rosto, mas não sabia quem ele era, só que era mais assustador que *papà*, de um jeito calmo.

— Eu pago qualquer preço — *mamma* disse enxugando o rosto com o dorso da mão.

Ele apenas balançou a cabeça e uma das mãos. Logo, os homens se movimentaram para dentro da nossa casa enquanto Chiara e eu seguimos *mamma*, que seguiu o homem, sem questionar.



DIAS ATUAIS

Henrico Milano

— ***Vocês*** vão por ali. — Aponto para a direita, em frente à bela casa de campo amarela e depois olho para os outros atiradores. — E vocês para o lado contrário. Lembrem-se, quero o Cesare vivo.

Eu mesmo irei acabar com a sua vida.

Os homens seguem as minhas instruções e aguardo que o lugar esteja limpo para entrar, dentro do carro.

É início da noite em Vibo Valentia[3] e a vizinhança fica a muitos metros de distância. Não há ninguém para atrapalhar o cumprimento da nossa missão.

Ligar para o futuro Don parece uma boa ideia enquanto espero, por isso faço isso e ele atende sem muita demora.

— Henrico?

— Oi, Héctor. Já estamos invadindo a casa onde Cesare se esconde. É certo que, desta vez, pegaremos o traidor.

Pensar nessa possibilidade me deixa com a adrenalina correndo nas veias.

— Ótimo. Lembre-se de apagar qualquer rastro da droga que ele criou. Nem ele, nem ninguém vai vender isso no nosso território.

— Impossível esquecer.

É o meu segundo maior objetivo na missão.

— Me ligue no final.

— Certo. — Finalizo a ligação.

Um dos meus soldados aparece na porta da casa e acena para que eu entre.

Saio do carro com uma arma no quadril, escondida pelo sobretudo, enquanto a sede de vingança faz meu coração bater mais forte.

Cesare é o tipo de homem que mais odeio e ter o incentivo para matá-lo é um presente que nunca saberei como agradecer ao meu padrinho.

— Onde ele está?

— Não o encontramos em cômodo algum. Os guardas dele também não.

A resposta me deixa instantaneamente desapontado.

— Não vamos sair daqui sem ele. Procurem melhor. Ao redor da casa, em cima dela, em todos os lugares. — Não entro no imóvel, tiro a arma do quadril e deixo a bala no gatilho, indo para o jardim.

A propriedade é rodeada de arbustos, árvores e plantas. Não chegamos discretamente, mas não fomos recebidos a tiros.

Eles podem mais uma vez ter tentado o caminho mais covarde: a fuga.

Observo meus soldados que estão pela propriedade, enquanto outros estão bem distantes. Entre as plantas enormes em vasos de cerâmica, perto da parede da garagem, encontro uma mulher distraída na montagem do que parece ser um buquê.

Como agimos silenciosamente, ela não nos viu nem ouviu a nossa invasão. Faz sentido.

Ela não parece se esconder propositalmente.

Agarro seu braço, viro-a de frente para mim, empurro seu corpo contra a parede e coloco o cano da minha arma abaixo do seu queixo. Seus olhos se arregalam diante de mim. A luz ao redor da casa me permite ver um azul perdido no branco do pavor que ela expressa.

Encontramos alguém e não deixarei quem quer que seja livre antes de pegar o meu alvo.

— Você vem comigo.

— Quem é você? — ela pergunta com a voz falha, os lábios carnudos mal se encostando e as mãos levantadas.

— Quem sou? Seu pior pesadelo.

Ela não deve ser uma funcionária pelo ouro das joias que carrega, inclusive usa uma aliança no dedo anelar esquerdo, além da delicadeza.

Não tenho medo de chutar que é a famosa esposa que Cesare esconde. E, pelo visto, até mesmo na casa deles, ela fica escondida.

Deixou a esposa para trás, grande covarde mesmo.

Parece ser tão indefesa, frágil, que me deixa com raiva.

Mulheres assim sofrem nas mãos de homens como Cesare e como o meu pai.

Não pretendo machucá-la, mas pretendo usá-la como isca para atrair e matar o grande amor da sua vida.

No fim, posso estar apenas fazendo um favor a ela.

Observo que ela está pálida, parece até que parou de respirar.

Droga!

Uma mulher tão bonita metida em um problema desse...

— Vo-você pegou a mulher errada — ela fala com pouco fôlego, enquanto posso ver o medo estampado em seus olhos.

— Acho que peguei a certa. — Não contenho o sorriso sádico.

Sempre consigo tirar alguma coisa de Cesare, mesmo que não seja a sua vida. Pouco a pouco, diminuí o poder dele. Ele foge e tenta se recuperar, mas lá estou eu novamente arrancando mais um pouco.

Acho que sentirei falta dessa caçada depois de finalmente acabar com a sua vida, algo que me estressa, mas me diverte também.

— Chefe — um soldado chama. — Ele realmente fugiu.

Figlio di puttana[4]*!*

— Você vem comigo.

— Como? — Ela me encara de olhos arregalados.

— Você. Vem. Comigo — repito alto e claro enquanto aceno para os soldados.



Que sorte...

Digo, que azar.

Isso nunca aconteceu comigo.

Onde estão os homens que vivem me seguindo quando saio sem o Cesare?

Não acredito que desta vez ele me deixou sozinha. Eu poderia ter fugido e não ter sido sequestrada.

Por que tenho certeza que isso está acontecendo por culpa do meu marido?

Esse homem apareceu do nada e resolveu que iria me levar, que seria o meu pior pesadelo!

Spoiler para ele: Eu já vivo o meu pior pesadelo.

Agora estou sendo arrastada rudemente, com uma arma encostada na minha cintura e não há uma alma para gritar e vir me ajudar.

— Não precisa me levar, sou uma pedra no sapato. Meu marido sempre diz isso. Você não vai me aguentar por uma hora... — Tento convencer o homem que anda na frente e aponta para o carro. — É o meu sotaque. Você não vai me aguentar falando o tempo todo. Meu marido sempre diz que meu sotaque é insuportável. Imagina você ter que me ouvir?

— Não vou precisar de você por muito tempo.

A frieza como ele fala desperta um frio na minha barriga.

O que ele fará quando não precisar mais de mim?

Eu sobrevivi até agora. Preciso continuar. Sei que um dia serei livre. Quero ser uma mulher livre e viva.

— Você está me ouvindo?

— Infelizmente — ele diz. — Mas não ligo para o que vai falar.

Que homem frio!

— Ok. Depois não vem dizer que não avisei. — Estou tremendo.

Desnecessário me pegar, se o problema é o Cesare.

— Tira o casaco.

— Mas está frio. — Eu me abraço.

Ele olha para os dois homens que me escoltaram até aqui.

— Tirem o casaco dela.

Antes mesmo que possa protestar, os homens arrastam o casaco do meu corpo e o vento frio faz um arrepio descer por minha espinha. A roupa de baixo que uso não é mais do que uma camiseta fina. Cubro os seios enquanto tremo de frio e medo diante do meu carrasco.

— Revistem a roupa e ela — ordena com a voz grave e levemente rouca.

Eles fazem o que foi ordenado, revistam o casaco e entregam as coisas que estavam nos bolsos nas mãos do sequestrador: meu celular e fones de ouvido, também me tocam em todas as partes, até mesmo nas que não tem chance de encontrar alguma coisa.

Quero dizer que estou me sentindo um objeto pela primeira vez, mas o Cesare me faz sentir sempre assim.

Um dos homens olha para ele e balança a cabeça em negação.

Os olhos azuis do sequestrador encontram os meus.

— Tola. Você não anda armada. — Dá um passo para perto de mim.

— Não — sussurro. — Estou morrendo de frio. Me devolve o casaco, por favor — imploro com os pelos eriçados e um leve tremor no corpo inteiro.

Ele arrasta o casaco das mãos do homem e empurra contra o meu peito.

Quando Cesare souber que fui pega, com certeza vai querer me estrangular e me xingar com todos os palavrões que conhece.

Por que esse homem não procurou logo o Cesare e veio atrás de mim?

Será que ele ainda não sabe que o Cesare é a verdadeira pessoa perigosa?

É muito problema para uma pobre camponesa.

Minha tremedeira dificulta colocar o casaco de volta.

— Quando meu marido notar a minha ausência...

— O seu marido fugiu. — Ele abre a porta do carro para mim. — Entre.

Cesare fugiu?

Alguém me empurra para dentro do carro e não consigo assimilar os problemas.

— Para onde vai me levar?

— Não se preocupe. Em breve, verá o seu marido pela última vez. Ele deve vir atrás de você, certo?

Então esse é o plano dele!

Me usar como isca para pegar o Cesare.

O homem frio, cujo nome ainda não sei, fica sentado do meu lado, no carro. Outro dirige e a minha chance de voltar para casa hoje desaparece.

Viajamos até um hotel. O motorista para o carro bem na entrada e meu sequestrador sai, me esperando do lado de fora.

Que ele não seja sadomasoquista, pai.

Que ele não tente me estuprar.

Que ele não me deixe com fome.

Que ele não me mate.

— Não tenho a noite toda. — Meu sequestrador interrompe meus pensamentos.

Saio e ele faz questão de mostrar a arma que carrega no cós da calça.

— Se gritar...

— Sei o que não devo fazer.

Não é como se fosse a primeira vez que sou ameaçada.

Sigo o homem e entramos no lugar.

As pessoas se curvam para ele e entregam uma chave antes mesmo de alguém pedir, então vamos para o elevador em silêncio.

Eu já entendi que ele não é qualquer pessoa e talvez seja pior que o meu marido.

O que ele pretende fazer comigo, quando não precisar de mim?

Faz tempo que não preciso traçar um plano para sobreviver, pois o meu plano vinha dando certo até então, no entanto, este é um bom momento para se pensar em um novo.

Poderia tentar fugir, mas não estou louca de fazer isso agora.

Vivi o suficiente com alguém que me oferecia perigo e sei a hora certa de ficar quieta.

O homem parece ser mais alto dentro do elevador e cheira a um perfume muito bom no lugar fechado. Um dos poucos com o cabelo cortado muito baixo que fica bem com esse corte. Ele não diz nada, não olha para os lados, parece ser um boneco desligado, de frente para a porta.

Eles são assim, os homens da máfia, só demonstram seus sentimentos entre a família e às vezes nem são sentimentos bons, mas quando estão diante de seus inimigos são insensíveis, cruéis, verdadeiras máquinas de vingança.

As portas se abrem e ele verifica a chave do quarto, então o sigo, calada.

Entramos no cômodo que é enorme e luxuoso, com uma cama somente e iluminação no mínimo dolorosa aos meus olhos.

— Anda. — Ele me apressa e me afasto da porta, que é trancada em seguida e a chave guardada no bolso da calça. Do outro bolso, ele tira o meu celular e vira o aparelho para mim. — Desbloqueie.

O que ele pretende fazer com o meu celular?

Espero que o seu plano de pegar o meu marido dê certo, porque se Cesare colocar as mãos em mim, depois de tudo isso, a morta serei eu.

Coloco a senha mesmo tremendo e ele fica com livre acesso no aparelho.

Respiro fundo buscando relaxar, inclusive ouso me sentar na cama enquanto ouço o som da chamada no viva-voz.

Ele realmente está ligando para o Cesare.

Segundos depois, o som da chamada some.

Ele atendeu.

— Serena?! Onde, você se meteu?!

Isso basta para o arrepio na espinha ser mais forte do que o vento me causou anteriormente.

O homem encosta o telefone em mim e acena para que eu responda.

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Fui pega. Alguém me pegou. — Eu não posso mentir.

Não adianta mentir se sei que o homem ao meu lado derrubará qualquer coisa que eu invente, quando começar a falar com o meu marido.

— O QUÊ, SERENA?! COMO ASSIM FOI PEGA? NÃO SE ESCONDEU? — grita tão forte, que estremeço e permaneço com os olhos fechados.

Neste momento, não gostaria de voltar para casa.

Ele está tão furioso que vai me espancar.

— Ela está comigo — o homem diz.

— E quem é você, homem morto?

Cesare não é de economizar ameaças.

— Agora me dei conta de que nunca trocamos nenhuma palavra por telefone! Henrico Milano te lembra alguma coisa?

É ele?

Ouvi Cesare falando que esse homem da família Barone anda o caçando em todos os cantos e não imaginei que acabaria em suas mãos.

— Será que ainda não entendeu que não vai conseguir me vencer?

— O círculo está se fechando, Cesare, e estou com a sua esposa. Quanto você a ama? — Henrico coloca seus dedos debaixo do meu queixo e ergue o meu rosto.

Cesare deve me salvar ou se salvar?

Será que ele se colocaria em risco por mim?

— Acha mesmo que está em vantagem? Vou descobrir onde você está. Sei que não está longe. O círculo está se fechando pra você. Cansei dessa perseguição e não serei fantoche da família Barone como meus pais são. Pode aproveitar seus últimos minutos de vida.

— Estou esperando, Cesare Russo. E sobre aproveitar os meus últimos momentos de vida, não me dê ideias, pois estou com a sua esposa.

Ele não vai fazer isso.

Meus olhos se alagam enquanto encaro o homem à minha frente.

Serei quebrada mais uma vez.

— Passa para a minha esposa. Agora!

Henrico dá um sorriso sádico, com os olhos fixos no meu rosto e encosta o celular na minha boca.

— Cesare? — sussurro.

— SERENA, TOLA! NÃO OUSE DEIXAR ESSE HOMEM TE TOCAR. QUANDO VOCÊ CHEGAR AQUI, VAI APANHAR TANTO QUE VAI DESEJAR NUNCA TER NASCIDO.

Uma lágrima cai do meu olho esquerdo.

O olhar de Henrico se torna obscuro e ele arremessa o aparelho contra a parede.



ONDE ELE ESTÁ?

Henrico Milano

Sinto que hoje finalmente terei o sangue de Cesare nas mãos.

Admiro a sua expertise em esconder o seu ponto fraco tão bem, quando ainda estava na Calábria, pois nunca tinha visto o rosto dessa pobre coitada e ouvir as ameaças contra ela, só me deu mais motivos para querer matá-lo. Foi como ouvir o meu pai balançando o taco de golfe enquanto insistia para a minha mãe abrir a porta e sofrer por coisas que ela nem sequer tinha culpa.

Quando penso em Cesare, visualizo o meu pai.

Nunca estivemos cara a cara, mas ele me deu um bom motivo para imaginar o seu rosto.

Uma pena, porque o odeio.

Odiava o meu pai e juntando tudo isso contra um só será como vingar a criança que tinha apenas coragem para

passar na frente da irmã e impedir que ela fosse machucada, enquanto recebia os golpes em dobro.

Observo a mulher, muito mais jovem do que eu, que chora, sentada na cama. Serena é seu nome. No cômodo bem iluminado pude analisá-la melhor, fiz isso enquanto conversava ao telefone com seu marido. Ela é mais delicada do que havia percebido. Braços, pescoço e rosto finos, cabelo castanho-escuro e é impossível não reparar nos belos seios de tamanho mediano.

Eu queria sentir pena, mas será que ela tem noção do que vive ou é um medo carregado de conformismo?

Mamma era conformada até tomar coragem e pedir para que acabassem com tudo. Não duvido que essa moça, Serena, seja diferente.

Troco mensagens com os homens que me acompanharam até aqui e combinamos que assim que Cesare aparecer, irei encontrá-los com a *ragazza* ao meu lado.

Poderia apenas dar a ordem para matar esse maldito, mas esse sabor eu quero sentir por minhas próprias mãos.

— Você... — Serena diz chorosa e olho para ela. — Vai me machucar? Abusar de mim?

Tenho certeza que Cesare já aprontou isso e coisas bem piores com ela.

— Não machuco mulheres. — Eu me sento em uma poltrona, bem longe da cama.

Talvez durma neste quarto quando tudo terminar.

O que vou fazer com ela?

Eu pretendia descartá-la viva em algum canto. No entanto, eu me encontro em dúvida quanto a isso.

Talvez seja melhor apenas seguir o plano, afinal quando ele estiver morto, não poderá fazer mal algum a ela de qualquer forma.

Ela passa as mãos no rosto, os olhos azuis brilhando do outro lado do quarto, contrastando com a agitação do sangue nas suas bochechas.

— Ele virá.

Não consigo decidir se entendi que ela tem certeza disso ou se está assustada com a possibilidade que antes parecia ser impossível.

— E espero que não demore muito. — Olho para o relógio.

São 20 horas, acho que ainda dá tempo de jantar.

Ligo para o serviço de quarto e peço que tragam o que tiver de melhor para a minha companhia, que anda parecendo um cordeirinho assustado, prestes a ir para o abate, e eu.

Aguardamos, não por muito tempo.

Deixei minhas coisas no carro e só trarei para o quarto depois que resolver tudo.

No celular, há uma chamada de Héctor, que atendo sem demora.

— Sim? — Ando em direção à janela e puxo um canto da cortina para ver o lado de fora.

Não vejo mais do que a iluminação ao redor do hotel, que fica na saída de Vibo Valentia, permite.

— Me diga que desta vez conseguimos.

— A vez ainda não passou.

— Mas você disse que tinha encontrado o esconderijo dele!

— E encontrei. Mas fugiu. — Ter que admitir isso me deixa estressado comigo mesmo e com o Cesare.

— Droga!

Ouço um barulho no outro lado da linha, que posso concluir ser um soco.

— Precisa de mais homens?

— Tenho o suficiente para atraí-lo. — Olho para trás e a mulher continua encolhida, sentada num canto da cama.

— Cuidado, Henrico.

— Sempre tenho.

— Sim, mas desta vez é diferente. Você está mais perto dele do que em qualquer outra tentativa.

— Tenho certeza de que esse conselho deveria ser para ele. Até logo, Héctor.

— Não deixe de me informar sobre o que está acontecendo. — Ele encerra a chamada, sem mais nenhum pedido.

— Serviço de quarto.

Ótimo!

Abro a porta e uma mulher empurra um carrinho com o jantar. Espero que arrume tudo na pequena mesa no canto do quarto e saia, para então fechar a porta.

Balanço a mão na direção da minha “convidada” para a mesa de jantar. Ela olha para o local e depois para mim.

— O que tem ali?

— Infelizmente não é a cabeça, nem as mãos ou o pênis do seu marido. Não sou canibal. — Sigo até a mesa e ela vem tímida.

A mulher é uma grande medrosa.

Levanto o cloche e vejo um belo prato com purê, bife, cenouras, aspargos, brócolis e até mesmo um molho que deve ser o provedor do aroma delicioso que se espalha no cômodo. Coentro, pimentão e algo adocicado.

O prato dela é igual.

Não é o que esperava quando pedi o melhor que tinham a oferecer, afinal, este hotel é o mais famoso de Vibo Valentia, mas eles não deveriam estar preparados para nos receber.

Pelo menos está quente.

Eu me sento e começo a comer. A *ragazza* faz o mesmo, mas olha para mim e sempre analisa a comida antes de colocá-la na boca.

— Você não terá serventia se estiver morta.

— O quê? — Ela me olha em alerta.

— Não tem veneno. Pode comer. E se apresse. Não queremos nos atrasar para encontrar o seu marido, queremos?

A tristeza nubla as suas feições.

Pobre, pobre, pobre ragazza.

Jantamos em um silêncio incômodo.

Talvez, eu trate as prisioneiras bem demais. Eu não deveria estar jantando com a esposa do inimigo, embora adoraria fazer isso e muito mais na frente dele, para ver sua alma quebrar antes de quebrar o seu corpo até não haver vida.

Ela não come tudo, enquanto não deixo nada no prato, ainda tomo toda a água da taça e alguns goles do vinho que mandaram para o quarto.

O tempo passa devagar. Talvez o silêncio o retarde. O barulho dos carros ao longe e alguns cães são as únicas coisas que ouvimos nessa espera angustiante.

Estou ansioso.

Quero dar um fim nesta dor nesta cabeça.

A meia-noite passou e nada de um sinal.

Já são duas da manhã quando meu telefone toca. Levo um rápido susto e ela estremece encostada na janela.

— Sim? — Atendo de pé.

— Vimos uma movimentação suspeita. Carros iguais aos do Cesare estão chegando na cidade por outra estrada.

— Tem certeza que são iguais?

— Estamos usando mais de um drone e a rua é bem iluminada. São eles sim.

É agora.

— Não vamos deixá-los entrar na cidade. Adiante com os outros, estou indo atrás.

— Sim, senhor. — Ele finaliza a chamada.

— Vamos. — Arrasto a chave do bolso e abro a porta.

Ela fica estática, ainda encostada na janela.

— *Ragazza*, você não vai querer que eu insista.

Seu rosto se contorce.

— Ele vai me matar. Se ele me pegar, vai me matar.

— Está tão esperançosa com a vitória dele? Vamos.

Ela não sai do lugar.

Eu tento ser alguém paciente, mas não tolero teimosia.

Apressado, vou até ela e coloco a arma que carrego no cós da calça em sua cabeça, em resposta ela geme, chorando.

— Se você atrapalhar meus planos, te mando para o inferno junto ao seu marido.

Ela fecha os olhos, formando rugas nas laterais.

— Você disse que não machucava mulheres.

— Talvez mude de ideia por você. — Eu a arrasto pelo braço e saímos do quarto.

Guardo a arma na calça, confiante de que o meu aviso é o bastante para essa *ragazza* não fazer nenhuma gracinha.

Saímos do hotel e encontramos o meu motorista ao lado do carro. Ele abre a porta de trás e empurro a *ragazza* para dentro, entrando em seguida.

— Sabe a localização? — Confirmo com ele.

— Sim, senhor. — Ele começa a dirigir.

A verdade é que meu sangue começou a esquentar quando a teimosa ao meu lado me fez proferir ameaças que jamais fiz a uma mulher. E quanto mais me aproximo de encontrar Cesare, mais quente ele fica e mais ansioso me encontro para ficar de frente com quem riu da minha cara por meses.

Ouvimos disparos assim que o carro entra na estrada de terra. Tão pedregosa que balançamos muito.

— Senhor, acho melhor parar aqui.

Olho entre os bancos e vários carros estão parados no caminho. Um tiro acerta o para-brisa do nosso carro, mas como é blindado, não causa um estrago significativo.

Meu motorista para.

Não posso esperar até que alguém bata na janela do carro, querendo me matar. Por isso, preparo a arma que sempre carrego e mais uma para disparar com a outra mão.

A *ragazza* está cobrindo as orelhas e se espanta a cada disparo que ouvimos.

— Você vem. — Eu a puxo pelo braço, mesmo com as mãos ocupadas com as armas.

Ela sai chorando.

Cacete, como chora!

Mas não posso deixá-la no carro, pois pode fugir ou ser pega e quero estar com ela quando Cesare aparecer para pegá-la.

Eu o procuro e quando olho à direita, um homem aponta uma arma em nossa direção. Abaixo junto a Serena e usamos a porta do carro como escudo.

— Por favor, deixe me esconder — ela pede chorando. — Eu não quero morrer.

— Ninguém quer, *ragazza*.

Olho para o local onde os disparos vieram e revido com vários tiros seguidos. Serena aperta tão forte o meu braço e se não fosse o sobretudo que uso, certamente estaria com a pele rasgada neste momento.

Um homem sai de detrás do carro mais próximo e antes mesmo dele me encontrar, o acerto na cabeça.

Meu motorista já vai longe, atrás de outro carro, disparando contra os homens de Cesare.

Onde ele está?

Em meio aos disparos, sinto a minha pele queimar, atravessando a lateral esquerda das minhas costas e saindo na barriga. A dor dilacerante me faz gelar, toda a minha pele esfria em questão de segundos e solto as armas para cobrir o lugar do tiro.

Serena me analisa de olhos arregalados.

Em meio à tontura, ao frio e à dor, procuro quem fez isso comigo. De repente, vejo minha arma nas mãos de Serena.

Ótimo!

O meu fim será pelas mãos da chorona da esposa do meu inimigo.

Poderia ser um fim mais honroso, pois até a bosta do meu pai teve uma morte mais emocionante.

Ela verifica a câmara como alguém que conhece bem a arma, que tem nas mãos, e segura com o indicador no gatilho.

Que piada, Henrico!

De futuro consigliere a alguém que morreu pelas mãos de uma refém.

Ela levanta a arma e fecho os olhos.

Não tenho belas palavras para dizer na hora da minha morte. Sempre acreditei que viveria muito tempo para me preocupar com isso.

De repente, os tiros cessam.

Talvez sejamos apenas três vivos, quer dizer, dois vivos e meio.

Quando ela dispara, estremeço e o buraco queima em mim, depois tudo se apaga.



UMA DÍVIDA

Serena Russo

Será *que foi o Cesare?*

Atirei tantas vezes que mal pude ver o rosto do homem correndo, também não tive coragem de olhar quando ele caiu. Diante de tantos corpos, me senti por poucos segundos sozinha no silêncio e no cheiro de pólvora.

E se essa sensação de sempre estar sendo observada pelo Cesare não se for, mesmo depois do seu fim?

Não acho que seja um trauma.

Cesare está vivo, pois nunca viria para uma emboscada.

Por mim?

Não mesmo.

Mas se ele não está aqui, estou mesmo sozinha. Todos estão mortos.

Posso tomar o rumo da minha vida a partir daqui!

Henrico está caído aos meus pés, então me ajoelho e tento verificar seus sinais vitais.

Achei que de tão frio e desalmado que parecia, ele seria imortal, no entanto...

Encosto o dedo indicador e o médio na sua jugular e sinto um pulso.

No entanto, ele é imortal!

— Desgraçado!

E agora?

O que vou fazer?

Afasto seu sobretudo e a camisa preta, como o resto da sua roupa, que está banhada de sangue.

Ele está vivo, mas se não for tratado, não ficará assim por muito tempo.

Isso não é da minha conta, afinal ele me sequestrou e me usou como isca!

Ele me ameaçou de morte.

Só colheu o que plantou!

Vou deixá-lo e foda-se.

Levanto e olho ao nosso redor.

Sem chance de alguém encontrá-lo aqui com vida. No máximo, amanhã cedo quando um pobre coitado passar e se deparar com essa carnificina. Ou se Cesare aparecer ainda hoje para ver o resultado disso.

Ele irá morrer sozinho.

E se acordar, morrerá de tanta dor, assistirá seu sangue saindo até que não reste nada no corpo, até os

abutres comerem.

Que fim cruel.

Mas ele me sequestrou...

Encosto a cabeça na porta do carro e respiro fundo.

Pensa, Serena, pensa.

Como seguirei em frente?

Com certeza irei levar um desses carros, mas e depois?

Fugir até Cesare me encontrar?

Será que terei coragem de atirar contra ele, como atirei contra aquele homem?

Eu matei um homem!

Eu vou para o inferno!

Ah, não!

Ceifei uma vida!

Sou a pior pessoa do mundo.

Talvez se...

Pensa, Serena...

Posso me redimir da morte do outro, não deixando esse aqui morrer.

Posso até ir para o purgatório, certo?

Era um homem do Cesare e se ele souber que fiz isso, serei considerada uma traidora.

Ele irá me matar de qualquer maneira, a não ser que alguém o mate antes.

Ele...

Henrico.

Ele precisa matar o meu marido.

Eu já sei o que vou fazer para ficar livre.

Eu me ajoelho mais uma vez.

— Acorda! — Mexo no rosto dele. — Acorda, Henrico!

Ele está apagado em nível de coma.

Levanto e puxo seus braços para cima. Entro no carro e em cima do banco continuo a puxá-lo para que ele fique dentro.

Preciso sumir antes que Cesare apareça.

— Por que você não acorda, hein?

E é tão pesado!

Ele fica meio sentado, com a bunda no chão e os braços e a cabeça no banco do carro. Saio e o abraço pela cintura, levantando com muito esforço até que consigo deitar seu tronco sobre o banco do carro.

Estou suja com seu sangue.

Eca!

Agora as pernas que pesam quase igual ao tronco.

Bem que *mamma* dizia que eu era mais pesada quando dormia, na minha época de criança.

Segurando as pernas, impulsiono o resto do corpo sobre o banco e dobro seus joelhos. Finalmente, fecho a porta.

Ofegante e até mesmo suando, abro a porta do banco do motorista.

O caos está nesta estrada, mas como não há nada que me impeça de sair com o carro daqui, entro e dou a ré.

Ouço o barulho das pedras, corujas e algo sendo esmagado. Quando me afasto o suficiente, vejo o que foi e cubro a boca apavorada.

Não que eu já não tivesse matado esse homem, mas eu, definitivamente, garanti que ele não reviveria.

Eu nem consigo piscar.

Puta que pariu!

Isso é tão horrível quanto nos filmes.

Eu preciso ir...

Preciso sair daqui...

Preciso esquecer isso.

Eu me tornei uma assassina!

Eu não queria isso...

Não queria mesmo.

Faço o retorno e fico com a imagem apenas pelo retrovisor, que pouco a pouco deixa de ser iluminada e fica para trás.

Eu não queria fazer isso...

Não queria.

Meus olhos se alagam com a imagem presa à minha mente.

Eu sou um monstro.

Tudo o que passei nas mãos do Cesare foi apenas o pagamento antecipado de uma parcela do que devo sofrer pelo que fiz hoje. Seco as lágrimas, porém, novas caem e chega a um ponto que apenas deixo que caiam, me concentrando na estrada que mal consigo ver com a visão nublada.

Pego a outra estrada para sair da cidade.

Não vou ficar onde Cesare está, apenas irei dirigir até onde conseguir.

Ligo o rádio, onde uma música termina e outra começa a tocar. Prey de Rosenfeld. Aumento o som e olho para o banco de trás.

Não posso deixá-lo morrer, então em breve terei que parar e verificar esse ferimento.

Sei que deveria levá-lo ao hospital mais próximo, mas não posso arriscar com o Cesare por perto. Deve ter algum hospital pelo caminho.

♫♪*I'm prey to the night*

She leads the way in the dark

She gets me higher than I've ever been[5] ♫♪

— Hum. Ei! EI! — Henrico desperta me pegando de surpresa. — O QUE PENSA QUE ESTÁ FAZENDO?

Estava rezando para ele acordar, mas agora vejo que era melhor tê-lo inconsciente, pois quase perco a direção com seus gritos e paro o carro na beira da estrada, para me recuperar.

Meu coração está a mil.

Sua mão agarra o meu pescoço e pressiona contra o banco, tornando difícil respirar.

— O que pensa que está fazendo, *ragazza*? — rosna no meu ouvido.

— Te... — A minha voz não sai, apenas um chiado que me faz querer tossir, mesmo assim insisto. — Te salvar, seu

babaca. — Acerto tapas na sua mão para que me solte.

Deste jeito morreremos os dois!

— Como me salvar se a última lembrança que tenho é de você apontando uma arma para mim?

— Você estava delirando. Eu apenas verifiquei a arma e atirei no homem que atirou contra nós.

— No outro homem? — Ele me aperta ao falar.

Não sei se permanecerei consciente por muito tempo, pois minha visão já está escurecendo.

— Claro! Ele iria me matar!

Eu apenas me defendi.

Será que irei para o inferno por me defender?

Não era a minha intenção esmagar a cabeça dele com o carro.

— Me solta, que vou desmaiar. — Continuo batendo nele e o brutamontes finalmente me solta.

Ele se senta no meio do banco de trás e o assisto verificando o ferimento enquanto recupero o fôlego.

— Precisamos fazer alguma coisa com esse ferimento.

Ele olha para mim, como se eu fosse a pessoa que ele mais odiasse no mundo.

Absolutamente louco, pois acabei de salvá-lo!

Quer dizer, estou a caminho disso.

— Para onde estava me levando? — Ele tira o sobretudo e faz com ele uma compressa.

— Apenas fugindo — admito. — Para onde devo te levar?

Ele olha para trás.

— Cadê os outros?

— Todos morreram. Só restamos nós dois e seria apenas eu se não te trouxesse, então desde já me deve uma. — Pela primeira vez, o vejo rindo.

Rindo com escárnio, é claro.

— Se eu não tivesse atirado naquele homem, agora você estaria rindo no inferno, então quando pensar em me ameaçar, lembre-se a quem deve a sua vida.

Ele ergue as sobrancelhas para mim.

— E de onde surgiu tanta coragem?

— Ela sempre esteve aqui, em outra forma. — Engulo em seco.

Ele tem razão, nunca enfrentei ninguém assim. É estranho, mas sinto que se não me importar agora, com a liberdade que está parcialmente em minhas mãos, perderei a chance de tê-la por completo.

— Escuta. Salvei a sua vida, agora faça a sua parte.

Sua sobrancelha se mexe.

— Seja mais direta.

— Me proteja do meu marido até que ele não esteja mais vivo. Queria te pedir para matar o Cesare ou mandar alguém fazer isso, mas a minha conta para o inferno só vai crescer. Sei que o desejo já está dentro de você. Preciso que me proteja dele. Apenas isso. Sua vida para que possa matá-lo e dar a minha liberdade.

Ele me encara como se pudesse ver a minha alma e seu olho direito treme.

Será que ele não está nem um pouco agradecido por eu não ter o matado e ainda o salvado do homem que certamente faria isso?

— E, por que deveria confiar em você? Pode muito bem, estar querendo se infiltrar na minha família.

— Eu tive uma arma nas mãos e a oportunidade perfeita para te matar depois de você ter me sequestrado e me ameaçado. Jamais ajudaria o Cesare! Sou uma mulher de palavra. Preciso que me proteja, pois se Cesare me pegar, estarei morta.

Ele fica um tempo me observando, depois tira a mão direita da compressa, ensanguentada e estende para mim.

Aperto firmando o nosso acordo.

04



CADÊ O INGRATO?

Serena Russo

Ele disse que eu deveria levá-lo para a casa dos Barones em Reggio Calabria[6] e não o levei para o hospital.

No fim, a viagem durou horas porque eu estava um pouco perdida.

Antes dele acordar, dirigi para longe da cidade que, agora, é o nosso destino.

Nunca tinha visitado a mansão dos Barones.

Passamos por um portão com dois homens armados e acompanhados de rottweilers furiosos, em seguida dirijo para o próximo portão que deve dar acesso à mansão.

Henrico sentou-se no banco do carona, ao meu lado, no caminho. Ele está comprimindo o ferimento desde que acordou e voltou a ficar calado. Apenas o som do rádio nos acompanhou até aqui e não sei se pelos muros, seguranças,

rottweilers ou por ele mesmo, me sinto pela primeira vez longe dos olhos e garras de Cesare.

Parece que nesta fortaleza ele não pode me pegar.

O primeiro muro deve ter cerca de três metros, sem contar com as plantas que cresceram em volta dele. O próximo não fica atrás e ainda tem espaço demais ao redor de tudo. Acho que deve ser bem cansativo ir de um portão a outro a pé.

Nem todos os muros podem ser considerados prisões. Por incrível que pareça, dentro dos muros da mansão Barone, eu me sinto completamente segura.

O último portão é guardado por dois homens que assim como os primeiros estão fortemente armados, mas não têm os animais. Paramos e Henrico explica que não estou entrando na mansão com ele de refém.

Claro que ele não usou essas palavras, mas falou algo para que não pensassem isso.

Mal nos aproximamos da linda e enorme casa branca de cômodos com sacadas e portas francesas, vemos um aglomerado de pessoas em frente à casa.

Olho para Henrico e ele não parece estar surpreso.

— Estão me esperando — diz com esforço.

Então ele avisou por mensagem.

Será que ainda não confia em mim?

Paro o carro em frente à calçada e os homens de preto avançam. Eles tiram Henrico com cuidado, mas saio arrastada por puxões brutos, como se tivesse acabado de fazer algo muito errado.

— Me solta!

Eles não me deixam nem sequer tocar os pés no chão. Cada um segura um dos meus braços e me leva para onde querem.

— Eu vou ficar bem — Henrico diz para eles.

— Graças a mim — digo contrariada com a maneira que estão me tratando.

Ele avisou que estava chegando ferido, mas não avisou que a mulher que o trazia era a mesma que o salvou?

Foi ele quem me levou para aquela emboscada. A culpa de tudo é desse pedaço de tábua ambulante e eu fiz um favor que nem devia, pois poderia simplesmente ter fugido e seguido a minha vida sem remorso algum.

Eu devo ser muito fraca mesmo para ainda ter pena de gente como ele.

Um homem alto e com barba balança a cabeça para os grossos que me seguram e os dois me carregam pelo jardim.

— Para onde estão me levando, hein? Salvei a vida daquele idiota, sabia?

Eles não me ouvem, apenas seguem as ordens, assim como os homens de Cesare sempre fizeram.

— Deveria ter acertado uma bala bem no meio da testa daquele ingrato! — resmungo e um deles aperta o meu braço.

Eu disse que me sentia livre aqui dentro?

Risca isso.

É a *cazzo* de uma nova prisão.

— Deveria ter passado por cima dele com o carro, não por cima do outro. Fazer pastel do chefe de vocês! Me solta!

— Eu já estou ficando cansada de ser forte.

Depois da adrenalina de ontem à noite, eu me senti pronta para aproveitar a minha liberdade e acabar de vez com o que me deixava longe de viver isso, mas agora parece que não poderei.

Henrico não está cumprindo o nosso acordo.

Deveria ter sido mais clara, falado que ele deveria me tratar bem, isso sim.

Outro patife segura uma porta de madeira de um porão e os homens descem a escada comigo, depois a porta é trancada acima de nós e resta uma lâmpada que nem fluorescente é, uma pequena cadeira de madeira e uma parede com todos os tipos de armas com que podem me torturar.

— Estão brincando, não é?

O homem que antes segurava a porta aparece com um pano na mão e cobre minha boca e nariz, então tudo se apaga em questão de segundos.



Acordo com um banho gelado e pedras de gelo caindo sobre o meu corpo. Tento saltar na cadeira, mas estou presa pelos pés e braços.

Meu coração acelera tanto que respiro ofegante.

Que susto!

É a pior maneira de acordar alguém!

O homem elegante de barba está aqui, enquanto os outros não estão. Ele também usa preto dos pés à cabeça, como Henrico, e me analisa torcendo a boca.

— Vocês são... Esquece. Claro que são loucos. Onde está aquele ingrato?

— Se fala do Henrico, está recebendo cuidados. — Sua voz é mansa, porém, potente.

— Tomara que morra. Depois de tudo que fiz, é assim que me tratam!

— Henrico disse que fizeram um acordo. Que tipo de acordo?

— Ah, pelo menos isso. Mas custava falar antes de eu ser tão bem recebida assim?

— Hein? — Ele se aproxima de mim. — Que tipo de acordo?

— Eu salvei a vida dele, tá? Combinamos que ele me daria proteção e, no fim, depois da morte do Cesare, a minha liberdade. E olha o resultado. — Gostaria de apontar para mim, mas os meus braços estão amarrados atrás do meu corpo.

— Então você está traindo o seu marido? — Ele mexe no meu braço, deve estar vendo a tatuagem da gangue de Cesare.

Estou tremendo de frio, completamente molhada e ainda tem um bloco de gelo derretendo em cima da minha virilha.

— Não é como se o contrário me poupasse de alguma coisa.

Ele volta para a minha frente.

— Você deve saber muito sobre os planos do seu marido. Hein? Conta.

— O meu acordo é com o Henrico.

— *Ragazza*, te amarrar numa cadeira foi tratamento de luxo. Quer ser pendurada no teto ou vai colaborar?

— Caramba... Vocês fizeram acordo com os Russos assim também?

Ele sopra pelo nariz.

— Você está acabando com a minha paciência.

— Como sei que não respeitam a minha cláusula no acordo com Henrico, também não colaborarei sem ele estar presente.

Ele balança a cabeça e alisa a barba com força com a outra mão no quadril.

— Ok. GUARDAS!

Olho para a escada e lá vêm os dois grossos.

— Pendurem-na no teto.

É o inferno do inferno.



Felizmente nenhum órgão foi perfurado pelo tiro que recebi, já foi feito um curativo e tomei alguns remédios. Só estou esperando a alta para voltar para casa.

No meio dessa confusão, nem pensei em como a minha mãe reagiria quando me visse chegando machucado. Ela queria vir para o hospital conosco, mas Mirabela, minha madrinha, a convenceu a esperar a minha volta. Acabo de enviar uma foto do curativo e também do laudo do exame para tranquilizá-la.

Quando ouvi o som do disparo, acreditei que era o meu fim, mas ela não atirou em mim!

Ainda estou tentando compreender a ideia que ela matou o homem que trabalha para o seu marido em vez do homem que a sequestrou.

Tudo bem que o nosso acordo e as ameaças dele são boas confirmações do motivo, mas ainda assim é difícil assimilar.

Ela me deixou viver para que eu protegesse e concluísse o meu plano.

Temos o mesmo objetivo, que ironia.

E vê-la tão decidida sobre isso, não me deixou com dúvida do que ela quer: o marido morto.

O que a levou a abrir os olhos?

— Senhor Milano? — O médico volta.

— Sim. — Eu me sento na maca.

— Seus exames de sangue estão dentro da normalidade, vamos enviar uma enfermeira para prestar os cuidados diários. Em algumas semanas, você estará bem, desde que não faça loucuras. — Ele dá um sorrisinho.

— Não gosto de ficar doente, então farei o possível para melhorar logo. — Pego a camisa limpa que minha mãe mandou por um dos seguranças e visto.

O tiro pegou o lado esquerdo da minha cintura, por pouco não acertou a Serena, que estava muito próxima a mim.

Ela não me matou...

Saio do quarto e dois homens que guardavam a entrada me seguem.

Mesmo machucado, não tenho tempo para ficar parado. Apenas não me esforçarei tanto.

Preciso ver o que o Héctor anda fazendo com a Serena.

Entro em outro carro e sou informado sobre o que foi encontrado na cena da carnificina. Um homem foi atropelado e só pode ter sido a Serena. Ela deveria estar muito nervosa enquanto dirigia para fugir dali.

Então ela matou aquele homem por mim?

Honrarei nosso trato, pois assim como ela diz ser uma mulher de palavra, sou um homem de palavra.

Darei a segurança que ela precisa.

05



TUDO QUE FIZ POR VOCÊ

Serena Russo

Abro os olhos quando ouço passos na escada e a luz se acende trazendo dor às minhas pupilas.

Se for aquele barbudo torturador, desisto de viver.

Vejo as pernas cobertas por uma calça social e dois pares de sapatos de couro. Olho para o que deveria ser abaixo de mim, mas como estou pendurada de ponta a cabeça é o contrário, então vejo Henrico ao lado do barbudo.

Ainda bem que ele voltou!

Esse maldito me abandonou nas mãos desses homens mais cruéis!

Ele parece estar bem. A minha praga não deve ter sido forte.

Ele esfrega o rosto e olha para o colega.

— Héctor, você pendurou a mulher!

— É a esposa do inimigo. E como te disse, ela não quis colaborar.

— O meu trato é com esse ingrato, não com você! — replico um pouco enjoada.

Nunca estive de cabeça para baixo para algo assim, pelo menos não tem um pênis entrando na minha boca contra a minha vontade.

Só tenho comparações piores.

Meus olhos encontram os de Henrico. Ele parece estar bem mesmo, pois voltou a ser a tábua sem sentimentos que conheci. Posso ver isso nas maçãs murchas do seu rosto e nos lábios levemente carnudos que são forçados a ficar retos.

— Passei um sufoco para colocar o seu peso morto dentro do carro e é assim que me trata?

Seu rosto nem mexe.

Nem um pouco de gratidão Henrico carrega.

Ele bate o dedo e um homem aparece.

— Solte ela.

Finalmente!

— O quê? — Héctor parece se opor à ideia.

Eu já o desprezo tanto quanto ao meu marido.

— Não vamos deixar essa mulher solta pela nossa casa, Henrico.

Enquanto eles conversam, o homem que recebeu as ordens e outro me tiram do teto.

— Fizemos um trato. Se ela quer o mesmo que nós, é nossa aliada. Não vamos tratá-la como uma prisioneira se a minha parte do trato é protegê-la.

Coloco os pés no chão e sinto o sangue voltando a preencher os meus membros inferiores.

Mal consigo me equilibrar, mas meus ouvidos estão bem.

Ouvi a tal palavra que o Henrico disse que tinha.

— Como vocês são maus. — Eu me sento na cadeira onde antes me amarraram e mal consigo me equilibrar nessa postura em cima dela, por isso me sento no chão e apenas a abraço. — Para de girar...

— Eu não confio nessa mulher — Héctor resmunga.

— Olha pra ela. Onde essa mulher oferece perigo?

— Ei! — Estou atenta à conversa. — Eu matei um homem. O que fez o buraquinho na sua barriga.

Por que o lugar não para de girar?

Parece que bebi muito e também estou com frio. Aqui dentro as roupas não secam e aquele banho gelado ainda se faz presente na minha pele e roupa.

— Só estou sendo sensato, Héctor. Se você quer ser o Don, não pode tratar todos como prisioneiros, sem antes saber as intenções.

— Claro que posso.

Temos um irmão do Cesare por aqui?

Henrico bate a mão na testa.

— Vamos focar no Cesare, que é o verdadeiro problema. Ele deve estar sozinho, já que todos morreram no

tiroteio da estrada. E pode até vir atrás dela, facilitando a nossa vida.

Héctor lança um olhar estreito para mim.

— Se tentar alguma gracinha, te matarei.

Mais um com essa ameaça...

— Entra na fila.

Henrico se aproxima.

— Levanta.

— Estou tonta.

Ele pega o meu braço, mas no primeiro esforço faz uma careta e larga.

— Héctor.

— Ah, não! — Tento me levantar sozinha, mesmo tonta. — Não toca em mim, seu sádico infernal. — Sinto a minha pressão próxima do normal, logo não estarei mais tonta.

Mas o frio só vai passar quando trocar de roupa. Cubro meus seios, pois os homens arrancaram o meu casaco e mais uma vez restou apenas a minha camiseta sendo furada pelos meus mamilos duros de frio.

Então subimos a escada.

Quanto tempo sem andar, quase esqueci como era.

Ok, estou exagerando.

Mas as pontas dos meus dedos ainda estão dormentes.

A luz de fora não incomoda mais do que a de dentro do porão.

Henrico anda devagar e posso ver no seu rosto que sente incômodo pelo ferimento.

Uma senhora de coque grisalho e roupa estampada nos encontra ainda no jardim.

— Rico, você voltou, meu filho! Por que não está na cama? — Ela segura seu braço, com o rosto encolhido, quase chorando. — Vou fazer uma sopa, o que acha?

Como ele pode ser tão frio com uma mãe tão amorosa?

— Depois. Agora cuida dela. Pega alguma roupa de Chiara. Ela será nossa hóspede, não é, Héctor? — Ele olha por cima da minha cabeça.

— Hum. Sim. Prepare um quarto para ela e deixe alguém de olho também.

Homenzinho desconfiado.

Sei que no lugar dele agiria parecido, mas não faria o que ele fez comigo. Eu me senti como um porco no abate. E olha que achei que era o Cesare quem poderia fazer esse tipo de coisa comigo. A verdade é que todas essas famílias são assim.

Os Russos poderiam ser mafiosos.

Eu nunca deveria ter me metido com eles.

Cesare sempre esteve me observando à distância, mas nunca se aproximou quando *papà* estava vivo. Eu não sabia que ele era alguém assim, apenas que era muito rico. Se soubesse, teria voltado para a minha mãe depois do velório de meu pai. Desde que Cesare entrou na minha vida, nunca pude visitá-la. No início por estar muito distraída e apegada, depois porque eu tive medo de Cesare usá-la de alguma forma, para me chantagear por exemplo.

Henrico tem sorte em ter a mãe dele por perto, pois seria mais feliz se tivesse a minha.

Ela olha para mim e força um sorriso que surge bem pequeno, depois volta a dar atenção para o filho.

— Mas você não vai inventar de fazer nada. Precisa de repouso. Vá para o seu quarto.

— Faça isso, Henrico — Héctor aconselha.

Olha só, ele não quer matar o amigo!

— Deixa que resolvo as coisas com o Edoardo.

Espera...

Voltarei para as mãos desse louco?

— Sim, mas o assunto do Cesare é meu — Henrico fala e mesmo que o assunto diz respeito a matar alguém, fico aliviada por resolver as coisas com quem fiz o acordo.

No fim, Henrico é o menos psicopata do seu grupinho.

— Isso pode esperar. — Ele suspira. — Temos funerais para realizar.

Henrico balança a cabeça, concordando.

— A família do meu motorista... Ele tem uma criança pequena. Veja se dão a notícia de um jeito menos... Menos... Você sabe. — Henrico sai na frente a passos mais rápidos e nem parece que o ferimento o incomoda.

— Vamos, menina — a mãe dele chama, tomada pela tristeza.

Na família Russo não tem isso não, quem morreu, adeus. Nunca os vi se movimentando para dar adeus aos funcionários que perderam a vida enquanto trabalhavam em seus navios exploradores.

Entramos pela porta que Henrico não passou e Héctor não vem.

Ainda bem que não.

O que mais ele aprontaria para me fazer falar o que não é da conta dele?

Na cozinha, há duas mulheres preparando bandejas de café da manhã. Depois de uma análise rápida do meu estado, elas sorriem e tento devolver o sorriso.

— Como se chama? — a mãe de Henrico pergunta, sem parar no cômodo.

— Serena.

— Sou Camilla, mãe de Henrico. Você dirigiu para o meu filho ferido.

— Sim. — Eu me perco no teto da sala, que é tão alto, parecendo uma catedral. Tem até mesmo esculturas de anjos.

— Então você esteve no meio dessa confusão — ela conclui, fazendo uma linha reta com os lábios.

— Infelizmente. — Copio sua expressão.

Subimos uma escada de mármore coberta por um tapete vermelho e até o momento só vi essas pessoas na casa.

É uma família pequena?

Quando chegamos no primeiro andar, outra moça aparece. De vestido florido, cabelo preso em uma única trança, cabisbaixa, com lençóis nos braços.

— Pegue lençóis limpos para o quarto de hóspedes número 4 — Camilla ordena para ela.

— Sim, senhora. — Ela abre um pequeno sorriso e segue o seu caminho.

— A *ragazza* arranjou uma grande confusão com Héctor, veio parar aqui e acabou caindo no gosto do Don Alejandro — Camilla conta rindo. — Uma pobre coitada.

Se arranjou problemas, não é diferente de mim.

Ela bate à porta de um quarto e esperamos. Quem abre é uma moça de cabelo ruivo e outra *ragazza* de cabelo preto também aparece. Ambas parecem ter a mesma idade que eu.

— Sim, *mamma*? — a morena fala antes de me notar, e assim que me vê, arregala os olhos. — Ah, meu Deus! Você é a moça que salvou o meu irmão! — Ela alcança minhas mãos. — Obrigada. Mesmo desejando a morte dele a cada briga, não sei o que faria se isso acontecesse...

A ruiva ri.

— O que aconteceu com você?

— Héctor — digo na expectativa de que elas saibam do que se trata, apenas pelo nome.

— Ah, o meu irmão... Não vai viver muito com tanta maldade — a ruiva fala.

Concordamos em algo!

— Vamos parar de falar em mortes, não é? — Camilla pede sem graça. — Chiara, empreste roupas a Serena. Ela será a nossa hóspede.

— Onde ela vai ficar, *mamma*?

— Vamos preparar o quarto 4.

— Números... Pode deixar que a levaremos lá. Entra, Serena. — Ainda segurando as minhas mãos, Chiara me puxa para dentro.

Olho para trás e Camilla me observa com um sorriso.

— Obrigada por me ajudar — digo conseguindo dar um sorriso melhor.

— Eu que agradeço por você ter salvado a vida... — Ela olha para o chão e aperta a ponte do nariz, soluçando. — Eu não sei o que faria se algo pior acontecesse com ele.

Um nó surge na minha garganta e engulo em seco.

Ela olha para mim e abana os olhos nadando em lágrimas.

— Vem cá. — Ela me puxa pelo braço e me abraça forte, ignorando o sangue, água e outras sujeiras. — Serei eternamente grata a você. Conte comigo para tudo o que precisar. Eu farei todo o possível. — Segura o meu rosto chorando. — Tão jovem no meio de tanta confusão.

E cá estou eu, com os olhos nadando também.

— Às vezes a desgraça chega mais cedo.

— Sim — ela concorda e segura as minhas mãos. — Mas agora tudo ficará bem. Você está segura. Se depender de mim, nada de ruim te acontecerá. — Ela me dá um belo sorriso e meu peito fica leve. — E você, Chiara, a trate bem.

— Pode ficar tranquila, mãe. — Chiara seca o rosto com as pontas dos dedos que carregam unhas enormes, cintilantes.

Camilla nos deixa e a ruiva fecha a porta.

— Sou Ramona, mas pode me chamar de Mona.

Ela tem quase a minha altura, uma cintura tão fina quanto a minha, e olha que eu tenho a cintura fina!

Os seios são maiores e seu sorriso junto à cabeça erguida exalam confiança.

— Serena — digo deixando o clima emocionado para trás.

— E eu sou a Chiara. — A morena me puxa pelo braço para o meio do belo quarto.

Chiara tem o mesmo tom de azul dos olhos de Henrico e o longo cabelo preto poderia nos confundir, mas ela é bem mais alta que eu e Ramona. Tem porte de modelo. Magra e com seios e bunda pequenos.

A diferença entre ela e o irmão, além do sexo, é que tem expressões faciais mais claras.

— Mona, você tem alguma roupa para a nossa nova amiga?

Amiga?

— Mas é claro. — Ela abre a porta de um closet e vamos atrás. — Básica, mediana ou extravagante?

Ainda tenho direito de escolha?

— Básica mesmo — digo sem graça.

Estou com tanto frio que só preciso de uma roupa seca, não importa se é básica ou não.

Ela arrasta um cabide com um vestido marrom que parece ser bem justo, mas tem manga longa.

— Esse é o básico?

Elas riem da minha pergunta.

— Ok. Vamos ver outra coisa. — Vasculha os cabides. — Calça jeans e camiseta.

— Perfeito — digo em seguida.

Chiara me observa de braços cruzados.

— Você dirigiu a noite inteira, não foi?

— Por horas.

Esperei por horas naquele hotel até irmos para o abate, não tirei nenhum cochilo. A noite foi longa.

— Deve estar precisando de boas horas de sono.

— Sem dúvida — concordo fechando os olhos.

O desmaio que os brutamontes me fizeram passar não ajudou a suprir a noite de sono que perdi, assim como ficar horas de cabeça para baixo também não melhorou em nada, pelo contrário.

— Um pijama. — Ramona deixa em cima das outras roupas.

E assim ela seleciona tudo que preciso, até roupas íntimas com etiqueta ela me entrega.

— Sabia que as minhas comprinhas seriam úteis algum dia — conta, orgulhosa.

— Obrigada. — Seguro a pilha de roupas. — Sei nem onde as minhas coisas estão agora e acho que nunca mais as verei.

— Hora perfeita para renovar o guarda-roupa. — Chiara apoia a mão nas minhas costas e saímos do closet, depois do quarto. — Você é casada?

— Infelizmente.

— Forçado? — Ramona também sai com a gente.

Estou indo para onde elas me guiam.

— Pode-se dizer que sim.

Não foi como se eu pudesse ir contra o casamento com Cesare. Na época, eu não queria mais nada com ele, mas ele já estava decidido sobre o casamento e me fez aceitar essa maldição.

— E como é? — Ramona pergunta. — Já tenho certeza de que o meu será assim.

— Se for como o meu, vai querer o seu marido morto.

Ramona olha para Chiara com os olhos bem abertos e rio tentando tornar o assunto mais leve.

— Este é o quarto? — Aponto para a porta na nossa frente.

— Sim. Se precisar de qualquer coisa, é só chamar. — Ramona abre a porta para mim.

— Acho que vou dormir um pouco antes do seu irmão aparecer tentando me torturar. Obrigada pela ajuda. — Sorrio para elas antes de fechar a porta.

Eu não quero admitir que estou me sentindo novamente livre dentro desses muros, pois não sei o que esperar depois do que passei nas primeiras horas.

Só quero um banho, roupas secas e algumas horas de sono.

06



AS REGRAS

Serena Russo

Estou num sonho um pouco consciente, o sono ainda é forte e mesmo acordando quando me viro na cama, volto a dormir e sonhar rapidamente. É mais uma lembrança do que um sonho. Ou uma remodelação de uma lembrança, em que volto a cena do crime que cometi e vejo o homem esmagado no chão, muitas pessoas me olhando e me acusando como criminosa.

— Você matou o Henrico! Olha o que você fez com ele?

Henrico?

Eu tenho certeza de que não o matei.

Não foi ele.

Eu o salvei.

Agitada, tento sair da situação, até que sou arrastada para a realidade, onde felizmente acordo na cama e não sei se é outro motivo de alívio ou desespero, mas Henrico está aqui, me observando.

Sem o sobretudo, o homem parece que foi esculpido a mão!

— O que você faz aqui, hein? — Eu me sento e coço os olhos, na esperança de assim mandar o resto do sono e as lembranças do pesadelo embora.

— Você dormiu a manhã inteira.

— E você não deveria estar de repouso tomando a sopa da sua *mamma*?

Ele anda de braços cruzados e se escora na parede ao lado da cama. O quarto é grande para um cômodo de hóspedes. E tem uma cadeira, que ele não se senta porque não quer.

— Vamos conversar sobre como as coisas vão funcionar.

— Depois de me deixar à mercê daqueles psicopatas, você parece bem interessado no nosso acordo, hein?

— Estava ferido. Não imaginei que fariam aquelas coisas com você, mas serviu de aviso. Se tentar alguma coisa, o castigo será pior, e se nos trair, não pouparemos a sua vida.

— *Cazzo*, eu te salvei!

— Isso é mais que a minha vida, Serena. São as leis da família.

— Não vou fazer nada. Sabe quanto tempo luto para não ser machucada ou morta? — Levanto a mão e mostro a aliança. — Antes mesmo de colocar isso no meu dedo e

tatuar isso. — Mostro a tatuagem. —
Que aliás, me lembra que te ajudando, traí o Cesare. Se antes ele queria me matar, agora ele quer em dobro.

Ele me ouve, sem mover um músculo do rosto. Nem pisca os olhos.

Tábua ambulante!

— Então só saio do seu pé quando garantir que não precisarei me preocupar com Cesare outra vez. E como eu quero sair com vida, não farei nenhuma bobagem. Pode ficar tranquilo. Já apanhei muito por nada. — Arrumo o travesseiro nas minhas costas.

A cama é muito boa, assim como o travesseiro e o edredom.

Deve ser por isso que aquelas duas vivem felizes.

— Você não vai sair sozinha. Se precisar de alguma coisa...

— Vou falar com a sua mãe.

Ele encolhe as sobrancelhas levemente.

— Comigo. Você fala comigo. E nada de entrar em contato com o Cesare.

Respiro fundo.

— Qual foi a parte do “estou jurada de morte pelo Cesare” que você não entendeu? Eu não quero vê-lo nem pintado de ouro!

— Ótimo. Não arranje problemas e será bem tratada aqui.

Mentiroso.

Eu não arranjei problemas quando cheguei e fui muito maltratada.

— Posso pedir alguma coisa?

— Você já pediu na hora do trato.

— Mas não conhecia o Héctor até aquele momento! — protesto. — Não o deixe me tocar.

Héctor é sádico.

— É claro que ele não vai. Que tolice! — Ele olha para a minha mão e, de repente, avança para cima da cama e a puxa, tirando em seguida a minha aliança. — Você não precisa disso aqui.

Parece que ele tem tudo sob controle.

— E mais uma coisa.

Quanta coisa!

Acho que eu deveria anotar.

— O quê, Henrico? — Tento parecer paciente.

— Não ouse andar armada por aqui. Tratarei como traição.

Isso tudo é medo do que posso fazer com uma arma?

Levanto as mãos vazias.

Ele me olha de esgueira enquanto anda até a porta e depois sai.

Tem menos de um dia que o conheço e já entendo todos os seus olhares. O de nada, o de menos que nada, o de *você não é nada*, o de ódio que parece com o de nada e também aquele sem vida que significa: “*estou te ouvindo, mas não me importo”.*

Ele é tão expressivo!

Eu me recomponho do sono, troco a roupa de dormir pelo jeans e camiseta, e saio do quarto.

A casa realmente não é cheia.

Ao passar em frente ao quarto das meninas, ouço as risadas. Elas parecem ser melhores amigas, daquelas que dividem até mesmo as roupas.

Eu quase tive uma amiga assim.

No fim do corredor, encontro um homem alto de terno, cabelo preto longo no topo, que cai para um lado de um jeito charmoso, um dos olhos azuis treme enquanto ele me analisa como se perguntasse quem sou.

— O-oi...

— Amiga da Ramona? — Ele ergue apenas uma sobrancelha e não sorri de maneira alguma.

Meneio a cabeça.

Se considerar o que Chiara disse ao pedir uma roupa para mim, sim.

Como explico?

Ele não deve ser o Don, pois deve ter apenas uns 30 anos.

Héctor sobe o último degrau da escada, para a minha infelicidade.

— É a aliada do Henrico, Damon. Por acaso, sua futura concunhada. — Dá tapinhas nas costas do homem.

Enquanto Henrico quase não movimenta o rosto, Damon se expressa e muito bem.

— Uma Russo? — Ele encolhe a testa.

— Não por muito tempo, pelo que ela promete. — Héctor passa por mim, como se estivesse me provocando.

Sei que ele não confia em mim, pouco acredita na minha palavra, mas se fosse casado com Cesare, pensaria

diferente.

Héctor nos deixa, mas Damon continua bloqueando o meu caminho.

— Imagino que já tenham passado as regras.

— Muitas vezes.

Ele me olha com o queixo erguido.

— E como é a minha futura esposa?

Do nada?

— Fala de Ottavia?

Seu olhar vacila.

— Não sou bom com nomes.

— Nunca fui muito próxima dela. — Mordo a bochecha.

Ele suspira e simplesmente segue o seu caminho, indo direto para o quarto das *ragazzas*.

Deve ser mais um irmão...

Já são três pelas minhas contas.

Desço a escada, tento lembrar o caminho que fiz para chegar até a cozinha e mais uma vez me distraio com o teto.

Que lindo!

Será que foi esculpido à mão antes de colocá-lo ou foi feito suspensos? Se foi supervisionado pelo Héctor, os escultores certamente ficaram suspensos.

Uma mulher elegante, vestida de preto dos pés à cabeça chega à sala.

Ela também olha para o teto.

— Sempre me perco nos detalhes, mesmo morando há décadas aqui.

Posso ver o cabelo ruivo debaixo do véu. Deve ser a mãe de Ramona e dos dois esquisitos.

— É muito bonito mesmo. Parece mágico. — Digo da maneira que a luz do sol atravessa levemente a estrutura e ilumina as esculturas.

Ela se aproxima.

— Você foi corajosa deixando tudo para trás e ajudando Henrico. Não deve passar de uma vítima nas mãos daquele homem, certo?

Balanço a cabeça, incapaz de falar.

Tentar falar e chorar como uma tola?

É a primeira vez que alguém enxerga com facilidade que a minha vida, sendo uma Russo, não é nada fácil.

Eles são milionários cruéis.

— Obrigada por tê-lo salvado.

Outra mulher que parece sentir muito carinho por ele. No entanto, o carinho deve bater na tábua e voltar.

— Acreditei que estava me salvando ao salvá-lo.

Ela mexe no meu cabelo e dá um leve sorriso.

— Então considere-se salva. E perdoe o meu filho, ele age como acredita que deve ser para servir a família. O pai chama de disciplina e eu de rebeldia. Quem está certo? — Ela sorri e a acompanho.

Eu chamo de problemas dignos de camisa de força.

— Comeu alguma coisa?

— Ainda não.

Para que mentir se daqui a pouco a minha barriga vai pedir comida roncando?

— Vamos. — Ela me acompanha até à cozinha. — A propósito, sou Mirabela, a matriarca.

— Serena — digo com um pequeno sorriso.

O Don deve ser do tipo psicopata, serial killer, pois se aqueles homens puxaram um pouco para ela e agem da forma que vi, deve ser culpa dos 50% que herdaram do pai. Pelo menos o Héctor, pois não vi muito do Damon.

Na cozinha, Camilla me recebe com alegria. Vejo que agora ela usa preto. Todos devem estar de luto pelas pessoas que morreram ontem à noite no tiroteio e isso ainda me admira. O respeito que se tem pelos funcionários, quando a visita foi pendurada no teto.

Já entendi que, ou você está claramente, abertamente, escancaradamente do lado deles, ou é tratado como inimigo.

Eu me sento ao redor da mesa e saboreio o melhor almoço que comi em meses.

— Vamos para o velório, mas as meninas vão ficar — Mirabela comenta, tomando chá. — E a casa sempre fica cheia de seguranças, então pode ficar tranquila que continuará segura.

Ouço a risada de Camilla presa no peito.

— Se diz que estar com a Ramona e a Chiara é ter segurança.

Mirabela e eu rimos.

— Elas vão ficar bem, desde que permaneçam na propriedade.

Eu com certeza não quero sair daqui.

Assim que termino o almoço, resolvo sair no quintal para ver como a tarde está. Passo pelos dois babacas que me judiaram durante a manhã e não consigo encará-los com um sorriso.

Sei que só estão fazendo seu trabalho, mas poxa, sou uma mulher.

Cadê a delicadeza?

O jardim é lindo e eles têm muitos carros!

Conto oito iguais e uma Ferrari que acaba de parar. Dela sai um rapaz muito alto, de cabelo brilhoso, fumando um cigarro.

Esse não precisa estar perto ou falar para dar a impressão de quem está pouco se preocupando com alguma coisa e que resolve os problemas mais simples com um tiro.

Ele não me vê, passa direto pela entrada principal, que é um pouco distante de onde estou.

Há canteiros com belas flores e tem os girassóis voltados para o sol, tão lindos que preciso olhar de perto.

As flores que cuidei na casa em que estava morando com Cesare eram lindas. Estava fazendo um buquê quando fui sequestrada. Aquelas flores que separei já devem estar murchas.

Aos poucos as pessoas saem da casa e entram nos carros.

Damon e Héctor andam juntos, depois sai Camilla e duas funcionárias. O Henrico, assim que me vê, vem em minha direção acenando para que eu vá ao seu encontro.

Caminho sem pressa.

Ele fica terrivelmente bem de preto. Eu até acho que ele se veste de preto sem mesmo estar de luto.

Sim, essa conclusão tirei em menos de 24 horas de convivência.

Os músculos estão sufocados pela camisa preta com uma leve textura acetinada. Nem parece que está com um curativo debaixo dela.

O homem foi perfeitamente esculpido.

E a cara é a de sempre.

— Estou de saída.

— Me dando satisfação? — indago, admirada.

Seu riso fica preso na garganta e nos pulmões, quase imperceptível nos lábios.

— Se comporte.

Como é chato...

— Eu não vou dizer mais uma vez...

Estou cansada de fazer promessas!

Eu já disse que sou mulher de palavra!

— Eu vou te lembrar sempre que possível.

Balanço a cabeça mostrando que entendi e vejo os carros saindo.

— Dê meus pêsames às famílias.

Ele assente e me dá as costas, deixando a trilha de perfume no ar.

Cheira bem mesmo.

E vendo todos saindo, até parece que estou ficando sozinha na mansão.

Os dois patifes estão ali, de olho em mim.

Estraga prazeres!

Ouço um assobio e olho para cima, numa das sacadas do primeiro andar da casa estão Chiara e Ramona.

— Sobe aqui!

Vamos ver se sobrevivo a elas, como Camilla teme que não.



ANTES DE EU MORRER

Serena Russo

Chego no quarto das *ragazzas* e encontro além delas, o rapaz da Ferrari. Ele prega os olhos em mim, assim que passo pela porta. Seu cabelo é claro, quase loiro, lábios bem carnudos e o olhar afiado.

— Essa é a Serena. — Chiara segura o meu braço, falando com ele. — Serena, esse é o Roman, nosso grande amigo.

Ele cospe a risada.

— Vocês já me colocaram em muitos problemas apenas este mês. Não adianta me chamar de amigo.

Ramona se senta ao lado dele na cama e o sacode pelo braço.

— Vamos, irmãozinho. Desta vez ninguém saberá que estivemos lá.

Outro irmão?

Já não confio nele.

Ele e Ramona só têm semelhante o nariz pontudo e as sobrancelhas expressivas, ousadas. Ramona tem um rosto mais redondo que ele, lábios carnudos, mas não tão cheios, o cabelo ruivo, que já sei que herdou da mãe, é liso e sedoso. Ela tem olhos pequenos. Esses se parecem com os de Damon e Héctor.

— Isso! — Chiara concorda. — O incidente da última vez foi culpa daquele velho tarado!

Que história é essa?

— Sim! Ninguém toca nos meios seios e fica com as mãos sãs — Ramona completa. — Você deveria ter me defendido. — Faz um beicinho.

Esse beicinho aí é de gente manipuladora.

— Você deveria estar dormindo e não na minha boate. — Ele se levanta. — Se aparecerem por lá, avisarei ao Edoardo, ao pai ou quem estiver com o martelo nas mãos.

— Só hoje.

Elas estão tentando persuadi-lo dessa forma?

Ele olha para mim e fico até sem jeito, pois parece que sou uma torta de chocolate bem saborosa.

— Ela vai? — pergunta com um leve sorriso.

— Serena é casada — Chiara explica.

Obrigada, Chiara.

— E cadê a aliança? — ele pergunta para mim.

Obrigada, Henrico por tirá-la de mim e me deixar nessa saia justa.

— Não tenho mais.

O sorriso cresce nos lábios dele.

— Posso deixar vocês irem, mas nas minhas condições.

Falta só ele me colocar nessas condições.

Ramona pula nos braços dele e o abraça.

— Meu gêmeo preferido!

Gêmeos?

Cadê o ruivo dele e as pernas longas dela?

Roman deve ter 1,90 a 2 metros de altura.

Ele a afasta como se fosse alguém que não gosta de muito carinho.

— Vou tomar um banho e comer alguma coisa. Estejam prontas em uma hora.

— Duas horas — Chiara negocia.

— Uma hora e meia. — Ele sai do quarto, dando uma última olhada em mim.

Sou ímã de psicopata?

É isso?

Fecho a porta para conversar com elas.

Ele não deu as tais condições.

— Vocês não estão contando comigo, para fazer essa coisa que parece proibida, certo?

Elas trocam olhares e sorrisos.

— Trate como o seu batismo — Ramona sugere.

Um batismo que nem vai me salvar do tiro do Henrico!

— Henrico disse que não posso sair para nenhum lugar, se não ele vai me matar.

Elas devem estar conscientes do tipo de gente com quem convivem.

— O meu irmão não fará isso. — Chiara lida com isso de forma despreocupada. — Você estará com a gente, na boate do Roman, que é da família.

Diz isso porque o assassino é irmão dela!

— Vocês viram a forma como Roman me olhou? — Ele ligou o meu alerta vermelho de parente perdido do Cesare.

— Não é porque é o meu irmão, mas tem melhor maneira de seguir em frente do que com um gato daquele? — Ramona questiona.

Eu não acredito que estou ouvindo isso!

— Vocês claramente não vivem na mesma realidade que eu. — Abro a porta. — Desculpa, mas não sobrevivi até agora para morrer por algo que não vale a pena.

Elas vêm correndo e não me deixam sair.

Eu não vou mudar de ideia, se elas acham que podem me convencer.

— *Mamma* disse que você ficaria com a gente. — Ramona começa. — Vamos dar uma saidinha rápida e depois voltaremos.

— Ninguém além de nós e o Roman ficará sabendo — Chiara completa. — É só uma noite de diversão.

— Vocês entendem que o resto da família está em um velório, de luto?

— Não seja chata — Ramona cantarola. — Ninguém ficará sabendo.

— Eu não acho uma boa ideia. E se eu morrer por causa disso, ficarei assombrando vocês para o resto de suas vidas.

Elas se benzem.

— *Dio mio*[7]! Não vai acontecer nada — Chiara garante.

— Eu não quero me meter em confusão. Vocês nem imaginam quantos problemas já arranjei. E outra, eu nem tenho clima para isso.

— Você vai — Chiara decreta me puxando para o closet. — E se você sentir cheiro de problema, só fica perto do Roman.

Aham.

O cara que está claramente querendo se aproveitar de mim.

Que ideia perfeita.

Perco os meus argumentos quando elas não me ouvem mais e, no fim, já estou usando um vestido preto de paetê, com salto e tendo o cabelo modelado por Chiara, que não para de se analisar em frente ao espelho.

— Vocês acham que esse decote está exagerado?

É um decote que chega ao meio da cintura, no vestido vermelho.

— É perfeito para uma boa mamada — Ramona brinca e as duas dão gargalhadas.

Eu já deveria esperar esse tipo de conversa, pois as duas não escondem que aprontam.

— Prontinha. — Chiara espirra spray fixador no meu cabelo, já Ramona me entrega um batom vermelho cereja.

— Vai ficar perfeita.

— Eu nunca usei nada tão extravagante. — Analiso a cor e passo assim mesmo nos meus lábios.

— Você é linda. Só está evidenciando isso.

Chiara sempre tem uma resposta pronta na ponta da língua, hein?

— Você deveria trabalhar vendendo coisas — digo corrigindo as falhas do batom e fecho a embalagem do produto.

Ficou chamativo, principalmente, pelo contraste do vermelho na minha boca, o cabelo preto e o azul dos meus olhos.

Vejo o reflexo das meninas através do espelho e todas sorrimos.

Ramona usa vestido verde-claro, que com o ruivo do cabelo, ficou perfeita. Seu vestido é bem decotado como o de Chiara. Escolhi um com decote V mais fechado, para não mostrar o que sinto vergonha. Em compensação, é bem curto.

Passamos os perfumes e saímos do quarto.

— E os seguranças? — pergunto.

— O Roman sempre os distrai.

Esse Roman é um grande cumplice!

Tem um carro parado bem próximo à saída da casa e assim que passamos pela porta, corremos para ele. Sentamos as três no banco de trás.

— Eles estão vindo. Abaixa — Ramona pede e fazemos.

Foi ontem que fui raptada, quase fui morta num tiroteio e fiz coisas horríveis, não deveria estar indo para uma boate.

Não tenho o que festejar!

Já estou arrependida por ter cedido a essas duas.

Seus argumentos não eram tão bons.

Talvez uma pequena parte minha queira isso, porque foi tirado de mim, por muito tempo.

Realmente, cuidei de sobreviver e abdiquei de tudo que gostava para isso acontecer.

— Não vamos ter problemas mesmo, não é? — sussurro para elas.

— Claro que não — elas falam juntas.

Alguém entra no carro e começa a dirigir, então, quando Ramona se endireita no banco, fazemos o mesmo.

É Roman quem está dirigindo.

Preto definitivamente é a cor dos Barones e associados.

Os Russos também eram um pouco góticos.

Estamos deixando a mansão e agora não há mais volta. Terei apenas que ficar longe de problemas e quando voltar espero que Henrico ainda não esteja em casa.



Eu já ouvi falar desta boate, porque o Cesare vendia a Behavior em todos os locais de festa em Reggio Calabria e com certeza já vendeu aqui também.

Melhor, mandou alguém vender.

Entramos pelos fundos, onde também tem segurança, e depois de passar por algumas salas e um corredor com luz baixa, cheio de portas, meio aterrorizante, chegamos onde as pessoas estão festejando.

Tem muita gente e todas estão tão elegantes quanto nós. A música é eletro e ainda tem luzes RGB e fumaça. Uma típica boate.

Acompanho as meninas e elas vão direto ao balcão. Roman sinaliza com a mão e um barman dentro do bar vem com pressa atender.

— O que querem? — nosso cúmplice pergunta e seu olhar para na minha boca.

Ele é bonito?

Sim.

Tem cara de psicopata que pode ser pior que o Cesare?

Tem, com certeza, mas a boca de Roman é mais carnuda e convidativa.

Claro que não vou ficar com ele!

Que loucura!

Claro que não.

Seria trair o meu marido vivo e por mais que a vontade de me vingar do Cesare de todas as maneiras seja grande, não faria isso com esse rapaz. Faria com alguém que se a notícia chegasse ao Cesare, o destruiria de dentro para fora.

— Tequila, por favor — Ramona pede sorridente.

Ela e Chiara parecem bem satisfeitas com a vitória de terem vindo aqui.

— Bem-vinda à minha boate — Roman fala para mim. — Tragam uma bebida especial para a nossa convidada.

Dio mio...

Juro que agora mesmo é que não sei quem é o mais doido dos Barones.

As bebidas chegam e as meninas viram de uma só vez. Eu não consigo. Tomo um pouquinho e faço careta. Ramona e Chiara não viram, mas o Roman sim, porque me observa sorrindo.

Agora só falta ficar obcecado por mim, quando estou tentando destruir o último obcecado. E eu queria que isso fosse coisa da minha autoestima, mas na realidade é medo do que sinto.

— Vamos dançar. — Ramona inventa.

Eu não vou ficar sozinha com ele.

Com o meu pingo de coragem, viro toda a bebida de uma só vez e as acompanho, contendo a careta.

Vou para o meio da pista com a boca e o esôfago queimando.

Eu não me acostumaria com essa vida.

Elas seguram as minhas mãos e dançam animadas.

— Vamos aproveitar, Serena. É aqui que você pode deixar todos os seus problemas de lado e relaxar. — Chiara pula e tento fazer o que ela sugeriu.

Fecho os olhos e tento sentir a música, fingindo que não tenho nenhum problema na vida.

Isso poderia ser real para sempre.

Sem dor...

Sem problemas.

08



MEU FUNERAL

Serena Russo

Não sei se foi a música, a bebida ou apenas a companhia das meninas, mas está funcionando. Estou me sentindo bem, feliz e mais leve do que quando cheguei. Só queria apagar os traumas da noite passada e mesmo sabendo que essa sensação é momentânea, finjo que não é.

Assim que alguns homens se aproximam de onde as meninas e eu estamos dançando, as deixo e vou até o balcão, em busca de mais uma bebida e de não me meter em problemas.

Quanto menos contato tiver com outras pessoas, mais difícil será desse passeio dar errado.

Eu me sento num banco e aceno para o barman. Ele vê, mas demora chegar.

A boate está lotada, deve ter o dobro de pessoas que tinha quando chegamos. A música é boa e, depois de alguns drinks, posso dizer que bebidas alcoólicas não são tão ruins.

Eu nem sei que horas são.

O meu celular foi estragado quando Henrico arremessou na parede do hotel, também não tenho relógio, mas sei que já passou algumas horas pelo cansaço dos meus pés.

Deve ser tarde.

Bem, quando viemos deveria ser 6h da noite ou próximo das 7h.

Não dá para ter noção do tempo aqui.

— O que deseja? — o barman pergunta.

— Um... Martini?

Não sou uma grande conhecedora de bebidas.

— Ok. — Ele vai preparar.

Sinto o calor aumentando nas minhas costas e uma mão aparece ao lado da minha em cima do balcão.

— Está gostando da festa? — o homem pergunta no meu ouvido e olho para o lado.

Roman...

Ele sorri.

Balanço a cabeça, confirmando a sua pergunta.

Ele cheira a problemas assim como os irmãos.

— Soube que você é nossa hóspede. — Ele continua falando perto do meu ouvido direito.

— Por pouco tempo.

É assim que espero que seja.

— Hum... — Ele tira o cabelo de cima dos meus ombros. — Espero que seja o suficiente para nos conhecermos melhor.

Nunca conheci alguém tão direto como ele.

A minha bebida chega e tomo enquanto ignoro o homem atrás de mim.

— Família Russo?

— Sim. — Tomo mais um gole.

Acho que o álcool está começando a me pegar.

Não que eu já não estivesse tonta. Acho que a segunda taça começou a me transformar e agora me sinto lenta e um pouco tonta.

— Não por muito tempo.

Nisso eu não sou apenas obrigada a concordar, mas a ter fé. Espero que seja por pouco tempo mesmo e que em breve não tenha mais o Cesare como marido.

— Posso te ajudar a resolver isso mais rápido ainda. — Seus dedos passeiam pelos fios de cabelo que ainda estão no meu pescoço.

Uma proposta?

Eu me assustaria em pensar que a família Russo e a família Barone ainda são aliadas, pois a segunda quer matar o filho da primeira.

Mas se até mesmo a família do meu marido não quer saber dele...

Vi como ficaram decepcionados ao ver Cesare cagar para as regras da família Barone e todo o resto, não posso me surpreender.

— Eu já tenho o apoio de outra pessoa. Acredito que ele dê conta.

— Henrico?

Olho para ele e confirmo com a cabeça.

— Posso tornar isso bem mais divertido. — Ele beija o meu ombro, por cima da roupa e alcança o meu pescoço.

Maldito seja!

Eu me arrepio toda.

E mesmo com as sensações, tento manter o juízo.

— Acho que se enganou se acha que quero alguma coisa com você.

— Eu vou fazer você mudar de ideia. — Ele se afasta de mim, bruscamente e quando as suas mãos saem do meu corpo, perco o equilíbrio. Vou para trás e para a frente, assim que me seguro no balcão.

— Mas que merda é essa?

Antes mesmo de olhar para trás, reconheço a voz.

Henrico está aqui.

E ele não carrega nenhum dos olhares de nada, que eu já compreendi. Seu olhar é obscuro, as veias estão saltando e as narinas se alargaram.

Ele vem até mim e agarra o meu braço, me fazendo levantar de qualquer jeito e só me equilibro porque me segura.

— Calma aí!

— Calma nada. Você deveria estar em casa.

— Deixa a garota, Henrico — Roman ordena.

Ele para. Nós paramos. Enquanto ele conversa com Roman, vasculho a festa à procura das meninas. Vejo Chiara e aceno, mas ela está conversando com um homem e não me nota.

— Me poupe, Roman. Disse para não se meter nesse assunto.

— Eu posso muito bem ter outro assunto para resolver com ela. Não parou para pensar nisso?

— Aham. Você acabou de conhecê-la. — Ele volta a me arrastar e desta vez aperta mais forte o meu braço.

— E daí?

Ouço uma risada sem graça dele, bem preocupante na minha opinião.

— Então você quer diversão, é? — pergunta para mim e antes que eu possa responder, ele me arrasta pela festa.

Eu não faço ideia para onde estamos indo, mas suponho que será para o meu fim.

O álcool até começa a se dissipar da minha corrente sanguínea.

Se o álcool fosse vivo, estaria com medo do Henrico também.

Entramos em um quarto com luzes neon e ele me liberta perto de uma roleta enorme, branca com círculos vermelhos e mordaças. Ele abre as fivelas.

— O que vai fazer?

Algo me diz que eu não deveria estar bêbada nesta situação.

Mas estou apenas um pouquinho tonta e preciso muito de um lugar para me sentar.

Ele puxa um dos meus braços tão altos que o pé do mesmo lado não permanece no chão, apoio em um degrau que tem abaixo de outra mordaça apenas para não ficar pendurada.

Ele faz o mesmo com o outro braço.

Estou presa com os braços abertos e ele está prendendo minhas pernas também!

— O que pretende, hein?

— Não é diversão que você quer? Não está sedenta por diversão depois da carnificina que aconteceu ontem? — Ele vai para o outro lado da sala. — Eu também quero diversão. Mereço, não é? Afinal, não tem nem um dia que eu levei um tiro, mal me incomoda!

Por que ele está segurando facas?

— O nosso trato? Você vai me matar só porque eu saí por um instante?

Nem uma segunda chance ele pode me dar?

Já estou começando a suar. Este lugar por si só é muito quente e o medo sempre dá sensações estranhas.

Estou tonta para repensar sobre a minha vida. Agora só tenho tempo para pensar sobre o que não deveria ter feito esta noite.

Maldita hora!

Estremeço quando uma faca se fixa na roleta bem perto do meu punho direito.

Talvez o meu coração salte pela boca antes de eu morrer.

— Você enlouqueceu? Se tivesse me acertado?

— Seria divertido, ora! — Ele parece estar no modo irracional.

Deve ter perdido a razão.

Ele aponta outra faca e fecho os olhos.

— Por favor, não.

— Se você implorar será mais interessante.

Que tipo de maluco ele é?

Está se divertindo enquanto estou prestes a mijar na roupa!

Abro os olhos para ver se ele desistiu e tem uma faca entre as minhas pernas!

Olho para ele por baixo dos cílios e tento me soltar de alguma forma.

— PARA COM ISSO!

— Ainda tenho muitas facas para acertar em você.

Sádico desgraçado!

— PARA, SEU MALUCO! — imploro em desespero.

Eu quero correr, fugir.

Por que a minha força não é suficiente?

Se uma lâmina dessas me acertar, não sei se aguentarei a dor.

Eu deveria tê-lo deixado morrer!

Eu me mexo, puxo principalmente os braços, mas as mordaças não afrouxam, nem parece que a fivela vai quebrar.

Ele arremessa outra que pega perto da minha axila esquerda.

Aposto que ele queria acertar o meu coração e agora esse órgão bate mais forte que um tambor.

Ele vai me matar...

Ele quer me ver sangrando, morrendo aos poucos na sua frente.

Quando se aproxima, encaro seu rosto de perto. Ele é tão alto que mesmo com meus pés longe do chão, ficamos cara a cara.

Eu queria apenas poder socar a cara dele, rasgar com as minhas unhas, empurrar os meus polegares nos seus olhos.

Eu faria isso se pudesse agora.

Com toda certeza e coragem que tenho.

— Seu monstro. — Cuspo nele.

É a única coisa que posso fazer.

De olhos fechados, ele limpa o rosto e depois me ignora.

O que ele poderia fazer agora?

Ir e me deixar aqui para quando alguém me encontrar, sabe-se lá que horas, me soltar, ou vai remover essas facas e me castigar mais um pouco?

Ele segura a roleta e empurra para baixo, de repente, estou virando para o lado e fico de cabeça para baixo. É lento, mas fica mais rápido e vejo tudo na minha frente girando e se misturando.

A tontura me cerca.

Eu só preciso que pare.

O meu estômago dói. Na segunda vez que fico de cabeça para baixo, sinto o líquido voltando para o esôfago.

Fecho os olhos e o ar fresco bate na pele. Mesmo estática, sinto o movimento. Na terceira volta o vômito é certo. Assim que deixo de ficar de ponta à cabeça, levanto com o jato voando goela a fora.

Abro os olhos e o mundo ainda se mistura, mais lento, porém, ainda mexe.

O maldito não está perto para receber o banho.

Ele me observa com uma faca na mão e uma leve careta.

A roleta para aos poucos, quando finalmente as coisas parecem voltar ao lugar. Então noto as novas facas que me rodeiam.

Ele fez isso enquanto eu estava girando!

O gosto ácido na minha boca e a tontura estão aqui, junto ao medo depois de ver o que esse homem é capaz.

Um soluço força a minha garganta e em seguida eu não contenho a vontade de chorar.

Como alguém pode se divertir dessa forma?

Meu tipo de diversão é assistir programas, jardinagem ou cozinhar.

Ele quase me matou enquanto eu estava incapaz de me defender, vomitando e sem enxergar o que estava na minha frente!

Ele vem e começa a tirar as amarras.

— Eu te odeio tanto!

— Não se divertiu? — pergunta irônico.

— Como ia me divertir enquanto você tentava me MATAR?! — esbravejo.

Assim que o meu braço esquerdo está livre, acerto socos nele.

— VOCÊ É UM MONSTRO! VOCÊ É IGUAL A ELE! — Choro.

Será que errei em confiar nele ou apenas errei com a pessoa errada?

Assim que estou completamente livre, tento agredi-lo com a força que me resta. Soco seu peito e até tento acertar no machucado, mas ele segura os meus braços e com um bom impulso, os joga para cima em seguida me pega pelo quadril e me debruça no seu ombro.

— Me solta, seu doido! Eu vou vomitar EM VOCÊ! — Soco suas costas.

Parece que ele não sente nada!

Vejo o quarto ficando para trás, depois estamos indo para o meio da multidão, a música está muito mais alta do que eu achava antes de passar por essa tortura e então vejo o Roman.

Ele não parece se importar com o que está acontecendo comigo, enquanto Chiara vem correndo e segura o outro braço do irmão.

— Rico, o que faz aqui?

— Você também? Vamos embora.

— Não! A festa ainda não acabou!

— Acabou sim, Chiara! Nem deveria ter começado, *cazzo*!

Eu errei com a pessoa errada...

Se ele está falando assim com a irmã, o problema não é apenas comigo. Está no que fizemos esta noite.

Eu sabia.

Eu disse!

Expliquei para essas malucas que não era uma boa ideia.

Agora estou indo ao meu funeral.

Depois de tantos avisos...

Ele está com tanta raiva, que me carrega como se fosse uma boneca de ar.

Rapidamente, estamos fora da boate e ele me coloca no chão.

Estou muito tonta. Parece que nunca andei de salto na vida, então me apoio no carro para não cair.

Se eu me deitar no chão, talvez essa tontura passe.

Chiara protesta.

Ela é a irmã e acredito que não corra risco de morte nas mãos dele.

Eu não sou mais do que a esposa do traidor, mesmo que ele tenha falado que sou uma aliada. Aposto que agora está pouco se importando com o trato que fizemos.

Tenho consciência de que estou fodida.

Aquela roleta foi só o começo do meu fim.

Fiz de tudo para me manter viva e falhei devido a uma festa miserável.

O novo motorista segura a porta, Henrico me arrasta e depois me empurra dentro do automóvel como se fosse um saco de farinha. Faz o mesmo com a irmã, que cai por cima de mim, depois fecha a porta.

Demora até conseguirmos ficar sentadas de um jeito decente.

— Precisava, Henrico? Não precisava. — Chiara ainda tem coragem de confrontá-lo.

Depois do que vivi, não tenho essa coragem.

— Cale-se — diz ríspido. — Vocês quebraram todas as regras!

— Apenas uma. — As palavras voam pela minha boca, mas acredito que falei baixo o suficiente para não ser ouvida no banco da frente.

Ele não precisava me maltratar daquele jeito por causa de uma festa!

— Apenas uma? — Henrico repete com um humor questionável. — Por que ainda confiei? Deveria tê-la levado amarrada no porta-malas do carro.

— Para um homem que não fere mulheres, suas ameaças andam acima da média dos que não só ferem, mas matam.

Eu queria ficar calada, mas isso me chateia, me deixa indignada, por isso falei mesmo.

— Disse que poderia mudar por você. E você quer que eu mude, ou não faria as coisas que eu disse para não fazer.

Eu poderia arrancar a pulseira no meu braço e aproveitar que ele está sentado no banco à minha frente, para matá-lo sufocado com a joia.

Mas não sou esse tipo de pessoa, sou uma assassina por casualidade.

Não tive escolha.

— O que você vai fazer com ela? — Chiara pergunta com tom arrogante na voz.

— O que é certo.

Certo?

Diz que me matar é certo?

Vai terminar o que começou em casa. Naquele porão, eu aposto.

— Ela só saiu porque insistimos — Chiara explica.

— Ótimo. Então as duas pagam.

Vai matar a irmã?

— Para de ser careta, Henrico! Só saímos para uma festinha e dessa vez não achamos nenhuma encrenca.

A encrenca, vulgo Henrico, que nos achou.

— Chiara, perdemos sete homens, estávamos no velório deles, diante de suas famílias completamente destruídas. Fizemos de tudo para honrar a vida deles, em respeito a eles. E como vocês honram e respeitam essas vidas perdidas? Enchendo a cara e bebendo na boate do Roman!

Ele tem razão sobre isso.

Como posso dizer que sinto muito por esses homens, que me sinto mal pela vida que tirei, se eu estava tentando apagar tudo isso com copos de bebida alcoólica e música eletrônica?

As imagens da noite passada me acertam como um tiro.
O tiro que disparei contra aquele homem, mas esse certamente me matará aos poucos, porque sempre que penso no que fiz, a dor é diferente.

Será que valeu a pena poupar a vida do Henrico, tirando a vida daquele homem?

Eis a questão.

Viajamos em silêncio.

Chiara não diz mais nada depois do sermão doloroso do irmão.

O maldito tem razão.

Ele está coberto dela e somos a vergonha.

Quando chegamos à mansão, Henrico sai do carro na mesma hora que eu e já me olha como se me odiasse mais do que nunca.

O que me resta é implorar pela minha vida, abandonar o orgulho e repetir um milhão de vezes se for preciso, que salvei a sua vida até que se sinta obrigado a manter a minha.

Eu já provei a amostra grátis do caminho da morte dele. Se for para morrer sendo torturada, prefiro me humilhar para me manter viva.

O que eu queria, na verdade, é fazer pior do que ele fez na boate comigo, mas isso me levaria a morte certa.

— Chiara, para dentro. — Ele aponta a direção, mas não é para dentro da casa.

Ela tira os saltos e segue para a lateral da residência.

— O que vai fazer com ela?

— Você não deveria se preocupar com ela. — Ele fecha a porta da frente, sem tirar os olhos raivosos de mim.

Se eu falar a verdade será como jogar as meninas aos leões, então apenas abaixo a cabeça.

É o meu fim.

Sou uma mulher de palavra e reconheço quando estou errada.

Errei quando não honrei a minha palavra.

— Eu não fiz nada de errado. Não quebrei as regras da família, muito menos tentei contato com o Cesare.

— Só saiu com a central de problemas da família! — diz irônico.

— O quê?

— Roman, Serena. Quando ele me ligou falando de você, custei a acreditar.

— O que ele disse? Eu não fiz nada! Ele se iludiu sozinho e por causa disso você quase me matou! — Meus olhos se enchem de lágrimas.

Henrico dá um passo para perto de mim e, no fim, me encurrala entre ele e o carro.

Temo pela minha vida mais do que nunca.

E se suas mãos encontrarem o meu pescoço?

Meu braço ainda arde pela sua pegada bruta, assim como meus punhos e tornozelos devido às mordaças, e nem falo sobre o meu estômago e cérebro.

— Isso não é uma colônia de férias. Você segue o combinado e não sai com Chiara, Ramona ou Roman. Fica no quarto e sai dele apenas para comer. É isso ou fica no porão, do jeito que o Héctor preferir. Entendeu? — pergunta entredentes.

O Héctor não!

— Eu não sei quem é o pior. Você ou o Héctor. Por que não me matou logo, antes de me trazer de volta pra cá? Me torturou como um psicopata!

Seu olhar escurece tanto que posso ver os demônios se apossando do seu corpo.

Acho que protestei demais e a ideia era implorar pela vida.

— Mas o que é isso? — um homem pergunta e olho para o lado.

Um senhor de idade, que acaba de chegar acompanhado de Mirabela, vem em nossa direção.

Henrico se afasta e suas feições suavizam.

— Nada de mais, padrinho.

Padrinho?

Ele só pode ser o Don!

— Nada de mais? Você estava gritando com a moça e quase a matou. Que comportamento é esse? É assim que tratam suas namoradas agora?

Namorada?

Encaro o homem e só pelas sobrancelhas expressivas, já sinto medo dele. Parece ser tão rígido quanto o senhor Riccardo, meu sogro.

Ele pode me proteger do Henrico!

— Hein? — indaga ao afilhado e Henrico parece ficar pensativo.

— O senhor se enganou. Não é nada disso. Ela não...

Eu me apresso e calo o Henrico com um abraço.

Neste caso, calei pela surpresa e o abraço foi mais como uma maneira de não encontrar o chão quando me afastei do carro. Eu o encaro e ele está fazendo uma careta de dor. Acho que estou apertando muito, mas foda-se. Ele merece um pouco de dor depois do que me causou na boate.

— Seu ferimento! — Finjo preocupação e me afasto.

Minha roupa foi manchada pelo seu sangue.

— Vamos cuidar disso, amorzinho. Venha. — Tento afastá-lo do padrinho.

Que dilema terrível!

Quero que ele morra, mas preciso desse idiota vivo, para me proteger do Cesare.

O Don dá risada.

— Veja só. Então, finalmente, decidiu virar homem, Henrico.

— Padrinho... — Posso ver sua tentativa de esconder a raiva atrás da cara de pôquer.

— Vá. Deixe a moça cuidar do seu ferimento. Antes de levá-la para casa, me apresente sua noiva formalmente.

Noiva?

09



SENHORITA FIEL

Henrico Milano

Eu não contava com essa situação.

Aproveitando que o padrinho não quis prosseguir com os questionamentos, acompanho Serena para dentro de casa, sentindo o olho tremer de estresse. Como se já não bastasse a dor do ferimento.

Ela sobe na frente e não olha para trás.

Olha para essa roupa!

Subo a escada encarando o degrau, para ver se assim ignoro a situação dela.

Bêbada, com um vestido curto e colado que tem a cara da Ramona, saltos e ainda anda com um batom mais vermelho que qualquer gota de sangue que já derramei.

Mulheres são assim?

Até onde sabia, elas não faziam amizade tão rapidamente.

Bastou eu sair de casa para ela se juntar às duas desmioladas, se arrumar desse jeito e parar na boate do Roman!

Quando ele ligou perguntando sobre ela, como se estivessem no mesmo ambiente, com música de boate, liguei os pontos, mas não quis acreditar. Tive que ir lá para ver e quando cheguei, vi o Roman pregado no pescoço dela.

Eu não acreditei.

Bastou tirar o anel de casamento do dedo para ir para os braços de outro?

Talvez, eu tenha me enganado e de inocente e indefesa essa garota não tenha nada. Já constatei quando vi suas habilidades com arma de fogo, agora vi a casada que quer o marido morto praticamente nos braços de outro.

Não posso confiar nela.

Pode até ter o mesmo interesse que nós e querer colaborar, mas não é de toda a confiança.

Vamos para o meu quarto e pego o celular para verificar se fui avisado da chegada da enfermeira, que irá cuidar disso. Ninguém avisou, logo, ela não chegou.

Assim que fecho a porta, já a vejo bisbilhotando.

— Não precisa procurar nada. Eu me viro com o meu ferimento. Só quero que saiba de uma coisa. Desta vez, não tolerarei nenhum deslize seu.

Ela me escuta, quieta.

— Se pensa que mentir sobre ser a minha namorada para o padrinho, vai te salvar de alguma quebra do nosso acordo e das regras que passei, está muito enganada. Muito enganada mesmo.

— Eu errei, tá. Mas ainda continuo dentro do nosso acordo e irei cumprir tudo que combinamos. Nada do que fiz hoje foi a capricho. Eu só... — Seu olhar fica perdido.

— Me diga. — Cruzo os braços a observando. — Me diga o que te levou a ir a uma festa depois da noite que tivemos, onde quase morremos. Você matou e atropelou alguém, vários homens morreram. Me diga, o que valia a pena passar pelas minhas ordens e comemorar numa balada?

Ela se senta na cama com o rosto coberto com as mãos.

— Eu só queria esquecer tudo isso — fala com a voz embargada. — Só queria esquecer por um minuto toda essa merda. — Suas mãos se afastam do rosto, que em segundos já está banhado em lágrimas. — Eu nunca fiz mal a ninguém e ontem tirei a vida daquele homem.

Esperava uma resposta idiota, como “eu só queria me divertir com minhas novas amigas”.

Ela enxuga o rosto com o antebraço.

— Eu tirei a vida de alguém. Nunca poderei reparar isso. Como posso dizer que vou aprender a conviver com a ideia de que sou uma assassina? — Ela olha para mim, enquanto derrama as lágrimas.

— Lembre-se que ele poderia ter tirado a sua vida.

— Mas é claro que não! Ele iria me levar ao Cesare.

— Que tiraria a sua vida de qualquer maneira.

Tola.

Ela se levanta da cama, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Isso não limpa as minhas mãos. Ainda sinto o cheiro da pólvora. Ainda lembro do barulho do crânio dele sendo esmagado pelo pneu do carro e de como ficou depois disso.

— Ele tecnicamente já estava morto.

Ela me encara, puxando o cabelo.

— Eu não sou como você. Não sou tão insensível.

Agora a culpa é minha?

Ao passar do meu lado, seguro seu braço e ela para, enxugando o rosto com o dorso da mão.

— Se preocupa tanto com a vida dos outros e anda buscando a morte do seu marido? Será que é forte o suficiente para lidar com isso, senhora sensível?

Sua traqueia sobe e desce.

— Acho melhor se acostumar com essa realidade — sugiro.

Ela se solta da minha mão com o cenho franzido.

— Eu nunca deveria ter te salvado. Se eu soubesse que tinha coragem de matar alguém, eu mesma teria matado o Cesare.

Serena sai do meu campo de visão e continuo enxergando o que restou da sua imagem na minha memória.

Ela acabou de dizer o que eu ouvi mesmo?

Passou de uma pobre coitada, para uma mulher vingativa em segundos!

E se ela não tivesse atirado no homem, o que aconteceria?

Será que ela atiraria em mim?

E o que eu menos compreendo das atitudes dela é que quando chora, eu vejo a pessoa que teve inesperada piedade de mim, que atirou em outro, mas quando seus olhos se estreitam, volto ao momento em que tive certeza que ela atiraria em mim.

Ela é capaz de tudo quando está sob pressão.

É isso.

Ela falou bobagens sobre si para que eu não quisesse sequestrá-la, atirou e matou um homem quando estávamos prestes a ser pegos, saltou no meu tronco e me abraçou na frente do padrinho quando viu que corria o risco de ser entregue.

Ela é impulsiva.

Sua coragem, atitudes, são guiadas pelo seu desespero.

Uma pobre coitada que é capaz de tudo para sobreviver.

Eu ficava paralisado enquanto o meu pai tecia ameaças contra a minha mãe, batia nela e em mim. A minha coragem vem de uma construção, fui treinado para ser frio, para fazer o que for preciso e realizar o que foi planejado. Para praticar crueldades como a que ela fez, antes aprendi a não me importar, por isso ajo sem peso na consciência. O peso das atitudes desesperadas dela só surge depois, enquanto em mim, ele não surge faz tempo.

Mas tenho que admitir, o jovem Henrico só queria ter esses picos de coragem que ela tem.

Teria me poupado de muito sofrimento.

Eu preciso tomar cuidado com ela, pois seu instinto de sobrevivência a torna capaz de tudo. Inclusive é mais perigosa do que eu e qualquer um que conheço.

Eu me sento à beira da cama e pego a caixa com os medicamentos e materiais para fazer o curativo. Desabotoo a camisa e quanto mais quieto e calmo fico, mais posso sentir a dor do ferimento.

O médico disse repouso e fiz tudo, menos isso.

A camisa está molhada de sangue. No abraço, a roupa de Serena ficou suja de sangue.

Que audácia!

Ela me abraçou na maior cara de pau e ainda me chamou de amorzinho!

Me admira ela nunca ter enganado o Cesare, já que atua tão bem.

Deve ter enganado muitas vezes, afinal, ela deixou Roman tocá-la e beijá-la, deveria querer alguma coisa com ele.

E isso não tem nada a ver com instinto de sobrevivência, diria de safadeza mesmo.

Mal chegou e já pulou nos braços de alguém.

Daqui a pouco vai querer trocar o sobrenome Russo para Barone.

Removo o antigo curativo enquanto penso nisso.

— Deveria ter esperado o Roman chegar, assim contava ao padrinho que seu namorado é ele. Faria mais sentido, *cagna*[8].

A porta do meu quarto abre e vejo a cara fechada dela.

— O que quer?

— Mirabela disse que seu padrinho está esperando você me apresentar a ele — avisa sem levantar o olhar para

mim.

Bufo.

A vontade de rir é grande.

Enorme!

— Ótimo. Agora tem isso. — Limpo a ferida com um pouco mais de força do que deveria e respiro fundo para não expressar a dor.

— O que queria que eu fizesse? Você me protege do meu marido e ele me protege de você. Ele é o Don, não é? Don Alejandro. Ótimo protetor.

Egoísta!

— Eu não confio em você. Nunca deveria ter confiado. Você é capaz de tudo quando se sente ameaçada.

— Esqueceu o que fez na boate comigo? E você é capaz de tudo quando as coisas não estão sob o seu controle, não é?

Controlador?

— De onde você tirou essas conclusões sobre mim? — Espalho a pomada na ferida e ela fica encostada na porta fechada.

— De onde? Quando o seu plano de pegar o meu marido não deu certo, você ficou com raiva e me levou! Quando acordou e viu que eu estava dirigindo o carro, onde você estava desmaiado, baleado, tentou me matar sufocada. E eu devo mencionar a maneira como afastou Roman de mim e me torturou, depois me tirou da boate?

— Não seria melhor chamar o Roman para fingir um namoro, senhora fiel? — debocho olhando para ela e as bochechas ganham um avermelhado mais forte do que o choro já havia causado.

— Não, porque quero apenas sobreviver, não me envolver com um de vocês. De louco, já basta o que casei.

— Então você se envolveria com o Roman, senhora fiel?

— Pare de me chamar assim! Estou dizendo que ele está interessado em mim, então isso não daria certo. É mais fácil fingir com uma tábua sem sentimentos, como você.

Tábua sem sentimentos...

Rasgo o esparadrapo com os dentes e depois colo sobre a gaze no ferimento até que fique bem preso.

Levantar já voltou a ser uma tarefa incômoda, ao mesmo tempo, que me movimentar dificulta a minha recuperação, diminui as dores que o repouso me permite sentir.

Pego outra camisa e antes de vestir, sinto mãos geladas nas minhas costas.

— Esse também precisa ser trocado.

Olho para trás por cima do ombro e ela está mexendo no curativo.

— Depois eu troco.

— Credo! Até parece que não sente dor!

— E você até parece que se importa com isso. — Visto a camisa e ela se afasta.

Engraçado que depois de tanto chorar, a maquiagem não borrou nada. Bem que a Chiara vive se gabando das coisas que Ramona tem.

Termino de abotoar a roupa e arrumo a gola e mangas.

— Vamos resolver essa coisa logo. E antes que ande falando mais besteiras, o padrinho não está bem de saúde. Principalmente, quando se trata de memória.



MINHA NAMORADA

Serena Russo

Controlador...

Grosso...

Frio...

E insensível, é claro.

E o que são aquelas tatuagens nas costas?

Quando ele se levantou para vestir a camisa, meus olhos não sabiam se miravam no curativo que estava precisando ser trocado ou nas tatuagens que cobriam suas costas.

Um dragão chinês ao redor do rosto de um leopardo.

Não pude analisar muito, pois ele logo me afastou.

Mas tenho certeza que no meio do desenho sua pele estava diferente, como se tivesse cicatrizes.

Enfim, o assunto agora é outro.

Estamos indo ver o Don, já que minha atitude desesperada trouxe consequências.

Eu farei o possível para ter a minha liberdade e se é preciso enganar esse velhote para ganhar sua proteção, como ele fez naquela hora, irei fazer.

Acompanho Henrico até o escritório do Don e quando entramos, ele está sem camisa, com a pança de fora, tomando whisky numa poltrona de couro.

Deve ser a ele que a Ramona puxou.

E ela ainda não apareceu em casa. Certamente, voltará com o irmão.

Preciso me lembrar de dormir com a porta bem fechada, para aquele safado não dar uma de tarado para cima de mim.

Essa história de namoro falso poderia servir para afastá-lo também, se é que ele respeita o relacionamento de alguém.

— Já resolveu o curativo? — O velhote se levanta com um sorriso.

— Sim.

Fico parada ao lado do Henrico e o Don vem até nós, analisando meu rosto e aprovando com a cabeça.

— Que moça bonita.

— Padrinho, essa é Serena.

— Noiva? — ele pergunta ao afilhado e pega a minha mão para beijar.

— Não.

— Pois apresse isso. Namoros demorados só acabam em uma coisa. Sabe o que é, querida?

Gravidez indesejada?

Traição?

Balanço a cabeça em negação, pois não vou ousar falar isso em voz alta.

— Desonra. E nenhuma moça deve ser desonrada antes do casamento. Isso é uma lástima.

Será que a Ramona anda sabendo disso?

Ele volta devagar à poltrona.

— De que família você é?

Com a visão periférica vejo o rosto de Henrico virar na direção do meu.

— Mancini — respondo.

É o sobrenome do meu pai.

— Mancini... Donos de quê?

De nada.

Nem de si mesmos.

— Meu pai trabalhava com logística, mas ele morreu há algum tempo.

— Logística? Um bom negócio. — Ele enrola o bigode. — E tem mais algum homem na família ou Henrico se tornará o líder?

Henrico não será nada, senhor, com fé no pai do céu.

— Não tenho irmãos. Sou filha única.

— Pois bem. Temos que marcar o noivado.

— Não tão rápido, padrinho. Temos outros assuntos mais urgentes. Podemos esperar, não é, Serena? Agora vamos. — Ele abre a porta.

— Quanta pressa!

Concordo com o padrinho.

Olho para Henrico e ele mexe a cabeça apontando para a saída. Pelo visto, ele quer fugir da conversa.

— A minha mãe é muito rígida — digo ao Don. — Desonra. Ela tem medo.

— Claro. Mulher de bem. — Ele assente, satisfeito. — Volte sempre, querida.

— Voltarei. Boa noite. — Saio da sala e Henrico vem atrás dando um boa-noite.

Não só voltarei, como permanecerei aqui, dormindo, comendo...

— Como vou ficar aqui com ele achando que moro em outro lugar? — cochicho para Henrico.

— Vai ficar quieta no seu quarto, como deveria ter feito desde que chegou.

Ele deve estar adorando isso.

— Ok. — Eu me dirijo à escada, mas ele segura o meu braço.

Olho para Henrico e ele mexe a cabeça em direção à saída da casa.

— Vou te levar para a sua casa. Esqueceu?

Viro para o escritório e a porta está aberta.

Ele não está doente?

Como sairá dali tão rápido?

Saímos da casa e voltamos à cozinha.

Antes de chegar na sala, ouvimos a voz do Don Alejandro e Mirabela.

— Ela parece ser uma boa moça — Mirabela diz.

— Eu pretendia casar Henrico com a outra moça Russo, mas já que ele escolheu por si só...

Com a Alissa?

Olho para Henrico e lembro dela.

Talvez os dois dessem certo.

Alissa foi criada para ser a esposa perfeita. Deve estar à altura de ser a esposa de alguém importante.

Eu não fazia parte dos costumes deles e tive que aprender à força como me comportar como uma delas. A família de Cesare torceu a boca quando me viu e por mais que morássemos na mansão Russo, eu mal me misturava, era quase invisível.

A governanta e o Cesare eram as únicas pessoas que estavam frequentemente de olho em mim. Cesare dizia que eu deveria aprender a ser como Alissa e Ottavia, assim a sua família me aceitaria melhor. A governanta me ensinava essas coisas.

Sinceramente, eu não queria ser aceita, queria ser expulsa de uma vez por todas. Quando isso aconteceu, foi ao lado do Cesare e ele me carregou na sua busca para acumular um poder maior que o de todas as famílias da máfia italiana e as associadas a ela, como sua própria família.

— Mas eles já deram a mão de uma delas para se casar com Damon — retruca Mirabela. — Para quê tanta união com aquelas pessoas? Tem outras famílias melhores.

Concordo com ela.

Eu gosto dessa mulher.

Ela é muito sensata.

— Não sei se o casamento de Damon será o bastante para manter a paz selada entre as duas famílias, quando acabarmos com a vida daquele miserável, que fez um estrago na cidade. Eles nos dão muito dinheiro com o turismo, Bela.

Estão falando de Cesare.

Tenho dúvidas sobre como pode ser a reação do Riccardo, caso isso aconteça. Quando isso acontecer.

Lembro bem das suas palavras...

“— Quantas vezes nos reunimos aqui para falar sobre isso e você balançou a cabeça e disse que seria o fim, Cesare? Depois continuou fazendo tudo o que queria.

— Continuei porque valia a pena, pai. Você ainda não enxerga o império que estou construindo? Esse negócio é o mais lucrativo de todos. A Behavior não mata ninguém, ela torna todos dependentes. São clientes pelo resto de suas vidas. Diferente dos outros negócios que vocês fazem.

— Você se ouve? Onde isso é vantagem, Cesare? Essas pessoas não têm condições de manter vícios! Em pouco tempo teremos uma população em situação de miséria. A cidade irá ruir!

— Penso de outra forma.

Riccardo balançou a cabeça em negação e ali o vi perder o seu olhar fraterno.

— Todos estão reclamando e a família Barone tem nos defendido como sempre faz com seus associados, mas estão perdendo a paciência. Ou você para, ou não fará mais parte da nossa família. Isso é traição. Você manchou o sobrenome Russo! E mesmo que seja meu filho, não permitirei que fique aqui.

— O que vai fazer? — Cesare se levantou com um leve sorriso esnobe. — Vai me matar? Tomar a minha documentação?

— Se assim for preciso. — Riccardo o encarou de pé. — Você não é mais bem-vindo aqui. E enquanto continuar fazendo o que repudio, não será chamado de meu filho.

Cesare arrancou a jaqueta de trás da cadeira e começou a vesti-la tranquilamente.

— Que assim seja. No fim disso, serei tão grande quanto a família Barone já foi e quem precisará de perdão serão vocês.”

Ele agiu como quem não se importava na frente do pai, mas quando saímos da casa, sabíamos que a partir dali não tínhamos mais a proteção dos Russos ou Barones. Era Cesare e sua pequena gangue, que ele confiava que se tornaria enorme em pouco tempo para voltar e cumprir o que disse ao pai.

Foram dois meses mudando de uma cidade para a outra, agora sendo caçado, fazendo novos aliados e perdendo os antigos.

Não sei se deveria cantar vitória nesse momento, mas sinto que já não faço mais parte do universo caótico do Cesare.

Assim que o casal sai da sala e vai para o quarto no térreo, Henrico me arrasta pelo braço e subimos a escada às pressas. Quando chegamos em frente ao seu quarto, ele me solta e olha para mim.

— Cuidado para não arranjar briga com os rapazes.

— Cuidarei. — Ando para o meu quarto.

11



O QUE VOCÊ QUER SABER?

Serena Russo

Acordo com um celular tocando e nem tenho mais um.

Viro na cama e vejo um aparelho em cima da mesa de cabeceira, então me adianto para desligar o alarme e assim dar uma olhada no aparelho.

Não parece ser velho.

Não tem bloqueio.

Tem uma mensagem de whatsapp.

[Venha ao porão assim que ver a mensagem].

Me deixa adivinhar quem mandou...

Claro que não tenho pressa para ver o que Henrico quer comigo, no maldito porão. E se for uma sessão de

tortura, então me deixa preparar o meu corpo primeiro, para ao menos ter uma boa lembrança de como acordei hoje.

Na noite passada, demorei muito para remover a maquiagem. Não tinha demaquilante, então tive que fazer com o que estava disponível no banheiro do meu quarto. Meus lábios ainda carregam o tom avermelhado, mas nada comparado à quando usei o batom.

E mesmo depois do banho, o perfume que Ramona me emprestou continua em mim.

Passo um tempo no banheiro até sair leve e limpa. Visto um dos jeans que Ramona me deu e uma camiseta, desta vez com sutiã por baixo.

Se Héctor estiver lá e aprontar alguma coisa comigo, juro que antes de sumir para a minha liberdade, apronto uma boa com ele.

Abro a porta e dou uma olhadinha no lado de fora.

Nenhum sinal do Barone pai. Acho que irei chamá-lo de padrinho.

Henrico diria que não mereço isso.

Saio do quarto quando vejo a moça que arranjou problemas com Héctor passando por uma porta e atrás dela tem uma escada.

Outra escada!

Ando ao seu encontro com a curiosidade me deixando esperançosa.

Ela tem um estilo parecido ao meu. A magreza, as roupas floridas, os ombros à mostra e o longo cabelo escuro caindo atrás das costas. O dela é bem preto, assim como seus olhos e sobrancelhas.

— Oi.

— Oi! — Ela olha para mim, sorrindo e deixa alguns lençóis que carrega caírem no chão.

Eu me abaixo para ajudar a pegar.

— Você arranjou mesmo problemas com o Héctor?

Seu sorriso com dentes alinhados some e ela encolhe o pequeno nariz.

— Aquele bastardo odeia todo mundo. Não deixa ninguém ao menos se explicar!

— Isso sem dúvidas é real. Mas você continua viva.

É isso que me admira.

— Não pela bondade dele, mas pela do senhor Alejandro. Um relógio pode salvar vidas — conta jogando a mecha do cabelo para trás da orelha.

— Como? — Fico confusa com o seu salvador.

— Quando cheguei aqui, ele tinha cismado com um relógio de herança de família que estava quebrado. Eu consertei. Meu pai era relojoeiro. Então ele disse que ninguém poderia me machucar.

Sabia que ele era um bom protetor!

— E agora você trabalha aqui e conhece todo esse lugar?

— Ele me deu esse emprego provisório. Acho que estão testando o meu caráter. Se sou confiável antes de me deixar ir.

É bem a cara deles.

— Entendi.

— Você precisa de ajuda?

Ela deve ser bondosa por natureza.

— Sim. — Aponto para a porta pela qual ela passou. — A escada depois daquela porta dá para onde?

— A biblioteca. Usamos quando tem uma reunião na sala de estar.

Olho os lençóis em seus braços.

— E o que esses lençóis faziam na biblioteca?

Ela ri.

— Digamos que de vez em quando eu me perco por aqui. E sendo sincera, ando evitando me encontrar com Héctor. Acredite, nunca o vi colocar os pés perto da biblioteca.

— Faz sentido para gente ignorante como ele. Mas o senhor Alejandro não está lá, está?

— Não é um lugar que ele costuma frequentar. Os 72 anos já estragaram sua visão — ela conta encolhendo o nariz.

O hábito de ler não é algo que essa família parece ter.

— Perfeito. Então vou por ali. Aliás... Como é o seu nome?

— Caterina. — Ela tira a mão debaixo dos lençóis e estende para mim.

Eu a cumprimento, sorrindo.

— Serena. Para todos os efeitos, não moro, nem sou hóspede aqui. O Don acha que sou namorada do Henrico — conto encolhendo o nariz.

— Partidão!

— Que nada. O homem é uma tábua que ajuda na minha sobrevivência. É como a porta que salvou a Rose no

Titanic.

Ela ri.

— Precisando de ajuda para fingir que não está aqui, estou à sua disposição.

Um anjo!

— Precisarei muito. — Sigo o meu caminho e ela também, ambas sorrindo.

Acho que não poderia me aliar a uma pessoa melhor.

Desço a escada da grande biblioteca e encontro a outra porta de saída. Não dá para a sala catedral, mas para uma menor, bem aconchegante.

Atenta, procuro o caminho para sair da casa e encontrar Henrico no porão.

— Serena. Bom dia. — Camilla me dá um belo susto.

— Bom dia, Camilla.

Parece que os conjuntos de saia e blusa estampados com flores que ela usa são seus uniformes.

— Como passou a noite? Henrico não fez nada com você, fez? Chiara me contou o que andaram aprontando. — Ela torce a boca.

Chiara também...

Vai ver ela contou preocupada com a minha vida nas mãos do irmão.

— Não. Ele não fez nada.

Nada além de ameaçar a minha vida mais uma vez.

— Chiara e Ramona vivem aprontando. Sugiro que não ande com elas.

Se a mãe, que é a defensora desde o nascimento, está dizendo, quem sou eu para discordar?

— Aprendi da pior forma. — Tento rir disso.

Eu deveria ter recusado a ideia delas com mais firmeza.

— Tudo bem. — Ela alisa o meu ombro com aquele sorriso de mãe. — Já tomou café da manhã?

— Vou tomar. Só preciso ver o que Henrico quer.

— O meu filho pode esperar. — Ela dá uma piscadela antes de seguir o seu caminho.

Não sei quem é o pai de Henrico, mas ele certamente puxou a esse homem, pois é completamente diferente de Camilla.

Encontro o caminho da cozinha sem cruzar com nenhum Barone e vejo algumas bandejas de café da manhã na mesa.

Eu acho que essa família não costuma se reunir para fazer todas as refeições juntos. Parece que cada um faz em um cômodo.

— Bom dia. — Cumprimento as moças que trabalham na cozinha.

— Bom dia. O que deseja para o café da manhã, senhora? — uma delas pergunta.

Senhora...

Faz tempo que ninguém fala desse jeito comigo.

— Nada especial. Bruschetta e café.

Amo bruschetta com tomate confit e queijo brie.

Ela prepara uma para mim e espero na filosofia da mãe do Henrico.

O filho dela pode esperar.

Tomo o café da manhã e muito bem abastecida vou ao encontro de Henrico.

A porta do porão está aberta.

Estou entrando na prisão por livre e espontânea vontade, espero não me arrepender.

Assim que termino de descer a escada, vejo Henrico andando de um lado para o outro, Héctor sentado de perna cruzada mexendo no celular e outro homem, esse é mais velho que nós, deve ter seus 60 anos, elegante e imponente com seu topete grisalho.

— Chegou. — Henrico me nota.

E quando digo me nota é que ele me mede dos pés à cabeça, parece até que perdeu alguma coisa em mim.

Não tem quem diga que esse aí levou um tiro a menos de dois dias. Além da cara de nada, a roupa preta deve ajudar, acredito eu.

O homem mais velho se levanta.

— Edoardo, ela é a esposa do Cesare. Edoardo é nosso consigliere — Henrico explica.

O homem estende a mão para mim e o cumprimento.

— Serena.

— Edoardo.

Ele parece ser tranquilo, realmente pacífico.

— O que tem a dizer que possa nos ajudar a encontrar o seu marido?

Assim sob pressão não consigo pensar.

— O que querem saber especificamente?

— Para onde o seu marido pretendia ir depois de Vibo Valentia? Sabemos que ele está indo para longe daqui e da Sicília.

E que fique bem longe da minha família.

Conto tudo que ouvi Cesare fazendo até o momento em que fiquei com ele.

— ... E o plano dele era se estabelecer na cidade, mas com tudo que aconteceu, não acho que ele permanecerá por lá.

— Então deve estar indo para Cantazaro[9], certo? — Henrico pergunta.

— Não. Com certeza ele não ficará perto depois do que aconteceu. A não ser que ele queira me pegar...

Eu não acredito que ele colocaria sua vida em risco por mim.

Será?

— E caso não queira? — Henrico ergue uma sobrancelha.

— Cosenza[10], é claro — digo sem dúvida. — É o mais longe de vocês.

Héctor ri com escárnio.

— Ela está mentindo. Vocês acreditam mesmo que ela está disposta a dizer a localização do marido?

E é por isso que não faço acordos com ele.

— Não posso dizer a localização exata porque não sou um GPS humano, mas estou tentando pensar como ele.

Héctor se levanta abruptamente e avança em minha direção, mas Henrico passa na frente.

— Como ousa falar desse jeito comigo? Sou o futuro Don! — Héctor diz entredentes.

— Futuro. E só rebati o que você disse. — Dou de ombros. — Cesare não é burro se ainda não repararam. Ele fará de tudo para conseguir o que quer sem ser pego por vocês. De preferência acabando com vocês.

— E o que ele quer? — Edoardo pergunta.

— Ele quer ser maior que a família Barone. Se possível, que todas as famílias da máfia italiana. Quer que todos se ajoelhem diante do seu poder.

Desta vez quem ri é Henrico.

— Um sonho impossível, é claro. Vamos adiantar isso e mandar homens para todas as cidades, todos os cantos da Calábria — ele fala para Edoardo. — Caçar esse homem como um animal. Assim não precisamos prever seus passos.

Quanta disposição e sede de vingança!

— Para isso precisamos de mais gente — Edoardo explica. — Não podemos mandar todos os homens que temos aqui para sair pelo mundo, nos deixando à mercê da sorte.

— Então vamos encontrar esses homens o mais rápido possível — Henrico sugere. — Temos muitos aliados, certo?

Enquanto procuram esses homens, Cesare conseguirá executar seu plano com êxito.

— Nem tanto. — Edoardo olha para Héctor de relance. — As alianças estão enfraquecidas por conta dos problemas do Don e do futuro sucessor.

— Tolice — Héctor esnoba. — Quando eu for Don, todos terão que me aceitar. E se não for nosso aliado, será

nosso inimigo.

Henrico e Edoardo trocam olhares.

Eles já sabem que Héctor será um péssimo representante da família.

— Héctor, você precisa se casar. — O consigliere não sugere, decide. — Homens com família são mais confiáveis, comparados aos que não têm nada a perder. E vamos entrar em contato com os afiliados e soldados para resolver isso. Lembrando que não é o único problema que temos, então Henrico, essa missão continua sendo sua.

— Da próxima vez não irei falhar — Henrico garante.

Eles realmente estão preparando uma caçada para o Cesare!

Eu achei que era apenas uma busca do Henrico, que não demandaria uma força-tarefa.

Desse jeito o Cesare não vai escapar mesmo e Riccardo perderá seu filho de forma definitiva.

Será que vão me culpar quando souberem que estou por trás dessa história?

Eles nunca gostaram de mim.

Não vejo um bom cenário.

12



AMEAÇAS MORTAIS

Serena Russo

O *que eu fiz?*

Os Russos ainda podem se voltar contra mim, quando souberem que ajudei Henrico a pegar o filho deles!

Talvez não haja liberdade para mim.

Volto para casa com as mãos cada vez mais suadas e os pulmões menos elásticos. Sinto que o ar que inspiro não é suficiente para o meu corpo, mas é como se algo pressionasse os órgãos e impedisse de receber toda a quantidade necessária.

Também está ficando mais quente.

Incômodo...

Minha pele queima.

Procuro a biblioteca e antes de subir a escada para ir para o quarto, paro e me sento na primeira poltrona que

vejo. Fecho os olhos e respiro fundo, também seco as mãos no jeans.

Eu não posso enlouquecer.

É tarde demais para desistir.

Desistir nem é uma opção!

Cesare merece.

Ele não se importa com ninguém além de si mesmo.

Será que seus pais vão se esquecer disso?

Ele acabou com várias famílias ao oferecer sua droga. Ele traiu sua própria família quando quebrou as regras e passou pelas ordens do pai e da família Barone.

Tudo que acontecer com Cesare, será culpa dele.

Só estou tentando sobreviver.

Apenas isso.

Respiro fundo e tento capturar o máximo de ar que posso.

Aos poucos o calor estranho na minha pele some.

Eu não posso me perder no medo.

Não posso.

— Serena, você está bem?

Abro os olhos e vejo Caterina se ajoelhando aos pés da poltrona, onde estou sentada.

Se estou bem?

Tento abrir a boca e responder sua pergunta, mas antes mesmo de conseguir os meus olhos nublam com as lágrimas.

Abro a boca apenas para puxar o ar, pois, neste momento, não consigo falar o que me deixa aflita. Sei que falar me fará chorar mais ainda, como aconteceu na noite passada na frente de Henrico.

Caterina apoia sua mão sobre a minha e a aperta.

— Eu te entendo.

Enxugo o rosto, mas os soluços alertam que esse choro não passará em questão de segundos.

Eu nunca deveria ter vindo para cá. Estava vivendo bem com mamãe em Messina[11]. Não tinha Russo, nem Barone, muito menos o Henrico. Só queria aproveitar a oportunidade de estudo e ficar um tempo com o meu pai, que se divorciou da minha mãe, mas ambos sempre se respeitaram e me respeitaram, por isso ela me apoiou. Agora ela deve achar que não quero mais saber dela. Sei que não pode sair de lá para cá para me procurar. E se fez, não me encontrou em canto algum e pode até estar me dando como morta.

Talvez seja melhor assim.

O meu futuro não parece ser promissor.

Se Cesare não me matar, os Barones farão, ou então os Russos.

Não adianta tentar ser esperta no meio deles. É fato que estar do lado de um é o mesmo que estar contra outro. Eu só queria não estar no meio. Só isso.

Ficamos um tempo em silêncio até que essa vontade que me dominou passa e enxugo as últimas lágrimas.

— A biblioteca parece ser o lugar mais seguro para jovens fodidas — brinco e ela ri comigo.

— Sim. É um ótimo esconderijo.

Encosto as costas na poltrona e encaro o teto.

— O que será de nós nesta família? Estou aqui há um dia e já perdi a perspectiva de vida duas vezes.

— Acho que só podemos tentar sobreviver a tudo isso. Quem sabe um dia tudo volte a ser como era antes? Em pensar que reclamei de carregar as bandejas de bebida. Pelo menos a ameaça que recebia era de demissão.

Rimos mais uma vez.

— Eu odeio tudo isso.

— Eu também. Podemos odiar na biblioteca. — Ela levanta e arruma o uniforme em tom de rosa pastel.

— Não é uma má ideia. — Também me levanto. — Obrigada por ter ficado ao meu lado. Tem horas que o desespero bate.

— Sabe o que faço quando isso acontece?

— O quê? — Eu a encaro já querendo rir.

— Me faço de doida. Finjo que tudo isso não passa de teatro e improviso alguma coisa que possa me afastar do medo.

A gargalhada vibra na minha garganta.

— Eu acabei de dizer para mim mesma, que não poderia enlouquecer.

— E como vamos sobreviver a isso de outra forma? — questiona enquanto vai para a porta por onde entrei.

Talvez ela tenha razão.

Vou fingir que nada disso é o meu fim e ver no que dá.

Subo a escada e saio no corredor do primeiro andar.

Ramona está chegando e me vê.

— Serena! Vem cá!

Meneio a cabeça.

— Eu não sei se é uma boa ideia.

Ela vem apressada, a passos largos e alcança meu pulso.

— Só queremos saber como você está. O Henrico não deveria ter aparecido lá ontem.

Eu a acompanho até seu quarto um pouco receosa. Depois da encrenca em que elas me colocaram, não sei se devo ignorar o conselho de Camilla. As meninas são inconsequentes e se safam de todas as situações pelo que percebi. Esse não é o meu caso. Se eu vacilar mais uma vez, não terá proposta que os faça me perdoar.

Chegando ao cômodo, encontro Chiara, que logo se levanta.

— O que aquele babaca fez com você?

— Ameaças mortais — resumo.

— Tá vendo? Eu disse que ele não te faria mal.

— E o que tem de bom em receber uma ameaça, Chiara? Eu nunca deveria ter acompanhado vocês. Não estamos na mesma situação. Independente do que façam, serão perdoadas, já eu, estou tentando não ser prisioneira da sua família, enquanto o meu marido planeja me matar assim que me encontrar.

— Isso é sério? — Ramona arregala os olhos.

— Sim! Foi por isso que eu disse que não poderia sair ontem. O Henrico disse que se eu quebrasse suas regras, não colheria bons frutos e a minha sorte foi que ele estava comovido com o velório e apenas reforçou as ameaças. Achei que ele ia me matar.

Como estava um pouco bêbada, fiquei menos desesperada do que o normal, mas posso dizer que tive muita sorte na noite passada.

Talvez o Henrico não seja mau por completo.

— O meu irmão não faria isso. Jamais. — Chiara se senta na cama, segura de suas afirmações.

— As pessoas podem mudar dependendo das condições que se encontram. O meu marido vem tirando a paz de todo mundo nessa cidade há tempos e agora que o pai dele o expulsou de casa, ele quer fazer muito mais com o seu negócio duvidoso, só para provar que é melhor que qualquer outro projeto. E o Henrico pode me proteger e quer matá-lo.

Elas trocam olhares, espantados.

Coitadas!

Elas vivem em um mundo de fantasia. Parece que não conhecem a dura realidade.

— A título de curiosidade. — Chiara vira para mim. — Qual é o negócio do seu marido mesmo?

— Ele criou uma droga batizada de Behavior e todo mundo que usa fica completamente dependente, a ponto de vender tudo que tem só para comprar mais dela.

Ela franze a testa e balança a cabeça em afirmação.

— Ah! Agora entendi a motivação do Henrico. Lamento pelo seu marido, mas o meu irmão não vai parar até conseguir acabar com o último resquício dessa droga.

— É o que percebi. — Encaro minhas mãos, conformada. — Mas eu não lamento pelo Cesare. Ele tem sido um monstro comigo e não se importa com o bem-estar de ninguém, além de si mesmo.

— Que babaca! Agora entendi o que você disse sobre um casamento arranjado como o seu. — Ramona faz careta.

Eu deveria ter sido mais clara quando recusei o convite delas.

— Como eu disse, ele quer me matar e, por mais cruel que isso seja, eu também o quero morto.

Já estou na chuva mesmo, não me importo em me molhar.

— Ele já te machucou? Te agrediu? — Chiara pergunta.

Assinto.

— Muitas vezes e sem motivo justificável.

— Não existe justificativa para isso — Ramona replica. — Acho que não vou me casar.

Decisão inteligente.

— Então eu, no seu lugar, também iria querer a morte dele — Chiara concorda comigo e alcança a minha mão, a segurando com delicadeza. — O que você precisa? Se pudermos ajudar.

— Eu preciso de segurança. Quando cheguei aqui, vendo esses enormes muros bem distantes um do outro, todos esses homens, achei que estava segura, mas aí o Héctor e sua recepção de boas-vindas me fizeram mudar de ideia.

— Héctor não se importa com as pessoas que não são da família ou aliados — Ramona explica. — Às vezes até mesmo com os irmãos, ele é insensível.

Quero aquele homem longe de mim.

— Eles irão procurar o Cesare e acredito que, no caminho, acabarão com o rastro que ele deixou. Só assim eu ficaria livre do meu marido, mas hoje mesmo eu me dei

conta que isso não me deixaria livre, se sua família achar que conspirei para a morte dele.

— Se você está conosco, ninguém vai deixar que outros te façam mal, Serena — Ramona assegura. — Não se preocupe com isso. Se você veio para ficar segura até que esse maluco vire saudade, então ficará.

Como gostaria de não precisar me preocupar.

— E não vamos mais te levar para nenhuma confusão — Chiara completa. — Não tínhamos más intenções. Quero dizer, más intenções contra você.

Elas não têm noção de perigo.

Elas acabam rindo e as acompanho.

— Vocês brincam muito com a sorte.

Ramona levanta se espreguiçando.

— Se a gente for seguir todas as diretrizes que esses homens inventam, vamos viver presas no quarto até o dia de ganhar um novo de ditador, os famosos maridos.

Como eu adorava a liberdade antes do Cesare. Papai nunca me prendeu. Ele dava conselhos sobre me envolver com os homens daqui, dizia que eles não eram pessoas com quem eu gostaria de ter alguma coisa. E ele estava certo.

— É isso que o Henrico quer que eu faça... Que não me meta em nenhuma confusão e...

Um desconforto inesperado surge no meu estômago, seguido de uma ânsia de vômito. Encaro o chão enquanto espero passar.

Até me perco no assunto.

Ramona apoia a mão sobre o meu ombro.

— Você está bem, Serena?

— Acho que o café da manhã, junto com a bebida que tomei ontem, não me caiu muito bem.

— Dedo na goela resolve rapidinho — Chiara sugere.

— Acho que vou fazer isso mesmo. — Levanto do pufe. — Posso ir ao seu banheiro, Ramona?

— Claro.

Eu me apresso quando a ânsia vem mais forte do que na primeira vez. Assim que fecho a porta, eu me ajoelho perto do vaso e lá se vai o meu café da manhã maravilhoso.

Eu não comi nada depois do almoço tardio de ontem, ainda bebi aquelas misturas que não estou acostumada a ingerir.

Não poderia ter receita melhor para me levar a isso.

Enquanto me recomponho, ouço a conversa do lado de fora do banheiro.

— Papai? O que o senhor faz aqui?

— Eu vim trazer essa boneca para a minha garotinha. Ramona, querida, cadê você?

— Papai! Ramona sou eu!

— Deixa de brincadeira. Onde está a minha menininha de cabelo de fogo? Mona, minha princesinha, olha a boneca que o papai mandou comprar pra você.

Então é esse problema relacionado à memória que Henrico comentou que ele tem.

É como se sua mente voltasse no tempo e anos vividos não existissem.

— Vamos fazer o seguinte — Ramona diz. — O senhor guarda a boneca e quando a sua menininha aparecer, dá para ela. Pode ser?

— Mas para onde ela foi? Hoje não é dia de aula de balé. Que dia é hoje mesmo?

A conversa se torna mais baixa e acredito que eles tenham saído do quarto.

Seco as mãos e saio do banheiro. Só encontro Chiara e ela me encara fazendo um traço com os lábios.

— Coitado do tio Alejandro. Daqui uns anos vai agir como uma criança.

— Uma pena mesmo. — Eu me sento no pufe de antes.

— Está melhor?

— Sim. Sim. Mas preciso de um café.

Sorrimos.

— O que você dizia?

— Ah... — Procuro na memória. — O pior é que agora preciso mesmo ficar presa no quarto. Com a confusão de ontem, Don Alejandro acredita que Henrico e eu somos namorados e que eu moro em outro lugar.

Ela inclina a cabeça para o lado, com uma cara engraçada.

— Quem convenceu o meu irmão a aceitar uma coisa assim?

— Digamos que ele não teve muita escolha. Então para todos os efeitos, na frente do Don somos um casal.

Ela começa a rir.

— Que loucura!

— Ele chegou quando o seu irmão estava prestes a decidir que ia me matar. Então, se eu for namorada, o Don não deixará o Henrico fazer nada comigo. E nem diga que o

seu irmão não machuca mulheres, porque ele brincou de circo comigo e não foi legal.

— Me conta isso direito.

— Vou te contar tudo. — Eu me acomodo melhor antes e começo a falar.

13



DISTÂNCIA, ROMAN

Serena Russo

Saio do quarto me benzendo depois de ouvir sobre algumas atrocidades, que o Don Alejandro fez quando todos achavam que ele era um homem completamente lúcido/tirano. Ele mandou matar um homem apenas porque o achou parecido com um traidor, e seus soldados fizeram em respeito à autoridade que ele tinha.

Será que essa mentirinha pode me colocar em problemas com ele?

Aí, em vez de me trazer uma boneca, vai me oferecer uma mortalha.

Enquanto vou para o quarto, ouço um homem falando.

— Ainda viva. Que ótimo.

Olho para trás e Roman sorri.

Ele falou comigo?

Nenhum homem tem tanta autoestima como ele.

— Não por sua causa.

Ele se aproxima sem pressa, vestido socialmente dos pés à cabeça.

— Eu disse que se você quisesse, eu poderia te ajudar...

— Não deu nem uma amostra quando o Henrico apareceu.

Ele chega mais perto e dou um passo para trás. Mais um passo e outro até que sinto a parede nas minhas costas.

Meu rosto fica de frente para o seu peitoral. Ele é muito alto em relação a mim.

— Eu te dei uma breve amostra de outra coisa. Infelizmente, não deu tempo para ir além. — Ele levanta o meu rosto pelo queixo e olho nos seus olhos.

— E quem disse que eu queria?

— O seu corpo. — Ele desliza o polegar por baixo dos meus lábios, quase os tocando. — E aposto que agora você está molhadinha.

— Você estaria falido se sobrevivesse de apostas.

Ele sorri e se curva para ficar com o rosto de frente para o meu.

— Adoro essas respostas na ponta da língua. Mulheres assim me excitam. Quer conhecer o cômodo que não irá querer sair?

Antes de responder o belo não, ele se afasta de mim.

Risca isso.

É arrastado para longe de mim.

— De novo, Roman? — Henrico pergunta com uma frieza que faz o meu estômago estremecer.

— Você virou o guarda-costas dela? — Roman se vira para ele. — Isso não é da sua conta, sabia?

— Ah, com certeza é. Distância, Roman. — Ele arruma os amassados que fez aparecer na camisa de Roman. — Se eu te pegar a assediando, teremos uma conversa mais acalorada e não gostará do fim disso.

As sobrancelhas de Roman engrossam enquanto analisa Henrico.

— Andam te dando muito poder ou você acha que tem? Também não brinque comigo, Henrico. — Roman dá tapinhas no ombro do homem e se afasta.

— Já sabe. Distância, Roman. — Henrico reforça o aviso e quando vemos Roman sumir ao descer a escada, nos encaramos.

— O que faz aqui? Não deveria estar no seu quarto? Já contribuiu para a morte do seu marido hoje, agora tente não morrer passeando pela casa.

— Eu devo me preocupar? Você sempre aparece na hora certa.

— Não conte para todas as horas comigo. — Ele revira os punhos da camisa.

Terrivelmente sexy.

Que ódio!

— Eu não conto. Estava resolvendo as coisas muito bem até você chegar.

— Ah, era? Aquilo era resolver bem? Entendi. Já está vivendo como viúva.

— Quem precisa de um Cesare duvidando da minha fidelidade se tenho um Henrico, não é mesmo? — Sigo para o meu quarto.

— Não se esqueça do problema que você arranjou aqui.

— Eu tenho uma ótima memória, infelizmente.

Como se eu fosse me envolver com o Roman.

Neandertal.

— Senhor Henrico? — uma mulher pergunta e antes de entrar no meu quarto, paro e olho para trás.

Uma mulher que deve ter quarenta e poucos anos, segurando uma maleta branca com uma cruz vermelha.

— Sim. — Henrico lhe dá atenção.

— Sou a enfermeira que vai cuidar dos seus ferimentos. Silvana.

— Ah, sim. Vamos fazer isso. — Ele entra no quarto e ela fica para trás me observando com um pequeno sorriso.

Sorrio de volta e entro no meu quarto.

Pelo menos, ele não faz o curativo sozinho. Aquele que ele fez ontem à noite ficou tão feio...

Tranco a porta e me deito na cama.

Sinto resquícios da noite passada, uma leve ressaca e meus punhos ainda estão um pouco marcados.

Ainda bem que estava bêbada o suficiente para não guardar a maldade de Henrico como um trauma.

Acho que a minha vida toda é um trauma.

Vou aproveitar que devo ficar no quarto e tirar uma soneca.

Nem lembrei de falar sobre o telefone que ele deixou aqui no quarto. Espero que ele não tenha intenção de tomá-lo, mas se tiver, cuidarei para que não se lembre que o deixou comigo.

Deitada na cama, mexo no aparelho.

Configuração de fábrica e o único contato salvo nele é o do Henrico.

Se fosse um relacionamento de verdade, ele seria um namorado tóxico apenas por essa agenda.

Não existe foto no contato, apenas as iniciais do nome e sobrenome.

— Como pode ser tão careta?

Configuro tudo até resolver abrir o meu e-mail nele.

E se todos os meus contatos aparecerem, incluindo o do Cesare.

E se ele descobrir onde estou, o que estou fazendo aqui?

Se me ligar?

Eu não quero saber o que ele me mandou, muito menos que ele me rastreie.

Vou permanecer fora do seu mapa.

“Já contribuiu para a morte do seu marido hoje.”

Ele falou como se eu só servisse para isso.

— Homenzinho grosso.

Digito uma mensagem para ele.

Serena: Já avisei às meninas sobre o que dissemos para o seu padrinho.

E aqui se vai o plano de fazê-lo esquecer que deixou esse celular comigo.

Henrico: Dissemos? Eu não lembro de ter falado nada de mais.

Serena: Sobre sermos namorados, seu estúpido. Avisei a elas sobre isso.

Henrico: Eu não contei que éramos isso para ele. Ele acha.

Serena: Que seja! Não foi você que disse que deveria falar a ele? Agora vai fingir demência?

Henrico: Está fazendo piada com a doença do meu padrinho?

Serena: É modo de dizer! Olha, é difícil falar com você, hein? Só estou avisando que estou cuidando para que o seu padrinho não tente me matar.

Henrico: Não faça mau uso desse aparelho.

Credo!

Qual será a parte do "estou fugindo do meu marido" que ele não entendeu?

Serena: Vou mandar nudes para o Roman.

Henrico: Então saiba que além dele, mais três homens verão sua indecência.

Indecência?

Tão antiquado.

Tão careta!

Três homens?

Então esse aparelho está sendo monitorado!

Serena: Então se eu contar que você chorou feito criança quando foi baleado, outros três homens verão?

Henrico: Como quer que eu confie em você, se anda espalhando mentiras sobre mim?

Serena: Quer tocar mesmo nesse assunto?

Ele não manda mais nada.

Serena: Você é um falso namorado tóxico. Só tem o seu contato neste celular.

Henrico: Para que você quer mais contatos? Apenas o meu basta, afinal, o seu trato é comigo e você não está aqui para construir uma vida social.

Serena: Quero para não ficar entediada. E convenhamos, até a sua conversa é careta e entediante.

Henrico: Por que não procura um livro para ler? Eu tenho mais o que fazer, além de ver suas mensagens fúteis.

Arrogante!

Serena: Alguma sugestão literária?

Henrico: Como convencer alguém em 90 segundos. Pelo título, acredito que deve ser útil para pessoas que desafiam a morte a cada hora, como você.

O senso de humor não existe.

Serena: Lerei. No próximo desafio veremos se aprendi alguma coisa.

Saio do aplicativo de mensagens e deixo o celular de lado.

— Ridículo. — Rio de conversa.

Será que tem esse livro na biblioteca da casa?

Infelizmente ele tem razão, preciso de boas técnicas para sobreviver aos problemas que arranjo.

14



TEREMOS UM JANTAR

Henrico Milano

Serena só precisava ficar quieta, nada de ficar arranjando problemas com a família Barone. Primeiro, ela saiu para uma festa com Ramona, depois fez a sugestão do padrinho sobre namoro parecer real, quando ela só precisava dizer que era uma amiga, ou melhor, ficar calada, e não posso deixar de mencionar às vezes em que a encontrei com o Roman, em um envolvimento mais íntimo.

“Quem precisa de um Cesare para duvidar da minha fidelidade quando se tem um Henrico?”

Como não devo duvidar diante desses flagras?

Eu nem deveria me importar com isso, mas já que o trato é protegê-la, estou fazendo isso da melhor forma.

Ela só precisa ficar quietinha no seu quarto. Apenas isso.

Depois de receber um novo curativo, saio à procura de tomar café da manhã.

Encontro o padrinho fazendo o mesmo.

— Padrinho. — Eu o cumprimento.

— Henrico. Estava pensando mesmo em você.

— Sobre o quê? — Eu me sento à mesa, perto dele.

— A sua namorada, é claro. Onde a conheceu?

Eu não quero mentir, odeio isso. Ser amiga não pode ser mentira. Amiga minha não seria, mas das meninas, sim. Elas até foram para uma festa.

— Padrinho, eu tenho que contar uma coisa... — Conto tudo o que me incomoda, porque sempre fui transparente com ele.

E no fim da conversa, me sinto mais leve.

Os seus conselhos me deixam com os pés no chão.

Ele acha que Cesare é um problema que precisa ser resolvido, mas que não devemos focar 100% nisso, pois temos outras coisas para fazer.

Ele está certo, mas difícil mesmo será eu deixar isso de lado.

— Estive pensando. Chame a moça para um jantar em família.

Queria encarar isso como um pedido, mas até mesmo as sugestões dele são ordens.

— Quando? — Não sou louco de ir contra uma ordem.

Ninguém é.

Isso será ótimo para a Serena.

— No próximo sábado à noite.

Ou seja, amanhã.

A vontade de rir é grande. Principalmente, quando ver Serena se escondendo para o padrinho não saber que ela está aqui.

— Está bem. Acho uma ótima ideia.

Difícil de trazê-la não será, pois ela já está aqui.

Assim que termino a conversa, saio para resolver alguns assuntos e acabo passando o dia inteiro fora.

Quando volto durante a noite, passo na casa da minha mãe, onde Chiara está deitada no sofá, com a cara no celular.

— Olha quem chegou... — Seu ânimo é baixo.

Ressaca...

— Valeu a pena fugir mais uma vez com a sua amiguinha para farrear?

Ela se senta e me encara, descabelada.

— Vocês têm que entender que não podemos viver presas neste lugar, Henrico!

— Vocês não vivem presas.

— Como não? Nem curtir uma balada podemos. A balada do Roman! É por isso que vamos morrer sem nenhum casamento.

— Se é isso que preocupa, podemos encontrar um bom casamento em pouco tempo para vocês.

— Ha, ha. Estou falando de viver a vida, Henrico. Não é porque você não vive, que os outros são obrigados a existir da mesma forma que você.

Calúnia.

— Eu vivo muito bem.

— Vive? Você só faz o que o tio Alejandro ou o Edoardo manda!

— Também faço o que quero.

— Sim. Apenas essas coisas. Negócios, cobranças... Nunca arranjou uma namorada. Aliás... — Ela começa a rir. — Que história é essa de namorar a Serena de mentira?

Ela contou mesmo.

— Ela não me deu escolha.

O que eu deveria esperar de alguém que quando é pressionada se torna capaz de tudo, até mesmo de matar alguém?

— E você simplesmente aceitou?

Óbvio que não!

Parece que não me conhece!

— Eu não afirmei nada para o padrinho. — Pego um copo d'água para mim.

— Mas estão fingindo namoro para ele mesmo assim.

— Isso é coisa da cabeça louca dela. Só ideias péssimas. — Tomo toda a água e me sento.

Quero vê-la enganada em suas próprias mentiras.

— Eu adorei. — Minha irmã ri de mim. — Ela nos contou sobre essa história.

Pelo menos sabe que ela mesma deve sustentar sua ideia fajuta.

— Que história? — Nossa mãe chega com um molho de cebolas.

— Henrico está namorando a Serena. De mentirinha — Chiara conta rindo.

A mãe olha para mim, encolhendo o rosto.

— Foi para o padrinho. Ele mesmo concluiu isso e ela sustentou a mentira. Só isso.

Todo mundo sabe que eu não faria isso por livre e espontânea vontade.

— Essa moça é casada, Henrico — *mamma* diz, horrorizada.

Se ela visse o que vi Serena deixando Roman fazer, não acreditaria que ela leva o casamento tão a sério. Roman estava grudado no pescoço dela e as feições da mulher eram de prazer.

Preferiria morrer a trocar de corpo com o Cesare, mas me senti no lugar dele.

Empatia de merda!

— Eu não quero nada com aquela mulher. Ela está apenas buscando proteção. Quando puder voltar para casa, deixarei e seguiremos como se ela nunca tivesse passado por nossas vidas.

— Aham — Chiara zomba.

Essa minha irmã adora uma provocação.

— Coitadinha dessa moça — *mamma* comenta. — Já sofreu nas mãos do marido, ainda chegou aqui e passou um aperto daqueles... Espero que ela consiga a paz que tanto busca.

Eu dei a receita.

— Se ela ficar quietinha e não se misturar com duas certas problemáticas, pode ser que consiga.

— Não tínhamos noção da situação dela — minha irmã explica. — Por mais que ela tenha recusado ir dezenas de vezes, achamos que não teria problema, mas agora que ela explicou tudo direitinho, não a tiraremos de casa para festas.

— É o mínimo — digo.

— Daremos as festas em casa.

Desisto da minha irmã.

Nossa mãe olha para mim, desaprovando a ideia.

— Essa menina não tem jeito.

— O que acha de trancarmos ela no porão, mãe?

— Mas nem pensar! — Chiara retruca. — Eu vou gritar a noite inteira.

— Pendurar no teto do porão com a boca tapada, mãe. Ótima ideia, não é?

Nossa mãe meneia a cabeça.

— Mãe! — Chiara protesta. — Não está considerando as bizarrices do seu filho, está?

— Você não pode fazer isso com a sua irmã, Rico — nossa mãe diz, segurando a risada.

— Posso pedir ao Héctor para fazer.

— Que palhaçada! — Chiara cai na conversa. — Além de virar uma tiazona, ainda serei uma tiazona traumatizada.

— Vou arranjar um casamento para você, irmã. Um bom casamento tradicional. Isso, é claro, se ainda existir honra em você.

— Prefiro morrer solteira a ter que estender um lençol manchado de sangue na varanda da casa, para dizer que me casei virgem.

— Quem estende é o homem — corrijo.

— A verdade é que os dois já deveriam ter se casado. — Nossa mãe entra no assunto enquanto lava as cebolas. — Chiara, veja se aproveite a bolha em que estamos inseridos e arranje um bom casamento. E você, Henrico, depois que acabar essa história com a moça, faça o mesmo.

Mal sabe ela que não quero me casar.

Mesmo vendo o casamento bem-sucedido do padrinho, não acredito nessas coisas. Isso dava certo há quarenta, trinta anos atrás, hoje em dia não. São apenas negócios e não preciso me casar por negócios, já os meus amigos sim.

“Planejava casar Henrico com a outra moça Russo...”

Se ele me falasse isso, seria a primeira vez que diria não para o meu padrinho.

Jamais me casaria com o fruto do mesmo pé que deu o Cesare. Tão bem-educado que está destruindo a vida de um monte de gente inocente.

Se for para me casar a negócios, que seja por um negócio que realmente vale a pena. Do contrário, não me importo de ser o próximo tiozão.

Imagina ter um péssimo casamento e uma mulher querendo me matar e se jogando nos braços de outro como Serena anda fazendo?

Claro que o Cesare tem todos os pré-requisitos para merecer essas coisas, mas existem mulheres que são capazes de fazer o mesmo por menos.

— Aproveitando o assunto, o padrinho quer que eu “traga” essa suposta namorada para jantar no sábado à noite.

Chiara ri e também vejo uma risadinha da nossa mãe, que tenta esconder nos dando as costas.

Que vergonha!

— Também vai apresentar sua primeira namorada para a nossa mãe, Henrico?

— Infelizmente, teremos que fazer isso. Mãe, lembre-se que é uma atuação.

— De qualquer maneira, toda vez que vejo aquela moça fico feliz. Ela salvou a sua vida, Henrico — ela diz com um sorriso cheio de dentes.

Coitada!

Caiu no carisma daquela teimosa.

— Ela deve despertar isso apenas na senhora.

— Ah, Henrico... — Chiara se debruça no sofá e me encara. — Desse jeito vai acabar se apaixonando por ela. Já pensou? Aí terá mesmo que matar o marido dela para viver esse amor proibido.

Fala demais.

— Meu Deus, cuida da alma desse filho — *mamma* pede se benzendo. — Henrico, tente não carregar esses pecados.

Pelo menos esse eu quero carregar.

15



VOU CONTAR A VERDADE

Serena Russo

Um jantar é o que temos para esta noite.

Henrico não me perguntou mais nada sobre o Cesare, acredito que ele não achou as minhas informações muito úteis, mas o trato foi me deixar segura e não sei tudo que o Cesare planejava.

Tem horas que quero acreditar que ele está fazendo isso por mim, por estar agradecido pelo que fiz na noite do tiroteio.

Mas é o Henrico, que é muito calculista e zero sentimental.

Vamos ver se essa noite ele irá fingir que gosta de mim, para o seu padrinho ou irá me desmascarar só para ter liberdade para me torturar.

Ramona e Chiara estão me ajudando a me arrumar. Roupas emprestadas mais uma vez.

— Meu irmão gosta de roupa preta. Usa aquele vestido ali. — Chiara aponta para uma roupa desta cor.

Ela não está pensando que estou me arrumando para o Henrico, certo?

— Qual é a cor que ele não gosta para eu usar?

Ramona ri.

— Acho que um vestido florido vai dar um ar romântico. Como esse aqui. — Ela segura um vestido rosa, com gola redonda e saia franzida em frente ao corpo.

— Esse vestido é seu mesmo?

Não faz o estilo dela.

— Foi o papai que me deu alguns meses atrás, quando achou que eu ainda tinha 15 anos. Pode usar, ele não vai se lembrar.

Coitadinho...

Pego o vestido e me troco.

— Já aviso de antemão que a minha mãe ficou horrorizada com esse namoro falso e também feliz.

— A sua mãe já sabe? Que vergonha. — Passo a roupa pela cabeça.

Essa mentira está se tornando uma humilhação.

— Henrico teve que avisar. Ela acha que vocês podem estar juntos mesmo.

— Nunca. Jamais!

Henrico e eu?

Nunca.

Uma coisa dessa nem passa pela minha cabeça.

Se não fosse impossível, eu nem teria inventado de fingir esse namoro.

A mãe dele se enganou bonito.

— De qualquer forma, você é a primeira namorada dele. Minha primeira cunhada.

Sinto a empolgação em sua voz.

Primeira namorada?

Isso é muito a cara dele.

Elas já estão prontas, usando vestidos com designers bem bonitos e saltos.

Ramona passa a maquiagem em mim e deixo tudo por sua escolha, mas na hora do batom prefiro escolher um rosado, bem próximo ao tom da minha boca. Calço uma sandália cintilante com um pequeno salto e ainda ganho uma bolsa.

— Como você vai estar longe de casa... — Ramona entrega a bolsa pequena da Gucci na minha mão.

Como se eu tivesse alguma coisa para guardar dentro dela.

Tenho apenas o celular que Henrico deixou comigo.

— Tudo isso para enrolar apenas uma pessoa... — analiso.

A que ponto cheguei para sobreviver?

— Se você acha que isso pode ajudar na sua vida, vá em frente — a filha dele aconselha.

Saímos do quarto e vamos pela escada da biblioteca.

— Faz anos que não entro aqui — Ramona comenta.

É de família mesmo, ninguém tem hábito de ler.

— Onde o Henrico está? — Chiara pergunta.

— Você não viu o seu irmão esta noite? — A dor atravessou a minha barriga.

E se aquele troglodita fugiu?

— Não. Ele não foi para casa. Deveria estar resolvendo alguma coisa importante fora daqui.

Pego o celular de dentro da bolsa e digito uma mensagem para Henrico.

Serena: Onde você está?

Quando saímos da biblioteca, tomamos mais cuidado até chegarmos à saída.

Não dá tempo de Ramona abrir a porta, alguém do lado de fora faz isso e logo vemos Roman parado na nossa frente.

Seus olhos sobem e descem à minha frente.

— Onde é a festa?

— Aqui — Ramona fala baixinho e abre a porta o suficiente para outra pessoa passar. — Vai, Serena. Nos vemos daqui a pouco.

Saio e vejo Henrico na calçada, olhando para o nada, de braços cruzados e com a bunda apertada numa calça social.

Ele só me nota quando piso mais forte e suas sobrancelhas se levantam.

— Surpreso? Não deveria. — Paro perto dele.

— Pelo menos se vestiu de um jeito decente. — Ele sai da pose para colocar as mãos nos bolsos da calça.

— Mas o que está acontecendo aqui? — Roman pergunta.

— Você saberá em minutos — Henrico diz olhando o relógio.

— Vamos, Ron. — Ramona o puxa para dentro da casa e junto com Chiara acenam para nós, depois fecham a porta.

Vergonha...

Vergonha.

— Como chegamos a isso?

— Você quer que eu diga? É uma longa história para ter acontecido em um curto período de tempo.

Debochado!

— Não precisa. Não aguento mais ouvir seus sermões. — Continuo olhando para a porta.

— Não será por muito tempo.

Desta vez, eu o encaro com uma pontada de esperança.

— Já encontrou o Cesare?

Diga que sim, por favor!

— Ainda não, mas não vai demorar para acontecer. Os vendedores já foram.

Eles são rápidos!

Será que deixaram vivos?

— E as pessoas que estão viciadas? O que estão fazendo com elas?

Sinto muita pena delas, pois são vítimas.

— Nada. Já fizemos muito acabando com o fornecimento das drogas.

— Essas pessoas precisam de terapia!

— Quem viciou que pague. — Ele acaricia a barba bem-feita, perfeitamente desenhada.

— Que cruel, Henrico!

Ele pede para ser enxergado como alguém desprezível.

— Olha só que bela iniciativa para a futura viúva. Abra um instituto de reabilitação aos prejudicados pelo seu querido marido.

— Se eu ficar viva para isso... — Volto a olhar a porta.

Eu ajudaria mesmo se pudesse.

— Qual foi o trato?

Às vezes acho que ele esqueceu mesmo.

— Você mesmo desfaz o trato sempre que me ameaça — digo ressentida.

— Você pede pelas ameaças.

— Foi apenas um deslize!

— Não para mim. Quando combino uma coisa com alguém, espero que, no mínimo, ela cumpra o prometido.

— Não fugi, não entrei em contato com o Cesare e muito menos peguei em alguma arma.

— Sobre falar com o seu marido, estive pensando... Talvez seja bom. Ele pode te passar a localização correta. Podemos até mesmo rastrear de onde vem a ligação.

— Eu não quero falar com ele. — Meu corpo fica tenso só de pensar em ouvir a voz de Cesare. — Sei que é uma ideia óbvia e me admiro por você não ter visto essa vantagem antes, mas agora já estão procurando, certo?

— Eu não sabia se podia confiar em você falando com ele. Mas já que você está empenhada em ajudar... Não quer ir embora logo?

Que pergunta tola!

— Quero.

— Então vamos pensar em uma forma de falar com ele.

— Se você não tivesse quebrado o meu celular...

— Se não fosse ele, não sei o que poderia ter feito.

As palavras do Cesare apavoram até mesmo quem não tem muitos sentimentos.

O assunto termina e apenas esperamos o melhor momento para fingir que chegamos.

Ele só olha no relógio, mas não decide entrar.

Minutos depois o silêncio já começa a ficar constrangedor.

Agora entendo por que ele nunca arranjou uma namorada, não sabe puxar assunto.

— Então sou a sua primeira namorada falsa, é? — Mordo a bochecha para não rir e parecer que estou zombando disso.

— Que diferença faz?

— Muita!

— Nomeie.

E ele sempre consegue parecer entediado com tudo.

— Hã... Me deixa ver... Terá que apresentar a todos da sua família, andar de mãos dadas... E tem as coisas que devem ser muito difíceis para você, como ser carinhoso e

beijar. Você já beijou alguém na vida? Não ouse tocar na minha boca.

Apenas seus olhos viram para mim e ele não está nem um pouco mexido com o que falei.

— Você sempre fala tanto?

— Às vezes.

— Uma lástima eu sempre estar presente nessas vezes. — Ele olha para o jardim.

— Não mude de assunto. Preciso saber o mínimo sobre você, sem ser a parte do mafioso.

Os cantos dos lábios dele se alargam, mas é uma coisa muito rápida.

— Você duvida mesmo disso?

— Que você nunca beijou? Sim. Com certeza. Mas parece que estou errada. Ok. Como você conseguiu convencer a mulher?

Deve tê-la ameaçado.

— "A mulher"? Convencer? — Ele ri de novo, uma risada bem singela e infelizmente muito charmosa. — Acho que vai preferir continuar não sabendo muito sobre mim.

— Por quê?

— Pode te assustar. Afinal, tenho certeza que você não teve vida fora do seu maridinho nojento.

Nem sabe brincar!

Acertou em cheio.

— Quando vamos entrar? — pergunto na tentativa de mudar o assunto da conversa.

— Agora. Vamos.

16



UMA FAMÍLIA NORMAL

Serena Russo

Quem atende a porta é a Caterina e antes de entrar, Henrico segura a minha mão.

Olho para isso com uma sensação estranha.

Estou de mãos dadas com outro homem, só faço uma cagada atrás da outra.

Eu nunca mais vou beber na vida.

Nunca mais!

Sóbria eu já cometo erros, bêbada cometo erros piores.

Acontece que não penso muito bem quando estou desesperada. Às vezes o meu corpo se descontrola e perco a razão.

Foi isso que aconteceu.

Agora parece que estou traindo o meu marido, mas nunca fiz isso.

A mão de Henrico é enorme em relação à minha e enquanto estou gelada, ele está quente. Nem um pouco nervoso com essa história, já eu, mal consigo manter a postura ao seu lado.

Andamos pela casa até chegar à sala principal.

Todos estão aqui, até mesmo o consigliere.

Queria aproveitar o tamanho de Henrico e me esconder atrás dele, mas sei que não posso.

O Don levanta do sofá e sua esposa fica ao seu lado. Ele nos encara e sorri.

— Boa noite — digo assim que me lembro que para todos os efeitos não vi ninguém aqui nesta noite.

— Boa noite. Seja bem-vinda! — Don Alejandro vem me cumprimentar.

— Mas que progresso foi esse, hein? — Roman pergunta.

— Provas de que não é apenas Héctor Barone, que toma decisões duvidosas. — Héctor fala sobre si mesmo.

— Dois encalhados falando de quem desencalhou — Ramona retruca.

Todos estão assistindo ao espetáculo fajuto.

Aposto que as gargalhadas serão ótimas quando Henrico corrigir a burrada que cometi.

— Você já conhece a nossa família, certo? — Don Alejandro pergunta.

— Sim. Já tive a sorte de conhecê-los.

— Ótimo, então. Vamos nos sentar e jantar. Já conhece a minha esposa também?

— Sim — digo rindo.

Na sala de jantar, a enorme mesa é ocupada pelos presentes. Henrico tem a inesperada atitude de puxar a cadeira para mim e me sento.

— Obrigada — digo admirada.

Essa é a parte que ele finge?

Pelo menos, faz o básico.

— Vamos nos servindo, não é, família? — Alejandro fala bem-humorado e sorrio. — Aliás, Serena, pode me chamar de tio.

Já estou ficando com a consciência pesada por mentir para ele, que parece ser uma pessoa legal de verdade.

— Então, como estão as coisas depois de se livrar daquele demônio?

Boa pergunta.

— Ainda estou me acostumando com a ideia.

Espera!

De que demônio ele está falando?

Será que sabe do Cesare?

— Uma sorte ter encontrado o Henrico. Aliás, obrigado por ter cuidado do meu afilhado.

Ele definitivamente sabe da verdade.

— Eu... — Olho para ele e depois para Henrico.

Todos à mesa estão atentos a essa conversa e acho que fui pega na mentira. Não é hora de baixar a cabeça, só de ter vergonha mesmo.

— Eu não poderia deixá-lo. — Completo a frase.

— Certamente. Foi uma atitude honrosa para alguém que estava como vítima.

— Acho que no fundo sabia que poderíamos chegar a um acordo. — Olho de esguelha para o homem sentado ao meu lado.

Eu só não acerto uma cotovelada no Henrico porque vai acertar o ferimento.

Quem contou para ele?

Deve ter sido o Héctor.

Ele está mastigando com um sorriso irritante nos lábios.

Começo a comer e quando o assunto na mesa muda de foco e me sinto à vontade para tirar logo a limpo essa história com Henrico. Eu me curvo para perto dele.

— Foi você quem contou toda a verdade ao Don?

Ele confirma com um som.

— E, por que não me disse? Me fez passar por todo esse perrengue, e andar de mãos dadas com você! — Controlo o volume da voz, mas quero gritar com ele.

— Pra você lidar com as consequências dos seus impulsos.

— Que impulsos? Só estava tentando me proteger.

— E não precisava se proteger mentindo. Odeio mentiras.

Como se eu já não soubesse disso.

— Uma lição... — resmungo.

Tenho que focar em outra coisa, pois agora estou tão puta que posso ficar a noite inteira de cara feia, brava com esse babaca.

Ele me fez aguentar uma hora e meia no quarto das meninas, que me embonecaram com esse vestido chique e esse salto.

Estou linda, mas me sinto uma palhaça depois de descobrir que não precisava de nada disso.

Será que as meninas sabiam?

Ainda saímos escondidas, pela biblioteca!

Fiquei lá fora esperando com ele, conversamos e Henrico nem sequer falou sobre isso.

Ele queria que eu pagasse esse mico.

Andei de mãos dadas com ele.

Que ódio desse homem!

Esse é o tipo de humor dele?

Deve ser.

Eu não achei graça.

O Don pigarreia.

— Héctor, em conversa com Edoardo, chegamos à conclusão de que já passou da hora de você se casar.

Héctor ri.

— Chegaram, hein?

— Chegamos e você irá.

E a convidada aqui, assiste tudo de camarote.

O Don sabe que estou ficando na casa dele, inclusive já me encara como hóspede.

— Vocês estão me confundindo com o Damon.

— Ei, ei! — Damon abre a boca pela primeira vez na noite. — Ao contrário de você, estou disposto a fazer tudo pela família. E o que importa com quem vou me casar, se o amor da minha vida nunca me deu uma chance. — Ele coloca uma azeitona na boca enquanto encara Chiara.

Temos um amor improvável aqui ou é apenas implicância?

Ela olha torto para ele.

Deve ser a brincadeira deles.

— Sem piadas, Damon — o pai pede. — Héctor, acho que não esclareci as condições para você me suceder, certo?

Mirabela apoia a mão sobre a do marido.

— Tem certeza que precisamos discutir esse assunto na mesa de jantar? Ainda mais com visitas?

— Não temos visitas. Henrico me contou tudo. A garota é hóspede. E sim, vamos falar sobre isso em família, pois parece que esses filhos só servem para dar dor de cabeça e nenhum neto.

Eita.

Depois de ouvir isso eu me sinto até indesejada.

“A garota é hóspede.”

Pelo menos não se refere a mim, como esposa do Cesare.

— O coroa perdeu a paciência... — Roman zomba baixinho.

— Todos vocês já deveriam ter se casado. Isso inclui Henrico.

O que estava comendo quieto se espanta.

Desta vez, o noivado entre ele e a garota Russo, que o Don planejava antes de mim, acontecerá.

— Héctor, só tomará o meu lugar quando se casar. E eu espero que isso não aconteça quando eu estiver no leito de morte.

— Não fale em morte, papai! — Ramona replica com uma careta.

— Ramona não se casará com qualquer um. Isso já está decidido. Algum primogênito de família importante, no mínimo. Roman, o que aconteceu com a moça Van Doren?

— Oi? — Ele parece estar distraído.

— Você não foi ajudar a menina. Achei que ao menos voltaria noivo dela.

— Fui fazer um favor em nome da família, nada mais que isso. Além do mais, ela nem quer ver a minha cara. É gostosa, mas é *testarda come un asino*[12] — Ele come a salada, chateado.

Olha só, uma mulher que o desequilibrou.

Essa deve ser realmente teimosa.

— E você, Damon? — O pai o encara.

— Eu?

— Já foi cortejar a moça Russo?

— Pra quê? Só preciso vê-la no dia do casamento mesmo.

Quanto ânimo!

— E que casamento é esse que você não se aproxima da futura esposa?

— Atualmente, estou próximo de outras mulheres, pai. — Ele tem um sorriso safado.

Chiara balança a cabeça e fala algo baixinho que consigo ler nos seus lábios.

“Deveria se afastar.”

— Pois se afaste das mulheres erradas e se aproxime da certa — Alejandro orienta.

O homem está sem paciência com os filhos.

Essa pressão sobre eles é preocupante, mas vendo de fora e ouvindo as respostas dos rapazes é engraçado.

Os olhos severos do Don encontram Henrico.

— E você? Já que não está com essa moça, vamos ver uma noiva.

— Padrinho, não vou me casar com ninguém da família Russo. Com todo respeito, Damon.

Com todo respeito deveria ser a mim!

Mas entendo que não tem como respeitar quando você vê a minha situação e só acha que os Russos são como o Cesare.

— Então vamos encontrar outra moça. — O padrinho não o contraria.

— Quer dizer que o Henrico tem escolha? — Héctor reclama. — E eu tenho que me casar a paus e pedras.

— A conversa ainda não voltou para você. Como se chama aquela sua amiga, Bela? — Ele olha para a esposa.

— Giorgia Lucchesi?

— Sim. Ela tem muitas filhas moças, não tem?

— Tem. Aliás, uma delas acaba de retornar da faculdade. É médica. Olha só! Giorgia está puro orgulho.

— Ótima pretendente, Héctor — o pai avisa. — Acho que uma visita aos Lucchesi para parabenizar pela volta da filha médica é uma ótima iniciativa.

— Estados Unidos? Dispenso. — Héctor olha na direção contrária ao pai.

— Não disse que você tinha escolha. Você vai.

— Pai — Roman chama. — Ameaça ele. Se ele não se casar com a Lucchesi, o forçará a se casar com a viúva de Cesare Russo.

Olho para Héctor quando meu cérebro processa que essa viúva será eu e que ele sugere que me case com esse psicopata no futuro.

A gargalhada rasga na garganta.

A piada é péssima, mas seria algo tão bizarro que me faz rir.

Eu nunca deixaria isso acontecer comigo.

Esposa de Héctor.

Deus me livre!

A maior parte família me encara séria, digo que até mesmo eles parecem assustados, principalmente, o chefe da família.

Aos poucos a minha risada morre.

Apenas Chiara, Romana, Henrico e Roman não me olham estranho. Esse último até ri da própria piada.

Será que eles levaram a sério a sugestão do casamento?

Não podem.

Foi algo solto do nada, assim como a minha risada foi espontânea.

Eu jamais aceitaria uma tortura dessa.

Entre Cesare e Héctor, crio a opção morte e dispenso os dois.

Que caras são essas?

— Qual é o seu sobrenome mesmo?

— Mancini.

Ele repete o sobrenome.

— Vamos voltar a comer, não é? — Mirabela sorri e a história dos casamentos morre de vez.

Só não morre a estranheza que ficou depois da situação. Volta e meia tem alguém me observando.

O Don mal tira os olhos de mim, durante o resto do jantar.

Eu fiz alguma coisa errada e espero que no fim da noite Henrico me diga o que foi e que não tenha consequência.

Enquanto saboreamos o manjar de sobremesa, um novo assunto surge.

— Como vai a boate, Roman?

— Bem, pai.

Ter uma boate combina muito bem com ele.

— Você ainda oferece aquelas coisas?

Drogas?

— É o que mais dá dinheiro, então é claro que sim.

— Sabia que a sua princesa ruiva esteve fugindo durante nossa ida para o velório? — Héctor conta ao pai e Ramona soca a mesa.

— Por que você sempre fala de mim, como se quisesse me prejudicar?

— Você mesma se prejudica, Mona.

— Foda-se! Eu mal vejo a hora de me casar e não ter mais vocês por perto. E outra, eu vou arranjar alguém que vocês tenham tanto medo que sequer vão visitar a nossa casa.

Ela está revoltadíssima.

— E mais — ela fala com a taça de vinho levantada. — Papai, eu não encontrei ninguém porque esses quatro cavaleiros do apocalipse atrapalham a minha vida.

— Atrapalho? — Roman indaga. — Mas fui eu quem te deu carona para a festa!

— Roman, você deu carona para ela fazer isso? — o pai questiona.

Adorando isso!

Fofoca boa é fofoca ao vivo.

— Que diferença faz? Você não deixa nenhum homem dançar comigo — Ramona replica. — Se some com alguma mulher, quem faz a função é o Damon. Héctor já estraga a minha vida desde o momento que acorda, junto ao seu pitbull adestrado. — Ela aponta a faca na direção de Henrico.

Que caos!

Agora sim, eles parecem uma família normal.

CAPÍTULO 17



O QUE QUEREM SABER SOBRE ELA?

Henrico Milano

E no fim da noite sobrou até para mim, o pitbull adestrado do Héctor.

Ramona conseguiu se superar no insulto.

Mirabela sugeriu que fugíssemos da confusão e Serena concordou de imediato.

Deixamos os irmãos brigando na mesa e nos sentamos na sala. Serena no mesmo sofá que a madrinha e eu na poltrona, verificando minhas mensagens.

Sim, contei ao padrinho e não falei para ela que tinha contado.

Eu não gosto de mentiras e ela tem que aprender isso.

Achou que se safaria de alguma coisa, inventando uma palhaçada dessa. Eu não tenho namorada e mesmo

com esse discurso do padrinho sobre casamento, pretendo fugir o quanto puder.

Minha vida já tem preocupações demais. Tem a minha mãe, a minha irmã, a família do meu padrinho e agora essa benção que se for colocar na balança, devo minha vida a ela assim como devo à família Barone.

Se fosse namorada, noiva ou esposa, a preocupação seria em dobro, eu não duvido.

E confesso que vê-la descobrindo por si só, que o meu padrinho já sabia de toda a sua vida e trajetória até aqui me divertiu. Vi o nervosismo dando espaço ao constrangimento. Aposto que ela queria que surgisse um buraco abaixo de seus pés que a engolisse e também aposto que ela nunca mais inventará nada quando estiver desesperada.

Não sou de ficar dando lições, mas essa eu precisava dar.

E agora não tem mais desentendimento, posso seguir a minha vida sem essa preocupação.

Ter a confiança do meu padrinho é algo muito importante para mim, mesmo que essa mentira tenha sido algo pequeno e simplório, preferi não deixar se tornar maior.

Deixo a mulheres conversando e quando entro no quarto não saio mais na mesma noite.

A verdade é que o ferimento está me incomodando.

Faz poucos dias e nos primeiros não fiquei quieto, prejudicando a minha recuperação.

Quando fico quieto a dor ganha maior proporção, mas não posso ir contra o repouso se é dele que preciso.

Acordo como alguém que foi pisoteado, levantar para ir ao banheiro é uma tarefa incômoda e a faço por não ter

outra escolha. Sentar, levantar, até mesmo escovar os dentes fazem a ferida doer.

Eu queria matar quem fez isso comigo, mas a Serena já se adiantou.

Agora quero matar quem mandou ele fazer isso comigo.

Em todos esses anos trabalhando com pessoas de índole duvidosa, nunca fui ferido. Essa foi a primeira vez e está sendo uma experiência lamentável.

Quando saio do banheiro, alguém bate à porta.

— Quem é?

— Silvana.

A enfermeira.

— Entre.

Eu me sento na cama e deixo que ela faça o seu trabalho.

Às vezes dá vontade de pedir que apenas deixe quieto, que não mexa no que já não está bom, contudo, estou ciente da necessidade de trocar os curativos.

— Está melhor?

— Um pouco.

Um pouco para mim, não é nada.

Assim que ela termina e vai embora, troco de roupas e procuro saber as novidades do dia.

Sempre encontro o padrinho no escritório. Desta vez, parece que já começaram as reuniões sem mim.

Ouço do lado de fora da porta.

— Serena Mancini. É esposa de Cesare Russo, mas estou pouco me fodendo para esse cara. Quero saber dela. Da vida dela, quem é a mãe, os avós, de onde ela veio — padrinho ordena.

— Ok. Irei falar com os hackers e também mandarei pesquisar de outras maneiras. — Edoardo está presente na conversa.

O que o padrinho quer com a vida de Serena?

O problema não é com quem ela se casou, ou será que tem a ver com aquela reação durante o jantar?

Eu não entendi direito. O Roman fez a sugestão mais idiota que poderia sair daquela boca suja de cabeça de vento e a Serena riu.

Até eu ri internamente.

Héctor e Serena não seriam um possível casal nem aqui, nem na China ou no Brasil.

Mas a reação da maioria das pessoas à mesa foi de espanto.

Meus padrinhos, Edoardo, Damon e Héctor pareciam ter visto um fantasma.

Acabei de acordar e ainda não vi Héctor ou Damon para perguntar.

Que a situação foi muito estranha, ela foi e sei que Serena sentiu o mesmo, pois seu sorriso espontâneo, desgraçadamente bonito, morreu diante dos Barones.

A porta abre e me pega no meio dos pensamentos, por isso me assusto.

— Bom dia, Henrico — Edoardo diz.

— Bom dia. — Entro quando ele sai e troco um aperto de mãos com o padrinho. — Padrinho.

— Como anda a ferida?

— Acho que já deveria ter curado, no entanto não está.

Ele ri.

— Quando levei um tiro na perna, calibre 38 eu lembro bem, resmunguei por semanas e nada de curar. Então a sua madrinha cuspiu a verdade na minha cara. “Como você quer sarar se vive bebendo whisky, Alejandro?!”.

Posso imaginar a cena e isso me faz querer rir.

A madrinha é a mulher mais gentil da família Barone e fica fácil afirmar isso quando se convive com a Ramona, mas quando ela fica brava, é mais feroz que qualquer homem desta família.

— O senhor parou?

— Eu deveria estar sob o efeito do whisky ou dos remédios, porque ainda perguntei: “e se trocar o whisky pelo vinho?”. Naquele dia eu quase apanhei.

Rimos.

Acho que as minhas risadas só saem na presença dele.

Eu o admiro como um pai. O pai que eu nunca tive.

— Se prepare para passar por isso quando se casar.

Ele ainda pensa sobre isso?

— Vamos deixar esse assunto morrer, certo? — Tento combinar, mas ele só ri da ideia.

— A moça? Onde está?

— Deve estar dormindo. Aliás, padrinho, quando cheguei ouvi seu pedido a Edoardo, para saber mais sobre

ela. Existe alguma coisa com que se preocupa?

— Não. Eu só tive uma impressão e quero saber mais. Você sabe, sempre que alguém se aproxima de nós, reviramos a vida dela. Ainda mais alguém que está aqui como hóspede e é esposa daquele imbecil.

— Sim.

A ideia faz sentido.

Geralmente, investigamos as pessoas que nos rodeiam.

— Vamos falar sobre o que eu tenho para você nos próximos dias. — Ele muda o assunto.



É, o repouso vai ter que esperar.

Procuro Serena antes de sair e a encontro mexendo nas plantas ao lado de quem eu chamo ser a prisioneira de Héctor.

Ela parece gostar de fazer isso, pois foi assim que a encontrei aquela noite. Está risonha, toda cuidadosa mexendo nas plantas com uma pequena pá. E agora se veste como a prisioneira, com vestidos floridos que caem sobre os ombros.

Entre esses e os que ela já usou, que claramente eram da Ramona, eu prefiro esses. Dá um ar adorável e de doçura a ela.

Por mais que eu queira ignorar o fato dela ser muito bonita e atraente, tem momentos que é inevitável admitir.

Tão delicada...

E eu posso ver sua bondade, mesmo constantemente a alertando sobre as consequências que suas atitudes podem resultar.

Se, em uma realidade distópica, quisessem fazer o casamento dela com o Héctor, eu mesmo impediria.

Ela toma um susto quando me vê parado na porta.

Não era a minha intenção chegar sem me anunciar, mas acabei me perdendo ao observá-la concentrada.

Balanço a cabeça e ela me acompanha para fora da estufa.

— Aconteceu alguma coisa?

Eu me viro para ela e meus olhos vão direto para o decote do vestido.

Ok. Talvez, ele se iguale aos outros, afinal o de ontem tornava impossível fazer alguém ignorar o belo corpo dela.

Foco, Henrico!

Foco!

Encaro o seu rosto, que nem sempre ajuda. Essa boca carnuda e os olhos azuis que lembram as águas do Caribe, atraem minha atenção.

— Estou de saída.

— E? — Ela ergue a sobrancelha tirando as luvas.

Aqui está a criatura desafiadora, que me faz colocar os pés no chão.

— E, que você deve se comportar.

— Quem te aguenta, Henrico? Estava mexendo nas plantinhas. Se você fosse e voltasse eu não perceberia.

— Não, é? — Ergo a sobrancelha.

— Não.

Ousada!

— Pois deveria, já que estou te protegendo.

— A única pessoa que me oferece perigo aqui é Héctor e você mesmo.

— É por isso que preciso rodar a casa inteira para te encontrar?

Parece que ela anda se escondendo de mim.

— Talvez... Você me mandou ficar presa no quarto, não lembra?

Adora me desafiar.

Incrível!

— E como sempre, você não cumpre as minhas ordens. — Olho para a estufa.

— São as minhas lições. Nem tudo está sempre sob o seu controle.

Não foi ela quem prometeu me obedecer?

— Se não estiver, eu deixo, portanto, se comporte até eu chegar. — Viro para voltar para casa quando ela segura o meu braço com sua mão fria.

— Espera. Você está pedindo isso por causa do que aconteceu ontem?

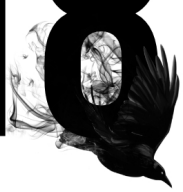
— O que aconteceu? — Eu a encaro por cima do ombro e ela me solta.

— Você viu a cara que eles me olharam quando eu ri da história do casamento com o Héctor? Aquilo foi tão esquisito. Você sabe o motivo?

Eu sabia que ela tinha reparado.

— Não sei, mas não acho que você deve se preocupar. Já esclarecemos a sua história do namoro e você não está escondendo nada de ninguém, certo? Ou está?

18



O CARTÃO

Serena Russo

Não estou escondendo nada além da minha família, que não deve ter importância nenhuma para essa gente, pois não está envolvida com nada de errado.

Volto para a estufa e Caterina olha para mim, com um pequeno sorriso.

— Ele se preocupa muito com você, não é?

Um anjo iludido.

— Não acho, mas ele deveria, porque esse é o nosso acordo. — Coloco as luvas de volta nas mãos.

— Como não? Ele até te dá satisfações sobre o que anda fazendo.

— Ele não confia em mim. — Mexo nas plantinhas de antes.

— Eu acho que sim. E digo mais. Eu acho até que ele gosta de você.

Eu deveria rir disso assim como ri quando ouvi a conversa sobre Héctor e eu, mas no lugar disso sinto apenas o rosto queimando e um enorme constrangimento.

— Não. Impressão sua. — Meu estômago estremece com a ideia, me causando uma sensação ruim.

Não faz sentido.

— Você salvou a vida dele, agora ele cuida de você com a própria vida. Depois, quando você se divorciar, ele estará na saída do cartório, te esperando com um anel de noivado.

Desta vez, eu rio muito.

— Que ideia boba! Você é muito sonhadora.

— Sonhar não custa nada.

— Custa se você deveria estar trabalhando — um homem diz e olhamos para a porta.

Héctor.

Tinha que ser o estraga prazeres, vestido em terno de grife e banhado a ódio.

— O que quer? — pergunto incomodada.

Ele encolhe as sobrancelhas, como se estranhasse a minha pergunta ou apenas a minha coragem em perguntar.

— Henrico não é autoridade acima de mim, sabia?

— E?

— E que posso muito bem calar essa sua boca da forma que eu bem quiser.

Como sempre, ele não esconde o babaca que é.

— O meu trato não é com você.

— Posso lidar com as consequências do seu castigo entre Henrico e eu.

Ele não faria uma maldade assim.

— Então é por isso? — Caterina pergunta, parecendo um pouco assustada.

— O quê? — O tom de Héctor se torna mais ríspido para ela.

— Que não se casam com mulheres?

Ele inclina a cabeça e franze o cenho.

— Ficou louca?

— Eu só estou perguntando. Não é por mal.

Ele dá um passo na direção dela e agarra a sua mandíbula, a encarando de perto.

— Você tem tanta sorte. Não deveria brincar com isso. Já te dei muitos dias de vida a mais, certo? Quer pôr logo um fim nisso? Eu adoraria.

— Mas que conversa é essa, Héctor? — Eu o empurro. — Solte-a.

— Eu não falei por mal. Eu só entendi errado — Caterina se explica, assustada.

Héctor consegue conter os meus braços com uma mão só e continua focado nela.

— Você sempre entende errado, hein?

Piso no pé dele, mas o sapato deve servir para tudo pelo preço que ele pagou.

— Solta ela, seu maníaco!

— Héctor! — Damon chama.

Eu ainda não sei qual é a dele, parece ser do tipo do Henrico, mas se nos livrar do seu irmão maluco, decido passar a gostar dele.

— O que é? — Héctor pergunta, arrogante.

— Largue a menina. Cazzo!

— Não é assunto seu.

— É por isso que fico irritado com você. Sempre me forçando a entrar em assuntos que não são meus. Os 30 anos não amadureceram o seu cérebro? — Ele tira a mão do irmão de mim e depois o afasta de Caterina.

— Isso é você quem diz. Na minha ótica, você é um enxerido.

Estou do lado do Damon, mas ele é enxerido mesmo. Um enxerido que se mete na hora certa.

— Errado. Na minha perspectiva você precisa de uma camisa de força ou um pau pra acabar com essa raiva.

O olhar de Caterina fica alarmado mais uma vez e rezo para que ela não abra a boca para contestar sua ideia, depois de ouvir isso.

— Foda-se! — Ele sai da estufa.

— O seu irmão é metade gente e metade pinscher — comento enquanto Damon olha as plantas.

— Voltem ao trabalho.

Como se eu trabalhasse aqui.

Depois que ficamos à sós, podemos respirar aliviadas.

— Parece que ele é obcecado por me ameaçar — Caterina desabafa.

Desta vez, ela foi longe com aquela pergunta.

— Henrico faz o mesmo e você ainda diz que acha que ele gosta de mim!

— É diferente, Serena. Héctor não bate bem da cabeça. Às vezes ele está normal, então me encara e aos poucos o seu olhar vai mudando. É como se o santo dele não batesse com o meu.

Rio de preocupação.

— O que você fez contra esse homem, Caterina?

— Depois de atrapalhar os seus planos e ter conquistado o carinho do pai dele? Bem, aconteceram alguns acidentes, mas juro que não foi por maldade. É que da mesma maneira que desperto raiva nele, ele me desperta medo e fico um pouco perdida.

— Me conta isso — peço já rindo do que ainda não ouvi.

Rindo com respeito, é claro.



Durante a tarde, eu me junto com Chiara e Ramona para andar a cavalo.

Estou me comportando, só não estou no quarto.

Henrico já entendeu.

A propriedade é grande demais e tem vários anexos nos fundos, a muitos metros de distância da casa. As meninas estão me mostrando esta parte, que adorei.

Cavalos lindos e tem até uma pista hípica.

— Fazem eventos aqui?

— Às vezes papai faz corridas e muita gente vem para apostar — Ramona conta. — Eu já competi e já ganhei várias vezes, mas com o tempo perdeu a graça. Era muita pressão e preferi que fosse apenas o meu hobby.

— Que legal. E você, Chiara? — Olho para o outro lado.

— Eu só passeio mesmo. Deus me livre correr e cair para quebrar esse nariz lindo. Não, não.

Chiara sempre defende a opinião dela, independente do que os outros dão.

— Ontem você fugiu — Ramona comenta sobre mim.

— Na verdade, a sua mãe nos tirou do meio da discussão.

— Eu precisava reclamar. Esses homens na maioria das vezes só atrapalham a nossa vida.

— Uma pena o Rico ter acabado com o namoro falso de dois dias de vocês — Chiara lamenta, mas pelo jeito que fala me faz rir. — Ele é muito certinho. Não gosta de mentiras. Por isso quando você me contou, fiquei surpresa por ele ter aceitado.

Não gosta de mentiras, mas gosta de humilhação.

— Eu estava bêbada, ele agiu certo. Pelo menos acaba com isso. E o filho da mãe não me contou que a farsa já tinha acabado, tive que entrar de mãos dadas com ele. Que vergonha! — choramingo.

Nasce um novo trauma.

— Ah, mas até que vocês formam um belo casal — Ramona comenta. — Imagina só?

— Por que não se casa com ele? Faz muito sentido, Ramona.

— Porque ele cresceu como um irmão para mim e mesmo sendo bonito, não me atrai. Pensar nisso me causa náuseas. — Ela ensaia colocar o dedo na goela.

— Nunca daria certo — Chiara diz. — Seria a coisa mais estranha do mundo. Ai, eu nem consigo imaginar vocês juntos. Mas consigo imaginar você, Serena.

— Para. Já basta a Caterina com essas ideias loucas. Já acabou e nunca mais fingiremos um relacionamento.

— Da próxima vez será de verdade — Chiara completa.

— Nem sonha — aconselho com o rosto queimando.

— Quem sabe assim o Henrico pegaria menos no meu pé? Ah, seria maravilhoso ter toda a liberdade.

Não será conquistada através de mim.

— Sem querer acabar com os sonhos de alguém, mas vocês cresceram e vivem em uma família poderosa, que tem aliados e inimigos. A vida de vocês nunca será normal como sonham. Essa liberdade é para quem não conhece esse mundo.

— Para, Serena... — Ramona implora, desanimada.

— Eu vivi por mais de um ano nessa vida de milionários e bilionários envolvidos na máfia. Sabe o que é liberdade para mim? Não ter ninguém querendo me machucar ou me matar. Vocês têm uma vida tão legal aqui. Eu passaria a vida em uma mansão assim, tranquilamente.

— Isso é porque você vive aqui há menos de uma semana — Chiara retruca.

— Não sei. Acho que vocês deveriam valorizar todas essas coisas. Eu queria muito trocar de lugar com vocês.

— Chega de reflexão, não é? — Ramona arruma a postura em cima do animal. — Vamos voltar para casa.

— E os cavalos? — pergunto.

— Os cuidadores trazem.

Então seguimos para a casa.

Eu não quis ser chata...

Chato mesmo é vê-las reclamando da vida que têm.

Eu gostaria de ter problemas fúteis como os delas.

Na frente da casa, deixamos os cavalos e entramos. Cada uma vai para o seu quarto e elas já planejam o próximo passatempo. Parece que aqui tem muita coisa para fazer.

Entro no quarto e decido tirar as roupas para lavar, quando vejo no meio da cama um pequeno cartão.

Estranho.

Pego para dar uma olhada.

Isso é a cara do Henrico.

De um lado limpo, do outro um símbolo que me faz desequilibrar e sentar na cama.

O bilhete é a cara do Henrico, mas o símbolo é inconfundível.

Cesare.

O mesmo símbolo que carrego na tatuagem e que me lembra que devo ser fiel ao Cesare se quiser ficar viva.

Alguém deixou isso aqui.

Alguém que tem acesso à casa e está ciente das filosofias do Cesare.

Ou até mesmo alguém em quem ele confia, que veio deixar esse recado.

Visto a roupa novamente e saio com o cartão na mão, o desespero no peito e um pouco perdida. Sei para onde vou, mas entro sem bater.

Um erro.

Dou de cara com Henrico completamente nu no seu quarto e ele me encara com sua cara habitual de nada.

Cubro o rosto e viro de costas.

Sim, deu tempo de ver tudo!

Ele é mais musculoso do que eu havia reparado e cada marcação dos músculos é perfeita. E tem aquela tromba de elefante, é a melhor comparação que posso fazer.

Eu nem sabia que existia homens assim.

Ele pegou o que estava acima da média e fez outra coisa acima disso.

— Já se vestiu?

Ele não pode continuar assim.

— Não — ele responde com tranquilidade.

— Faça.

O que está esperando?

— Estou no meu quarto.

— E eu estou aqui. — Permaneço de costas.

Não entra todo em mulher nenhuma.

Deve ser uns 30 centímetros?

Quanto são 10 centímetros?

Nunca fui boa com medidas e proporções.

— Entrou sem chamar.

— Era urgente!

— Pois bem.

Sua calma me estressa.

Eu não vou arriscar virar e vê-lo nu mais uma vez.

Não que seja uma visão desagradável. Na verdade, eu adoraria uma escultura dele do jeitinho que o encontrei, de frente para a minha cama.

Perfeito.

Ah, sou uma mulher casada cobiçando o macho solteiro.

Que pouca vergonha, Serena!

O que a minha mãe diria?

Bem, acho que neste caso ela concordaria comigo a respeito da beleza dele.

Levanto o cartão.

— Deixaram na minha cama.

— Quem deixou? — Ele toma da minha mão.

Ele toma banho de perfume?

Nunca senti um sabonete tão cheiroso.

— Não sei, mas o símbolo é da Behavior, do Cesare, Henrico. Alguém colocou isso para me lembrar de onde vim e o que pode acontecer comigo.

Tenho tanto medo de ser pega por algum deles e voltar para as mãos do meu marido.

— Vou investigar.

— Apenas isso?

— O que quer que diga?

— E se alguém entrar no meu quarto no meio da noite para me matar?

Nem vou conseguir dormir pensando nisso. Talvez use a própria cama como barreira.

— Você quer dormir comigo?

— Não!

Que pergunta!

— Logo, me deixe investigar.

Vou confiar.

— Ok... Eu já vou.

— Vá.

Será que ele já se vestiu?

Eu não vou olhar.

Saio do quarto sem olhar, nem mesmo no buraco da fechadura.

Dormir com ele...

Eu não estou louca.

Preciso pesquisar sobre medidas.

19



NEM SONHE COM ELA

Henrico Milano

— ***Foi*** você? — Empurro o cartão contra o peito do Héctor.

Ele pega o papel e dá uma olhada.

Pela cara não parece reconhecer, mas ele sempre esboça não se importar com a maioria das coisas.

— Não. — Ele me devolve. — É tatuagem de chiclete?

— É o símbolo do Cesare!

— Ah! A sua segunda obsessão. — Ele acende um cigarro.

Héctor sempre cria suas próprias historinhas diante do que pouco observa da vida dos outros.

— Hein?

— Depois da bonequinha arrogante que anda grudada em você. — Ele experimenta o cigarro e sopra a fumaça, me

observando. — Aliás, se ela continuar me desafiando, não irei relevar, independente do seu pedido.

— Pedido? — Eu me aproximo da sua mesa. — Se você tocar nela, será a última vez que terá dedos.

— Esqueceu quem eu sou?

— Um sucessor sem sucessão, se continuar focado em perturbar aquela pobre coitada no lugar de procurar a garota Lucchesi. Errei?

Ele observa o cigarro como se estivesse me ignorando.

— Héctor, crescemos como irmãos, então vamos nos respeitar como tal. Você não ameaça o que é meu e eu faço o mesmo por você. Ok?

Sempre resolvemos tudo pacificamente, não é agora que tenho que enfiar juízo na cabeça desse traumatizado.

— Não fui eu, Rico. *Cazzo*! Você sempre desconfia primeiro de mim!

— Você meteu a garota em um gancho, assim que a conheceu.

— Eu já expliquei os motivos.

— Foda-se! Eu vou descobrir quem fez isso. — Abro a porta.

— Boa sorte.

Boa sorte?

Mas é claro que eu iria desconfiar primeiro dele. Ontem, quando Serena me entregou o cartão e contou o que significava, imaginei que poderia ser esse fodido, mas se não é ele, resta o Roman, pois Damon não se importa com esse tipo de coisa.

Saio de casa e encontro o novo motorista na saída.

— Vamos para a cidade. — Eu me sento no banco de trás.

Sempre que o vejo, é inevitável me lembrar do meu antigo motorista. Não sou o tipo de pessoa que vive fazendo amizades novas constantemente, prefiro manter as antigas, por mais malucas que sejam, como Héctor, mas tenho uma relação de confiança com as pessoas que trabalham comigo e sempre sei tudo sobre elas.

Merda, eu me importo!

Por isso prefiro manter a proximidade com as antigas.

Chega de tanta gente com quem me importar.

Ele morreu e deixou esposa e filhos.

Reforço a ideia de nunca querer me casar e construir uma família.

Na cidade, que fica a alguns minutos da mansão, vejo os resquícios do caos que Cesare causou.

Estava tudo bem e drogas existem em todos os lugares, mas desde que aquele maldito criou essa tal de Behavior as coisas mudaram drasticamente. Basta experimentar e bum, fica dependente.

E ele fez disso, em poucas semanas, o seu negócio mais lucrativo. Meses depois, o índice de desemprego aumentou e também o número de desabrigados. Tinha gente vendendo tudo para ter mais um pouco da droga, que só Cesare sabe a receita.

Não que isso seja vantagem.

Ainda bem que preciso cortar apenas uma cabeça para acabar com isso, mas o poder está concentrado nas mãos dele.

Outra coisa que não queria me importar, mas já estive no lugar de um familiar de dependente químico e sei o quão fodido é isso.

Pego o celular e disco para Edoardo, que me atende no segundo toque.

— Sim, Henrico?

— Tenho uma ideia sobre os dependentes da Behavior que circulam pela cidade.

— Conte.



— Ora, ora, ora... Henrico Milano visitando a minha boate no meio do dia?

— Sem gracinhas, Roman. Precisamos conversar. — Passo direto para o seu escritório e ele me acompanha.

Digamos que já vim em muitas outras ocasiões interrogá-lo.

Roman vive pelos seus interesses e mesmo que ele não se importe com o Cesare, Behavior ou família Russo, sei que colocou os olhos em Serena.

E as mãos mais vezes do que deveria.

Ele não deveria ter tocado nela nunca, mas aquela teimosa vive passando pelas minhas ordens.

Por isso acho que ela quer...

Parece que ela quer esse tipo de coisa.

Eu me sento na poltrona de couro e ele fecha a porta, me observando de braços cruzados.

— O que foi agora, hein?

Tiro o cartão do bolso do blazer e coloco na mesa com o símbolo para cima.

— Conhece?

— São dos corvos do Cesare. Está pensando em se juntar a eles? Não acho que seja uma sociedade aberta à trisais e poligamia.

Sempre com suas opiniões e deduções irrelevantes.

— Deixaram na cama da Serena.

— Veio saber se fui eu? — Aponta para ele mesmo. — Infelizmente ainda não estive na cama dela. Em breve, certamente.

Eu me levanto mais rápido do que deveria devido a um pico de adrenalina repentina.

— Eu diria que nos seus sonhos, mas nem nisso. Parece que tenho que avisar a todos dessa família. — Guardo o cartão no lugar de onde tirei.

— Você levou muito a sério essa coisa de proteção. Agora até estão andando de mãos dadas. Está fodendo a mulher do seu inimigo? Perdeu a virgindade com ela?

Quero pegar o pescoço de Roman e sufocá-lo até seus olhos saltarem as órbitas e ficarem sem vida. O que me impede é o sobrenome dele.

Ando até ele e por mais provocativo que seja, seu passo para trás confirma que sabe do que sou capaz se colocar as mãos nesse pescoço magro ou qualquer parte onde a grande circulação passa.

Abro a porta sem tirar os olhos dele.

— Se ver algum corvo, avise.

Ele bate continência enquanto sigo para fora.

Se não foi nenhum dos dois, quem tentou assustar a Serena?

Serena Russo

Quanto mais ando por essa casa, mais coisas acho para fazer e reforço a ideia de que as meninas reclamam muito. Elas não costumam fazer tarefas no jardim e na cozinha, mesmo assim tem os cavalos, sala de jogos, cinema e tudo o que eu gostaria de ter em uma casa.

— O que gosta de cozinhar? — Camilla pergunta quando estou ajudando a cortar as cenouras.

— Gosto de massas, molhos e tudo que envolve queijo. — Rio da minha falta de variedade.

Prefiro salgado a doce, sempre foi assim.

— Mas não sei fazer queijo nem a massa do macarrão — friso sorrindo.

Tem mulheres que até tiram o leite da vaca antes de fazer o queijo.

— Aqui, na maioria das vezes fazemos as coisas do zero.

— Até o queijo?

Ela confirma com a cabeça.

Olha aí um exemplo!

— Ainda na propriedade tem animais e uma família que trabalha fornecendo os laticínios — ela explica.

— Só falta dizer que tem um anexo que produz sapatos de couro e tecidos para roupas também. Ah, e uma gruta de onde se tira o ouro.

Tanto ela, como as outras mulheres que trabalham na cozinha riem disso.

— Eles gostam de roupas e sapatos de marca. Acho que não fariam isso mesmo que pudessem — Camilla explica rindo e concordo, pois, vi o acervo de roupas da Ramona.

Ela usa as marcas mais caras.

— Te encontrei, Serena. — Mirabela se aproxima sorridente.

— Estava me procurando?

Gosto de conversar com Mirabela, mas imagino que ela deva ter coisas mais importantes para fazer.

— Sim. Estava pensando em te convidar para tomar um café. Benedict, pode preparar? — Ela olha para a mulher que está do outro lado da mesa.

— Sim, senhora.

— Não deveria tomar cafeína porque a testosterona dessa casa está me deixando estressada, mas preciso beber alguma coisa.

E ela caprichou fazendo três produtores desse hormônio.

Quem geralmente fica em casa é Héctor, que se faz presente em todo ambiente, já os outros dois vivem fora e o Henrico é o meio-termo disso.

Não o vi hoje e mesmo curiosa para saber se ele descobriu alguma coisa sobre o cartão que deixaram sobre

a minha cama, não sei como irei encará-lo depois de invadir sua privacidade e pegá-lo nu.

A imagem ainda está fresca na minha memória.

Termino de cortar a última cenoura e lavo as mãos. É o tempo que o café fica pronto e vou com Mirabela para uma pequena sala aconchegante com janelas francesas que permitem assistir o que está acontecendo no jardim. No momento não acontece nada, mas o céu está em um azul-claro lindo e o jardim repleto de flores que desabrocharam.

Benedict deixa a bandeja com a chaleira e xícaras na mesa de centro, e nos serve.

— Adoro esse cantinho. Quando fecho a porta, nenhum homem me incomoda — Mirabela conta sorridente.

Eu queria perguntar se o Héctor foi mordido por algum animal raivoso na infância ou sei lá, sofreu algum trauma que o deixou daquele jeito, mas isso pode incomodá-la.

Mirabela é muito doce e gentil e acho o marido dela um homem tranquilo. Ou seja, não são pais ruins para ter filhos assim.

Agradecemos o café e o experimentamos.

Delicioso.

— Como está? Estão te tratando bem?

Toda vez que ela me encontra na casa, pergunta isso.

— Sim. Estão sim. As funcionárias daqui são muito gentis.

— São mesmo. — Seu sorriso é carregado de orgulho. — Mas me conte sobre o que conversávamos naquela noite. Tive que ir apaziguar a conversa acalorada na mesa de jantar e nem pudemos concluir o assunto.

— Sim. — Lembro bem.

Eu já tinha contado o que aconteceu no tiroteio e estava prestes a falar sobre o meu casamento. Sobre o tiroteio, eu não contei tudo.

Matar alguém não é algo para se orgulhar, atropelar a pessoa pior ainda.

— Eu contava sobre como conheci o Cesare, certo?

— Sim. — Ela balança a cabeça.

Tomo um pouco de chá e encaro o jardim enquanto a minha mente é tomada pelas lembranças da época.

20



TUDO ACONTECEU ASSIM

Serena Russo

— ***Papai*** trabalhava como entregador. Depois de se divorciar da minha mãe, ele se mudou para cá e continuou trabalhando nisso. Eu vim por uma oportunidade de estudo. Fiquei um ano com ele até que aconteceu... — Meu coração dói como naquele dia. — Soube que ele foi baleado. Fiquei desnorteada. O encontraram sem vida. Eu não pude fazer nada. Perdi o chão. — A vontade de chorar me domina facilmente e a primeira e solitária lágrima cai. Enxugo na esperança de não deixar que mais nenhuma caia em seguida. — Então, no momento mais desolador da minha vida, o Cesare apareceu. Eu já o tinha visto de longe, apenas isso, mas ele disse que era amigo do meu pai, que se importava muito com ele e que eu não precisava me

preocupar com tudo o que estava acontecendo. Velório, essas coisas.

— Você não tinha condições de resolver isso nem lidar com o luto.

— Sim. Até porque o meu pai não tinha mais família aqui e tentei ligar para a minha mãe, mas não consegui. Ela mora no interior. Ele chegou na hora certa e aceitei a ajuda. Naqueles dias, ele foi maravilhoso comigo, me deu apoio emocional, financeiro e até me convenceu a ficar na casa dele para não precisar lidar com a solidão. No fim, nos envolvemos. Existia uma devoção nele que me atraía e eu caí. Mas quando vi a família dele desaprovando e sua mudança de comportamento, o encanto quebrou.

— O que aconteceu entre a família?

— Eles não queriam que o único filho se casasse com qualquer uma. Deveria ser uma mulher de família. Eu logo reparei que Cesare não tinha uma boa relação com eles há muito tempo e eu não era o motivo. Foi quando ele começou a me culpar pela rejeição da família dele, me fazer “entrar na linha” e me tornar uma mulher digna de um Russo.

— Eu odeio essa ideologia — ela admite e toma mais café.

— Eu nem conhecia isso. A minha paixão por ele se foi diante das reclamações, insultos e, principalmente, quando ele se tornou agressivo e controlou tudo que eu fazia. Eu só não queria mais aquilo, queria ir embora.

Isso finalmente aconteceu. É real!

— Você tentou?

— Tentei, mas tinha os seguranças. Eles ficavam perto e nem dava para fugir. Pior foi quando resolveu que iríamos

nos casar. Não teve jeito. Para mim, foi o fim e vi que a única opção que tinha era sobreviver ali e quem sabe um dia ser livre de novo.

— Imagino que ele não melhorou depois do casamento. — Ela encolheu o nariz.

— Não. Se tornou pior em relação à ideia de me tornar digna de ser sua esposa. Depois entendi que nosso casamento era apenas uma maneira de desafiar os pais dele. Assim como a venda da Behavior. Ele nunca aceitou receber ordens.

— Eu não imaginei que entre aquela família existia alguém passando por isso. Nunca te vi em lugar nenhum com ele.

— No dia em que Cesare decidiu que me levaria a um evento como sua esposa, o pai dele não só proibiu como também garantiu que ele não iria. Deixou cerca de dez homens e nenhuma arma no cômodo onde passamos a noite confinados. Ele descontou tudo em mim, é claro. — Ainda carrego cicatrizes daquela noite.

Acho que assim como na minha memória, essas marcas nunca serão apagadas da minha pele.

Mirabela segura a minha mão de um jeito materno.

— Você não vai voltar a passar por isso.

A vontade de chorar volta com força. Antes eu tinha certeza que Cesare não me faria sofrer mais, porém, depois de encontrar aquele cartão, as coisas mudaram. Ele me faz sofrer me mandando um simples símbolo, que me lembra todas as suas terríveis promessas.

— Eu tenho medo disso. Parece que estou sendo observada por ele neste exato momento.

Mirabela vira o meu braço e observa a tatuagem.

— Não vai. Guarde o que estou dizendo. Meu marido manda em tudo aqui, mas quem manda nele sou eu. Vou falar para ele dar mais atenção a isso. — Ela seca minhas lágrimas.

Mirabela me lembra a minha mãe.

Como sinto falta da mulher que sempre me apoiou em tudo.

— Eu não queria ser um peso pra vocês. Eu só achei que seria uma boa troca.

— Foi uma boa troca sim e nada do que façamos será suficiente para retribuir o que você fez pelo nosso afilhado.

Acho que estar aqui já é muito.



Depois da conversa com Mirabela, tomei banho e arrumei meu cabelo. Era algo que eu precisava.

Deixei do meu jeitinho.

Caterina me deu alguns vestidos dos vários que ela ganhou logo quando veio morar aqui. Ela disse que o tio Alejandro ordenou que a levassem às compras e ela comprou tudo o que queria, mas depois Héctor quis queimar tudo.

Terapia para aquele homem perturbado.

Eu amei os vestidos, já que são menos extravagantes que os de Ramona, as cores são mais claras e o tecido confortável.

Meu cabelo está enorme, quando seco deixo solto e ele desce liso e alinhado pelas minhas costas.

— Cunhada! — Chiara chama na porta.

Ela não pode levar essa brincadeira adiante.

— Chiara! — reclamo ao abrir a porta.

Toda vez que alguém aparece com uma ideia do tipo, sinto o constrangimento me abraçando.

Ela está mais arrumada que o convencional. Com salto, o cabelo igual ao meu e uma bolsa enorme.

Birkin se conheço bem.

— Vamos às compras.

— Vão, é?

— Iremos. Você vai. Pega a bolsa.

Bolsa?

Está aí uma coisa que eu não tenho.

— Chiara, eu não tenho bolsa, muito menos dinheiro para ir às compras.

— Relaxa. Estamos com o cartão unlimited.

— De quem? — Pego o celular.

Estou muito bonita para ficar presa em casa e acredito que desta vez elas não estão saindo sem autorização.

— Do tio Alejandro.

Ele não é mão de vaca!

Encontramos Ramona no corredor. Ela olha para a minha roupa e inclina a cabeça como se desaprovasse de maneira gentil.

— Você realmente precisa dessas compras.

Eu não vou mudar de ideia a respeito do vestido que Caterina me deu por causa disso.

— Mas vocês não vão às compras por minha causa. Certo?

Imagina as duas pedindo o cartão com a desculpa da minha necessidade de roupas novas!

— Não — Ramona admite. — Ouvimos o Edoardo falando de um evento beneficente que a família irá organizar e precisamos de roupas para isso.

— Só ouviram, sem datas, sem confirmação e já vão comprar roupas?

— Claro. E se a gente não encontrar nada hoje? — Chiara questiona. — Será uma maratona até encontrar.

É uma festa comum ou o vestido ideal para o casamento?

— Espero que não precisemos ir a Milão, como na última vez — Ramona comenta como se ir para lá fosse ruim.

— Vocês foram até Milão comprar uma roupa? — pergunto com a ideia parecendo ser muito absurda.

— Sim — elas confirmam juntas e com uma seriedade que até parece que o assunto não foi roupa.

Ricas.

— E desta vez não é um passeio ilegal, é?

Henrico vai querer me matar mais uma vez se for.

— Não. Vamos com todo o grupinho de terno. — Ramona parece que não gosta da ideia.

Na saída, a enfermeira de Henrico está na calçada. Ela mexe no celular e depois pega a mala do chão. Seu rabo de

cavalo cai para o outro lado e vejo uma tatuagem abaixo da gola da blusa.

Consigo ver a cabeça do corvo.

Não preciso ver tudo para saber o que significa.

Ela sorri para mim e entra no carro.

Não é nenhum carro da família, é verde-escuro e de um modelo antigo.

Eu não posso perdê-lo de vista, porque agora tudo faz sentido.

Eu deveria ter pensado nisso antes.

Como não pensei?

Talvez porque ela seja uma pacata enfermeira, com mais de quarenta anos.

Pelo menos foi a imagem que ela passou.

— Vamos, Sere — Ramona chama.

Entro no carro e saímos da propriedade logo depois de Silvana.

O Cesare deve tê-la mandado aqui.

Claro.

Ele sumiu, mas ainda tem seus contatos em todo lugar e garantiu que não me perderia de vista.

Como pude me iludir e achar que estava segura nesse lugar?

Aposto que eles também não investigaram a fundo.

Pode ser que na vida dela não tenha sinais de que é uma apoiadora das loucuras do meu marido.

Assim como ele me conquistou quando perdi o meu pai, ele faz com outras pessoas. É tipo um político com ideias revolucionárias. Tem muita gente contra essas famílias. Como Cesare sempre fez o caminho contrário ao que era esperado, mesmo tendo dinheiro e estando perto do poder, essas pessoas confiam nele para uma mudança futura.

As meninas conversam sobre cabelo, joias e sapatos durante todo o caminho até a cidade, e toda vez que citam o meu nome, concordo com qualquer coisa que digam.

Minha atenção está no carro à frente.

Apenas nele.

Para onde essa pilantra vai?

Será que o Cesare está por perto?

Será que tem mais pessoas infiltradas na casa dos Barones, de olho em mim?

Que agonia!

Eu quero chorar, gritar, correr.

Toda vez que me sinto em paz, alguma coisa acontece e acaba com esse sentimento.

É um inferno.

Sei que deveria fugir dessas pessoas. Com certeza, irei contar ao Henrico que descobri quem deixou o cartão, mas se ela percebeu que sei quem é, pode não mais voltar.

Eu não deixarei isso acontecer.

21



UMA RÁPIDA PERSEGUIÇÃO

Henrico Milano

Quando saímos do carro na frente da loja, vejo a minha chance de pegar essa mulher pelo cabelo indo embora.

Chega dessas ameaças.

Eles precisam saber que mandar recados não vai funcionar.

Eu me recuso a voltar para as mãos de Cesare ou a deixá-lo me fazer sofrer à distância depois de tudo.

O carro parou no sinal.

Só quando entro na loja percebo que outro carro com segurança nos acompanhou.

Acho que isso tudo só existe para nós.

Péssima hora.

Eu preciso me livrar deles e perseguir aquela mulher.

Ela não vai escapar.

Procuro a saída dos fundos da loja enquanto as meninas conversam com a vendedora.

— Serena! — Chiara chama.

— Eu já volto. — Tento abrir a porta que tem a pior fechadura que já vi.

— Senhora, esse não é o banheiro. É a porta de saída.

— Eu preciso que você abra — peço para a vendedora. — Depressa!

Confusa, ela faz o que pedi.

— Pra onde vai? — Ramona questiona encolhendo a testa.

— Preciso ver uma coisa. Será rápido. — Saio correndo e rezando para que o sinal ainda esteja fechado.

— Espera, Serena. Você não pode sair sozinha, sua louca. — Chiara corre atrás de mim.

Na frente da loja ficam os seguranças e eles não veem o que estamos fazendo.

Nossa sorte.

O sinal abriu e tem muitos carros passando.

Desse jeito vou perdê-la de vista.

Malditos seguranças!

Se estivéssemos sozinhas, eu pegaria o carro.

Uma moça mexe no celular ao lado de um Bugatti preto. A porta está aberta e ela conversa bem distraída no aparelho.

Corro, entro no carro e fecho a porta logo em seguida.

— EI! — Ela bate na janela. — SAIA DO MEU CARRO, SUA LOUCA.

— Desculpa, desculpa. Eu já devolvo.

Assim que ponho o carro em movimento, Ramona e Chiara desabam no banco ao meu lado e trancam a porta, uma amontoada na outra.

— O que estamos fazendo? — Ramona pergunta assustada.

— Precisamos seguir um carro.

Já que estão aqui...

Ramona passa para o banco de trás enquanto Chiara levanta os questionamentos e tento apenas encontrar o carro verde mais uma vez.

Sigo numa velocidade acima do normal para onde vi o carro dela indo.

— Que carro?

— Da enfermeira do Henrico.

— Por que, Serena?

— Porque ela me oferece perigo. — Consigo ver o carro verde a muitos metros de nós.

Ela dirige sem pressa.

— Mulher, você enlouqueceu? Henrico não se envolve com mulheres mais velhas. Ele não se envolve com ninguém.

— Você sabe que não estou falando disso, Chiara. — Tento manter o foco.

Ela precisa esquecer essa piada de namoro com o irmão dela.

— Então o que foi?

— Ela conhece o meu marido.

Ouvimos o som da sirene de polícia e, para completar, o sinal fecha, me fazendo parar e assistir o carro de Silvana sumir de vista.

Mas eu não vou desistir.

— Será que a polícia vem atrás de nós? — Ramona pergunta no banco de trás.

— Não. Claro que não — digo confiante.

Não seria tão rápida.

— Se for, estamos fodidas. Acabamos de roubar um carro — Chiara analisa.

O fato delas encararem a minha loucura como delas, me faz acreditar que elas não são tão fúteis quanto pensei.

O sinal abre e piso fundo.

— Coloquem os cintos. Vamos encontrar aquela *puttana*.

Desvio de todos os automóveis enquanto Chiara diz se está vendo o nosso alvo. Se ela sumir, Cesare vai se achar em vantagem e logo mandará outra pessoa para me assustar.

— Será que é aquele? — Chiara pergunta.

— Qual?

— Aquele ali. — Ela aponta e sentimos o tranco no carro, depois um balanço estranho.

— O que foi isso? — Ramona continua assustada com a situação.

— Acho que passamos em algum buraco — deduzo reduzindo a velocidade.

Não é possível que atropelei alguém de novo!

Eu não quero reviver aquele trauma.

O carro da polícia passa por nós e sinaliza para pararmos.

— Deve ser porque o carro está quebrado — Chiara especula.

Eu espero que seja mesmo.

Paro o carro e saímos.

Um deles se aproxima sem pressa e eu só consigo notar a fumaça que sai do Bugatti.

Eu não tenho dinheiro para consertar isso.

— Levantem as mãos onde eu possa ver.

— O quê? — Encaro o homem marrento.

— Vocês ultrapassaram o limite de velocidade em um carro roubado. Precisam nos acompanhar até a delegacia.

Dio mio!

— Delegacia? — Ramona diz, desanimada.

Um outro policial vem com um par de algemas na mão.

— Não precisamos de algemas — dispenso ofendida.

Será que a penitenciária é mais segura que a família Barone?

Eles colocam assim mesmo.

— Vai machucar a minha pele — Ramona choraminga.

Algemadas, vamos para o carro da polícia e o Bugatti fica para trás, soltando fumaça.

Falhamos.



— Que desgraça! — Chiara lamenta.

O policial toma os nossos pertences e empurra uma a uma para dentro de uma cela na delegacia.

— Desnecessário. Preferia um banquinho no corredor. — Eu me sento no banco da cela.

E se Silvana sumir?

— Meu celular! — Ramona reclama. — Vocês não podem me prender!

— Podemos. E quando o delegado chegar, vamos registrar as carinhas de vocês no sistema.

— Ex-presidiária... Puta merda! — Chiara bate na testa.

— É tudo culpa minha. — Reconheço.

Eu deveria ter feito um plano melhor.

— Nem pensar. Não vamos ter ficha na polícia — Ramona garante. — Ouça, seu metidinho fardado, você sabe quem é a minha família?

Ele nem olha, apenas ignora.

— Sou Ramona Barone. BA.RO.NE. Já ouviu falar? Hein?

Agora ele olha e ergue a sobrancelha.

— Barone, hein?

— Sim. E quando o meu pai vier, você estará fodido se não sair desse país.

— Ameaçando uma autoridade? — ele rebate.

— Não piora as coisas, Ramona — imploro cobrindo o rosto.

O meu plano tinha tudo para dar certo.

Se não fosse aquele buraco, a polícia nunca teria nos pegado.

O soldado mexe na bolsa de Ramona enquanto ela dispara ameaças sobre o que ele está fazendo. Ele tira a identidade dela da carteira.

— Ramona Barone. Olha só! É verdade! Então sei para quem devo ligar.

A sugestão de quem pode ser vem imediatamente na ponta da língua e o pensamento está sincronizado com o das meninas.

— O Héctor não.

— Não chame o Héctor.

— Não precisa ser o Héctor — Falamos todas juntas.

É melhor enfrentar esse soldadinho do que o Héctor.

Ele não nos dá atenção, só observa a identidade de Ramona enquanto segura o celular na orelha.

— Boa tarde. Tudo bem? Estou ligando para avisar que tenho três das suas aqui... — Ele levanta o olhar para nós. — Duas morenas e uma ruiva raivosa.

— Desacato ao cidadão! — Ramona replica.

Isso existe mesmo?

— Aham... — ele continua. — Vou esperar.

Eu acho que já posso começar a chorar.

O Héctor vem aí.

— Ele com certeza vai me machucar mais do que fará com vocês. — Prevejo escorregando pelas grades até sentar no chão.

— Somos três. Podemos matar o Héctor. — Chiara analisa esperançosa.

O policial pigarreia.

— Vocês só alongam a lista de motivos para ficar aqui!

E você adora isso, certo?

— Se for para sair com o Héctor, vamos dar todos os motivos possíveis para ficar — Chiara rebate.

— CADÊ AS CADELAS? — Uma mulher aparece.

Não demora para vermos o corpo dela. A dona do Bugatti está pura fúria.

— Vocês roubaram e destruíram o meu carro! — Ela balança as grades e Ramona se afasta quase caindo com o salto.

A mulher se balança tanto que o cabelo preto, mais alinhado que o meu sacode junto.

— Acalme-se, senhorita — o policial pede.

Eu já disse que odeio esse homem?

— Sente-se para fazer o boletim.

— ACALMAR UMA MERDA! ELAS ROUBARAM O MEU CARRO E O VI SENDO REBOCADO ENGOLIDO POR FUMAÇA! SABE QUANTO TEMPO ESPEREI PARA TER UM CARRO DAQUELE DE NOVO?!

— Senhorita. — O policial fica atrás dela e quando tenta pegar seu braço, ela acerta uma cotovelada nele, ainda pisa no pé.

— Não me toca. Me entregue a chave que vou matar essas cadelas no meu salto.

O salto dela é da Saint Laurent e com certeza vai nos deixar desfiguradas, se permitirmos.

— Mais uma desacatando autoridade. — Ele rapidamente a imobiliza.

— O que está fazendo?

— Te colocando onde merece. Guardas!

Ele não vai fazer o que estou imaginando.

Os outros policiais chegam e abrem à cela para ela entrar. Como são três, rindo da nossa cara, nem podemos tentar fugir.

— Tirem os saltos dela. Já percebi que pode ser uma arma.

Os dois homens de farda fazem isso e aqui está ela, descalça, na mesma cela que nós.

— Pronto. — O policial coloca os pertences da mulher junto aos nossos.

Somos três contra uma.

Não é possível.

— Acho melhor você abaixar essa energia. — Chiara se aproxima dela. — Ninguém fez aquilo por mal.

A moça, mais nova que nós, dá uma risadinha irônica.

— Eu nunca vi ninguém roubando um carro para o bem.

— Posso explicar. — Eu me levanto envergonhada.

Na hora nem pensei na dona do carro.

— Você **deve** pagar cada despesa que o meu carro gerar, depois de tê-lo destruído.

— Sim...

Eu não tenho dinheiro.

— Mas me deixa explicar o que aconteceu, por favor.

— Vocês terão tempo — o policial diz.

— Cala a boca! — Ramona rebate.

— Mais um delito. — Ele pega uma caderneta e uma caneta. — Vão ficar bem de laranja.

Não tem como piorar.

22



É ELA

Henrico Milano

Quando recebi o telefonema do policial, não quis acreditar, mas foi impossível achar que era engano se tratando de Chiara, Ramona e a terceira integrante, Serena.

Elas nunca vão se unir para fazer uma coisa correta.

Estava resolvendo um assunto na companhia de Damon, mas agora estamos chegando à delegacia.

Ele ri.

É a irmã dele e ele ri.

Eu tenho vergonha de saber que a minha irmã foi detida.

Entramos e o policial nos acompanha até a cela delas, enquanto conta o que aprontaram.

— Elas roubaram um carro e dirigiram acima do limite de velocidade. Além de terem me desacatado diversas

vezes, principalmente, a ruiva.

Elas levantam quando nos vê chegar e parecem aliviadas.

— Roubaram um carro? — Encaro Serena em mais um vestido florido que fica muito bem nela.

Acho que é um disfarce.

Quem pensa que uma garota assim oferece perigo?

— Por que será que nem preciso me esforçar para descobrir quem teve a ideia?

— Eu posso explicar. — Serena assegura na sua melhor cara de coitada.

— Aham. Claro que pode, não é?

Como vou proteger quem vive tentando se matar?

Desse jeito fica difícil retribuir o que ela fez pra mim.

Damon observa as outras com um sorriso sem dentes.

— Irmãzinha, você está fodida. E você, Coração? — Ele olha para a minha irmã. — Não esperava esse tipo de atitude de uma dama.

Chiara mostra o dedo do meio para ele.

Tem mais uma.

Uma garota de pele pálida e cabelo preto liso, como o de Serena.

Eu não a acho estranha.

— Senhorita Van Doren? — Damon indaga.

— Eu te conheço? — Ela olha para ele com desdém.

Van Doren.

A garota é da família que há poucos meses sofreu com o sequestro da filha, então ela deve ter sido a sequestrada.

— Acho que não, mas te conheço bem porque o meu irmão caçula falou muito de você.

— E quem é esse? — ela pergunta de braços cruzados.

— Roman Barone. — Ele dá uma piscadela e a moça faz careta.

— Tinha que ser... — Ela se levanta sem sapatos. — Então, policial, os heróis já chegaram. Não vai nos soltar?

Ele olha para mim.

— Se você quiser, podemos apagar esse problema.

— Não. Não apague.

Elas precisam de uma lição.

— Teremos que registrar a passagem delas e suas fichas ficarão manchadas.

— Meu nome na polícia? Não! — Ramona fica inquieta. — Nem pensar. Damon, fala pra ele!

Damon olha para mim e já sabe o que fazer, depois para o policial.

— Vai ter aquelas fotos com plaquinhas?

— Sim.

— Então vamos fazer isso. — Ele pisca discretamente para o policial, que logo entende o que estamos pedindo e assente.

O lado bom de andar com o Damon é que entramos em acordo apenas com uma troca de olhar.

— O quê? Vão deixá-lo fazer isso? — Chiara esbraveja. — Henrico! Isso vai manchar a minha reputação.

— Que reputação, Chiara? Vocês têm que pagar pelo que fizeram.

Serena nem se opõe, parece distante, pendurada nas grades.

Ele as tira da cela e as leva para outra sala.

Enquanto ele finge que está fazendo o registro de cada uma, Damon e eu as observamos de braços cruzados, pela janela de vidro.

Agora devem estar repensando suas atitudes enquanto esperam as fotos do registro.

Claro que ninguém vai responder por crime nenhum, mas a situação serve de lição para elas.

— O que a Van Doren faz aqui? — Damon pergunta.

— Eu nem sabia quem era ela, quem dirá o que faz aqui. Deveria estar a passeio.

— Depois de ser sequestrada?

Pensando por esse ângulo, é estranho.

— O que elas têm em comum?

— Além de serem gostosas?

— Disposição para se meter em confusão é a resposta, Damon.

Quando os policiais entram na sala onde elas estão, também entramos. Entregam uma placa para cada uma e na placa da Ramona têm códigos que não acabam mais. Aproveito para registrar a situação da minha irmã no celular.

— O que você está fazendo, Henrico?

— Vou mostrar à nossa mãe.

Ela joga a placa na minha direção, mas desvio a tempo de não ser atingido.

— Você quer passar a noite aqui?

Ela murcha.

Logo, deixamos as garotas na sala e esperamos o fim disso perto da saída, onde também resolvo a situação do carro roubado.

Elas aparecem cabisbaixas.

— Desculpa pelo carro, Vittoria — Serena fala entristecida para a Van Doren.

— Eu já estava indo embora da cidade, mas agora vou ter que esperar o conserto. Espero que não seja nada de mais ou o meu pai vai me matar.

— Já mandamos para o conserto — aviso. — Não deve demorar mais que alguns dias. Tudo dependerá das peças, segundo o mecânico.

— Será bem-vinda como hóspede na nossa casa — Ramona diz.

Para destruir a mansão?

— Não mesmo. Vou ficar no hotel até resolver isso. Onde o meu carro está sendo consertado? — Ela se vira para mim.

Abro a carteira e procuro algum cartão do lugar. É a oficina que sempre vamos. Assim que encontro, entrego na mão dela.

— Obrigada. — Ela guarda, desanimada.

O policial que fez a prisão delas aparece, assegurando que a farsa foi concluída.

— Obrigado, tenente. — Damon dá um aperto de mãos nele. — Nem a minha irmã ex-presidiária, nem as amigas dela retornarão a causar problemas na cidade.

— Assim espero.

— Mais uma vez. — Serena segura o braço da Vittoria. Ela parece que vai chorar. — Desculpa. Eu não tinha a intenção.

Engraçado, ela nunca tem.

— Tudo bem. Eu entendo.

Ainda ficou amiga das criminosas!

O carro que trouxe as meninas para a cidade e o outro com os guardas que as seguiam já estão aqui, por isso peço para um deles levar a Van Doren para o hotel. O resto de nós volta para a mansão.

Parece que não importa o número de seguranças, elas sempre conseguem fugir.

Estou tentando encarar isso como uma piada e não me estressar, porque na última semana é só o que tenho vivido, estresse atrás de estresse.

Assim que chegamos, Damon e eu vamos terminar de resolver nossas coisas no escritório.

— Henrico. — Serena tenta me acompanhar.

— Agora não, Serena.



Ouço batidas à porta do quarto, assim que visto a calça.

— Quem?

— Sou eu.

Serena.

Lá vem ela com as desculpas esfarrapadas.

— Entra.

Ela abre a porta e vejo sua cara de culpada.

— Aprendeu a bater?

Foram segundos para ver seu rosto corar quando ela me pegou nu. Aliás, está corada agora também.

— Aprendi. — Ela não me encara nos olhos.

— Vamos. Dê uma boa desculpa.

Ela me olha e suspira.

— Descobri quem deixou o cartão na minha cama, ela estava na cidade e não podia perder de vista. Não tinha como perseguir a pé e pensei que ela sabia que eu sabia, então poderia não voltar mais e se safar. Por isso, peguei o primeiro carro que vi e dirigi no rastro dela. As meninas não têm culpa de nada. Elas só me acompanharam. — Ela não para pra respirar.

Então ela descobriu.

— E quem era? — questiono curioso, mas a enfermeira aparece atrás de Serena. — Silvana.

Serena olha para ela e sai da entrada, vindo para perto de mim.

— Boa noite, senhor. Retornei para fazer o curativo.

— Sim. Vamos fazer isso. — Eu me sento na cama e dou uma olhada no curativo.

Mal vejo a hora de ter o meu corpo curado, pois nem me exercitar tenho conseguido.

Serena está estática.

— Serena? Podemos conversar depois?

— Si-sim. — Ela volta ao rumo. — Podemos sim, mas antes eu queria te parabenizar. — Ela abre os braços, avança para cima de mim, me envolvendo nos braços firmes e seu perfume doce entra nas minhas narinas.

Uma atitude inesperada.

Parabéns por quê?

Sinto o calor da sua respiração perto da minha orelha e nuca, que desencadeia um arrepio na espinha para o resto do corpo.

— É ela — sussurra no meu ouvido e se afasta sorrindo. — Parabéns pela recuperação. Depois conversamos.

É ela?

Silvana?

Serena não tira o sorriso do rosto enquanto vai embora e fico com a traidora.

Achei que não precisaria investigar alguém que trabalhasse para o médico da família.

Errei.

— Vamos começar? — Silvana pergunta com um sorriso fraternal.

Bastarda.

Eu me levanto rápido, ignorando o quanto isso me incomoda.

— Vamos fazer o curativo em outro lugar, Silvana.



Observamos a mulher amarrada no porão e não consigo me perdoar por ter afrouxado as rédeas com ela.

— Agora as vadias evoluíram para boas mães e enfermeiras. — Héctor analisa, balançando o bastão de choque.

— Quem te mandou aqui? — Edoardo pergunta.

Ela não tem nada que a impeça de falar.

— Quem a mandou aqui? — Edoardo repete.

Ela finge que não ouviu.

Avanço nela e aperto seu queixo.

— Você entrou no quarto dela e deixou aquele bilhete. Foi ele quem mandou, certo? Onde ele está?

Ela cerra os dentes e aperto sua mandíbula com o sangue correndo quente nas minhas veias.

— Fala! Onde ele está?

— Ela cospe em mim e me afasto limpando o rosto.

Héctor derruba um balde de gelo nela e encosta o bastão elétrico na cintura da vadia. Ela se contorce e grita.

Para ele, esse som é música, por isso ouve de olhos fechados e com um sorriso.

— Fala, vagabunda!

— Eu não vou falar nada pra vocês!

— Quem mais está com você aqui, hein? — Edoardo exige saber.

— Não adianta. Vocês podem fazer o que quiserem comigo, mas não vou falar.

— Não deveria nos dar tanta liberdade, querida. — Héctor encosta o bastão no rosto dela.

— Siga em frente — ela permite.

— O que significa aquele cartão? — pergunto já tremendo de raiva.

Ela está de cabeça erguida enquanto a água pinga do seu rosto e das roupas.

— Significa que a imperatriz traidora, não pode se esconder. Ela precisa voltar para o rei, pagar pelos seus pecados e se sentar ao lado dele, como sempre foi.

— Depois o louco sou eu — Héctor debocha.

De repente, a mulher estremece e simplesmente apaga.

— Ótimo, Héctor. Você acabou de interromper a merda do nosso progresso. — Edoardo toma o bastão dele.

Rei?

Imperatriz?

Pecados?

É assim que essas pessoas enxergam as loucuras do Cesare?

Só podem ser um bando de viciados mesmo.

Edoardo se aproxima dela e verifica seu pulso.

— Sem sinais. — Ele olha para mim e depois puxa a pálpebra dela. Seus olhos estão tomados por sangue.

Ela se envenenou antes de ser pega.

Sabia que isso aconteceria!

— Está morta.



CUMPRIREI MINHA PROMESSA

Serena Russo

Henrico saiu com a enfermeira e não voltou antes da meia-noite.

Fiquei olhando na porta toda vez que ouvia passos no corredor e nenhuma vez eram os dele.

Acabei dormindo nessa espera.

O que será que eles fizeram?

Será que errei em contar?

Eu só estava me protegendo!

Foi o meu último pensamento antes de dormir e o primeiro ao acordar.

Nem fome sinto.

Assim que me visto e dou um jeito na minha aparência, saio à procura do Henrico.

Não acho que ele esteja no quarto, pois sempre se levanta cedo, então procuro nos outros cômodos, até vê-lo lá fora, fumando no jardim.

Ele fuma?

Saio da casa e me apresso a alcançá-lo.

Assim que ele me vê, joga o cigarro no chão e o amassa com a ponta do sapato.

Bendito útero da Camilla!

— Então. — Paro na sua frente com a cabeça sendo bombardeada de vários pensamentos sobre a enfermeira e Cesare.

— Então o quê?

Odeio essa mania que ele tem de agir como se estivesse alheio as coisas e não se importasse.

— A enfermeira, Henrico! Não é possível que não tenha entendido o recado! Não diga que o meu abraço foi em vão.

— Você anda muito ansiosa ultimamente. Deveria respirar um pouco entre as palavras.

— Fala logo, Henrico! — Bato o pé no chão.

Que agonia!

Ele olha para o horizonte, com o cheiro de perfume misturado ao cigarro.

— O médico não sabia dela.

— Você perguntou alguma coisa sobre o cartão? Ela disse o que veio fazer aqui?

— Ela não fará mais nada. Não se preocupe.

— Quando você diz que não fará, quer dizer que você deu um fim nela? — Meus olhos saltam as órbitas. — Você disse que não machuca mulheres.

— E não faço — responde tranquilo.

Héctor.

Será que o Héctor é feminicida?

— O que ela disse, Henrico? Foi o que suspeitei?

Ele me encara e suspira.

— Qual foi o nosso acordo?

— Que você me protegeria até que o Cesare não fosse um problema.

— E vou cumprir a minha promessa. Nada vai te acontecer. A partir de agora as rédeas ficarão mais apertadas, então colabore.

— Como?

Ele fica mais perto de mim. Seu cheiro misto fica mais forte e o ar quente da sua respiração acerta meu rosto.

Não é nada, Serena...

Não é nada.

— Você acha que facilita o meu trabalho roubando um carro e sendo presa?

— Deixei me levar pela ansiedade. Ela estava ali e não podia perdê-la de vista.

— Essa não é a sua função, rainha.

Rainha?

Meu coração reinicia.

“Eu serei o rei desta cidade e você a minha rainha.”

Ela com certeza contou muita coisa para ele.

Então é o momento de me esconder de verdade.

Ele me observa, sem piscar e diante da conversa não sei o que dizer, mas entendi tudo.

O que imaginei desde o começo.

Cesare me quer de volta.

— E agora? — Minha voz sai quase como um sussurro.

— Não vamos deixar estranhos entrarem na mansão. Só sairá daqui se for comigo e nada de dirigir.

— A polícia tirou a minha carteira mesmo. — Ergo os ombros e quase vejo um sorriso no rosto dele.

Quase.

Mas o homem não gosta disso.

Eu o deixo e volto para casa sem pressa.

Aquela mulher deve estar morta agora.

Será que ela não disse nada ou mesmo falando eles cometeram a maldade?

Morte e mais mortes...

Esse é o resultado de todo problema que acontece nessas famílias.

Essas pessoas não deveriam se sacrificar por Cesare. Ele não irá mudar nada, apenas piorar tudo.

Será que eles não percebem suas tendências sociopatas?

Na entrada da casa, encontro Caterina. Ela sorri para mim e carrega uma cesta com legumes.

— Parece uma camponesa — comento sorrindo.

A cesta, roupas e o lenço na cabeça não remetem a outra coisa.

— Já tomou café da manhã?

— Ainda não.

— Eu também não. Vamos?

— Como estão com tempo, hein? — Héctor nos para, mas sua atenção está em Caterina.

Como eu o odeio.

Quando contei sobre Silvana, não era no intuito de eliminar a alienada.

— Não estamos. É só uma refeição — ela rebate.

— Você deveria fazer isso depois que fizesse tudo que tem pra fazer na casa.

— Mas não sou apenas eu a funcionária aqui.

— Para mim, é. — Ele arrasta a cesta da mão dela e joga tudo no chão. — Limpe — ordena e sai da casa em seguida.

Que bastardo maldito!

Caterina está boquiaberta e eu também.

— O espírito de quinta série dele é demoníaco — concluo a ajudando a arrumar a cesta.

— É o inferno que ele prometeu que eu viveria caso ficasse aqui.

— Deveríamos fazer o mesmo para ele.

Ele merece.

Assim que pegamos tudo, ela busca o aspirador e tira toda a poeira que caiu dos alimentos no carpete, só depois podemos tomar o nosso café em paz.

Passar as manhãs na estufa com Caterina tem sido a parte mais tranquila e divertida do meu dia. É uma pessoa um pouco atrapalhada, mas tem bom coração e sinto que apenas ela me entende aqui.

Somos duas fodidas que pararam na mansão Barone.

Gostamos muito de flores.

Desta vez o torturador dela não aparece e fazemos tudo em paz.

Só encontro Chiara e Ramona no almoço, pois as duas costumam dormir até tarde. Raramente, aproveitam as manhãs.

E o assunto na mesa não pode ser outro.

Don Alejandro só soube da nossa confusão hoje, já que o sermão está sendo dado agora.

— Presas! Olha que vergonha para a nossa família! Qual é o homem que irá se interessar em se casar com uma mulher com esse currículo?

As meninas trocam olhares e riem baixinho.

— Do que estão rindo? — A voz do Don é rouca e arrastada.

Chiara para de rir na mesma hora, já Ramona continua.

— Currículo para se casar, papai?

O sorriso quer surgir nos meus lábios.

Que grande bobagem!

— Sim. É claro. Uma moça pura e casta, envolvida em causas sociais, criada na boa etiqueta. O que me resta é acreditar que você é pura e casta.

Agora é Roman e Damon que dão gargalhadas.

O Don larga o lenço na mesa e se levanta.

— Diga a Caterina levar meu almoço no escritório.

Ele desistiu.

— Sim. — Mirabela aceita e depois corta os filhos com o olhar. — Vocês querem matar seu pai de desgosto?

— Só rimos das coisas engraçadas que ele disse. — Roman dá de ombros.

Ela discorda com a cabeça e volta a comer.

Héctor e Henrico não vieram para o almoço. Eles não estão aqui.

É estranho.

Sobre o Henrico.

Parece que falta alguém.

Como foi ele quem “me trouxe” para cá, mesmo próxima a todos, me sinto a amiga dele no meio de seus outros amigos que não conheço bem.

— Precisamos voltar para a cidade e comprar as roupas, já que ontem não deu certo — Ramona avisa.

— Ah, irmãzinha ex-presidiária, ainda não aprendeu a lição? — Damon a provoca.

— Eu queria tanto ter visto isso — Roman lamenta. — Chegaram a tirar as fotos?

— O Henrico tem no celular — Damon conta.

— Alguém tem que apagar aquilo — Ramona afirma e Chiara olha logo para mim.

— Serena, assim que ele se distrair, faça isso.

— Se distrair quando?

Acho que a pergunta é: por que eu?

— Quando estiverem juntos.

Ela quer me matar de constrangimento, é isso.

O calor sobe da mandíbula rapidamente para as maçãs do meu rosto.

Agora todos à mesa pensam besteira.

— Isso nunca acontece, então você como irmã deve conseguir.

Roman ri.

— Já deveria imaginar que a desculpa dele de nunca querer se casar ou se apaixonar era apenas para esconder a falta de jeito com mulher.

Não sou capaz de opinar.



Depois do almoço, me sento sozinha na varanda.

Parece que estou aqui há anos.

Onde será que o Cesare está?

Será que seu plano de “dominar o mundo” continua de pé?

— Aqui está você. — Roman me rodeia, até parar na minha frente.

— O que quer, hein?

Parece que a diversão dos Barones é ficar enchendo o saco de quem está quieto.

— Vittoria Van Doren. Na minha boate.

Não esclareceu nada.

— Hein?

— Você irá procurá-la e a levará para a minha boate. Simples.

— Não mesmo. Eu não vou.

Parece que quer que eu arranje mais problemas com o Henrico!

— Vai — ele assegura.

Ele cismou comigo, só pode.

— Já parou para pensar que você pode ir até ela, ou pode mandar um dos seus subordinados fazer isso?

— Se pudesse eu estaria aqui? Resposta negativa. Você deve convencê-la.

Como é insistente!

— Peça à sua irmã ou à Chiara. Eu não tenho o contato da Vittoria.

— Elas me contaram que você ficou amiguinha dela, então é você, sortuda.

Sortuda...

A palavra definitivamente não combina comigo.

— Eu não posso sair daqui.

Se o Henrico me entregar nas mãos do Héctor, estarei morta.

— Você vai. Eu te levo e se você cumprir com o combinado, eu te trago de volta.

— E se eu não quiser nada disso? — Ergo a sobrancelha.

Esse imbecil não vai me manipular.

— Aí eu dou um belo jeitinho de foder a sua estadia na casa. Acredite, posso fazer isso com um estalar de dedos. — Seu jeito maníaco me faz engolir seco.

— Você não faria. O Henrico te mataria.

— Saímos às 16h. Não se atrase. — Ele me deixa e vai embora com as mãos nos bolsos.

Eu não vou me arriscar.

Assim que Henrico chegar, vou contar tudo e eles que se resolvam.

24



CHANTAGEADA

Serena Russo

Passo a tarde esperando Henrico aparecer e nada do homem. Do jeito que Roman me encontrou e me deixou na calçada, fiquei, estática, olhando os portões à espera de algum carro que, provavelmente, trará Henrico de volta.

Não somos melhores amigos, mas já o enxergo como a minha esperança, o meu guardião e tudo semelhante a isso. E, talvez, devesse ficar perto dele 24h por dia, pois toda vez que ele se afasta de mim, um problema se aproxima.

Roman poderia atrair essa mulher de tantas formas, mas ele me escolheu e como não confio na índole dele, não duvido que pode mesmo acabar com a minha paz na casa.

Se ter o Héctor querendo me torturar já é complicado, imagina toda essa gente contra mim?

Preciso mesmo ficar perto do Henrico em tempo integral. Irei montar uma tenda e acampar ao lado da cama dele.

Será mais seguro.

— Vamos, Henrico. Volta...

Ele não me atende e não responde às minhas mensagens.

O que será que ele pensou quando entrei no seu quarto sem avisar?

Pensei tanta coisa que já me arrependi.

A Chiara também não ajuda.

Depois fico como a mulher sem-vergonha que traiu o marido.

Não que eu tenha essa intenção.

Claro que não!

Mas não imaginar acontecendo foi impossível.

Merda!

Eu sei como é, não sou nenhuma bobinha inexperiente.

Ele deve ser uma delícia na cama.

Serena!

Para, cérebro!

Para!

Como chegamos a esses pensamentos mesmo?

Estava refletindo sobre as escolhas prejudiciais para mim, que o Roman faz e a necessidade de ficar mais perto do Henrico.

Não é apenas do Cesare que ele tem que me proteger. Eu já entendi. Até eu mesma me ofereço perigo.

Ele deve estar arrependido de ter feito esse trato comigo.

Aposto que ele já pensou que teria sido melhor morrer do que passar por isso.

Em minha defesa, ele passa o tempo inteiro fora.

Nem posso dizer que está fazendo algo por mim. Só estou de hóspede aqui.

Até quando?

Será que esses passeios são para saber onde Cesare está?

Eu sozinha consegui descobrir quem deixou o cartão na minha cama e ele nem me disse o que a mulher contou.

Precisamos melhorar nosso diálogo.

Segredinhos não ajudam.

Um perfume amadeirado e sofisticado entra nas minhas narinas. Olho para trás e vejo Roman em um conjunto de terno, blazer aberto e camisa clara com a gola desabotoada. O cabelo parece úmido no penteado para trás.

Ele deve ter tomado banho.

— Vamos?

— Já?

CADÊ O HENRICO?

Eu vou matar esse homem quando o encontrar.

Como pode sumir logo agora?

Roman olha para o relógio de pulso.

— 16h. Sim. É agora. Vamos. — Ele desce o degrau e acena para um homem, que entra em um dos carros e manobra até parar onde estamos.

Levanto limpando a poeira da roupa.

— Eu não estou com a minha carteira.

Eu nem tenho carteira, mas poderia me esconder indo buscá-la.

A ameaça dele.

Cérebro, me deixa ser um pouco inconsequente!

— Não vai precisar. Vamos.

— E se eu morrer? Vou ser dada como indigente!

Ele me encara encolhendo a sobrancelha e um sorriso surge.

— Você é completamente louca.

Eu deveria ser, assim não estaria fazendo isso.

Quando abre a porta, reviro os olhos e entro no automóvel. Antes mesmo de me afastar no banco, ele se senta e fica colado em mim.

— Vamos aproveitar a viagem. — Passa o braço pelos meus ombros, mas acerto um tapa na mão e me sento perto da outra porta.

— Vai sonhando...

Esse deve dar em cima de todas as mulheres.

— Já me proibiram de sonhar.

— Que ótimo, então nem em sonho. — Cruzo os braços à frente do corpo e espero chegar à cidade.

O plano de ignorar o Roman dá certo até agora, mas ele fica falando o tempo inteiro.

— Você sabia que o Henrico nunca beijou uma mulher? É. Ele também nunca fez nada além disso. Um dia, jogamos uma no colo dele, ele a empurrou. Acho que ele tem medo de estragar tudo. A genética, sabe?

Tirando as bobagens que eu não acredito, não entendi essa coisa da genética e do medo de estragar tudo.

Apenas deixo a curiosidade reprimida e continuo o ignorando.

— O que acha que o seu marido faria se soubesse que você está comungando com o cara que te pegou para matar ele?

Eu prefiro não achar.

— Sabe, entendo a possessividade do Henrico. Foi muito arriscado te buscar para te perder, certo?

Como se Henrico tivesse ido me buscar e não ido atrás do meu marido.

— Então, você roubou o carro da Vittoria... Ela não te bateu por isso? Sortuda, hein? Ela é uma garota selvagem em todos os sentidos. — Ele acaricia a mandíbula enquanto me observa. — Ela falou de mim? Certamente. Eu dei um jeito na cabecinha fodida dela. Sabia, nem só você anda com problemas dos pés à cabeça por causa de alguém? Deveria ficar feliz que o seu problema é um marido e não uma mãe ou um pai.

Os pais dele não são ruins.

Deve ser os dela.

Ele tagarela até chegar à cidade.

Paramos em frente à sua boate.

— Você tem a tarde toda, querida — ele avisa antes de entrar. — Só não tente nenhuma gracinha. Eu não tenho

gente para lidar com ela, mas tenho muita gente para lidar com você.

A tarde toda quando já passou a maior parte dela.

Eu só precisava ter encontrado o Henrico.

Olho o celular enquanto ando pela rua e o que já esperava acontece. O celular descarregou.

Estou contando que ela deve estar em um bom hotel. Conheço a cidade, pois morei aqui tempo suficiente para isso.

Começo a caçada.

Pergunto no primeiro, não dizem, e na sucessão até o sexto também não, então uma recepcionista me deixa esperançosa com um barulho afirmativo.

— Hum! Sim.

— Ela está hospedada aqui? Pode chamá-la? Diz que é a Serena.

— Moça, eu nem deveria estar confirmando nomes de hóspedes.

— Mas eu disse que sou entregadora de pizza.

— Que pizza? Eu sei que não é.

Pena...

Foi um plano bem elaborado.

— Ela me conhece. Só liga e diz que a garota que roubou o carro dela está aqui e ela vai me receber.

A mulher me analisa, sem piscar.

Eu sei que é uma referência esquisita, mas não confundiria a Vittoria.

— Por favor... — Eu me deito no balcão. — Senão terei que ficar gritando na frente do hotel até ela aparecer. Imagina a saia justa?

Eu nem vou contar o que pode acontecer se eu não falar com ela.

Henrico falou: “Não saia da mansão sem mim” e aqui estou eu.

Tenho mais problemas do que nunca.

Ela pega o telefone, mesmo torcendo a boca, e liga.

— Senhorita Van Doren, *a moça que roubou o seu carro* está aqui querendo te ver.

Ela pensa que é mentira.

Coitada.

É só o meu crime mais leve.

— Sim. Ok.

Endireito a postura assim que ela afasta o telefone do ouvido.

— O que ela disse?

— Você pode subir. 3° andar, quarto 3B.

Eu sabia que daria certo!

Agradeço e vou ao elevador com o alívio relaxando o corpo.

Agora só preciso convencer a Vittoria e depois voltar para casa em segurança.

Quando chego à porta do quarto, dou uma batidinha e ela abre.

Vittoria está em um conjunto de roupa acetinado e o cabelo enrolado em um curling[13] rosa.

— Tudo bem? O que aconteceu? — E me cumprimenta, aparentemente preocupada.

— Estou bem. — Entro no quarto e depois de fechar a porta, ela aponta um lugar para me sentar.

O quarto é um luxo vintage, com papéis de parede de estampas, lençóis de seda e cheiro de jasmim.

— Mas tive que te procurar, porque fui forçada.

— Quem te forçou? — Suas sobrancelhas caem, mas logo depois ela franze o cenho. — Ah, nem precisa falar. Eu já sei.

— Roman quer te ver e mandou que eu te convencesse a encontrá-lo.

Ela bufa e anda de braços cruzados até a janela.

— É por isso que já estava indo embora. Não queria encontrá-lo.

Ele deve ter feito muita raiva pra ela.

— Estou vendo que está brava com ele, mas você poderia ir comigo até lá?

— Não dá, Serena. — Ela se vira para mim. — Quero distância do Roman.

— O que ele fez?

— Ele... — Ela suspira e se senta na outra poltrona, encolhendo os pés. — A minha família teve alguns problemas e acabei sendo sequestrada. Passei pelo maior pesadelo da minha vida, saí de lá porque fiz o extremo, mas essa solução me deixou com a cabeça a prêmio. O Roman me ajudou por causa do meu pai e ele meio que ficou obcecado por mim, do nível: ninguém toca nessa fodida; eu não vou deixar ninguém te fazer mal. A gente se envolveu e o safado está namorando outra mulher.

Difícil defender o Roman!

— Está ou estava?

O pai dele estava sugerindo casamento e ele parecia não querer nada.

— Eu não sei agora. Já faz algumas semanas que isso aconteceu. Eu também não quero saber. Não quero me meter no relacionamento dos outros.

— Eu entendo... E entendo também que você de longe se sente obrigada a me ajudar, depois do que fiz com o seu carro, mas estou morando na casa deles. Você sabe sobre o meu marido. Roman disse que vai fazer com que todos fiquem contra mim.

Ela suspira.

Sei que sabe que ele é capaz mesmo.

— E o cara que cuida de você? Ele não pode impedir?

— Ele sumiu! Eu liguei, mandei mensagem e nada. Não tive escolha a não ser fazer. Não queria nem quero saber do que ele é capaz.

— Ai, Serena...

Entendo sua indecisão.

— Tenho certeza depois dessa conversa, que ele não vai te causar o mal que pode causar a mim, se você não for.

— O Roman não tem jeito mesmo! — Ela levanta e calça os saltos YSL. — Eu só vou para dizer que ele precisa parar. Apenas isso. Sei do que ele é capaz.

Ele não esconde isso de ninguém.

— Bem, olha pelo lado positivo. Ele não forçou o encontro. Só quis que eu te convencesse a ir de boa

vontade. Acho que ele te respeita. — Ajudo a tirar o curling do cabelo.

E se tratando do Roman, isso é um milagre.

— Não estou de boa vontade. — Ela pega uma bolsa e joga no ombro. — Vamos.



Assim que passamos pela porta da boate e Roman nos vê, sorrio vitoriosa.

Consegui!

Ele não pode fazer nada!

Trouxe a mulher que ele queria. Agora estou livre de suas ameaças.

Ele sai de trás do balcão com um leve sorriso e um brilho nos olhos que eu nunca tinha visto. E tudo para ela.

Fico para trás e Vittoria anda a passos firmes, desfilando com o porte de modelo que tem. Ela tira a bolsa do ombro e segura pela alça, mas assim que chega bem perto do Roman, acerta na cara dele.

Estremeço, sentindo o impacto disso.

A bolsa dela era de couro de jacaré. Eu vi de perto. Dura e encorpada.

Não deve ter sido agradável recebê-la na cara, mas o Roman merece muito.

Ela só fez o que eu e muitas mulheres desejavam fazer com ele.

Roman toca a região e ri.

— Quanta saudade.

Se isso não for paixão, não sei o que é.

Assisto os dois indo para outro lugar, antes dele mandar seus motoristas me levarem para casa.

Terei que pedir por conta.

Viro para fazer isso e bato de frente com um homem.

Reconhecer alguém pelo cheiro é um nível muito grande de intimidade.

Levanto o rosto até ver a cara do desaparecido.

Sorrio.

Henrico, não!

— O que você faz aqui, Serena? — pergunta com a voz apertada.

25



VAMOS FICAR JUNTOS

Henrico Milano

Estive muito ocupado em uma fazenda e só vi as mensagens de Serena perguntando onde eu estava e falando que Roman estava a chantageando poucos minutos atrás, por isso passei logo na boate dele antes de ir para casa.

Encontrar Serena na cidade não era o que eu esperava.

Agora ela não para quieta e não diz nada que faça sentido.

Seguro seus ombros e a faço sentar em uma das cadeiras do bar.

Ela ainda está com o vestido que vi durante a manhã.

— Sabe que ficar na mansão não basta? — ela fala afobada.

Eu me sento na sua frente e aceno para o garçom. Ele já sabe o que costumo pedir.

— Por isso achou interessante sair depois que eu disse para não fazer isso sem mim.

Teimosa!

— Roman me obrigou. Tentei falar com você. Ele disse que faria todos da família se virar contra mim, se eu não trouxesse a Vittoria Van Doren para ele. Eu te esperei a tarde inteira até a hora que ele marcou de vir. O que poderia fazer? Roman certamente mandaria alguém me jogar dentro do carro, se não fizesse ele mesmo! Eu só vim para me livrar do problema.

Roman está apressando a sua morte.

Eu já dei meus avisos e mesmo assim ele ignora.

A família ficará contra mim, quando perder o controle e esfolar o patife caçula deles.

— E você fez?

— Fiz. Ela veio. Devem estar se mordendo naquela sala. — Ela aponta tremendo.

Qual foi o dia de paz que tive depois dela?

Está corada, descabelada e instável.

Ainda assim, é atraente e isso me causa um pouco de raiva.

Nada do Cesare deveria ser bom. Nem ele, nem as suas drogas, nem a sua esposa.

Decido ir atrás do babaca do Roman e o encontro debruçado na garota em cima da mesa.

Arrasto a gola do blazer e o jogo contra a parede.

Ele me olha, assustado.

— O que disse sobre mexer nela?

— Você tem alguma coisa com ela? Eu não sabia. — Aponta para a moça que estava com ele.

Agarro o colarinho da camisa e o encaro de perto.

— **Na Serena, *cazzo*!** — rosno.

— Só trocamos favores.

Cedo ao desejo de sufocá-lo envolvendo as mãos no seu pescoço. Ele rapidamente fica vermelho e com os olhos esbugalhados.

— Não volte a ameaçá-la, Roman. Este é o meu último aviso.

— O q-que ocê va-i fa-zer? — pergunta com a voz esganiçada.

Ainda ousa me desafiar?

— Garantir que mais nenhuma ameaça sairá da sua boca estúpida. — Eu o largo roxo e tossindo.

— Foda-se, Henrico! — Ele tosse.

Ele não facilita a minha vida!

Saio da sala e encontro a Serena andando de um lado para o outro, trêmula.

— Vamos.

— O que fez? — Seus olhos esbugalhados me encontram.

— Dei meu aviso. — Saio da boate e ela me acompanha.

— Que aviso?

— Um aviso, Serena.

Parece que nunca ouviu meus avisos.

— Sou uma boa entendedora, mas os seus resumos não bastam, sabia? Desse jeito nunca vamos nos entender.

Como se fosse eu quem dificultasse o nosso entendimento.

Abro a porta do carro e ela entra, em seguida faço o mesmo.

— Vamos passar na loja — aviso ao motorista.

Esse era o meu plano, mas mudei por causa de Serena. Agora que ela está aqui, posso seguir a agenda do dia.

— Que loja?

— De roupas. Desta vez fui claro?

Ela coloca o cabelo atrás da orelha que está tão vermelha quanto suas bochechas.

A garota parece uma cadelinha indefesa.

— Não dá para te deixar sozinha, não é?

— Não acha que é você quem some? O que anda fazendo para acabar com a necessidade do nosso trato?

— Tenho pessoas procurando o seu marido, se é isso que quer saber.

— Você me deixa naquela casa onde tem dois loucos querendo me matar e uma enfermeira pombo-correio, sem contar na sua irmã e a amiga merdeira dela. Como você acha que estou segura lá? Está vendo que o problema não está em mim? Eu nem fico sozinha. Se ficasse nada disso teria acontecido.

— Posso te prender em um galpão.

É uma ótima maneira de deixá-la sozinha.

— Não, Henrico! Só fique perto de mim, *cazzo*!

Sua exigência me pega de surpresa.

— Eu já me vejo nas mãos do Cesare de novo. — Ela esfrega o rosto. — Me dizendo que o traí e mereço morrer.

Dramática.

Ela vira para mim, apertando as bochechas, com os lábios carnudos torcidos.

Nem é bom olhar.

Muito me admira no meio desse desespero todo ainda não ter cometido um ato radical.

— Diga alguma coisa! — implora.

— Ok. Eu vou ficar perto de você.

Deve ser isso que ela quer ouvir.

— Só isso que você tem para falar? É a solução? — Sua aflição não passa.

Dio mio!

Para que a peguei?

— Sim. Acho que é mais que o bastante.

O que mais ela quer?

— Sabe que odeio essa sua calma?

Eu quero rir, mas me contenho.

— Querida, você não quer me ver estressado.

Serena se endireita no banco, olha a rua e suspira.

Ela tem razão quando diz que eu sumo, mas achei que a mansão era o bastante para resolver os problemas, que aparecem na vida dessa mulher.

Não contava com o Roman, com as meninas e com a enfermeira pombo-correio.

A distância também me passava segurança.

Eu não deveria ficar tão perto dela, pois o risco de me importar mais do que já me importo é altíssimo.

Na minha cabeça não tem espaço para tanta gente importante.

E ela vai embora em algum momento, sairá do meu radar e não será mais da minha conta. Quando esse momento chegar, eu não quero me importar.

Apenas vá.

Já retribuí por você ter salvado a minha vida.

Suma!

Foda-se a partir de agora!

Mas a distância não está me ajudando a cumprir com o combinado, então resta eu mesmo me proteger desse risco enquanto a tenho por perto.

Chegamos à loja e ela entra comigo.

Por pouco não perdi a oportunidade de fazer a compra, pois já é fim de tarde e as lojas fecham cedo.

— Olha só! Vai comprar mais roupas pretas? — Ela observa os manequins de terno.

Eu gosto do preto.

Por que ela fala com deboche?

Encontro o vendedor que sempre me atende e ele me leva até as araras para escolher o conjunto.

Serena olha as roupas que mais chamam a atenção, um pouco distante de mim.

Eu deveria estar escolhendo a minha roupa, mas meus olhos estão no corpo esguio dela, coberto pelo vestido florido, com o cabelo caindo pelas costas e sobre os ombros nus.

Difícil.

Eu facilmente poderia tirar essa roupa e fazê-la minha. E tenho certeza de que ela se renderia.

Difícil não pensar nessas coisas e em como ela deixou o Roman beijar o seu corpo naquele dia.

Podendo soar repetitivo, mesmo que ela tenha múltiplos motivos para odiar o marido e querer sua ruína, traí-lo diz mais sobre ela do que sobre ele.

Eu não posso esquecer disso.

Na verdade, isso seria um ponto positivo para alguém que não quer dar um lugar de importância para ela, mas inevitavelmente a deseja.

Como não?

Roman diz isso em voz alta e eu concordo em silêncio.

— Para onde vai tão elegante? — Ela se vira para mim.

— Um evento beneficente.

— Ah, é mesmo! Foi o que viemos fazer no outro dia — ela fala distraída.

— E fizeram? — Finjo estar tão interessado nas roupas quanto ela.

— Não deu. Ainda bem. O que tinha na loja não era o tipo de roupa que gosto. Nem precisei olhar muito para perceber.

Gosto que ela tenha opinião própria.

Mesmo tendo se metido em confusão com a minha irmã e Ramona, vejo que ela sabe o que a identifica ou não com elas.

As meninas não passaram pelas mesmas coisas que ela. Seus problemas são fúteis. Quando elas reclamam de tudo, vejo as caras que Serena faz.

Gosto daquelas caras e bocas.

Eu também nunca esqueci dos meus problemas, do que devo dar importância e do que não devo.

— Qual é a loja que você gosta?

— Aqui?

— Sim.

— Tem uma perto da escola onde eu estudava que tem roupas legais. Eu costumava ir lá no caminho de volta do curso.

Concluo que o pequeno sorriso para o manequim é pela boa recordação.

— Mas tem roupa de gala? Esses eventos não recebem convidados com vestidos floridos simples.

Ela olha para o próprio corpo.

— É simples, mas gosto dele.

— Sim. Fica muito bem em você, mas precisamos de uma roupa adequada.

— Eu nem vou, Henrico. — Ela dá de ombros.

— Vai sim.

— Pra quê? Para me expor? Ver meus sogros e outras pessoas que vão perguntar onde está o meu marido? Não ir é me proteger.

— Você está comigo e como agora andamos grudados, te protegerei.

Ela faz um biquinho com os lábios.

Será que dei a entender que ela tinha escolha, por isso parece estar analisando a ideia?

— Acostume-se com a ideia. — Pego um terno preto e liso para experimentar.

No fim, sempre escolho o mais simples, elegante e preto.

Experimento e me olho no espelho fora da cabine enquanto Serena me observa mordendo as unhas.

— Qual é o negócio da genética?

— Que genética?

Ela tem cada pergunta...

— Que você tem medo de estragar tudo. Roman disse que você empurrou a mulher por causa disso.

Roman e sua boca grande!

— Essa mulher não existe. E o resto é tolice que Roman inventa. Você não deveria ouvi-lo.

— Ele falou o caminho inteiro até aqui.

Ele fala demais.

— Lamento por você. — Volto para a cabine e troco de roupa.

Não vai precisar de nenhum ajuste.

— E ainda achou que rolaria alguma coisa entre nós. Quem iludiu?

Ele foi de novo atrás disso com ela?

Fecho o punho e respiro fundo antes de sair.

— Você, quando se envolveu na boate — respondo irônico.

— Jamais! Eu estava bêbada e se for para trocar seis por meia dúzia, prefiro ficar sem ninguém.

Será mesmo?

Tenho minhas dúvidas.

Fecho a compra com o vendedor e quando saímos, deixo a roupa no carro, então sigo a pé para a loja do lado, que sei que vende roupa feminina.

Serena me acompanha em uma marcha atlética.

— É sério que vai me forçar a ir?

— Não. Você vai de boa vontade porque quer ficar perto de mim, para que seu marido não a pegue.

Não foi isso que ela pediu?

— Ainda tenho que me acostumar às suas respostas. — Ela vai direto para um vestido cinza de saia volumosa com a blusa cheia de cristais.

Paro ao seu lado e vejo seus olhos brilhando, também um pequeno sorriso.

Feliz para ela, perigoso para mim.

— Não vai na cor do luto antecipado pelo seu marido e pelo casamento?

— E andar como um par de jarros ao seu lado? Melhor não.

Eu tenho que parar de achar coisas que gosto nela.

Ela vai embora.

Eu não posso me importar quando ela for.

Preciso apressar essa ida.

Depois apagarei a sua existência da minha vida.

Eu gosto do humor dela.

— Vista.

— Eu não tenho como pagar.

Essa não deveria ser a questão.

— Você pagava quando ia às compras com o seu marido?

Ela olha para mim e dá uma risada genuína.

— Compras com ele... Você espera demais. Eu vou apenas experimentar. — Ela se afasta carregando o sorriso e chama uma vendedora.

Acho que esperei demais.

Ele a escondia.

Como saíam para fazer compras?

Aguardo até ela se vestir e aparecer parecendo uma princesa. A roupa brilha e o rosto dela também.

Quanto tempo juntos?

30 minutos?

Foda-se, eu a quero muito!

26



CARTAS DE AMOR

Serena Russo

— ***Não*** ficou bom? Nem precisa falar. Só a minha opinião importa.

E eu amei como o vestido ficou em mim. O decote V nos seios não é tão grande, o ombro segura bem o peso da pedraria e a saia é muito leve.

Ele se levanta e se aproxima de mim, me observando pelo reflexo no espelho.

— Ficou bom, mas chama a atenção que você parece não querer. — Ele guarda as mãos no bolso da calça e seus olhos descem para o meu decote.

Só pode estar brincando com a minha mente.

Diz sua atenção?

Porque parece isso.

— Se for para aparecer, que seja para realmente aparecer. Vou ficar com esse.

Seus dedos tocam as minhas costas.

— Que marcas são essas? — Traça uma linha e fecho os olhos apertados.

Ele encontrou as marcas do cinto de Cesare, que as tocava assim quando queria me lembrar o que poderia acontecer comigo, se não seguisse suas regras.

— Nada. — Volto para a cabine apressada.

Porta fechada.

Longe dos olhos dele.

Perfeito!

Se eu não tivesse enrolado o cabelo, ele não teria visto.

Algo me diz que será uma péssima ideia ir com Henrico a esse evento, mas ele usou argumentos muito bons para me convencer. Eu o convenci a ter esses argumentos. E também vivenciei coisas demais sozinha naquela casa, para querer ficar longe de quem não deixa isso acontecer quando está perto.

Mas essa proximidade pode ser perigosa, principalmente, se ele ficar me olhando daquele jeito que ainda não consigo decifrar.

É mais que as caras de nada convencionais dele.

Troco de roupa e do lado de fora da cabine entrego o vestido a vendedora.

Henrico a acompanha para concluir a compra e aqui estou eu me lembrando da pergunta que ele fez mais cedo.

Quando Cesare e eu saíamos, ele pagava as compras?

Cesare e eu não costumávamos sair para compras.

Ele mandava uma estilista ir até a casa, com uma arara de roupas que combinavam com a mulher que eu deveria ser.

Apenas isso.

Eu nem consigo imaginar o Cesare escolhendo roupas na tranquilidade que Henrico faz. Aliás, o autocontrole dele diante de assuntos revoltantes ainda é algo que me irrita, embora ele tenha saído em fúria atrás do Roman e eu não sei o que aconteceu dentro daquela sala. No fim, prefiro mesmo não vê-lo de outra forma.

Enquanto Henrico passa o cartão, as vendedoras trocam olhares e sorrisos.

Não deve ser todo dia que um homem bonitão desse entra em uma loja para garotas e esse seu jeito mais contido pode ser confundido com gentileza.

Henrico é um bruto.

Ele só é um bruto calado.

Elas deveriam saber disso.

É quase um homem das cavernas.

Uma das vendedoras traz a bolsa com o vestido e o Henrico a acompanha.

— Obrigada. — Pego a bolsa com ela e Henrico sai da loja sem despedidas ou agradecimentos.

— Voltem sempre.

Eu as deixo com um sorriso e encontro meu protetor segurando a porta do carro. O motorista pega a bolsa da

minha mão e entro no automóvel.

Acho que ele guardou o terno no porta-malas também.

O banco tem espaço livre para nós dois. Henrico se senta ao meu lado assim que me acomodo.

— Para casa — ele diz ao motorista e este dirige.

Com a cabeça encostada no banco da frente, assisto as ruas, as casas e lojas que têm por ela.

Começo a reconhecer a partir de um trecho.

— A minha casa ficava aqui. — Aponto.

— Oi? — Henrico pergunta.

— A casa onde morei com o meu pai. Ela fica a sete casas a seguir: quatro, três, dois…

— Pare — ele diz e paro, o carro também.

Bem em frente à casa.

Meu coração dispara com a última lembrança que tive dela.

Depois do enterro de papai, nunca mais pisei aqui.

Saio do automóvel e, infelizmente, não tenho a chave para entrar no imóvel. Nem sei se tem outra pessoa morando nela.

Uma mulher sai na frente da casa vizinha. Não a conheço, mas ela acena e sorri. Retribuo da mesma forma até que chego em frente à porta.

— Ainda tem o mesmo tapete velho. — Sorrio olhando para o tapete empoeirado que um dia foi cinza.

Henrico está parado atrás de mim. Posso sentir o calor do seu corpo, seu cheiro e a presença imponente.

Eu me abaixo e levanto um canto do tapete até ver o pedaço do piso quebrado, que usávamos para esconder a chave reserva. Levanto o pedaço e, debaixo dele, a encontro.

— Acho que não tem ninguém desde que ele mo... — Engulo em seco.

Eu já falei diversas vezes sobre isso, mas parece que os dias me fizeram acreditar que era só uma ideia. Agora volto ao lugar em que confirmei que não era e tudo volta a ser muito real.

Respiro fundo, com os olhos secos e apenas o coração um pouco quebrado.

Ao abrir a porta, é inevitável sentir o cheiro de mofo no lugar. Não tem luz e já começou a anoitecer, então não consigo ver mais do que a luz de fora, dada pelos postes, permite.

Uma luz se acende atrás de mim.

Olho para Henrico e ele segura o celular com a lanterna ligada.

Os móveis continuam no mesmo lugar. A xícara de chá que tomei depois que decidi aceitar ir com Cesare está perto da televisão, como deixei. A cada passo que damos, a poeira do chão gruda no sapato e a marca dos nossos passos fica pelo caminho.

É uma casa pequena, mas no ano em que fiquei aqui, com papai, foi aconchegante e tivemos bons momentos.

Vou ao quarto dele.

A porta range quando a empurro e o cheiro da poeira e mofo é mais forte aqui.

Minha garganta coça e isso me faz tossir.

Henrico para na porta e a luz do celular ilumina o cômodo inteiro. Não fortemente, mas o bastante para que possa ver e sentir vontade de chorar mais uma vez.

— Papà, o que quer para jantar hoje? — Espiei seu quarto e ele estava fazendo anotações em uma caderneta, com os óculos chegando à ponta do nariz.

Era uma das poucas noites em que ele ficava em casa.

Ele se endireitou antes de olhar para mim, sorrindo.

— Você nunca mais fez aquela focaccia divina. Hoje parece ser um bom dia para isso.

Sorri.

Eu adorava massas e ele adorava as que eu fazia.

— Tudo bem. Farei isso então. — Demorei para ir à cozinha.

Estava feliz em ter meu pai perto de mim, embora mamma não estivesse ali.

Os dois não eram mais um casal, mas eram amigos, bons amigos e estar com eles era maravilhoso. Tinha planos de me dividir e assim não deixar de dar atenção a nenhum deles. Quando o curso terminasse, voltaria para a Sicília e passaria mais um tempo com *mamma*, depois voltaria para a Calábria e ficaria mais um tempo com *papà*.

Mas isso não aconteceu.

Enxugo a lágrima que caiu do meu olho esquerdo e pigarreio indo para as gavetas.

— Papai nunca me deixou abrir suas gavetas.

A primeira delas está cheia de cuecas.

— Por que será? — Henrico indaga diante do que vemos e sorrio abrindo a segunda gaveta.

— Cartas. — Meu sorriso aumenta e pego uma delas. — Meu pai e a minha mãe trocavam cartas de amor.

— Não seria mais fácil morar juntos?

— Eles se separaram, cada um foi para um lado, mas pelo visto as cartas continuaram.

Todas estão abertas.

Pego uma delas, curiosa para ver se existia alguma esperança para o relacionamento deles, mas para ler preciso ficar perto de Henrico e seu celular.

Francisco,

Como está?

Pensei muito sobre mandar essa carta, mas precisava falar isso para alguém e esse assunto só diz respeito a nós dois.

O rosto dele está mais forte e o sorriso. Você tem que ver.

O sorriso é idêntico.

Não achei que isso me abalaria tanto, mas abala.

Tem horas que acho que não posso aguentar, mas aguento por você. Tivemos nossas diferenças, mas não quero nem posso destruir tudo que vocês construíram.

É para sempre, certo?

Sobre a ideia dos estudos para Serena. Acho boa. Será bom para mim e para ela. Ela ficará feliz por ficar perto de você por um tempo.

Obrigada por ter sido um bom pai para a minha menina.

Até breve.

Com carinho,

Mariana.

— Eles falam em código ou o quê?

— Não deboche, Henrico. Deve ser a maneira deles de se expressar.

— Uma maneira bem suspeita. Parece que tem um homem sorridente espreitando a sua mãe. Você não deveria se preocupar?

— Claro que não! — Olha a data da carta. — É de bem antes de eu vir pra cá. Eu não me lembro de ninguém que preocupasse a minha mãe. Deve ser alguma metáfora. — Dobro a folha, volto para a gaveta e espirro.

— Acho melhor a gente ir. Outro dia voltarei. — Fecho a parte do móvel.

Quero ler todas as cartas, mas desse jeito não dá.

Saímos da casa e levo a chave reserva comigo.

A vizinha acena novamente.

Deve ter se mudado nos meses em que não estive aqui.

Aceno de volta e entro no carro antes do Henrico.

27



VOCÊ GOSTA DE BRINCAR COM FOGO?

Henrico Milano

Estou começando a odiar essa mulher pelos motivos errados.

Atração física é uma coisa passageira, sem tanto prejuízo psicológico futuro, mas a comoção pelo passado do outro é o que não queria sentir por ela.

Maldita hora que mandei parar naquela casa velha e empoeirada.

Cartas de amor?

Dio mio!

Ela é uma romântica.

Estou dizendo que a distância era o remédio e a proximidade vai me matar ou acabar me fazendo matar muita gente.

Ela suspira quando o carro para em frente à mansão.

— Sabe que até me acostumei com a casa? A casa dos Russos é gótica, escura e me dá medo.

E tem isso também.

Ela se abre espontaneamente.

Eu lá quero saber o que ela sente?

Claro que não!

Saio do carro e ela me acompanha para dentro da casa.

— Precisamos delimitar um limite para essa proximidade ou não vou...

— Não vai o quê? — Ela parece preocupada.

Me segurar e te foder, garota.

— Ter privacidade. — Subo a escada e ela continua ao meu lado.

— Prometo que não vou entrar mais no seu quarto sem bater. A não ser que eu esteja com muito medo de alguma coisa. Quando eu fico nervosa...

— Eu sei. Eu sei.

Impulsiva.

Passamos pelas meninas e a minha esperança é que Serena as acompanhe.

— Eu vou matar vocês por darem ideias para o Roman — ela ameaça.

— Onde estava? — Chiara pergunta.

Aproveito a conversa para entrar no meu quarto.

— Depois eu conto. — Ela vem e quer entrar depois de mim, mas faço uma barreira com o corpo.

— O que quer no meu quarto?

Tentação do inferno!

— Vocês mataram a enfermeira. Alguém tem que fazer o seu curativo.

— Eu vou ficar bem. — Tento fechar a porta, mas ela não deixa.

— Não vai não e preciso de você bom para me proteger.

— Foi por isso que me deixou vivo?

Grande interesseira egoísta!

— É claro! Ou você achou que tive pena de quem me sequestrou?

Eu a deixo entrar.

É isso, em um minuto ela é fofa, em outro é fria e egoísta.

— Vou tomar banho primeiro.

— Saia vestido, por favor. — Ela se senta na minha cama.

Existem três versões dela dentro do mesmo corpo. A medrosa, a assassina cruel e calculista e essa tagarela teimosa.

— Não há nada que você não tenha visto. — Desabotoo a camisa e ela mexe nas minhas gavetas. — Ei!

— Onde tem um carregador? O celular que me deu descarregou.

— Não precisa colocar para carregar. Você só usa para falar comigo e agora vai ficar 24 horas no meu pé, certo?

Ela olha para mim, com um sorrisinho de quem achou isso uma graça.

Maldito sorriso!

O desejo sexual é comum, gostar do sorriso não.

Estava indo tão bem...

Mesmo com as dores de cabeça, que as confusões que ela se metia me causavam.

Facilmente a colocaria entre as três pessoas que mais me importo na vida apenas por esse maldito sorriso.

Isso tem que ser passageiro...

É uma proteção de curto prazo.

Alguém vai encontrar o filho da puta do Cesare e pendurar sua cabeça onde todos possam ver. Adoraria ser essa pessoa, mas se corro atrás dele, abandono essa criatura com pré-disposição a entrar em problemas.

Ninguém nessa casa me ajuda na tarefa de retribuir o que ela me fez. Só pioram tudo.

— Não mexa nas minhas gavetas. — Pego uma cueca e bermuda, logo após entro no banheiro.

— Você deveria deixar o carregador em um lugar fácil. Por que não me atendeu mais cedo? Eu estava desesperada. Sabia que fiquei a tarde inteira te esperando?

Não tem nada de lindo nisso. Ela só estava sendo a egoísta que é. Querendo livrar a bunda dos problemas que atrai.

Não é como se ela estivesse preocupada com você.

Ela sempre deixa isso bem claro.

— ... Então esse maldito celular descarregou antes do Roman aparecer. Sabia que ele e a Vittoria tiveram um

caso? Ela acertou a bolsa na cara dele. Achei merecido...

Ela vai ficar falando?

Abstraia, Henrico.

Abstraia.

Fico debaixo do chuveiro e ouço menos a voz dela, mas ainda ouço.

— Roman e Cesare são muito parecidos. Você se enganou muito, achando que eu iria querer alguma coisa com aquele psicopata. Já tenho traumas suficientes e não sou uma traidora. Achei o carregador!

Parece que ela ficou com a boca tapada por um dia inteiro e agora está descontando tudo em mim.

Não é uma traidora.

Me deixa pensar mal de você e te enxergar como uma desgraçada que se casou com um traidor. Uma puttana que dorme com um, com outro e merece o que o marido fazia.

Ela tinha que ser como a minha mãe?

Tinha?

Merda!

Abstraia, Henrico.

Abstraia.

— Fala a verdade. Foi o Héctor quem matou a mulher, não foi? E quando você disse imperatriz, foi por causa do que ela falou, certo? Cesare me chamava assim. Ele disse que seria o imperador das drogas na Itália e eu, como sua esposa, a imperatriz. Acredita que os subordinados dele me chamavam assim? Peguei até trauma do nome. Você pode me chamar do que quiser, menos disso.

Dio mio...

Tomo o banho mais rápido do que deveria, me seco e visto a roupa para fazer esse curativo logo e despachar a tagarela.

Serena diz que falo pouco, mas na minha ótica, ela fala muito.

— Ninguém matou a enfermeira — esclareço antes que ela saia acusando “inocentes”.

Serena continua sentada na minha cama, segurando o celular conectado ao carregador.

Ela ergue a sobrancelha para mim.

— Não?

— Ela se envenenou antes de ser pega. Ela sabia que você descobriu o que veio fazer aqui.

— E o que ela veio fazer aqui?

— O que você suspeitou. — Pego os materiais do curativo que a minha mãe deixou aqui.

Serena se aquieta e a sua afobação some.

Eu me sento ao seu lado na cama e entrego a caixa dos remédios.

— Se apresse.

Serena abre e espalha algumas coisas na cama. Fico de lado, olhando os móveis do quarto enquanto ela arranca o curativo antigo.

— Tem ideia do que está fazendo?

— Tenho. Te impedindo de morrer com uma infecção.

— Eu digo sobre fazer um curativo. Já faz algum na vida?

Ela ri.

— Mais vezes do que queria ter feito. Perdi a ponta do dedo correndo no quintal de casa.

— Quem nunca perdeu quando criança?

— Eu já era adulta.

— E o que levou à perda? — Tento não parecer que quero rir.

— Tive que correr para tirar as roupas do varal quando estava chovendo. Salvei as roupas secas, mas só depois vi o dedo sangrando.

— Acidente doméstico.

Ela observa o meu ferimento.

— Dói muito?

Meneio a cabeça.

Não posso parecer fraco, tampouco admitir isso.

— Você é tão sem graça. Com tudo faz cara de nada. E se eu...

Vejo seu indicador apontando para o meu ferimento e seguro seu pulso, a arrastando para perto de mim.

Perto demais, eu diria.

— Não tente nenhuma gracinha. — Olho dentro dos seus olhos assustados, mas quando seus lábios se afastam, mudo de foco.

Tão delicados, carnudos e convidativos, que eu poderia deixar de lado a cautela que tenho tido sobre nossa relação e prová-los.

— Você criticou tanto o que Roman fez, que até parece que, na verdade, gostaria de estar no lugar dele. — Seu olhar desce para a minha boca.

Não.

Ela não falou isso.

— Você gosta de brincar com fogo, não é?

— E quem disse que estou brincando? — A seriedade com que ela diz isso, o tom de quem se sentiu mal interpretado são suficientes para me fazer perder o controle.

Elimino o espaço que restava entre nós e mergulho a língua na sua boca. Ela me suga e colamos nossas bocas em um beijo ávido.

A cada movimento eu a quero mais.

Seu beijo é delicioso e o tesão está me deixando com uma ereção gigante.

O que me enlouquece é ver que ela retribuiu sem demora.

Será que era apenas eu quem queria que estivesse no lugar do Roman?

Ela afasta a boca e prendo seu lábio inferior entre os dentes.

A burrice já está feita, agora quero me lambuzar com ela.

Quando o lábio escapa, ela encosta sua testa na minha.

— Eu não posso fazer isso. É errado. Sou uma mulher casada.

— Foda-se o seu marido! — Seguro seu rosto e a beijo mais uma vez.

Sua implicância só foi em palavras, pois ela corresponde tão faminta quanto eu. Logo a arrasto para o

meu colo e ela geme assim que se senta na minha ereção.

— Quero te ver sentando no pau que tanto te assustou. — Arrasto a boca pelo seu rosto, até o pescoço, mordendo, principalmente, chupando sua pele cheirosa.

— Você quer me dar mais motivos para ir para o inferno?

— Vamos os dois juntos. Você já me provocou demais, Serena. — Mordo sua pele e arrasto as alças do vestido para baixo.

— O que eu fiz, *Dio mio*?

— Está orbitando ao meu redor. Sabe o quanto fugi para não chegar a isso? — Paro perto dos seus seios e ergo o olhar para ela.

Serena me observa com os lábios afastados, as bochechas coradas e os olhos brilhando.

— Você pediu para ficar perto. — Abaixo o vestido e sugo o mamilo pequeno para dentro da minha boca.

Os pensamentos de como seria se eu a tocasse sempre me assombraram, mas agora vejo que era impossível fugir disso.

Serena é deliciosa.

Ela geme e rebola em cima de mim.

— Isso é tão errado.

— E se depois de tudo for o contrário? — Ergo o vestido até restar a mulher de calcinha em cima de mim.

Seus seios pequenos e os mamilos no mesmo tom dos seus lábios fazem meu pau saltar dentro da roupa.

Ela morde os lábios.

Aperto uma de suas coxas e com os dedos livres, acaricio a sua boceta.

— Henrico...

Arrasto o tecido de lado e deslizo os dedos sobre sua boceta. Logo os lambuzo.

— Você não quer fazer isso, certo?

— Eu disse que não posso — corrige ofegante, com a cabeça jogada para trás.

— Levanta essa bunda e te mostro se não pode mesmo. — Libero o meu pau da roupa e o massageio enquanto ela se levanta e o deixo na posição perfeita. — Senta, agora — ordeno, apertando uma nádega.

Ela aperta meus ombros e volto a mamar seus seios.

Não demora para o meu pau estar sendo engolido pela boceta quente e molhada dela.

Serena geme dizendo o quanto isso é errado, mas não para de subir e descer, até um gemido fino calá-la.

— Você é grande.

Ela sufoca o meu pau com sua boceta quente.

— E vou marcar essa boceta para que nunca esqueça que estive dentro dela.

Ela arregala os olhos e o rosto fica com mais rubor.

Afasto tudo que ela espalhou na cama e a deito no colchão. Todo o meu sangue corre para o que está dentro dela, então mal sinto a dor do ferimento. Empurro para dentro dela enquanto encaro seus olhos. Ela vira o rosto, mas seguro sua mandíbula e a deixo imóvel, em minha direção.

— Abra os olhos, Serena. Veja quem está te dando prazer.

— Me deixa ao menos me livrar de um pouco da culpa — ela geme.

— Não. Foda-se a sua consciência! — Paro de me mover e ela abre os olhos na mesma hora, me encarando. — Acabei de deixar de lado o meu juízo. Você também tem que arcar com as consequências.

— Estou deixando de lado o juízo! É isso que estou fazendo.

Como uma teimosa dessa pode me deixar tão louco de tesão assim?

Volto a me afundar na sua boceta apertada enquanto ela geme baixinho, sufocada em minha mão que escorregou da mandíbula para o pescoço.

Eu não quero parar, não quero sair de dentro dela, quero vê-la sob o meu poder toda hora.

Minha refém.

Completamente derretida no meu pau, ela goza e me aperta, me expulsando em um só empurrão. Estremece na minha cama e me olha ofegante, brilhando de suor e lágrimas.

Antes se recusou a abrir os olhos, agora me encara como se eu fosse seu dono.

— Sabe que estou decidindo? — Eu a viro na cama e volto para dentro dela, pois ainda não terminei.

— O quê? — ela murmura.

Está escorregadia, mais deliciosa que na primeira vez que entrei dentro dela.

— Eu quero te foder toda hora. E mesmo que não consiga, não vou te deixar esquecer da última pessoa que te fez gozar tanto. — Eu a ergo até que fique de quatro e volto a me deliciar com os golpes dentro dela.

Por mais duas vezes, ela tenta me expulsar no meio das gozadas, mas me mantenho firme, embora seja dolorido ter o pau espremido com tanta brutalidade. Gozo quando ela já não aguenta se manter na força dos braços. Quando finalmente saio dela, meu gozo desce pela boceta rosada e pinga na cama.

Não quero esquecer dessa cena nunca.

— Limpe.

— O quê? — Ela se senta na cama.

— Limpe o que você derrubou.

Ela me encara com o jeitinho hostil vindo à tona e se levanta da cama.

— Você é um babaca.

Arrumo a roupa e a observo.

— Da próxima vez deixarei na sua boca ousada. Coisa que o corno do seu marido nunca deve ter feito.

Ela olha para mim, com a fúria transpassando seu rosto.

— Você que o conhece, me diga...

Eu me aproximo dela e seguro seu queixo.

— O que ele diria se soubesse que a sua esposa deu para o cara que queria matá-lo?

Serena franze o cenho e acerta um tapa na minha mão.

— Maldita hora. Maldita! — Ela pega o vestido e coloca às pressas.

Assisto a tudo sabendo que cultivando essas ideias, correrei menos perigo de me importar tanto com ela.

Ódio e tesão são uma combinação melhor do que paixão e tesão.

Só fodi a mulher do cara que quero matar.

Enquanto ele foge de mim, eu como sua esposa.

Péssimo para ele!

28



O CLUBE

Serena Russo

Estou morrendo de raiva do Henrico.

Eu me deitei com Henrico, transamos, ele viu que eu estava preocupada com o significado disso e, simplesmente, zombou do meu marido.

Cesare é um desgraçado, mas traí-lo diz respeito ao meu caráter.

Estou me sentindo uma merda.

Que raiva!

Eu me odeio por ter provocado, por ter deixado o sexo acontecer e por ter adorado de uma maneira que ainda sinto a presença dele nas minhas entranhas.

No jantar, me sento bem longe dele.

Me ajuda?

Claro que não, porque ele está do outro lado da mesa, de frente para mim.

— Serena. — Tio Alejandro segura meus ombros e quando viro, o vejo sorrindo. — Como está?

Pergunta inesperada.

— Bem, obrigada.

— Os meninos me contaram sobre a enfermeira. Se eu soubesse, teria feito alguma coisa, mas parece que estão tentando me deixar de fora de tudo na família.

Ele parece um pouco rancoroso.

— Já foi resolvido, padrinho. O senhor não precisava se preocupar com isso — Henrico fala concentrado no seu prato.

Apenas carne e salada.

Eu nem fiz o curativo e se fizesse, teria empurrado a sua ferida até que ele implorasse para parar.

Desgraçado!

Maldito!

Agora fico lembrando dele em outras posições.

Quando fui para o meu quarto, vi as marcas no meu pescoço, por isso ando de gola alta.

Na hora foi gostoso, mas agora só é uma marca para me lembrar de me arrepender e ter raiva dele.

Ele me força a ficar arrependida.

Se arrepender de uma coisa boa é uma das sensações mais conflitantes que já senti.

— Sei que você e Henrico são uma dupla de protetores, mas se qualquer coisa te incomodar, me

procure.

— Está bem. — Sorrio para ele.

Irei sempre que estiver fugindo do seu afilhado.

Henrico já estava me convencendo que era um cara legal, mais na dele.

Um assassino introvertido sexy.

Mas ele abriu a boca e fez aquelas perguntas.

Eu me pergunto qual era o seu propósito, porque antes ele disse que queria me foder toda hora e se não pudesse garantiria que eu não ia esquecer disso.

Spoiler: eu não posso esquecer nem tentando muito.

Então me falou as barbaridades. Acha mesmo que vou querer transar com ele depois disso?

Sabendo que ele me usou para o seu ego de caçador fracassado?

Só se eu estiver fora de mim.

E eu espero que nem assim aconteça.

— Serena, vem com a gente — Ramona chama e como já terminei o jantar, a sigo.

Chiara também está conosco.

Ela faz todas as refeições com a Ramona.

As duas são unha e carne.

Já vi a Camilla reclamando com ela sobre isso.

Sei que o Henrico está de olho em mim.

Se eu tivesse previsto que o sexo aconteceria e a decepção logo depois, não teria pedido para ele ficar perto de mim.

Ok.

Eu já sabia do risco.

Mas não pensei que poderia acontecer. Era só um desejo reprimido.

Eu pretendia reprimi-lo até ele morrer, mas esse babaca me pegou de jeito e não resisti.

NÃO RESISTI!

Minha única tarefa era essa, depois de me manter viva.

Eu não preciso de mais problemas na minha vida.

Ai, por que penso tanto?

Subimos a escada que dá para os quartos e mais uma que nunca tinha visto.

— Para onde vamos?

— Para o nosso cantinho — Chiara responde sorrindo.

— Cantinho?

Ramona tira uma chave do bolso e abre a porta. Chiara é a primeira a entrar e me puxa logo em seguida.

Um quarto de criança, todo rosa, com bonecas e um teto que brilha!

— Vocês brincam de boneca aqui? — pergunto com uma risadinha.

— Mais ou menos. — Chiara pula na cama de casal bem larga no centro do quarto.

Tem uma caixa de presente no meio delas.

Ramona tranca a porta com chave e eu me aproximo da janela. Lá fora estão Henrico e Héctor, fumando.

Sei que é cigarro comum, mas para quem defende tanto a causa dos tabagistas, ele não deveria fumar.

Ele olha para cima e fecho a cortina, depressa.

Minhas orelhas estão pegando fogo e entre as minhas pernas também.

Sinto raiva dele e de novo de mim.

— O que andou aprontando com o meu irmão? — Chiara pergunta com um sorriso de lado.

— Nada!

Será que ele já anda se gabando ou está muito nítido na minha cara?

Eu nunca me deitei com outro homem a não ser o Cesare. É uma nova primeira vez, que me faz agir do mesmo jeito da anterior.

— Por quê? — Eu me sento na outra ponta da cama e Ramona mexe em algumas coisas no quarto.

— Porque vocês saíram, voltaram juntos, amiguinhos, se trancaram no quarto e ele apareceu em casa feliz.

— Feliz? O seu irmão?

Aposto que estava zombando de mim e do que aconteceu.

Como pode ser tão mau-caráter?

Conseguiu me enganar tão fácil!

— Sim! Acho que ele está doente e a doença se chama Serena Russo... — Ela balança os dedos para mim.

Ela foi longe demais.

— Para, Chiara! O seu irmão não deve estar feliz pelas coisas certas. Acredite em mim, ele é mais parecido com o

Héctor do que pensamos.

— É outro que anda estranho. Vive perseguindo aquela coitada da estufa, tadinha — Ramona comenta.

— Ela não merece nada daquilo. Vocês estão certas em não querer se envolver com quem já conhecem. — Desta vez, apoio com experiência.

Héctor é o pior tipo.

— Mas o que você fez com o Rico. Conta. — Chiara se debruça sobre a cama. — Ele te fez uma proposta indecente?

Fez.

— Me poupe, Chiara!

Ai que vergonha!

Por que ela insiste tanto nisso?

Será que não vê que o irmão é pura maldade e sua paixão é acabar com a vida dos inimigos, seja pelo ego ou por uma arma?

— Vocês fizeram compras. Isso eu sei.

E eu amei o vestido.

— Fez compras sem a gente — Ramona reclama.

— Acontece que isso foi culpa de vocês. Por que falaram para o Roman que fiz amizade com a Vittoria?

Esse é o momento de reclamar com elas.

— Amiga, você foi a única que conseguiu uma conversa mais ou menos com aquela selvagem de salto. Ele disse o que pra você? — Chiara pergunta.

— Me fez ir até a cidade para falar com ela. Aí encontrei o Henrico lá e compramos as roupas — conto

chateada. — Olha, vocês já me provaram que são amigas até nas horas mais doidas, mas se puderem me manter longe de Roman e Héctor, será mais fácil amá-las.

— Desculpa. — Ramona sobe na cama e segura a minha mão. — Meus irmãos não vão mais te chatear.

Olho para Chiara.

— O meu, eu não garanto.

Eu sei que não.

— O que tem na caixa? — Mexo na fita enrolada nela.

Espero que não seja uma bomba caseira.

Elas são loucas, podem ter feito para explodir os muros e fugir.

— Um presente para você — Ramona fala animada. — De iniciação ao nosso clube.

— Clube?

— Clube das *Rogazze zitella*[14].

Chiara e eu gargalhamos.

— É sério, Serena. Esse clube é para mulheres que, por alguma infeliz obra do destino, não têm um pau amigo. — Ela abre a caixa e mostra para mim.

Um pequeno vibrador.

Eu não sei se rio ou fico preocupada com o futuro estado civil das meninas. Acho que elas já estão perdendo a esperança para criar esse clube.

— Estão me dando um vibrador?

— Sim. Você que tinha vida ativa, agora passa as noites solitária... Sabemos como é. — Ramona balança a cabeça, dramática.

Um pequeno vibrador rosa chiclete.

— Ok. Obrigada. — Ligo o brinquedo que estremece tanto na minha mão que me assusta e acabo deixando cair dentro da caixa.

Rimos e Chiara se levanta.

— E essa é a cerimônia de iniciação do nosso clube.

— Ah, é? E o que tenho que fazer? — A vontade de rir é grande.

Parece que levam isso bem a sério.

Ela volta com um cigarro de maconha na boca e um isqueiro em formato de caveira, que usa para acender o baseado.

— Onde arranjou isso, Chiara?

— Temos nossos contatos — Ramona responde enquanto Chiara sopra a fumaça e começa a tossir.

Elas aprontam muito mesmo!

— Maravilhoso.

Isso é loucura.

Ramona fuma um pouco e depois passa para mim.

— Nada melhor do que um baseado, de vez em quando, para ajudar a aguentar os dramas da família.

Logo com uma família dramática como essa, eu não posso julgar.

Só vou pegar porque realmente preciso aliviar um drama. O meu drama se chama Henrico, o seu pau delicioso e o seu ego malicioso.

A fumaça entra nos meus pulmões, sinto vontade de tossir e acabo fazendo isso, mas logo depois olho para as

meninas, as luzes coloridas no quarto e relaxo.

Entrego na mão da Chiara e me encosto na cabeceira da cama.

— Então vocês se escondem aqui para fumar maconha?

Em um quarto cor-de-rosa com ursinhos e bonecas.

Bizarro!

— A maconha só serve para nos deixar leves e à vontade para brincar.

— De boneca?

Quem aguenta as ideias de Ramona e Chiara?

Ela tira o presente que me deu da caixa.

— Com esses brinquedinhos.

Olho para Chiara e ela sopra a fumaça enquanto sorri.

— Vocês duas?

Elas vão longe!

Mais que amigas!

— Às vezes também. Mas cada uma tem o seu. Você quer ver? — Ramona se levanta da cama.

Pego o cigarro e fumo não dando espaço para pensar.

Eu preciso me distrair do Henrico.

Nunca fiz essas coisas que elas fazem, mas se puder me tirar um pouco da raiva que sinto por aquele bastardo, eu topo.

Ramona traz duas caixas e se deita entre nós, deixando uma no colo da Chiara.

— A brincadeira é relaxar, depois pensar no boy dos nossos sonhos nos dando prazer — Ramona explica.

Olha, mesmo com um marido querendo me matar, sendo sequestrada, tendo sobrevivido a um tiroteio e traído o meu marido com o mesmo babaca que me sequestrou, a minha vida sexual anda mais movimentada que a delas!

Diferente do vibrador que me deram, os delas são sugadores, o que me leva às ideologias das famílias e uma pergunta surge na ponta da minha língua.

— Vocês são virgens?

— Infelizmente — Ramona lamenta.

— Uhum — Chiara só murmura.

— Uma pena para vocês.

Coitadinhas!

Ramona me cutuca com o cotovelo.

— Para que agora você está como a gente.

Se soubessem o que aconteceu antes do jantar, não teriam dito isso.

E de novo estou pensando nisso.

Fumamos muito até que esteja rindo à toa.

— Agora é hora de inaugurar. — Ramona me entrega o meu vibrador, rindo como boba.

Ainda assim acho isso loucura.

E faço.

As três, deitadas na cama, drogadas, usando seus vibradores.

Assim que encosto no clitóris, grito.

— Isso é demais! Eu não vou aguentar muito tempo.

— Amiga, pensa no homem. Um que não seja o seu marido, por favor. Mas se ele for bom de cama... — Ramona encara o teto com um sorriso bobo.

A Chiara já está é jogando peças de roupa para os cantos.

— A gente não te culpa por gostar dos malvados. Eles sempre são os mais gostosos. Aposto que o malvado do seu marido é uma delícia na cama. Pode pensar nele.

Encosto o brinquedo de novo e tento pensar em alguém, de olhos fechados, flutuando por causa da maconha.

Não é o Cesare quem me dá tanto prazer assim.

Não mesmo.

Eu não sinto esse tesão por ele.

É o Henrico quem aparece na minha fantasia, me devorando com aquela avidez, tão avassalador que o meu corpo não aguenta.

Se antes estava flutuando, agora toquei o céu.

Fazemos um festival de gemidos, depois rimos.

— Eu adorei esse clubinho — comento com elas.

— Em quem você pensou, Serena? No seu marido? — Ramona se deita de frente para mim.

Meu coração está frenético com o orgasmo. Nunca acreditei nesses brinquedos, mas do jeito que elas usam eu adorei.

Foi como se o Henrico estivesse dentro de mim.

Bom, não tem como comparar com o pau enorme dele, mas o prazer foi próximo.

— Sim. No meu marido — minto.

Estou drogada, mas existe uma parte minha que ainda não se sente segura em contar um absurdo desses na frente dela.

Ainda bem que essa parte existe.

— E você, Chiara? — Ela vira para a amiga.

— Ah, em um cara da balada.

— Outro cara da balada ou o da última vez?

Parece que elas fazem isso com frequência.

— Outro. — Chiara não se aprofunda.

— E você, Ramona? — Fico curiosa para descobrir.

Ela suspira encarando o teto.

— David Beckham.

Rimos.

29



DROGADA

Henrico Milano

Serena está aprontando com as garotas.

Parece que nem dentro de casa posso ficar longe dela.

Fumo um cigarro do lado de fora, ao lado de Héctor.

Sei que soa hipócrita.

Fumar cigarro comum não é um vício para mim. Fumo apenas quando estou ansioso.

— Me conta. Seu pai já parou de procurar o passado da Serena?

Eu ainda não sei o motivo.

— Acho que sim. Não falamos sobre isso. — Ele olha para um lado e para outro como se procurasse alguém. — Pistas do Cesare?

— Nenhuma — lamento. — Acabamos com os pontos e os subordinados que ele deixou em vários lugares, mas nada dele.

Aquele covarde se esconde bem.

Não entendo como um homem tão medroso como ele, ainda tenta me confrontar.

— Não deve estar na Calábria.

— Sicília?

Será que ele foi se meter com outra família?

— Não acho que esteja por perto. Ele não é burro, Henrico.

— Você acha que ele deixou mais gente para vigiar ela?

— Se fosse a minha mulher, correndo o risco de foder com o inimigo, eu deixaria. — Ele olha para mim e sorri.

Ele é homem, sabe o quanto é perigoso.

— Não posso ir atrás dele tão longe. Não sem saber onde ele está. Também não posso deixá-la sem segurança.

— Pelo comportamento do *papà* no jantar, parece que ela ganhou um novo guardião.

Eu vi.

Quando o padrinho anda perguntando pelo bem-estar de qualquer um?

— Mas o seu trato é comigo. Ela salvou a minha vida, Héctor.

— O tiro não foi fatal. Você sobreviveria de qualquer maneira.

— Você acha mesmo que quando o homem que atirou em mim, observasse isso, não iria terminar de me matar? Ela o matou antes e ainda me trouxe pra casa.

Não são desculpas, são fatos.

— Ok. Não vou invalidar o ato dela, mas acho que você dá muita importância a essa *puttana*. Por acaso anda fodendo com ela?

Dei muito antes de fodê-la.

— Só estou cumprindo o meu trato. Sou um homem de palavra.

Mas posso fodê-la enquanto cumpro a palavra.

— Então fique ao lado dela enquanto o Cesare escapa. Você mudou de foco.

Olha quem fala...

O homem que vive focado na empregada protegida do pai!

— Meu objetivo era acabar com a Behavior, Héctor. Com a raiz dele especificamente. Eu já expliquei o principal motivo de ficar aqui. Tem muita gente o caçando. Adoraria ser o ceifador da vida dele, mas desde que alguém o pegue antes da receita ser passada e tudo isso acabe, para mim, está ótimo. O meu trato com ela também acabará nesse dia.

— Aham. — Ele parece duvidar de alguma coisa.

— E também tem você. Eu não posso te deixar. Os olhos de todas as famílias aliadas estão aqui. — Toco nele. — E você não se ajuda.

— Não vou me casar para ser Don. O *papà* vai aceitar isso uma hora ou outra.

— As suas atitudes — especifico.

— Eu fui criado para ser assim, Henrico. Frio, sádico, impiedoso. Só estou mostrando o que esperavam ver de mim.

— Você exagera.

— Eu tenho certeza que dou a dose que pediram. — Ele me deixa sozinho e vai para os fundos da casa.

Fazer o quê?

Não imagino.

Eu já deveria ter desistido do Héctor, mas desde a primeira vez que atirei, prometi que ficaria ao seu lado, que seria seu conselheiro até o fim. E na medida que ele é descontrolado, sou o inverso.

Vamos chegar longe juntos, acredito nisso.

Apago o cigarro e fico mais um tempo fora. Se eu for agora, ficarei agoniado no quarto e não quero procurar ninguém.

Já tive o que merecia hoje, já cuidei para que isso não vire outro sentimento e agora só preciso ficar em paz.

Dava para ver que ela estava furiosa durante o jantar comigo.

Ótimo.

Deixa a garota assim, sem me mostrar aquele sorriso que me faz mudar de ideia sobre tudo.

Roman sai de casa com uma mala e coloca no porta-malas do carro.

Não deveria mexer com ele, mas não resisto.

— Isso tudo é medo do que posso fazer com você?

Ele revira os olhos para mim.

— Foda-se você e a sua putinha.

Quanta agressividade!

— Para onde vai?

— Não tem nada a ver com vocês, é obvio.

Ele vai brincar com a vida de quem então?

— Filho. — A madrinha sai atrás dele. — Você não vai viajar esta noite, vai?

— Amanhã, mãe.

— E a moça? Cadê ela? Por que não a trouxe?

Um sorriso escorrega nos meus lábios.

A cena que vi quando entrei no escritório dele explica tudo.

— Porque não sou como o Henrico, que arrasta a mulher dos outros para dentro de casa. Observação: A Vittoria é solteira.

Que ousado!

Se a madrinha não estivesse aqui, torceria seus culhões para garantir que não existisse frutos do tipo Roman na face da Terra.

— Então vai viajar com a garota Van Doren, é? — Eu me aproximo curioso. — Se acertaram?

— Isso não é da sua conta, Henrico. — Ele toma uma postura mais séria e volta para casa.

Olho para a madrinha e ela curva a boca para baixo.

— Imagina, Henrico.

— Estou vendo e não acredito.

— Será que agora ele vai parar no lugar?

— Tomara.

Seria bom para todos.

Entramos e subo para o quarto.

No corredor, encontro Serena rindo sozinha enquanto encara as mãos.

— Tenho dez dedos em cada mão — ela fala e ri.

Ao me aproximar sinto o cheiro de maconha e álcool.

— É. Você realmente não pode ficar sozinha. — Seguro seu braço e a levo para o quarto.

— Estou com tanto calor. Você é quente demais, sabia?

— Aham. — Eu a faço sentar na cama e ela balança os pés, depois olha para mim, com a cabeça inclinada.

— Eu te odeio tanto — murmura.

— É sério? Que ótimo. — Tiro os sapatos dos seus pés. — Deita.

— Você não me dá ordens.

— Dou. Ah, dou sim! Deixa. — Seguro seus ombros e a empurro para trás.

— Eu vou gritar. Seu EST... — Assim que ela grita, tapo a sua boca.

— Ficou louca? — Tento conter o volume da voz.

Ela morde a minha mão e me afasto para soltar.

Mordeu com tanta força que as marcas dos dentes estão fundas na minha pele. Não duvido ver sangue daqui a pouco.

— Você é mesmo uma cadela raivosa, hein?

— Eu te odeio — ela cantarola e tenta abrir o cobertor, mas não consegue. — Me fodeu tão bem e depois veio falar besteiras no meu ouvido. O que queria com aquilo?

Ela ficou brava mesmo com o que eu disse.

Ótimo!

Pego o cobertor e coloco em cima dela. Finalmente, a mulher fica quieta.

— O que estavam fazendo lá em cima?

Ela ri.

— Curtindo.

— Com maconha? — Eu me sento à beira da cama.

— E brinquedinhos. — Ela dá um sorriso safado que confunde todo o meu cérebro.

Já sinto o sangue correndo para onde não deve.

— E sabe o que mais?

— Hum? — Ergo a sobrancelha.

— Eu pensei em você enquanto me masturbava.

Cazzo!

Agora mesmo que quero repetir o que aconteceu mais cedo entre nós.

O desejo é real.

Eu a foderia até que a minha energia acabasse. E eu tenho muita.

De repente, ela segura o meu braço, com um ânimo bem diferente do que estava um minuto atrás.

— Me beija.

Não peça isso.

— O que a droga fez com você, hein?

Estou no controle.

Estou sim.

— Agora eu não valho mais nada mesmo, não é? Eu traí o meu marido. Que valor tenho até a minha vida ser tirada? Vou beijar todo mundo! Eu beijei a Ramona, a Chiara, você. Falta o bruto do Héctor. Será que ele fode tão forte quanto você?

Mas que merda é essa?

— Cale a boca, agora — rosno baixinho.

Eu não quero pensar numa possibilidade dessas porque só dela existir, sinto a mente escurecendo.

— Por quê? Não pode sonhar com os outros?

Sonhar?

— Não. Você é minha, Serena. Só minha. Entendeu? Nenhum outro homem vai tocar você a partir de hoje.

Foda-se o resto!

Ela sorri.

— Hum. Isso é sexy.

Ela sabe o meu ponto fraco. Ou melhor, sabe ser o meu ponto fraco.

Eu me levanto tentando abstrair à vontade.

— Durma.

— Não! — Ela continua agarrada no meu braço. — Fica. Durma comigo. Você disse que ficaria o tempo inteiro comigo, pertinho de mim.

Não vai cair na tentação, Henrico...

— Posso evitar confusões de uma distância segura. Agora durma. — Tiro sua mão de mim.

— Sem graça! Eu já disse que você é muito sério e sem graça? Você é, amorzinho. — Ela se enrola no cobertor e fecha os olhos.

Com certeza ela usou mais que maconha.

O que faço com Chiara e Ramona, hein?

Espero Serena dormir e assim que ela cai no sono profundo, eu a deixo de porta trancada.

Assim ela não sai e ninguém entra. Zero risco de problemas.

Abrirei antes dela acordar.



Acordei cedo com a ideia de abrir o quarto antes de Serena acordar e agora estou indo lá, fazer isso.

Abro a porta e a encontro ainda dormindo, gemendo debaixo do coberto.

— *Papà*... Embora de novo... Sicília, sim... — Ela ri. — Eu também te amo...

Sicília?

Ela é de lá ou o pai foi embora para lá?

O quarto está muito frio por conta do ar-condicionado e deixo numa temperatura mais alta.

Será que toda noite ela costuma falar?

— Não. Não... Não vá, *papà*. — Ela chora baixinho. — Quem fez isso com você?

Quando visitamos a casa, vi que ela era muito apegada a ele, mas não imaginei que era tanto assim.

Como não quero me apegar a ela, prefiro nem pesquisar sobre o que levou seu pai a perder a vida, não quero saber da mãe, se tem irmãos, tios.

Não quero sentir mais nada além do que já senti.

Ela já mexeu demais com a minha mente.

Chega!

Saio do quarto ignorando seu choro.

Ela deve saber como ficar bem sozinha.

É boa em sobreviver.

30



O BAILE BENEFICENTE

Serena Russo

Depois de me drogar e tomar algumas bebidas com as meninas, Henrico viu que a chave para o sucesso no seu trabalho é ficar perto de mim. Também me culpou por todo trabalho que dou e deu um sermão chatíssimo em mim e nas meninas, sobre como somos adultas irresponsáveis e que ele não tolerará mais nenhuma idiotice.

Não fizemos nada de errado.

Eu me lembro que saí do quarto onde estava com as meninas, entrei no meu e dormi.

Nem sei como ele descobriu o que fizemos.

As meninas me culparam, mas juro pela minha vida que não fiz.

Depois disso passei a evitar conversar com ele.

Olha como ele é bom em me monitorar, não consigo fazer nada perto dele!

Também não consigo esquecer a burrice que fiz com ele.

Estou tão envergonhada.

Eu me deitei com outro homem.

O que eu tinha naquele dia?

Que fogo foi esse que me deixou sem pensar?

Estava fora de mim.

Eu me olho uma última vez no espelho antes de aparecer no baile.

— Você não se ajuda, não é? — Arrumo o batom rosado nos meus lábios. — Não me ajudo mesmo. — Pego a bolsa e o celular, depois saio do quarto.

O evento acontece em um grande e luxuoso salão e como a família organizou a festa, aproveitamos para nos arrumar aqui mesmo.

Acabei ficando por último.

O Roman já voltou da viagem que fez para levar Vittoria embora e os boatos sobre eles são surpreendentes, mas como não confio nele, vou tomar cuidado na festa.

Acho que ele não tem medo do Henrico e tenho certeza que adora me fazer de fantoche.

Do topo da escada, vejo Henrico de pé, perto do último degrau, o terno impecável que ele comprou naquele dia, os olhos azuis contrastando com o look all black, focados em mim.

O meu coração dispara de raiva, isso se estiver em sintonia com a minha mente.

A verdade é que a minha mente está confusa.

Eu não deveria olhar para ele como nada além do cara que salvei para me salvar.

O meu corpo vibra sempre que estamos próximos, como se a química alterasse para desejá-lo.

Coisa que repudio fortemente.

Desço com o sangue dançando pelas bochechas e olho cada degrau em busca de esquecer que ele está me esperando no final disso.

Que tipo de mulher você é, Serena?

Você sempre terminou uma coisa antes de iniciar outra, não deveria ser diferente agora.

Quando você for embora, não pode existir nada que te impeça, que te faça querer voltar.

Você nunca mais quer pisar na Calábria, certo?

Também não se deve desejar ninguém daqui. Todos são problemas, até mesmo a solução para o seu mal maior.

Esse é um grande problema.

Encaro Henrico e ele estende a mão para mim, tranquilo, como se não se importasse com o que eu acho dele.

A sua tranquilidade tira a minha paz.

Entrego a mão e solto o ar dos pulmões. Foi inconsciente quando o prendi, por isso me sinto um pouco ofegante.

Culpo isso também por minhas mãos frias e suadas.

Não tem nada a ver com quem segura uma delas.

Passo o braço pelo de Henrico e andamos pela casa.

Roman está parado na porta. Ele fica irritantemente bem de smoking e com o cabelo penteado para trás.

Reviro os olhos quando ele faz um “uau” silencioso.

A sala está cheia e as pessoas são tão elegantes que até me sinto parte desse mundo com o meu vestido de tule.

Henrico está me encarando.

— Não diga nada — peço de antemão. — Se antes de comprar esse vestido, soubesse que você me usaria; hoje estaria passando a noite no quarto.

— Eu não deixaria.

— Você não teria escolha. — Eu me solto dele e pego uma taça com bebida na bandeja de um garçom.

Tomo um gole e quando vejo que Henrico continua perto de mim, tomo mais um.

— Tenho certeza que a bebida não vai acabar. Você pode beber sem pressa.

— A minha pressa não é por esse motivo.

Ele suspira e fica mais próximo de mim.

— Se continuar sendo hostil, farei com que todos saibam com quem você está agora.

— Eu não estou com ninguém.

— Talvez eu deva tatuar o nome na sua testa.

— Nem pensar, seu louco! Procure outra coisa para fazer. — Dou mais um gole.

— Você é a coisa. Esqueceu?

— Bem que eu queria esquecer você e tudo isso.

Ele ri.

— Não acho que isso seja possível. — Ele também pega uma bebida.

Então vamos passar a noite inteira perto um do outro?

Eu não consigo encará-lo sem lembrar do que fizemos!

Isso será uma tortura!

Uma tentação!

Damon anda sem pressa, analisando os convidados e para ao meu lado. Ele me analisa da cintura para cima.

— Nada mal.

— Obrigada.

Acho que esse é o melhor elogio que ele pode dar.

— Tem certeza que essa festa era necessária, Henrico? Não acho que essas pessoas estejam preocupadas com um bando de drogados.

Sou obrigada a concordar com Damon.

Parece mais um desfile de grife do que um evento para se falar do atual problema da cidade.

— É claro que é. Essas pessoas doam o que for preciso para participar de festas assim. Já conseguimos dinheiro suficiente para criar a clínica de tratamento e manter os pacientes e os profissionais por mais de um ano. Talvez eu torne esse evento anual.

Estou surpresa por ser ele quem inventou isso e por se importar tanto com gente que nem conhece.

Henrico não parece ser o tipo de pessoa que tem tempo para olhar os outros. Eu tenho propriedade para afirmar isso.

Mas só parece.

Será que ele viu mais de mim, do que comenta?

Trocam o som do violino por algo mais dançante. Eu não reconheço. É apenas instrumental.

— Que linda! — Ramona me abraça por trás. — Como pode ficar tão bem com uma cor sem graça como essa?

— É um elogio? — brinco e ela fica na minha frente, me analisando ao lado da Chiara.

— O vestido é lindo, mas essa cor só deve ficar bonita em você. Imagina eu de cinza. — Ramona aponta para o cabelo.

— Eu imagino — Damon diz. — Ficaria parecendo uma tora de madeira terminando de queimar. Cinzas e uma pequena chama. — Ele mexe no cabelo ruivo da irmã.

— Tá vendo? Ficaria horrível.

Rimos.

Chiara está muito quieta, diferente do habitual.

Damon a cerca, analisando o vestido no corpo dela. Parece que ele tem alma de estilista.

— Você tem muito bom gosto, Coração. Quer dançar?

— Não. Não quero. — Ela dá as costas para ele e alcança um garçom, pegando uma bebida.

— A sua irmã anda cada vez mais agressiva — Damon comenta com Henrico.

— Deve ser fase da lua, mas com você, ela tem que ser mais que isso. Deixe a minha irmã em paz.

Eles começam a discutir sobre isso e acabo me distanciando do assunto quando vejo o tio Alejandro conversando com meus sogros.

Não tem o mesmo peso que seria se eu estivesse revendo Cesare, mas me deixa nervosa.

Eu não queria encontrá-los, embora soubesse que eles viriam, já que andam unidos com a família Barone.

Até o momento o assunto da minha estadia aqui permaneceu entre os muros, com exceção do que a enfermeira pode ter contado por aí.

Acho que o tio Alejandro deve contar sobre mim, para evitar danos à união de ambas as famílias.

Mas sei que quando vierem falar comigo, será como sempre, olhando para mim, como alguém insuficiente para estar entre eles.

— Não é, Serena? — Ramona mexe no meu braço.

— Oi? Sim — respondo sem fazer ideia do que estavam falando.

— Até que é interessante. — Damon observa alguém e acompanhando o seu olhar vejo Ottavia Russo num canto, em um vestido preto, assim como o esmalte das unhas e a sombra nos olhos, tomando whisky. — Acho que vou conhecer a minha noiva, já que fui dispensado. Ela deve aceitar dançar comigo. — Ele se afasta provocando a Chiara.

Ela ignora até Damon chegar em Ottavia e cumprimentá-la.

— Quem sabe assim ele não larga o seu pé, amiga? — Ramona abraça Chiara de lado.

— Assim espero — Chiara diz, mas não vejo muita esperança nisso.

Não sou como ela, que fica criando casais impossíveis, por isso não imagino que ela goste do Damon e suas cantadas.

— Vamos tomar um shot? — Ramona olha para mim, animada.

— Estou aceitando.

— Mas eu não. — Henrico prende meu cotovelo. — O que disse sobre esse trio?

— Para de ser chato, Rico! — a irmã reclama. — Não fizemos nada de mais. Você e o Héctor já fizeram pior. Lembra do dia em que encheram a cara e voltaram tatuados?

Então aquela tatuagem é fruto disso?

— Meio tatuados — ele corrige. — E isso não vem ao caso. Vocês devem se comportar como damas. Pode ser que exista alguém que queira vocês na festa.

Eu não vou me incluir nisso.

— Ah, nos poupe! — Ramona arrasta Chiara para longe de nós.

— Por que as espantou? Não é porque vai passar a noite do meu lado que tenho que conversar só com você — reclamo. — Eu quero me divertir!

— Eu sei o tipo de diversão que você e elas têm quando estão juntas. Deixa as duas irem.

Anda sabendo demais.

Ainda bem que não pode ler mentes.

Imagina se soubesse em quem pensei enquanto me masturbava?

O garçom aparece no momento perfeito. Troco a taça vazia por uma cheia e dou um gole após o outro.

Meu esôfago queima e fico de olhos fechados até o incômodo desaparecer.

— Serena.

A voz da mãe do meu marido ressoa perto de mim.

Ainda bem que deu tempo de beber.

Abro os olhos e me viro para ela.

Lucrécia está com um vestido verde-escuro de pedraria, com esmeraldas nos brincos e colar.

Ela e toda a sua família adora cores mais escuras. Eles vivem em uma escuridão onde se sentem confortáveis.

Mas o marido ainda está usando uma camisa branca debaixo do conjunto de terno.

Ambos passam dos 50 anos e exalam classe, mesmo que nessa classe não haja gentileza.

— Senhora Lucrécia, senhor Riccardo. — Aceno com a cabeça, segurando a taça com as duas mãos.

Um sorriso surge em Lucrécia, algo que nunca vi direcionado a mim.

— Ficamos surpresos quando soubemos de você.

Achavam que estava morta?

— É... Ainda é uma surpresa para mim, também.

— O Cesare... — Ela desiste da conversa ao ver o olhar de desaprovação do marido. — Lamento pelo que o nosso filho te fez passar. Sabemos que foi tudo por capricho.

Cesare sempre foi assim. — Ela mal consegue me encarar nos olhos agora.

Será que está mesmo lamentando por isso?

Eu não esperava uma conversa amigável com eles.

— É. A senhora sempre teve razão. Eu não me enquadro na sua família.

Ela sorri, sem graça.

— Acho que também erramos com você, quando nitidamente Cesare era o errado. Entendemos caso tenha ficado com uma péssima impressão da nossa família.

Ah, eu fiquei sim.

— Está no passado e com fé em Deus ficará nele. — Tomo um pouco de bebida.

— Sim. — Seu sorriso é maior.

— Então você não tem mais contato com aquele teimoso — Riccardo conclui com rancor.

— Não.

Ele balança a cabeça em negação e olha para a esposa.

— Eu disse que não temos mais um filho homem. Que eu viva bastante até um neto poder me substituir. — Ele se afasta com sua carranca.

Lucrécia fica sem jeito, com um sorriso amarelo.

— Foi um prazer, Serena.

Balanço a cabeça assentindo, sem poder dizer com palavras que sinto o mesmo.

— Estranho... — Henrico comenta atrás de mim.

— Não tem alguma coisa mais interessante para fazer aqui não? Preciso esquecer essa conversa. — Termino toda a bebida e me viro para ele.

Henrico me observa com as mãos nos bolsos da calça.

— Eu posso realizar o seu desejo, mas você precisa aguentar um pouco mais.

31



VOCÊ É MINHA, SERENA

Serena Russo

Aguento a noite inteira porque a Mirabela me convida para passear e conhecer pessoas ao lado dela.

Só assim para ficar um instante longe de Henrico, que também está conversando com um monte de gente.

Não bebo tanto como no início da festa, por isso o álcool não faz nenhum efeito em mim, mas como muito, junto à Mirabela.

A Caterina iria adorar vir à festa.

Conversamos na estufa sobre como deveria ser e realmente alcança a expectativa.

Mal vejo a hora de poder contar tudo a ela.

— Como seus ex-sogros te trataram? — Mirabela pergunta.

— Inesperadamente bem.

— Ótimo. Não deveria ser menos que isso. Aliás, deveria ser muito mais que isso. — Coloca um docinho na boca, satisfeita com a minha resposta e sorrio.

— Vocês contaram sobre o que aconteceu?

Aposto que sim, ou eles não me tratariam bem.

— Acredito que Alejandro contou. Eles merecem saber o que o filho anda aprontando. Eu disse que você não deveria se preocupar, pois vamos te proteger.

Nesse caso o Henrico não pôde fazer nada mesmo.

— Obrigada — digo aliviada. — Quando aceitei vir para cá, tive medo de reencontrá-los.

— Eles estão envergonhados com as atitudes do filho e assim como a nossa família, andam preocupados com o que os outros estão pensando. Nesse mundo você é forte quando tem muitos em sua defesa.

— É disso que tenho medo. Vocês têm a elite ao seu lado, Cesare tem todo o resto que se opõe ao que vocês impõem.

Ela faz uma linha reta com os lábios vermelhos de batom.

— Não há como mudar isso. É tarde demais para rebeliões, Serena.

— Talvez para eles seja a hora certa.

— As consequências podem ser brutais.

Disso eu não tenho dúvidas.

Quando algumas pessoas começam a ir embora e não se vê mais sinal de Roman, as meninas, Damon…

O Héctor veio?

Henrico aparece atrás de mim.

— Vamos?

— Já vamos embora?

A festa estava tão boa...

— Você não queria um pouco de diversão? — Ele ergue a sobrancelha.

Eu não posso esquecer que o odeio.

— Ok.

Mas, desta vez, ando consciente do que estou fazendo.

Não vou me deixar levar por nada nem ninguém.

Saímos sem avisar, a pé pelas ruas.

— Se for longe, não vou aguentar. — Levanto a saia do vestido até os tornozelos.

Ando de salto e aguentei muitas horas em pé.

— Se fosse, não estaríamos indo a pé.

Sei que ele não falou com arrogância, mas sempre parece que suas respostas são nesse tom.

Tem dois homens nos seguindo. Se não conhecesse seus rostos por vê-los no jardim da mansão, ficaria preocupada.

Henrico segura a minha mão quando chegamos a um lugar cheio de gente.

Tem uma fila para entrar.

Estou mesmo de mãos dadas com esse egocêntrico?

E ainda pareço uma palhaçada com esse vestido enorme no meio de pessoas que estão vestidas para balada.

Passamos direto e isso seria perfeito se dentro do lugar eu não ficasse presa a cada batida da música eletrônica, pelos pés das pessoas que estão dançando.

A saia do vestido é bem longa.

O segurança abre um pequeno portão que dá para uma escada. Subimos até chegar a um espaço com poucas pessoas, algumas mesas e poltronas. A iluminação é roxa e rosa neon.

— Parece a boate do Roman.

— O quê? — Henrico vira para mim.

Com a música alta o que resta é falar no ouvido.

— Parece a boate do Roman.

— É uma imitação barata. — Ele também fala no meu e faz cócegas.

O arrepio desce pela espinha e braços.

Por que ele tinha que ter uma voz tão sexy?

É vibrante, grossa e levemente rouca.

Tudo que preciso para me perder.

Mas não vou.

Ficamos perto de uma mesa e aproveito para sentar.

Henrico pede bebidas e fica de pé, observando as pessoas na pista.

Esta parte está lotada.

Eu gosto da música.

Toca Avicii.

O tempo que a bebida demora para chegar é suficiente para descansar os pés.

O garçom entrega um drink e um copo de whisky.

Antes de pegar o copo de whisky, Henrico pega e ri da minha cara, me coagindo a sorrir também.

— Ainda estou com raiva de você — falo alto para ele ouvir e experimento o drink.

Nada mal.

— Uma perda de tempo — ele replica.

— Você falou aquelas coisas e nem sequer pediu desculpas! É claro que vou te odiar!

— Pra quê pedir desculpas pelo que não me arrependo?

Como pode ser tão egocêntrico?

— Henrico, você me magoou. — Eu me levanto e me encosto na grade de proteção.

Ele se junta a mim.

— Eu não sou esse tipo de mulher, sabia?

Ele molha os lábios e me encara.

Não pense sobre isso, Serena.

Ignora.

— Se tratando do seu marido…

— Se tratando de mim.

— Se tratando de você, continuo querendo mais.

— Eu não. — A confiança na minha voz me surpreende.

Saiu melhor do que eu planejava.

Ele para na minha frente, seu calor é mais forte do que o calor que as pessoas dançando produzem e é

agradável por causa do seu perfume, que exala e entra nas minhas narinas.

— Não, hein? — Seu olhar oscila entre meus lábios e olhos.

— Não! — Ergo o nariz confiante da minha mentira.

— E você também não pediu para me beijar e não se masturbou pensando em mim.

Meu rosto esquenta instantaneamente.

— De onde tirou isso? — pergunto enquanto meu coração palpita.

Quem contou isso para ele?

Eu achei que o clube era secreto.

Apenas pra garotas.

Eu nem contei a elas sobre ter pensado nele!

Seu rosto fica cada vez mais próximo do meu e um sorriso aparece.

— Você.

Leio nos seus lábios.

— Eu? — indago com o estômago estremecendo.

Eu quero sumir.

De todo constrangimento que já passei com as meninas, agora Henrico conseguiu superar.

— Você me disse com todas as letras. — Ele abraça um lado da minha cintura e me prende entre as grades.

Nossas bocas estão tão próximas que consigo sentir o hálito de whisky e menta vindo dele.

Também sinto sua ereção.

Como pode ficar assim, de repente?

— Eu não lembro de ter falado nada — continuo falando alto.

— Também esqueceu o que eu disse? — Seus lábios roçam nos meus.

Não faço ideia.

— O que você disse? — Olho em seus olhos e ele faz comigo o mesmo.

Um olhar afiado.

— Que você é minha, Serena. Você não deve se arrepender ou se envergonhar do que fizemos, porque foi apenas a primeira de muitas. — Ele pressiona seus lábios nos meus e fecho os olhos quando sinto sua língua pedindo passagem.

É agora, Serena.

É a hora de você mostrar que não quer.

Mas como, se estou toda molhada depois de ouvir a ideia mais possessiva e egoísta que já ouvi da boca dele?

Murmuro que o odeio e ele aproveita a deixa para adentrar na minha boca com sua língua.

Minhas pernas fraquejam.

Ele sabe beijar gostoso ao ponto de me convencer a querer mais do que isso.

Logo as paredes da minha vagina se comprimem todo o baixo ventre, pedindo seu pau dentro de mim, mais uma vez.

Sua ideia do que deve ou não me importar parece um comando, um condicionamento. Eu me sinto coagida a acreditar nisso e pior, quero pensar como ele sugeriu.

É impossível rejeitar seu beijo.

Logo estou retribuindo, viciada em cada volta que sua boca dá na minha.

Ouço o som do vidro se quebrando.

A taça dos drinks ainda está nas minhas mãos.

Não fui eu.

Henrico cobre as minhas nádegas e me arrasta para cima, colada no seu corpo. Deixa o meu quadril frente ao seu.

Seguro nele pela lapela, mas logo depois subo para o pescoço.

Nenhum de nós quer parar o beijo, mas posso dizer que foi ele quem prolongou isso quando estiver me defendendo dessa merda toda.

Ele me puxa e mordendo meus lábios, me carrega para a poltrona.

Seu peso cai sobre mim e sua ereção aperta a minha boceta com uma pressão que dói e causa tesão.

A língua de Henrico volta a me torturar na boca e depois desce para o pescoço.

— Você me deixou com marcas da última vez — digo ofegante.

— Eu não vi.

— Porque escondi.

— Então deixei nos lugares errados. — Ele morde o meu queixo.

Tudo proposital.

Ele só pode estar querendo acabar com a minha reputação.

Abro os olhos e me vejo com esse homem debruçado entre as minhas pernas enquanto chupa o meu pescoço e as pessoas dançam na pista dois metros abaixo de nós.

— Estamos em público.

Mesmo assustada e envergonhada, sinto mais tesão por estar em perigo de ser flagrada.

Sinto o cós da saia folgar e Henrico me encara satisfeito.

— Eu odeio essa roupa.

Ele não rasgou a saia, rasgou?

Repentinamente se levanta e me arrasta com ele.

Levanto segurando a saia. Olho para a minha bunda e sim, o cós está aberto e a minha calcinha à mostra.

— Você quase me deixou nua!

— Quase. — Sua mão toma o lugar da minha no cós da saia e segura durante o percurso pelo corredor, que em um trecho é bem iluminado depois bastante escuro.

Ele tira seu chaveiro do bolso e escolhe uma das chaves sem me soltar.

Ele tem uma sala aqui?

Assim que a porta se abre, ele me arrasta sem delicadeza nenhuma.

A saia entra antes de mim e ele a joga no chão, depois abraça a minha cintura.

Restou a blusa e a calcinha apenas.

Ele me empurra contra a porta e a tranca, depois me beija como um selvagem, arrancando todo o meu fôlego.

Suas mãos descem até a minha bunda e ele me ergue. Agora as minhas pernas ficam ao redor do seu quadril.

É tão errado, porém, ele é gostoso demais.

Ele me beija e me aperta como se estivesse louco de tesão por mim. Como se eu fosse tudo o que ele quisesse.

Como resistir a isso se ele me atrai tanto?

Acabo sentada em algum móvel e suas mãos saem da minha bunda arrastando a minha calcinha.

Parte inferior completamente nua.

E as nossas bocas não se afastam.

A próxima peça que perco é a blusa.

Ele abre o zíper e tira pela frente.

Não usei sutiã de novo.

Nossas bocas se afastam apenas para suprir o ar que os pulmões precisam, pois voltamos a nos beijar em seguida.

Meus mamilos são beliscados e rosqueados nos dedos dele.

Outra coisa que, embora dolorosa, me causa prazer.

Meus gemidos escapam a cada volta que nosso beijo dá.

É estranho como me sinto tão familiarizada com ele, mesmo que tenhamos ficado apenas uma vez.

É o tipo de segurança que não pretendia sentir com ele.

Abro a sua roupa até ter seu pau na minha mão.

Eu o massageio sem conseguir tocar a ponta do polegar nos outros dedos. É quente, cheio de veias e duro como se fosse feito de rocha.

Ele também geme na minha boca.

É tão bom ouvir isso!

Henrico parece gostar do que faço e ouço isso.

Sem comparação com o filho da puta que me fodeu primeiro e sempre me fez se sentir insuficiente, por não ter experiência nenhuma.

Ele me empurra e nosso beijo quebra estalando, então me deito na mesa e me assusto.

Não com o prazer que é sentir a boca de Henrico sugando a minha boceta, mas com o que vejo ao lado, na mesma mesa.

32



ESTOU EM UMA SURUBA

Serena Russo

Roman está fodendo uma mulher enquanto ela está com a cabeça entre as pernas de outra!

A mulher que recebe o oral sorri para mim.

— A festa só melhora.

Com Henrico me fodendo com dedos e língua cada vez mais forte, volto a atenção a nós.

Ele é bom com tudo!

Sua língua serpenteia o meu clitóris e ao redor dele, enquanto seus dedos entram e saem escorregando em mim. Meu coração bate tão forte que temo não aguentar. Parece que estou repetindo aquela noite, mas em um nível de intimidade maior.

O prazer aumenta no meu núcleo e com os gemidos grossos, meu peito sobe e desce no ápice de prazer que sinto.

Quando relaxo sobre a mesa, meu peito estremece com as batidas fortes do coração.

É tão satisfatório sentir esse prazer percorrendo meu corpo, enquanto meus braços e pernas tremem.

Mas não dá tempo de me recuperar, pois em seguida sou golpeada pelo seu pau me penetrando sem delicadeza alguma.

Ele força três vezes e está quase completo dentro de mim. Mesmo assim estou mais que preenchida. Olho para o seu rosto e ele observa o entra e sai com um olhar perverso. Segura as minhas coxas e me fode sem cuidado algum.

Cuidado...

É a segunda vez e assim como na primeira não usamos preservativo.

A coisa mais fodida nisso é que estou adorando sentir sua pele esfregando na minha enquanto entra e sai. Estou tão molhada que toda vez que ele volta, deixa um pouco mais molhado aqui fora.

Ele me puxa pelo pescoço e fico sentada. A troca de olhares embriagados dura milésimos de segundos porque ele me beija.

Risca isso.

Ele me devora como se fosse a última coisa que estivesse fazendo na vida.

E me fode sentada.

Se deitada eu já sentia a dor do tamanho do seu pau, sentada ele acaba comigo. Sinto a pressão no meu reto.

Mas é gostoso demais.

Abro a sua camisa e cravo as unhas em seus ombros.

Ele quer deixar marcas em mim?

Pois também deixarei nele.

O que ele disse antes ressoa durante nosso beijo e o sexo.

“Você é minha, Serena. Você não deve se arrepender ou se envergonhar do que fizemos, porque foi apenas a primeira de muitas.”

Devo ter medo ou tesão?

Sinto que estou prestes a gozar mais uma vez. Aperto o corpo de Henrico e me perco no beijo diante do prazer crescente, então ele afasta a boca e sai de dentro de mim.

Nem quando ele me ofendeu sobre o que meu marido pensaria de nós me deixou tão brava quanto agora.

Do jeito mais indelicado, ele me vira na mesa e me deixa deitada de barriga, com as pernas penduradas para fora. Meu rosto fica próximo da garota que recebe o oral e essa louca simplesmente me beija, aliviando a sensação dolorida de quando Henrico afunda seu pau de uma vez só na minha boceta.

Desisto de contar os pecados que já cometi desde que caí nas mãos de Henrico.

Estou em uma suruba!

O beijo não dura muito porque alguém nos afasta.

Roman se debruça na mesa e puxa meu rosto para perto do seu, mas Henrico o afasta.

O que estou fazendo da minha vida?

— Veio pra cá e não sabe entrar na brincadeira, Henrico? — Roman o provoca enquanto as garotas invertem suas posições.

Nunca vi nenhuma delas.

— Foda suas putas e não encoste na minha.

Sou a puta dele.

O meu cérebro deixou a moral de lado, pois adorou que fui chamada assim e só me deixou mais molhada.

Henrico está bravo e desconta isso no sexo.

Sua tortura prazerosa é tão forte e rápida que duramos pouco, e gozamos juntos.

Deito a cabeça na mesa e escondo as laterais do rosto com as mãos.

Eu adorei tanto isso que quero morrer de culpa.



Odeio quando o meu lado possessivo vem à tona. Ele se sobressai a tudo que planejei, a todo assunto que trato com cautela e me domina.

Eu queria não ser assim, mas não lido bem com ameaças.

Às vezes elas me instigam como em um desafio, exemplo todas as vezes que Serena abre a boca para falar que vai ou poderia fazer algo que eu não concordo; em outras elas me deixam em alertar e diferente do menininho

que nunca tinha coragem de falar ou fazer nada, eu falo e faço.

Eu não sei bem quando o sentimento de possessão surgiu pela Serena, mas sendo bem sincero, chuto que foi quando a encontrei naquele jardim.

Ninguém irá machucá-la nem acariciá-la porque se eu chegar no limite dos meus avisos, haverá retaliação.

Serena dormiu em meus braços na noite do baile.

Uma dose a mais para esse meu lado.

Ela precisa de mim, ela dorme comigo, transa comigo. É minha.

Foda-se com quem ela se casou!

Esse homem nunca deve ter chegado perto de dar o prazer que dei a ela, caso contrário não teria acabado na minha cama na noite seguinte, e a outra.

A semana inteira.

Sabe o que é pior na possessão?

Ela passa por cima do amor e nos deixa cegos.

Antes eu temia me importar com ela a ponto de não a deixar ir quando isso acabasse. Agora mesmo eu deveria estar preocupadíssimo com esse poder que tenho sobre Serena, a proximidade fora do normal e a necessidade de ser a única coisa que ela precisa.

Mas estou satisfeito.

Eu quero que ela se entregue a mim, que me olhe como sua única esperança e necessidade.

E melhor seria se todos soubessem que estamos juntos, mas apenas o Roman sabe e já tratei de calá-lo.

Como é a coisa do olho por olho?

Ele ameaça a minha, eu ameaço a dele.

Roman entendeu o recado.

Nesta sexta viemos no shopping e agora estou esperando Serena voltar do banheiro.

O plano era comprar algumas roupas para ela que não tivesse a cara da Ramona e que fossem menos camponesas do que os vestidos que usa.

Quer a minha humilde opinião?

Eu a acho adorável com aqueles vestidos floridos.

Mas concordo que ela precisa de roupas mais adequadas e as pessoas que coloquei para vasculharem o país não encontraram o Cesare. Ele está fora da Calábria, já passamos para o plano de caçada pela Europa, então a estadia dela conosco será prolongada e ela precisa se vestir de acordo.

Meu telefone toca e na tela vejo o nome do Edoardo.

Atendo.

— Alô?

— Oi, Henrico. Tenho informações que vão te interessar.

— Conta. — Contínuo sentado no banco da pequena praça perto dos banheiros.

Será que a comida fez mal a Serena?

Ela está demorando muito.

— Você falou com outras famílias, certo?

— Sim, mas não falei sobre a Behavior, apenas que precisamos pegá-lo.

Imagina o estrago que esse homem pode fazer com essa droga pelo mundo?

— Acho que alguns fizeram sua pesquisa. Fui informado que velhos conhecidos da Bratva estão na cidade. Você pode imaginar o porquê?

— Sim. — Olho na direção do banheiro. — Eles não querem o mesmo que nós.

— Certamente não, mas pode pensar como nós, como você.

— Já estou voltando para casa. — Finalizo a chamada e deixo as sacolas para trás quando levanto para chamar Serena. Paro na entrada. — Serena?

Nunca vi nenhuma comida fazer mal pra ela.

— Serena?

Ouço passos, mas quem sai do banheiro é outra mulher.

— Serena! — Perco a paciência e entro.

Encontro duas mulheres em frente ao espelho, que quando me veem gritam e uma joga um batom contra mim.

— Sai daqui, seu tarado!

Ignoro e bato em cada uma das cabines.

— Serena?

Enquanto isso as mulheres gritam pela segurança.

Foda-se a segurança!

— Serena!

Uma cabine abre e a mulher acerta um tapa na minha cara.

— Sai do nosso banheiro, pervertido!

Abstraia, Henrico.

Abstraia.

Ela não está em nenhuma cabine, não a vi saindo e o mais importante, ela não tem motivos para querer fugir.

Uma das cabines está cheia de produtos de limpeza e atrás dela tem uma porta.

Quiseram camuflar a entrada dos funcionários?

Empurro a porta e do outro lado vejo um grupo de funcionários assustados.

— Vocês viram uma mulher sem uniforme passando por aqui?

Eles apenas me olham de olhos arregalados, sem resposta.

Só podem ter recebido ameaças de outras pessoas.

— Apontem, merda!

Eles apontam e corro na direção.

Saio no estacionamento e tudo está parado.

Nem sinal da Serena.

— Senhor, fomos avisados que esteve no banheiro feminino — um segurança diz.

Eu não acredito nisso.

— ACABARAM DE SEQUESTRAR A MINHA MULHER E VOCÊ QUER FALAR SOBRE A PORRA DO BANHEIRO FEMININO? — Eu o encaro com as mãos em punho fechado e o homem de terno não me enfrenta.

— Você fala a verdade?

O desespero me faz querer rir.

— VÁ TRANCAR OS PORTÕES DESSA ESPELUNCA E COMECEM A PROCURAR. NINGUÉM PODE SAIR DAQUI!

Se é que já não saiu.

Ele vai e ligo para o padrinho, que atende no segundo toque.

— Henrico?

— Levaram a Serena, padrinho. Acho que foram os visitantes. — Ouço o som forte e deduzo ser um soco.

— Figlio di puttana! Vou mandar fechar a cidade agora.

33



O FIM DA LINHA

Serena Russo

Nem para fazer um xixi tenho paz.

Estava tudo tão perfeito...

Mais de uma semana sem me meter em problemas.

Quer dizer, arranjei o maior de todos: um caso com Henrico, mas esse melhorou os meus dias e acabei me rendendo.

É diferente estar com ele. Sempre lembro dos meus planos, que não posso ter nada que me prenda aqui, mas enquanto estiver nesse lugar, sei que vou ficar bem presa a ele.

Passamos muito tempo juntos, mas o Henrico não muda aquele jeito sério e de poucas palavras, então ninguém desconfia que entre quatro paredes acontece alguma coisa.

O Roman age como se não soubesse de nada e pode ser amnésia alcoólica.

Henrico e eu passamos muito tempo juntos na mansão e ele me leva para a cidade. Hoje fizemos compras, escolhi tanta coisa linda, mas temo não poder usar, pois vivo um déjà vu em russo.

Estou presa a uma cadeira, tem uma fita cobrindo a minha boca e pela estrutura do lugar, estamos em algum galpão abandonado.

Foram três homens que me pegaram e eles estão discutindo em russo.

Se entendo alguma coisa?

Nada.

Não compreendo nada.

Só reconheci a língua porque Cesare era o tipo que tinha contato com pessoas de diversos países.

O plano de imperador das drogas dele é global, só não posso confirmar que era esse assunto o que ele discutia com os homens, já que se comunicava em russo.

O homem bravo faz uma ligação e se fosse para dublar, eu apostaria em ameaças a pessoa na linha.

Fugi tanto para ser pega fazendo xixi.

Foi na hora que estava lavando as mãos, mas se eu sobreviver a isso, direi que fui arrastada do banheiro.

Henrico deve estar roteirizando suas próximas ameaças.

Não acho que ele me odeie tanto. Depois que tocou em mim, ele mudou um pouquinho. De ameaçador para possessivo.

Preocupante também.

Mas nada como as coisas que Chiara diz.

Não!

Ele não costuma estar feliz, seu sorriso só aparece na maldade.

O fato é que agora ele deve estar pensando que fugi. Sei que Henrico pensa assim, porque enquanto diz os absurdos dele, digo os meus, como pegar uma arma e sair caçando o meu marido para fazer o que ele não fez.

Ele fica furioso quando faço isso.

Diz que está me protegendo e não pode ir atrás de Cesare, sem saber onde ele está.

Agora pode até pensar que estou fazendo isso.

Eu não consegui me livrar de três. A minha boca foi a primeira a ser calada e a minha força ficou nula diante das deles. Preciso começar a malhar se sobreviver a isso.

O homem olha de relance para mim, com o semblante fechado e fala algo apontando na minha direção.

Será que faria diferença saber um pouco de russo?

Talvez seja melhor não saber o que ele está falando.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Henrico, preciso de você agora. Você me conhece. Eu não fugiria.

E se esses homens forem amigos do Cesare?

Será que ele está se escondendo na Rússia, e mandou seus amigos virem me buscar?

Prometo que quando isso tudo acabar, se eu estiver viva e voltar para a casa de minha mãe, não sairei de lá

nunca mais.

Já perdi a noção do tempo que estou aqui. Sei que a viagem de carro não foi longa. Acredito que ainda estamos em Reggio Calabria, mas sobre o horário só consigo dizer que anoiteceu porque a luz de fora que passava pela porta sumiu.

Som de automóveis?

Estamos dentro da cidade ou em uma área mais afastada?

O som dos carros para.

Quem acabou de chegar?

Cesare.

Só pode ser ele.

Talvez ele tenha se juntado a esses loiros mal-humorados para vir me buscar.

Dois dos sequestradores saem com as armas prontas e o que estava falando ao telefone vira para mim, começando a mexer nas amarrações que me prendem na cadeira.

Eu só queria poder falar.

Não iríamos entrar em um acordo, mas pelo menos eu saberia que tentei.

A troca de tiros começa lá fora.

Se estão atirando, então não estão do lado de Cesare.

Ele me levanta e encosta o cano de um revólver em mim.

A minha energia vai embora, a sinto caindo dos ombros até os pés. Meu coração dói enquanto bate, todo o

meu corpo está rígido e a única coisa que a minha cabeça consegue processar são as lembranças do passado.

Se ele atirar, será o meu fim.

Eu não existirei mais.

Nem saberei que não existo.

Sinto um aperto angustiante no peito e mal consigo respirar.

É real.

É o fim da linha para mim.

Tudo que vivi será apagado. As lembranças, o meu pensamento. Eu não existirei mais.

O medo de não existir estremece o meu peito e as lágrimas caem sem que eu possa fazer nada.

Eu só queria poder implorar pela minha vida.

Nem quando Henrico me confrontou naquele jardim ou quando estivemos naquele tiroteio senti o medo que sinto agora.

Eu quero correr, fugir...

Quero viver!

O telefone dele toca e sua arma sai da minha mira.

Um alívio que sei ser momentâneo.

Desta vez, ele fala com mais calma no aparelho e o observo. Ele parece preocupado e encara a parede como se pudesse ver o que acontece lá fora através dela.

Os tiros não param e nenhum deles parece ser direcionado ao galpão.

O homem diz alguma coisa olhando para mim e joga o celular no chão com os olhos tomados de ódio.

— *Puttana vergognosa*[15]. — Ele puxa a arma e aponta para mim.

Fecho os olhos e prendo a respiração.

Mãe, um dia vamos nos ver de novo.

O disparo nos afasta.

Não sinto nada, mas meu coração bate mais forte que nunca.

Abro os olhos e vejo o loiro caído no chão, com os miolos saindo de um lado da cabeça.

Ele morreu.

O homem que ia me matar morreu!

Olho para o lado e Henrico vem apressado, acompanhado do tio Alejandro e Héctor.

Eu mal o vejo com os olhos nublados pelas lágrimas.

Ele solta primeiro as minhas mãos e tira a fita da boca antes de me agarrar ao seu corpo, chorando feito criança.

— Eu tive tanto medo.

Na verdade, ainda sinto medo.

Foi por pouco.

Segundos de atraso e eu não existiria mais.

Ele me abraça e acaricia a minha nuca.

— Pelo visto tenho que te acompanhar até no banheiro.

No meio do choro, rio.

Seu péssimo senso de humor.

Eu o encaro com o rosto banhado e mesmo que ele não esteja comovido, como eu, estou feliz por ver sua cara

de pôquer.

— Você veio.

— Acha mesmo que deixaria você salvar e chantagear outro sequestrador?

Mais uma vez estou rindo no meio do choro.

— Pelo visto estamos quites. — Eu me refiro ao rapaz morto sem olhar para ele.

A cena me lembra do homem que atropelei.

— Não mesmo. — Ele encosta a boca no meu ouvido. — Eu disse que você é minha. Não vai a lugar nenhum.

— Vamos embora — tio Alejandro chama e solto Henrico para acompanhá-lo. — Você está bem?

— Sim.

— Eles não fizeram nada? — Héctor pergunta. — Nem um banho de gelo?

Que pergunta...

— Não, Héctor.

— Amadores.

Sádico!

Deve ser o alívio por não estar morta, porque estou feliz até em ver o Héctor.

Quando saímos do galpão, vejo por que eles conseguiram entrar a tempo. Andam com mais sete homens, contra aqueles dois e o que estava me vigiando.

Com certeza foi fácil.

— Como me encontraram? — pergunto ao Henrico.

— Você não se esconde tão bem quanto o seu marido.

— Mas eu não me escondi!

Quem dera fosse isso!

— Eles estavam no nosso território, Serena. Na nossa cidade.

— E o chefe deles? O que vai acontecer quando souberem que vocês mataram esses homens?

Tenho medo dos russos, agora mais do que nunca.

Parece até trocadilho, mas a família Russo e os russos da Rússia me dão medo no mesmo nível.

— Eles foram avisados. — Henrico abre a porta do carro para mim e entro, seguida por ele.

Então deve ser por isso que aquele homem ficou preocupado e depois furioso na última ligação. Foi avisado do erro, das consequências e quis me matar.

— Você sabe o que eles queriam? Achei que eram aliados do Cesare.

— Achamos que era isso que eles queriam, mas não vão retornar para cá.

Ele parece tão seguro disso, já eu não tenho tanta segurança assim.

Abraço o braço dele e deito a cabeça no seu ombro.

Ele é a pessoa que mais se aproxima da minha família, porque sei que a minha mãe e o meu pai fariam tudo para me proteger, assim como ele fez.

— Obrigada — digo tentando não voltar a chorar.

Ele aperta a minha coxa e não diz nada, mas, para mim, o seu toque já é a resposta.

34



UMA RECOMPENSA

Serena Russo

Quando chegamos, optei por ficar um tempo sozinha no quarto. As meninas queriam me fazer companhia, mas falar sobre o medo que senti só me faz querer chorar.

Eu prefiro sentir alívio e não ficar pensando naquela angústia.

Fiquei muito tempo na banheira, atenta ao meu corpo.

Nunca fui o tipo de pessoa radical, que vive arriscando a vida e tem como filosofia o carpe diem. Sempre temi a morte, que vive correndo atrás de mim, colocando tudo que pode fazer com que ela me alcance no meu caminho.

O que sempre fiz foi fugir disso.

Vivendo?

Não, sobrevivendo.

Estar tão perto do fim me faz valorizar até a dor no tornozelo que torci quando escorreguei no piso molhado quatro dias atrás, e todos os incômodos e prazeres que sinto porque estou viva. É isso que eles sinalizam.

Quando a fome aparece, deixo a banheira e me arrumo para jantar.

O clima na casa está estranho. Um silêncio desconfortável. Ouvi Mirabela reclamando com o marido, por ele ter se colocado em perigo.

Ela está certa.

Ele tem mais de setenta anos e quer acompanhar os rapazes.

Eu tenho tanto a agradecer e mesmo que faça isso nas 24 horas por dia, durante o resto da minha vida, não será suficiente.

Encontro as meninas à mesa.

Todos estão reunidos, como sempre, menos Henrico e Damon.

— Que bom que veio! — Chiara segura o meu braço, sorrindo.

— Cadê o seu irmão?

— Acho que ele não vai jantar com a gente. Senta aqui. — Aponta para a cadeira vazia ao seu lado.

Estranho.

Eu me sento e Mirabela sorri no outro lado da mesa.

Sorrio de volta.

— Obrigada, tio Alejandro. O senhor se arriscou por mim.

— Eu também. — Héctor completa.

— Como se fosse um sacrifício para você — a irmã replica e ele ri.

— Escute, Serena. Você faz parte da nossa família agora. Ninguém vai te fazer mal e ficar vivo — tio Alejandro assegura. — E todos já foram avisados disso.

É uma coisa reconfortante saber que se importam tanto comigo, mas é impossível não sentir a força que suas falas têm.

Não quero que ninguém morra por minha causa, também não quero morrer e nessas famílias ou você mata, ou morre.

Jantamos falando de outras coisas e depois bato à porta do Henrico para saber o que ele anda fazendo.

Como ele não atende e já temos bastante intimidade, abro.

Não o encontro.

No meu quarto, mando uma mensagem para ele.

Serena: Onde você está?

Serena: Não vai jantar?

— *Em algum momento tem que dar uma trégua, Coração* — Damon diz no corredor e me levanto para ver se Henrico anda com ele.

Ele também não apareceu no jantar.

Do lado de fora encontro Damon assistindo Chiara descer as escadas.

Ele usa bermuda e camiseta, e está todo suado.

— Damon.

Eu o pego de susto e ele se vira para mim, erguendo a sobrancelha.

Existe maldade nele, mas não é maior que a do Héctor.

Aquele ali precisa de terapia urgente.

— Viu o Henrico?

— Está treinando. Deveria levar uma garrafa de água para ele. Naquele ritmo o corpo não vai aguentar. — Ele entra em um quarto.

Treinando uma hora dessas?

Abandono o celular e faço o que Damon sugeriu. Digamos que seja uma boa desculpa para procurá-lo.

A academia fica em um anexo não muito longe de casa.

Metros antes de chegar à porta, já ouço os golpes e gemidos dele.

Deve estar treinando pesado mesmo.

Não adianta anunciar a minha chegada batendo à porta, só entro com a garrafa na mão.

Ele está treinando no saco de pancadas. O corpo banhado de suor, sem camisa, com pequenos curativos no machucado que ainda está terminando de curar.

Seu foco é tanto que ele não me vê.

Foi um conjunto de coisas que me fez perder a razão nos seus braços. O físico conta pontos, sem dúvidas. Ele é perfeitamente esculpido, bronzeado, as tatuagens nas costas ficam tão bem, mesmo encobrindo o que suspeito serem cicatrizes e nunca tive coragem de perguntar.

Uma perfeita tentação.

Ainda maior com seu jeito marrento, a cara de pôquer e suas promessas perigosas.

Pigarreio e ele para. Vira para mim, com o rosto pingando e o peito subindo e descendo rápido.

— Vai lutar contra o Rocky[16]? — Sorrio.

Ele tira as luvas, guardando debaixo do braço, pega uma toalha em um aparelho e enxuga o rosto de olho na garrafa d'água.

— Adivinhou?

— Um passarinho chamado Damon me disse. — Entrego a garrafa e ele começa a beber.

O suor pinga de novo.

O homem é bem quente, treinando então!

— Você não jantou.

— Estou sem fome. — Ele deixa a garrafa e as luvas em um banco e enxuga o rosto mais uma vez.

— E tem energia para treinar.

— Eu tenho muita energia e você sabe.

Quem fica com calor sou eu, ciente disso.

Ele me fita da cabeça aos pés, depois tira o saco de pancadas do gancho e coloca outra coisa, com faixas pretas e protetores vermelhos.

— Eu queria agradecer mais uma vez pelo que fez. Foi tão arriscado. Cheguei a cogitar que você estaria pensando que fugi, porque sempre fico falando aquelas coisas, mas eu jamais faria isso. Por pouco eu não...

— Não complete a frase. — Suas mãos envolvem o meu rosto e ele me analisa com fascínio. — Eu nunca deixaria que algo assim acontecesse.

— Eu sei, mas naquela situação você não pode...

— Eu já disse, Serena. — Ele pressiona meu rosto e me faz ficar na ponta dos pés. — Ninguém vai tirar você de mim. — Seu rosto fica próximo do meu e seus olhos verdes se tornam escuros. — Ninguém.

Por mais assustador que seja esse senso de proteção de Henrico, me inspira confiança.

Eu não tenho dúvida de que ele faria qualquer loucura por mim.

É o que mais tem me atraído nele.

Essa devoção e intimidade me deixam louca para repetir o erro.

Avanço na sua boca e ele me suga na mesma intensidade que faço. Um beijo tão arrebatador que me deixa confusa sobre o que sinto por ele.

Tesão ou paixão?

Talvez seja os dois ou não estaria aqui, fazendo isso.

Ele me guia enquanto nos beijamos e sinto o tecido da minha roupa escorregando para cima. Meu corpo começa a se aquecer em contato com o dele. Meu baixo ventre vibra e me sinto cada vez mais molhada.

Quero esse homem dentro de mim, mais uma vez.

Fodam-se as regras!

Se não fosse ele, eu não estaria aqui.

Isso será um prêmio para ele e um alívio para mim.

Interrompemos o beijo e ele tira o meu vestido, jogando o tecido para o lado, depois esfrega os polegares sobre os meus mamilos.

— Esta noite irei chupá-los até que fiquem roxos.

Como eu quero isso!

Meus mamilos já enrijeceram.

— Não agora?

— Não. — Ele segura a minha bunda e me levanta. Abraço seus ombros para não cair para trás, então sinto seus dedos se movendo até que uma faixa seja passada pela minha bunda, ele a arruma e quando a posiciona nas coxas, me solta.

— O que *tá* fazendo?

Ele se ajoelha e coloca meus pés apoiados em dois protetores que rodeiam as faixas menores.

Estou em um tipo de balanço, segurando as faixas dos lados, sentada, mas com os pés bem longe do chão.

— Henrico... — cantarolo preocupada.

Ele levanta o meu rosto com o indicador e me beija.

— Será delicioso comer a sua bunda desse jeito — sussurra contra meus lábios e abro os olhos com o coração a mil e a boceta latejando.

— E se alguém chegar?

— Eu já disse que não te divido com ninguém. — Ele me beija mais uma vez antes de ficar atrás de mim. — Essa calcinha... — Ele segura o lado direito da barra e rasga, depois faz isso com o esquerdo, então arrasta a peça para trás e eu sinto o tecido correndo pela minha boceta.

A fricção me dá tesão e acabo soltando um gemido.

— Toda melada. — Ele faz um barulho como se estivesse respirando contra algo.

Olho para trás e o vejo cheirando a minha calcinha.

— Vou ficar com essa.

Cazzo...

— Me fode logo, vai. — Praticamente imploro com a boceta pulsando mais dolorida do que antes.

Ele abaixa a roupa e o pau salta duro, grande e grosso, apontando na minha direção.

— Você brincou quando disse que ia foder a minha bunda, certo?

Acho que é válido me preocupar com isso, já que ela não está acostumada com algo tão grosso. Não imagino que seja mais elástica que a minha vagina.

— Brincar? Eu não brinco. — Ele massageia a glande e se encaixa atrás de mim, mas logo escorrega para a frente e penetra a minha boceta. — Ok. Vou te fazer gozar por aqui primeiro. — Ele segura cada lado do meu quadril e me movimenta para frente e para trás. Apenas empino a bunda e me mantenho segura, enquanto cada golpe me causa um gemido devido à onda de prazer.

Eu não entendo se é por conta da atração que sinto por ele; do tesão que me causa com esse jeito bruto e possessivo que tem, que me deixa pingando de tesão; se é pelo pecado que estamos cometendo, quebrando toda promessa de fidelidade que fiz a Cesare no casamento e na droga da tatuagem; ou porque seu pau acerta sempre o ponto certo para me levar a choramingar de prazer.

Mas ele faz.

Tê-lo dentro de mim, me faz adorar foder, coisa que nunca achei tão maravilhoso com meu marido psicopata.

Quanto mais rápido e forte ele me fode, maior é a onda de prazer que toma o meu corpo.

— Não para — suplico vivendo o limbo do prazer que ele me oferece.

Ele coloca a mão na minha nuca e pende os dedos no meu pescoço.

— Parece que já entendeu que é minha.

— Pode sonhar — murmuro e jogo a cabeça para trás.

Eu passaria a noite inteira sendo fodida assim e não reclamaria.

— É uma realidade, amor — ele fala perto do meu ouvido, com a respiração quente batendo no meu pescoço, me deixando toda arrepiada.

— Sou sua por agora — confirmo sôfrega.

— Farei você mudar de ideia até o fim dessa foda — ele rosna, passando a língua pela concha da minha orelha e depois afunda os dedos no meu cabelo, se enterrando com força dentro de mim, em um vai e vem torturante que me leva ao êxtase em questão de segundos.

Quase perco o equilíbrio em cima da coisa, principalmente quando ele sai de dentro de mim. Olho para o chão e vejo gotas de gozo pingando da minha boceta. Em seguida ele fode a minha bunda, me rasgando com um golpe só.

Assim como da primeira vez que me fodeu pela frente, ele reivindica o espaço como se ninguém tivesse feito isso antes.

As minhas unhas estão rasgando a palma da mão por apertar tão forte.

Arde o tempo que o vai e vem começa, mas logo a dor some e a sensação da nossa pele se esfregando é maior.

Recebo uma mordida nas costas.

— Filho da puta — murmuro entredentes.

— Essa bunda apertada é o meu novo vício. — Henrico passa o braço direito pela minha cintura e seus dedos alcançam o meu clitóris. — Que delícia de boceta! — brinca com ela, pressionando, subindo e descendo, espalhando o gozo por toda parte.

Estou perdida.

Meus pulmões puxam o ar, mas não entra o suficiente. Não há espaço em um corpo cheio de prazer.

Estrou travada, encarando o teto, com as lágrimas caindo.

Eu não sou dele, mas talvez queira ser.

Fecho as coxas, levanto o quadril e me contorço na sua mão, então lembro do seu pau que ainda entra e sai da minha bunda com golpes cruéis.

Ele sabe me dominar e adoro isso.

É tão bom que gozo fácil mais uma vez, então ouço um gemido grosso e a minha bunda recebe jatos por ela toda.

Olho para ele, quase soltando as faixas e meu pescoço é agarrado mais uma vez.

Henrico parece relaxado, mas o olhar é afiado e ao encarar minha boca, se torna tenso.

— Não é só por esta noite. Você é minha até eu falar o contrário — declara decidido e avança na minha boca, com um beijo violento.

35



CASAMENTOS FORÇADOS

Henrico Milano

As garotas finalmente estão fazendo um bom papel de amiga, sem drogas nem fugas para festas. Só conversas de garotas.

Paro em frente à porta do quarto de Ramona e ouço um pouco da conversa.

É a dona do cômodo quem fala.

— Ele olhou para mim, olhei para ele e ele piscou, aí eu tive certeza de que ele queria alguma coisa comigo, depois ele sumiu.

— Sumiu para onde? — Serena pergunta.

Às vezes a pego muito calada, mais calada do que ela diz que sou. Para mim, ela é naturalmente tagarela, então isso me incomoda e me obriga a falar mais do que quero, só para vê-la igual um narrador de futebol. É como dar corda em um brinquedo e depois vê-lo andar sozinho.

Eu gosto de vê-la andando sozinha, afinal a conheci assim.

Quando ela está com as meninas parece que esquece o que passou. Isso é bom.

— Conta, Ramona! — pressiona.

— Eu não sei. Ele sumiu. Sumiu, sumindo e não apareceu mais.

— Será que o Roman viu e ... Ele? — a minha irmã pergunta.

— Espero que não. Eu nem conhecia o homem, como vou colocá-lo em minhas orações?

Ramona consegue ser cômica no meio do desespero.

Como ainda se ilude com homens de balada?

— Eu sei bem como é isso — Serena comenta. — Antes de vir para cá aconteceu uma coisa e eu nem sabia o nome da pessoa, então nunca pude acender uma vela ou fazer uma oração por ela.

Será que ela fala do homem que matou?

Serena é tão cheia de compaixão que me enlouquece.

— Pode fazer isso na capelinha — Ramona sugere. — O que vale é a intenção.

— Tirou as palavras da minha boca — Chiara diz.

— Então vamos lá.

Parece que é a minha hora de fingir que não estive aqui.

Com tantas coisas para fazer e eu ouvindo conversas atrás de uma porta.

A que ponto você chegou, Henrico?

Eu me afasto e ando devagar pelo corredor.

Elas saem apressadas.

Sempre andam afobadas.

— Irmãozinho, anda no faro da Serena? — Chiara abraça meus ombros.

Somos muito diferentes.

A minha irmã é escandalosa demais!

Olho para Serena e ela desvia o olhar de mim, com um pequeno sorriso.

Quando pensei que nunca mais veria esse sorriso, me dei conta que já era tarde para tentar controlar o que sinto por ela.

Eu já me importo muito com a sua vida, ela já está entre as três pessoas com quem mais me importo.

— Para onde vão?

— Vamos acender velas para os mortos. Quer ir conosco ou tem que preparar alguma alma para virar vela na capelinha?

Chiara sendo Chiara.

— Eu vou.

— Você anda muito caseiro, Henrico. — Quem comenta é Ramona.

— Vocês também. O que houve?

— Um tirano nos prendeu aqui. Foi isso que aconteceu. — Chiara responde chateada.

— Por mim, eu nunca mais saio — Serena desabafa. — Não entendo o motivo de reclamarem tanto.

Por mim, ela também não sai e fica aqui comigo, para o resto da vida. Ou em outra casa, apenas nós dois.

Já está fazendo planos?

— Você não é normal, Serena — Ramona decreta descendo a escada antes de nós. — Quem gosta de ficar em casa mexendo em plantas? Parece o modelo de esposa que o meu pai e os amigos dele querem criar!

Serena ergue os ombros.

— Não vejo nada de ruim nas coisas que faço.

Quando não se mete em problemas não faz nada de ruim mesmo.

— Se for para me parecer com você, eu nunca vou me casar — Ramona conclui.

Como pode desejar tanto se casar?

— Vou encomendar um noivo pra você, Ramona.

Ela olha pra mim, em alerta.

— Não confio no seu gosto. Se for como você, não quero.

— Pois vou encontrar um bem parecido.

Serena ri.

— Que falta faz uma diversão. Um passeio que seja, Rico — Chiara choraminga no meu ouvido. — Já faz duas semanas que a Serena foi levada e não aconteceu mais nada, podemos sair.

Como posso explicar para ela que as pessoas que querem nos prejudicar não mostram a cara, só mandam subordinados que não conhecemos?

Já estamos sendo bem rígidos com as pessoas que trabalham conosco e que frequentam esta casa.

O padrinho anda diferente, dando mais importância à Serena do que imagino que deveria dar.

Eu o vi garantindo que Serena não deve se preocupar com a família do ex-marido, chamo assim porque nunca a deixarei voltar para ele, mas às vezes nas conversas com ela, falo diferente por zombaria.

Ele sabe de alguma coisa que eu não sei. Deve ter a ver com a investigação que fez sobre ela. Eu nunca ouvi falar do resultado disso. Estão escondendo até mesmo de mim.

Pelo menos ele quer o bem dela e relevo por conta disso.

Ela ficará conosco por muito tempo. Cesare sumiu, assim como a sua droga.

Até ele dar sinal de vida, Serena é moradora desta casa, não mais uma hóspede.

Vamos para a pequena capela, que a madrinha mandou construir para lamentar e rezar pelas perdas da família. É um lugar pequeno, não cabe mais do que cinco pessoas. Fico na porta enquanto elas entram e acendem as velas.

Às vezes, no meio da noite, Serena fala sobre o homem que matou e depois atropelou. Ela parece estar tão arrependida, amargurada por isso. Acho que ela guarda esses sentimentos no subconsciente, não fica remoendo o tempo inteiro, senão não estaria bem agora.

Ela sofre, mas sabe deixar isso de lado para dar uma versão agradável de si aos outros.

Vê-la rezando não me surpreende mais que ver Ramona e Chiara fazendo isso ao seu lado.

Serena estaria levando as duas para um bom caminho?

Seria uma bênção.

— Quem é essa? — Ela aponta para um dos vários quadros pregados na parede.

— Irmã da minha avó — Ramona diz. — Mamãe gostava muito dela, quando ela morreu, ganhou um lugar na capela.

— E esse aqui?

Serena é uma mulher curiosa.

— Esse era o tio Fred — Ramona responde.

— Ele era bonito. Morreu jovem assim?

— Sim. Na época a nossa família estava ganhando força e fazendo casamentos arranjados. Ele teve que se casar com uma mulher por quem não estava apaixonado. Mamãe disse que ele amava outra, então pouco depois do casamento aconteceu um acidente fatal e o perdemos.

— Coitado!

— Tem gente que diz que não foi bem um acidente... Parece que ele desistiu de viver porque não aceitava viver com outra mulher, que não fosse a que amava.

— É o mais triste resultado desses casamentos forçados — Chiara comenta e eu concordo, mas infelizmente tem que ser assim.

Casamentos são negócios poderosos.

— E algo mudou na família depois disso? — Serena pergunta com as sobrancelhas caídas.

— Sim. Não tivemos mais o meu tio. Ele era muito querido.

Deve ser porque são gêmeos e irritante ou não, Roman é mais inteligente. Ele conseguiu pegar todas as vitaminas que a mãe tomou, por isso a irmã é assim.

— Digo sobre os casamentos forçados.

— Ah, não mudou nada não. Só espero não passar pelo que ele passou.

— Vou arranjar um marido que vai te impedir de olhar para os outros.

Ramona olha para mim, fazendo careta.

— Eu já disse que não quero.

— Irmãozinho. — Chiara vem me abraçar de novo.

— Por que anda tão grudenta, hein?

— Vamos sair? Tem parque na cidade. A Serena adoraria ir. Coitadinha, só vendo loucos nessa casa, daqui a pouco vai cair numa deprê. Não é, Serena?

Serena sai da capelinha perdida na conversa.

— Diga ao meu irmão o quanto te faria bem passear no parque.

Ela olha para mim, depois para Chiara.

— Por que eu?

— Porque ele faz tudo o que você manda.

— Quem espalhou essa calúnia? — questiono.

— Vamosssssssss.

— Vai, Serena. — Ramona dá uma cotovelada nela. — Precisamos sair um pouco. Eu adoro andar de montanha-russa.

Serena olha para mim, fazendo um biquinho e não pode me convencer com isso.

É melhor ficar em casa.

— É rápido. Só para a gente sair um pouco.

— Você tem certeza que quer isso? Minutos atrás disse que se pudesse não sairia daqui nunca mais.

— Mas você vai com a gente, não é?

De novo brincando com o meu juízo com esse rostinho de anjo.

— É óbvio. — Afasto Chiara de mim. — Quando a noite cair, a gente sai.

Eu não sou mais o mesmo.



— Programa legal para ser organizado por você — Roman comenta pronto para ir conosco.

Eu não sou careta, só não invento programas como os deles.

— Foi a minha irmã quem inventou.

— Ah, agora faz sentido.

Damon também aparece arrumado, de blazer por cima da camisa e com um Rolex brilhando no braço.

— Para onde vai? — pergunto.

— Vou com vocês.

— Virou uma caravana ou o quê? — indago. — Só falta o Héctor dizer que também vai.

— Eu sei que você gostaria de ter a minha companhia, amigo. — Héctor aparece na sala com UM LIVRO NA MÃO!

Troco olhares com Damon e Roman, estranhando o comportamento do primogênito.

Ele se senta no sofá com as pernas cruzadas.

— Mas vou me resguardar.

— Desde quando você estuda biologia, Héctor? — Damon faz a pergunta que eu também queria fazer.

— Desde que me parece útil. Você deveria aprender também.

— Dispenso.

Damon se debruça sobre o corrimão.

Estamos de pé no final da escada.

— Que demora é essa delas? Você não deu um horário, Henrico?

— Disse que iríamos quando a noite caísse, mas a sua irmã não sai de casa se não usar um reboco na cara. O que posso fazer?

— É que na gestação a beleza ficou para mim. — Roman alisa o cabelo e Damon ri.

— É isso que dá mimar demais quando criança. Cresceu iludido.

Roman e Ramona foram muito mimados mesmo.

Pelo som de passos no primeiro andar, deduzo que as meninas estão vindo.

— Você vai de saia mesmo? — Serena pergunta a uma delas.

— Sim. Por quê? — É a minha irmã que pergunta.

— E se quando você estiver no brinquedo não conseguir manter as pernas fechadas? — Serena aponta no

topo da escada acompanhada das meninas.

— Será uma visão maravilhosa para mim — Damon responde à pergunta dela.

Ele está brincando, porque se fosse verdade já estaria apanhando do meu punho.

Não deve existir esse tipo de coisa entre nós, pois crescemos todos juntos. Eu nunca olhei para a Ramona de outra maneira. É como uma irmã e sempre acredito que eles enxergam a Chiara da mesma forma.

— Você vai, é? — Minha irmã encara Damon de cara fechada.

— Claro! Vou ganhar um ursinho pra você. — Ele dá uma piscadela.

— Damon, as suas brincadeiras já perderam a graça. — Eu me afasto da escada para não dar um tapa na cabeçona dele.

— Fica tranquilo. Daqui a algum tempo me casarei com outra. — Ele não tira os olhos da minha irmã.

Felizmente, Chiara não cai nas suas graças.

Serena está usando jeans, tênis e blusa de mangas com um decote tentador nos seios.

Ela vem até mim, com um sorriso inocente no rosto.

Eu diria que até parece apaixonada.

Vontade maldita de agarrá-la e beijá-la agora, na frente de todos.

Ela para na minha frente com as mãos para trás.

— Obrigada por ter aceitado o passeio. Elas estão ficando loucas por não saírem.

Puxo seu cabelo para frente e cubro um pouco do decote.

— Você me chantageou. Não pense que não terá consequências.

Ela afasta os lábios carnudos e os olhos arregalados para mim.

— Que consequências?

Eu me curvo para falar no seu ouvido.

— As que eu adoro.

Ela estremece e me afasto segurando a vontade de sorrir.

— Vamos antes que desista dessa tolice.

Todos me acompanham para fora.

Na janela do quarto estão o padrinho e a madrinha, nos observando.

— Tomem cuidado! — ela pede. — Como cresceram...

Minha mãe e a coitada que Héctor vive atormentando nos observam em um canto do jardim. Assim como a madrinha, minha mãe sorri e acena como se eu estivesse indo para o primeiro passeio da minha vida sem supervisão.

— Quanta vergonha! — Damon entra no carro depois de Chiara e Ramona.

Ele tem razão.

Serena vem comigo e Roman.

— Sem gracinhas, Roman.

— Ai, que chatice. — Ele boceja.

Sento entre os dois e Serena fica sorrindo.

Roman incomoda todo mundo, essa é uma verdade.

A outra é que mesmo incomodando, ele sabe o que aconteceu entre Serena e eu, então não me controlo para não tocar nela durante a viagem para a cidade.

Queria perguntar sobre a vela, mas não é um bom momento. Estamos indo para o parque para deixá-la mais feliz e aquele assunto a desanima.

Farei isso outra hora.

— Henrico — Serena fala no meu ouvido.

— Sim.

— Estou ficando louca ou o Héctor estava mesmo com um livro nas mãos?

— Se você estiver ficando louca, todos nós também estamos.

— Que estranho. — Ela encolhe o rosto.

— Deve ser virose.

A viagem é curta e sem interferências. Andamos em grupo e ainda temos mais gente de olho em tudo.

As mulheres ficam loucas para andar em todos os brinquedos e o Roman vai com elas.

Damon e eu ficamos sempre por perto, observando tudo.

— Aposto que o Roman só estava esperando uma boa desculpa para agir como criança.

— Com certeza, Damon.

— Mas o que te convenceu a vir? Você não gosta dessas coisas.

Eu nunca disse que não gostava, só acho que para um futuro consigliere não combina andar em roda gigante e carrinho bate-bate.

— Você sabe que toda vez que me afasto dela, aparece alguém querendo usá-la.

— Seja sincero, Henrico. Essa garota não está de passagem na sua vida, não é? Já se passaram semanas, você não parece mais preocupado em encontrar o Cesare do que ver essa mulher bem.

Vivemos numa bolha onde é difícil esconder alguma coisa.

— Ele sumiu, eu a tenho aqui. Além de vocês arranjando problemas para ela, tem o próprio marido que foi embora, mas deixou pessoas a vigiando e outros como aqueles membros da Bratva que queriam trocá-la pela fórmula da droga. Ela salvou a minha vida, Damon.

— Que você sabe ser grato, disso ninguém tem dúvidas, mas também já ficou claro que se apaixonou por ela. E ela por você. Quando você ameaçou arrancar a língua e os dedos de alguém da família?

— Ele estava a ameaçando!

— Não adianta esconder, Rico. — Ele acende um cigarro e quando o tira da boca, olha para mim. — Você levou a coisa do namoro falso a sério.

— Isso não tem nada a ver com a situação. Eu desmenti no dia seguinte. — Também acendo um cigarro para aguentar a conversa.

— Não estou te julgando. Ela tem tudo que agrada a um homem. Só estou falando que tem que encarar isso, admitir e deixar esse medo de lado.

— Eu não sei de que medo você fala. Eu não tenho medo de nada, Damon. — Observo o trio no banco da roda gigante. Estão rindo à toa.

Chiara tinha razão.

Isso faz bem para Serena.

— O medo que todos nós temos. Ou acha que estou lidando bem com essa história de ter uma noiva em vista? O que levaria o Héctor a pegar um livro se não fosse a tentativa de esquecer a realidade e o destino que nosso pai já traçou? Eu nem preciso falar do Roman, que se aquietou de uma hora para outra sobre o assunto mulher. Essa porra fode com a gente antes mesmo de acontecer.

Então eu não estou sozinho.

36



O PARQUE

Serena Russo

Tem momentos em que não acredito que Henrico nos trouxe até aqui.

Sim, eu não queria sair, mas concordei com a ideia pelas meninas e agora estou amando tudo o que estamos fazendo.

Pagarei pela chantagem sorrindo.

Já andamos em vários brinquedos e agora estamos jogando.

As argolas só podem ser manipuladas, perdemos todas e a Ramona tem uma ótima pontaria.

— Vamos para os tiros. Neles eu não erro. — A ruiva passa para a próxima barraca e nós também.

Henrico e Damon estão feitos duas estátuas, nos observando desde que chegamos, sempre por perto, conversando sobre o que imagino ser trabalho, e de olho em nós.

Já o Roman está se divertindo com a gente.

Ramona pega a espingarda e dá o primeiro tiro. Ela acerta e fico um pouco preocupada com o perigo que é uma mulher, como ela, com uma pontaria tão boa.

Ela se vira para nós, orgulhosa.

— Eu não disse?

— Muito bem, Mona! — Bato palmas para ela.

— É sua vez. — Ela me entrega a espingarda.

Eu não sou a melhor atiradora, mas quando precisei, mesmo nervosa, atirei e acertei.

Acontece que os patinhos andam de um lado para o outro e são muito pequenos, bem diferente do tamanho do homem que atirou no Henrico.

São três tiros. O primeiro quase pega e o segundo acerta entre os patos. O dono da barraca me observa, tenso. Acho que ele já percebeu que o nosso grupo veio para limpar os brinquedos dele.

Mesmo confiante, não acerto o último.

— Eu tinha calculado tão bem a hora que ele ia passar... — Desapontada, deixo a espingarda na bancada.

— Com licença. — Roman toma a frente e entrega as fichas ao dono do brinquedo. Antes de começar a atirar, ele olha para mim. — Aprenda comigo.

Reviro os olhos e aguardo a tal aula.

Ele erra o primeiro e rimos.

— Irmãozinho, você é melhor sendo dono de boate — Ramona zomba abraçada a um pequeno leão.

— Silêncio — ele pede no meio de um parque cheio de gente e com músicas vindo de todos os lados.

Ele atira mais uma vez e derruba o pato.

— O que disse, Ramona? — Ele se vira para ela.

Se tem alguma coisa que os caracteriza como gêmeos, é esse orgulho aí.

Roman deixa a espingarda de lado e pega um urso.

É, dono do brinquedo, o jogo virou.

Roman entrega o ursinho branco abraçado a um coração que diz “I love you” nas minhas mãos.

— Uma trégua.

— Ok. Então obrigada. — Olho bem para o ursinho.

É lindo.

— Eu nem vou tentar. — Chiara está desanimada.

Damon se junta a nós pigarreando e pega a espingarda.

— O meu irmão ainda tem direito a um tiro, certo?

Antes do dono da barraca falar, Damon derruba um pato com a espingarda e se vira para Chiara.

— Escolha, Coração.

Ah, isso foi sexy!

Chiara o encara por um tempo e dá o braço a torcer, pegando um urso panda.

— Já terminaram? — Ele sai do meio de nós.

— Não resta mais nada para fazer — comento.

— O trem fantasma, vamos lá, irmãzinha. — Roman abraça Ramona pelo pescoço.

— Eu não quero. Vamos embora, então.

— Vamos. — Chiara concorda e eu só acompanho.

Já me diverti muito esta noite.

Para mim, ir embora agora não tornará o passeio menos perfeito. Encontro Henrico e mostro o ursinho com um sorriso incontrolável.

— Olha o que ganhei.

— Eu vi. — Ele não se contagia com a minha empolgação.

Normal.

— Não fui nada mal. Eu quase acertei o pato. — Ando ao seu lado e o pessoal já vai na frente.

— Uhum. Quem te ensinou a atirar?

— No jogo? Ninguém — digo rindo.

— De verdade. — Ele caminha com as mãos nos bolsos da calça.

— Adivinha. — Olho para ele que ergue as sobrancelhas.

— Corajoso.

— Talvez ele só confiasse mais em mim, do que você.

Ele toma o ursinho da minha mão e joga na primeira lata de lixo que encontramos.

— Ei! Não acredito que fez isso, Rico! Eu ganhei!

— Do Roman.

— E?

— E, Serena? — Ele coloca uma mão na minha cintura. — Roman e nenhum outro homem além de mim, te dão presentes, *bambina mia*[17].

Que audácia!



Depois de um tempo que chegamos em casa, ele aparece no meu quarto, já com roupa de dormir.

— Deixa eu te falar uma coisa. — Paro de pentear meu cabelo.

Ele tranca a porta e vem para perto de mim.

— Eu não aceito essa coisa de possessividade exagerada não, *tá*? Uma coisa é você falar algo que me deixa excitada, outra é jogar o meu ursinho no lixo só porque quem deu foi o Roman.

Ele me prende pela cintura bruscamente e me puxa para colar no seu corpo.

— Eu já disse que Roman não te dá presentes.

Toda vez que essa boca fica perto da minha, se torna uma tarefa quase impossível não beijá-lo.

— Você não tem medo?

— De? — Sua palavra sopra o hálito fresco nas minhas narinas.

— De se apaixonar?

— Isso já aconteceu. — Sua boca cola na minha e, sem pressa, ele me saboreia.

Nossas línguas dão voltas assim como nossas cabeças mantendo um beijo tão gostoso, que parece que apenas nós

dois existimos agora, em um lugar só nosso, sem problemas.

Quero viver neste beijo.

Somos mais do que especulam.

Ele estava certo sobre eu ser dele até que diga o contrário.

E sendo bem pretenciosa, acho que ele não vai mudar de ideia tão fácil.

Afasto o rosto e ele chupa meu lábio inferior até minha pele se soltar.

— Você também é meu, certo?

— Ainda tem dúvida disso? — Ele me gira e caímos na cama.

— Eu só quero ouvir de você.

Ele se ajoelha na cama, entre as minhas pernas e tira a camiseta.

Minhas mãos correm para tocar sua pele. É fina sobre a camada de músculos.

O volume na calça só cresce.

— Eu sou todo seu, *amore mio*[18]. — Ele se curva e vai para debaixo do meu vestido.

Cubro o sorriso com a mão.

Ele não precisa fazer muito antes do sexo porque sempre estou pingando para recebê-lo após um beijo ou suas mamadas deliciosas, mas receber um oral é a maneira cinco estrelas de me convencer a querer mais.

— Adoro sentir a sua boca aí — admito e ele beija por cima da calcinha antes de tirá-la do meu corpo.

— Adoro foder todos os seus buracos — declara com a seriedade de quem vai matar alguém a sangue frio.

Mordo os lábios e ele volta a se debruçar entre minhas coxas. A boca faminta suga as minhas carnes e o meu clitóris pulsa como o relógio de uma bomba com pouco tempo para explodir. Ele sempre me faz gozar muito rápido. É muito gostoso para terminar rápido, mas odiaria se acabasse por aí.

Cubro a boca com o travesseiro sobre o rosto, mordo o tecido e aperto a cabeça de Henrico, sentindo as ondas que o passear da língua dura na entrada da minha intimidade e ao redor do meu clitóris se espalham.

Mesmo se eu não estivesse abafando o som com o travesseiro, respiraria com dificuldade.

Eu quero gritar com a força que a onda de prazer infindável me dá, mas sei que isso nos denunciaria. Reviro os pés, ergo o quadril e nada alivia. Até que a onda se torne tão forte e a bomba explode. Amoleço na cama com o coração batendo a mil, ofegante, com uma alegria que queria que não passasse.

Os dedos de Henrico entram na minha boceta e o vai e volta para quando o homem se ergue para mim e chupa os dedos com o olhar afiado no meu.

— A melhor sobremesa que já provei. Com a boca e o pau. — Ele abaixa a calça e seu pau duro com as bolas ficam para fora.

A glande rosada e brilhante, as veias contornando o volume grosso reativam o pulsar da minha boceta.

Henrico coloca cada uma das minhas pernas em um ombro e me penetra, sem perder o olho no olho.

Logo fico dopada de adrenalina. Ele me fode como um desesperado e chego ao ápice como uma fraca, com lágrimas e gozo caindo.

Mesmo exausta, ainda acabo de quatro para mamar do jeito que ele gosta. Os cantos da minha boca ardem com a grossura do pau esticando meus lábios.

Acho que isso é o que ele mais gosta nesta hora.

A cabeça achatada não desceria um pouco mais na minha garganta nem se me rasgasse. Adoro chupá-la e quando me engasgo, ele puxa o pau e esfrega a glande nos meus lábios. Deslizo a língua, chupo e beijo.

— Sua putinha safada... É isso que você adora fazer, hein?

— Goza pra mim — peço fazendo a minha melhor cara de manhosa.

Um sorriso sádico surge nos lábios dele.

— Abra a boca.

Abro.

— Vai tomar tudo.

— Tudo — repito com a boca salivando.

Ele bombeia na minha frente, mexo o quadril e sinto a minha boceta escorregando.

É tão sexy que repenso se quero finalizar por aqui.

Ele pode voltar para dentro de mim e essa mão grande, também decorada por veias altas que sobem até os antebraços e bíceps poderia ficar em volta do meu pescoço, me sufocando até eu não poder distinguir se a falta de ar é por isso ou pelo prazer que sufoca meus pulmões.

Os jatos começam a voar para dentro da minha boca. Às vezes acerta os meus lábios, mas não ultrapassa esse limite, pelo menos não que eu sinta. Não posso assegurar que já sinto totalmente os meus lábios depois de ter o seu pau os fodendo.

Quando acaba, engulo tudo, lambo a gota que ficou na glande e, por fim, ao redor dos meus lábios.

Henrico passa o polegar pelo canto esquerdo da minha boca, me observando com um fascínio que pode me convencer facilmente a ser sua submissa para o resto da vida, então o empurra entre meus lábios e chupo com o olhar preso nos olhos azuis.

— Boa garota.

37



TEM ALGO QUE PRECISAM SABER

Henrico Milano

O padrinho nos reuniu no escritório maior, assim que soube que todos estavam em casa.

Héctor, Damon, Roman, Edoardo, ele e eu.

Essas reuniões só acontecem quando estamos fodidos, para ser mais claro.

O padrinho nem deveria fumar mais, com tantos remédios que tem tomado, mas ele é teimoso e está fumando um charuto.

— Tenho uma boate para gerir, podemos iniciar essa reunião logo, pai? Quem falta? — Roman pergunta impaciente.

Pego o livro que Héctor segura no colo e vejo o título.

Botânica.

Ele toma o livro de mim.

— Endoidou, Héctor?

— Me deixe, *cazzo!*

— Acho que ele está querendo ajudar na estufa — Damon deduz, sorrindo.

Eu não tinha pensado nisso.

Faz muito sentido.

Damon tem razão. Todos estamos em pânico silencioso por causa de casamentos, paixões e mulheres.

Edoardo pigarreia.

— Sobre a mulher envenenada, deixamos o cadáver onde poderia ser encontrado. Todos sabem que veneno é arma de mulher, então não temos problemas com isso.

Ele assistiu GOT[19] *com certeza.*

— Já os homens da Bratva, incineramos — Edoardo avisa. — O próprio chefe deles sugeriu e mandou uma carta com um pedido de desculpas.

— Agora somos amigos dos caras pálidas? — Héctor questiona.

— Não, Héctor. Só estamos evitando a merda de um conflito enquanto você não arranja uma esposa e limpa a sua imagem diante do conselho e associados, para ficar no lugar do seu pai.

Edoardo tem uma paciência divina, só o Héctor que consegue deixá-lo passivamente agressivo.

— Quando eu for Don, não haverá avisos pra Bratva, Cosa Nostra ou qualquer outra. Falhou conosco, serão caixas com pés, mãos e cabeças.

É o sonho dele poder voltar a fazer essas coisas.

Ele já fez muitas vezes e tivemos que nos virar, até que ele parou e não tivemos mais problemas com ninguém.

A única pessoa que tem nos tirado a paz é o Cesare mesmo, mas o vagabundo sumiu.

— Voltando. Não tivemos nenhum problema com associados ou outras famílias. Então só temos que lidar com as perseguições que Serena sofre.

— Tudo culpa daquela bastarda — Héctor reclama e acerto um tapa na sua cabeça.

— Ela não tem culpa.

— Tem toda culpa. Desde que ela apareceu e aquela outra que o *papà* defende, tudo na casa desandou.

— Acho que não estamos falando do mesmo assunto — Roman comenta e eu concordo.

Ele está levando para o lado que se incomoda com qualquer alma viva, que não tenha o sobrenome Barone nem crescido na casa.

— Cesare é um problema nosso e dos Russos há muito tempo — Edoardo explica. — Especificamente desde que criou a Behavior e distribuiu pela cidade. O pai o expulsou porque sabia o que iríamos fazer se ele continuasse aqui.

— Eu tentei fazer mesmo assim. — Destaco.

— Sim. E se ele vender a fórmula para outra família, não haverá muito o que possamos fazer.

— Não é isso que ele quer, Edoardo — aviso. — O plano dele é ser o “imperador das drogas”. Cesare quer ser o único provedor dessa merda. Por isso estou dizendo que ele tem que morrer. É como matar o rei da noite e todos os vagantes morrem, me entende? Acaba com tudo de uma vez só.

Sei que ele me entende, porque estou falando a língua dele.

O padrinho se endireita na cadeira.

— Cesare não está mais na cidade, não tem drogas dele aqui e não o deixaremos voltar, então não é mais problema nosso.

— Mas, padrinho, acabamos de falar do plano dele. — Penso nas milhares de pessoas que podem sofrer por causa dessa droga.

— Chega, Henrico. Já mandei os homens que estavam o procurando parar. Temos mais o que fazer do que procurar esse delinquente.

— Como o quê? — Héctor pergunta de braços e pernas cruzadas. — E, por favor, não me diga que é com o meu casamento.

— Temos que nos preocupar com as pessoas que podem querer usar Serena achando que pode chegar nele.

Concordo com ele.

— Com todo respeito, pai. — Damon toma a palavra. — Por que tanta preocupação com essa mulher?

— Tem uma coisa sobre ela que precisam saber. Por isso chamei todos aqui. Essa informação deve ficar somente entre nós por enquanto.



Vou para a casa dos funcionários com a mente borbulhando das lembranças da reunião e tudo que o padrinho contou que descobriu.

Estou devendo quando o assunto é procurar saber das pessoas, mas sobre Serena, eu tinha o motivo de não querer, razões para me apegar a ela.

A pesquisa veio até mim.

Faz muito sentido o padrinho ter resolvido mandar investigar a vida dela.

Héctor desgraçado, não me contou nada sobre isso!

Entro na casa e encontro a minha mãe, Serena e Chiara em uma conversa animada.

— Aí foi no dia do batismo do Rico.

— Então a senhora é comadre mesmo da Mirabela e do tio Alejandro!

— Sim.

Observando melhor, Serena está vendo o álbum de fotos.

— Mãe! Por que está mostrando isso para ela?

Eu não me sentia tão constrangido desde a época da escola.

Serena olha para mim, sorrindo e a minha mãe dá de ombros.

— E qual é o problema? Serena já é da família.

Sim, ela é.

— Você era bonitinho aos 12 anos. Até tinha expressões. — Serena vira o álbum para mim, enquanto Chiara cobre a boca. — Olha, aqui você sorri e nesta aqui você parece grato dentro de uma igreja, muito religioso.

Chiara dá uma gargalhada escandalosa.

— Ha, ha, ha, Serena. Larga isso. E mãe, não dê munição para ela ficar fazendo piadas sobre mim! — Eu me sento no outro sofá com a pele queimando.

— Serena é uma querida. Uma pena que não tenhamos mais fotos de criança além dessa que retirei de um documento.

— O que aconteceu?

— A nossa casa pegou fogo antes de virmos para cá — Chiara conta.

O nosso combinado é nunca contar o que aconteceu antes desse incêndio. É melhor assim. A minha mãe foi quem criou essa lei.

— Que pena! — As sobrancelhas de Serena caem. — Também houve um incêndio na casa da minha mãe. O galinheiro.

— Como aconteceu?

Quando eu digo que ela se parece com a minha mãe, estou falando disso. Uma preocupada demais com a vida da outra. Até mesmo com o que está no passado.

— Eu fui buscar ovos durante a noite e não tinha iluminação elétrica, então levei uma lâmpada a gás, quando estava juntando os ovos, uma galinha bateu a asa na lâmpada, derrubou o gás e o fogo se espalhou muito rápido porque a gente deixava o lugar cheio de feno para ser confortável para elas.

— E você? — pergunto preocupado.

— Eu saí correndo e as galinhas também. Perdemos o galinheiro e os ovos — ela lamenta e depois ri. — Já imaginam que a minha carreira na granja foi um sonho interrompido, não é?

Eu quero rir disso.

— Sonho?

— Estou brincando. Eram ovos para uso pessoal.

— Falando nisso, acho que já está pronto. — Minha mãe aponta para a cozinha e Serena larga o álbum para ir para lá.

— O que estão fazendo?

— Suflê! — Serena responde animada.

Com as luvas da minha mãe, ela tira a forma do forno.

A minha mãe parece animada com a visita.

— Ela tem jeito para a cozinha.

E isso importa em que para mim?

— Vem ver, Camilla — ela chama e a minha mãe se levanta apressada.

Chiara também vai com um celular na mão.

— Vou postar nos stories que foi o programa de hoje à tarde.

De repente, elas ficam em silêncio.

Será que ficou tão perfeito que calou as três?

Eu me levanto para ver também e as encontro ao redor de um suflê murcho.

— Olha, você tem muito talento mesmo. — Desta vez não contenho a risada. — Digno de foto, Chiara. Faça isso.

Serena encara a comida com a cabeça inclinada, a decepção no olhar, depois começa a rir.

— Pelo menos não pegou fogo. — Ri de si mesma e o resto de nós também.

— No próximo vai dar certo. — Minha mãe faz carinho nela. — Aposto que o sabor está ótimo.

— Vamos ver quando esfriar — ela diz com as bochechas coradas.

“Não estou te julgando. Ela tem tudo que agrada um homem. Só estou falando que você tem que encarar isso, admitir, deixar esse medo de lado.”

Está mesmo na hora de deixar esse medo de lado, assumir o que sinto e o que tenho com essa mulher.

38



DISTRAÇÕES

Serena Russo

Chiara tinha que tirar uma foto do suflê e mostrar à todo mundo?

Tive que me defender dizendo que ela comeu tudo que pôde, sem se importar com a dieta.

Estamos no quarto das bonecas, no nosso clube. Desta vez não estamos fazendo nada de erótico ou nocivo para a saúde. Ramona trouxe um fichário rosa para a cama e o sorriso malicioso indica que tem planos perigosos.

— Sei que tem apenas três dias que fomos no parque, mas já estou pensando no nosso próximo evento. Escutem. — Ela reveza o olhar entre Chiara e eu. — Em casa, apenas pessoas próximas à família. Papai vai adorar, a gente pode dizer que é para arranjar um marido, do jeito que quer, mas sem ele. Não vamos chamar idosos, só o pessoal legal.

Ela acabou de dizer que o pai dela não é um cara legal?

Ele estava assistindo ontem à tarde *The office* comigo.

Ele é muito legal!

— Eu super apoio. — Chiara se anima.

— Eu não preciso dizer nada. — Eu me posiciono.

Quando convenci essas garotas de alguma coisa?

— Claro que precisa! Você faz parte do nosso clube e depois de convencer o Henrico a levar a gente para o parque, querida, ganhou muita moral com a gente!

— Achei que já tinha toda a moral com vocês!

Desapontada...

— É que a gente foi presa... — Ramona lamenta.

— Vocês ainda não sabem que aquelas fotos, assinaturas e fichas na polícia foram falsas?

Coitadas!

— Mentira! — Chiara esbraveja.

— Sim. O Henrico me disse uma noite dessas.

— Vocês andam se encontrando à noite... — Ramona sorri de lado. — O que andam aprontando?

Falei demais.

— Nada. — Seu jeito me intimida.

— Para, Serena! — Chiara me empurra. — Todo mundo já percebeu que vocês estão juntos. Não precisa mentir.

Essa história é novidade para mim.

Agora estou me sentindo como na noite em que achei que o tio Alejandro acreditava no nosso namoro falso, mas é

o contrário, eles sabem que isso é real.

— Henrico está apaixonado a um nível que faz tudo que você quer — Ramona alega rindo. — É fofo. Ele continua super sério, mas ainda age como alguém apaixonado.

— Mas ele sorri com ela — Chiara revela.

Eu ainda estou paralisada com essa história.

— Mais cedo, ele estava rindo muito do suflê que ela fez. Depois sou errada por chamar de cunhada.

A garota continua a me expor

— Ah, meninas, não sei onde enfiar a cara! Parece até que voltei a ter dezessete anos. — Aperto as bochechas e recebo um abraço de lado da Chiara.

— Não tem do que se envergonhar.

— Na verdade, ela ainda é casada. — Ramona analisa. — Pode ser que já seja viúva, mas não existe a certidão de óbito. Olha uma boa ideia, Serena, pede o divórcio! Assim quando a justiça mandar a carta para o Cesare, saberemos onde ele está!

Ela não está fazendo uma piada.

Troco olhares com Chiara e balançamos a cabeça concordando com Ramona.

— Quem sabe não faça isso. Mas, por enquanto, vamos deixar esses assuntos de lado. Temos uma festa para organizar, certo?

— Sim! — Ramona abre o fichário, começa a mostrar seus contatos e as coisas que oferecem.

Poderia ser pelo site?

Poderia, mas ela ainda vive nos anos 2000.

Ficamos um bom tempo resolvendo isso, até que o meu celular vibra. Sempre que isso acontece, meu coração dispara, porque sei que é Henrico.

Henrico: Quero te ver.

Ele nunca será um homem que dá voltas no assunto?

Serena: Estou ocupada agora.

Deixo o celular de lado e volto a dar atenção às ideias de Ramona.

Ela quer fazer uma rave, pelo que entendi.

Meu celular vibra mais uma vez e pego para olhar.

Henrico: Estou indo ao seu quarto.

Não vai me encontrar lá.

Serena: Não estou no meu quarto. Estou com as meninas, no quarto do sótão.

Henrico: Estou indo aí.

Ele vem fazer o que aqui?

Confirmar o que as meninas já têm certeza?

Serena: Não venha.

Serena: Eu te encontro no meu quarto.

É melhor evitar.

— Meninas, acho que já vou indo. — Finjo um bocejo. — O sono chegou.

— O sono ou o Henrico no celular? — Chiara pergunta cheia de malícia.

— Vocês me deixam constrangida com essas especulações! — Saio da cama e calço os tênis. — Foquem em procurar os homens de vocês.

— Aham. Quer dizer que é mentira, safada? — Ramona me analisa com os olhos semicerrados.

— E adianta falar alguma coisa pra vocês? Eu vou dormir que ganho mais. — Abro a porta e elas me vaiam.

Elas são mais do que virgens.

Vou para o meu quarto rindo dessa bobagem e quando passo pela porta do cômodo, Henrico me abraça pela cintura e beija na boca.

Eu adoro seus beijos, o jeito abrupto como me agarra todas as vezes, além do seu cheiro.

Adoro dormir e acordar em seus braços.

Ele arrasta a boca para o meu queixo e trilha beijos até o pescoço. Fico rindo com as cócegas, e molhada com a sensação gostosa de ter a pele sugada com algo macio como seus lábios.

— O que queria comigo, hein?

Ele se deita na cama, sobre mim e nos encaramos.

— Tudo. Que pergunta tola — responde de cenho franzido.

Exagerado.

— Já comeu o suflê que fiz?

— Sim. Agora vou comer a cozinheira. — Ele levanta o meu vestido.

— Você é um tarado — digo rindo. — É sério que me tirou de lá para isso?

Ele me encara sério.

— Você prefere estar com elas do que comigo?

— Cada um com o seu momento.

— O melhor momento é comigo, *principessa*[20]. — Ele beija o meu decote.

— Você se acha tanto.

O pior é que ele disse a verdade, é bom estar com ele.

— Você foi na minha casa, descobriu os meus segredos...

— Os seus segredos estavam naquele álbum? — Tento não rir, mas não consigo.

— Claro. — Ele afasta a boca da minha pele e olha para mim. — Me conta sobre os seus. A sua família.

— Você já sabe. A minha mãe mora em outro lugar e o meu pai morava aqui.

— O que ele fazia mesmo?

— Era entregador. — Acaricio a sua cabeça.

— Você disse que eles trocavam cartas de amor. Por que se separaram?

— Eles foram se afastando e chegou um momento em que pareciam mais desconhecidos do que marido e mulher. Mas eles nunca brigaram, pelo menos não na minha frente.

— O amor acabou? — Ele tira o vestido de cima do meu seio esquerdo e chupa.

Como posso ter uma conversa decente enquanto ele faz isso comigo?

— Não sei — digo gemendo e me mexendo embaixo dele.

— Mas ela nunca veio visitá-lo? Do que o seu pai morreu mesmo?

— Você quer falar dessas coisas agora, enquanto está me chupando?

— Só estou curioso e não consigo ficar perto de você, sem querer colocar a boca em alguma parte.

— Então deixa esse assunto de lado e coloca a boca onde eu adoro. — Empurro seus ombros para baixo e ele desce com o olhar perverso de quem pretende arrancar um pedaço meu.

Eu não posso falar muito sobre a minha mãe. A informação proibida é a localização dela. Sei que eles podem descobrir essas coisas em um estalar de dedos, mas não farão isso se não for do seu interesse, então só preciso manter todos distraídos, principalmente, o Henrico e sua curiosidade repentina.

Fecho os olhos enquanto Henrico mergulha a língua dura e me chupa com força. Tem sido um exercício diário passar por essas sensações, sem alarmar, para que todos na casa ouçam.

Será que a história que Chiara contou sobre todos saberem que estamos juntos é por causa de algum barulho que fazemos durante o sexo?

Perco a condição de pensar direito quando o prazer se torna maior e mal me permite respirar.

O meu instinto de sobrevivência só quer me fazer levantar e correr porque parece que vou morrer de prazer, mas consigo permanecer até o fim.

Gozar por causa da boca de Henrico é uma das maravilhas que ele me proporciona.

Fico rindo enquanto todo o meu corpo está em êxtase.

— Voltando ao assunto... — Seu rosto vem para perto do meu.

— Não vamos voltar ao assunto. Eu não posso responder suas perguntas.

— Por que não?

Seguro o cós da sua calça.

— Porque estarei com a boca ocupada nos próximos minutos.

Não vou contar mais nada e tenho muitas maneiras de deixá-lo distraído.

39



A FESTA

Henrico Milano

Por conta da festa da Ramona, Edoardo nos reuniu antes de irmos para lá.

— Fiquem de olho nelas. Sabemos que todos os convidados são de confiança, mas não vamos afrouxar a segurança.

— Ramona disse que fez lista de convidados — Roman conta. — Ninguém pode passar pelo primeiro portão sem ser convidado.

— Ela pensa. Ótimo. Vamos. — Damon sai na frente, seguido por Roman.

Ando ao lado de Héctor. Saímos dos ternos para roupas mais casuais, desta vez até usei uma camisa cinza.

— Sabia que elas convidaram a empregada? — Héctor comenta, discretamente.

— Chame a garota pelo nome. Caterina. Que medo é esse, Héctor?

— Medo? Eu não tenho medo. Eu tenho raiva por ela ainda estar aqui e pelo meu pai apoiar isso.

— Foi o acordo deles. Quando ela for embora, você sentirá falta.

Eu sei como é.

— Diga isso por você e sua putinha.

Acerto um tapa na sua nuca e agarro a gola da camisa dele.

— Não fale assim dela — ordeno em um rosnado.

— Ok. — Ele dá tapinhas na minha mão. — Já pode me soltar.

— Estou falando sério, Héctor. Estou pouco me fodendo se você será Don ou a porra que seja. Se falar mal dela, eu te espanco.

Ele observa meu rosto e encolhe as sobrancelhas.

— *Dio mio*, está mais do que apaixonado.

Ele não deveria pagar para ver o que posso fazer por conta desse sentimento.

Largo sua roupa e sigo o caminho para o local da festa. É em um anexo na propriedade. Podemos ouvir a música abafada da frente da casa.

Sou um homem pacífico, mas quando preciso ser agressivo ou resolver alguma coisa, não fico adiando nem torturando, acabo com tudo de uma vez por todas.

Mas não faço isso se sei que pode prejudicar a família, algum plano ou a mim mesmo.

O Héctor tortura os outros por prazer e está brincando com a minha paciência, já que até agora só fiz ameaças.

— Ok. Entendi que esse assunto é sério demais pra você. Não irei desrespeitá-la. Ótimo?

— Não acredito mais em suas promessas, Héctor.

— O que é isso? A nossa amizade é mais importante que uma mulher!
Se te magoa falar dela, não vou falar mais. — Ele segura o meu ombro e me para. — Ei, somos irmãos, certos?

— Seja o irmão menos babaca.

Ele ri.

Claro que se eu der uma surra nele não irei dar a nossa amizade como acabada, só a raiva dentro de mim, que estará liberada.

Somos irmãos sim e irmãos estressam.

— Estou tentando.

— Pois coloca um pouco mais de vontade nessa tentativa.

Ele continua rindo.

— Idiota.

— Não me diga que as tentativas têm a ver com os estudos e que o Damon tem razão em alguma coisa.

— Damon sempre tem razão em algo, só não está certo sobre isso. Odeio aquela mulher e estou contando os dias para jogá-la do avião no centro da cidade dela.

— Quero ver esse dia e quero vê-lo mudando de ideia.

Héctor ri.

— Quando começou a ser tão iludido?

— Desde que descobri que não adianta tentar fingir uma coisa quando a verdade está diante da sua cara, Héctor. Não dá para fugir.

Chegamos à festa e começo a procurar Serena, pois não vi quando ela saiu de casa, nem sei a roupa que ela está usando. Estou procurando por seu rosto ou silhueta.

Reconheceria aquelas curvas em qualquer lugar.

O anexo é um salão grande e geralmente é bem iluminado.

Ramona mandou colocar luzes de led coloridas e montar um bar nos fundos. Como foi projetado para as festas em família, tem mais de uma cabine nos banheiros.

— Ficou parecendo uma boate de baixo orçamento — comento com Héctor.

— Fala isso para a minha irmã e ela te mata. — Ele se afasta de mim.

Ultimamente Héctor tem sumido de todas as festas.

Vejo um rabo de cavalo ruivo no meio da multidão e o sigo.

Quero acreditar que só tem Ramona de ruiva aqui e que Serena está com ela.

Quanto mais me aproximo, melhor vejo as pessoas ao seu redor.

Serena.

Ela está usando um vestido branco justo que na luz está fluorescente, bem escondida entre as outras, por isso não consegui vê-la de longe.

A minha irmã está conversando com Damon, ambos trocando caretas.

São assim desde criança, se é que mentalmente amadureceram.

Antes de me aproximar, um homem se aproxima de Serena no balcão, sorrindo, falando perto dela.

Não consigo ver as caras e bocas da minha morena, mas defino a próxima expressão desse homem quando ele passa a mão pela cintura dela.

Será de dor.

Pego o pulso do braço do ousado e o viro até deslocar seu ombro.

Ele se ajoelha no chão gritando e Serena arregala os olhos para mim.

Várias pessoas assistem ao homem caído, gritando, e outras não ligam.

— NÃO TOQUE NELA NUNCA MAIS. — Seguro a mão de Serena e a tiro de perto dele.

— Henrico!

Ouço sua voz baixa atrás de mim.

Eu a carrego para o mais longe possível do som, que apesar de sair dos quatro cantos do anexo, perto do DJ é mais alto.

— Henrico! — Ela bate nas minhas costas e me viro para encará-la.

Ela está assustada.

— O que fez ao homem?

— Dei algo para ele pensar, que não seja na mulher dos outros.

— Henrico, você quebrou o braço do homem! — Ela segura o meu rosto.

— Só desloquei. Quer que eu mande Héctor, o biólogo da família, colocar no lugar?

— Não! Para de fazer piada! Isso é sério! Henrico! Você machucou alguém.

— Ele estava pegando a sua cintura.

— Eu mesma poderia ter deslocado o ombro dele.

— Você faria isso? — Seguro seu quadril rindo e ela confirma com a cabeça.

— Na verdade, deslocaria o polegar. Seria suficiente.

— Você me deixa doido. Viu? — Beijo sua boca. — Sou capaz de muito mais por você.

— Eu sei. Eu vi. Bárbaro! — Ela me beija.

Eu já decidi que não vou esconder mais o que temos e seu beijo só demonstra que ela pensa da mesma forma.

— Quero que todos saibam com quem você está, Serena. — Eu a tiro do chão e ela fica do meu tamanho, com os braços em meus ombros e com o lábio preso enquanto sorri.

— Então está proibido de me abandonar. Estamos juntos nessa.

— É claro, *mia passione*[21]. — Beijo seus lábios. — O que é meu, eu não largo.

Ficamos um bom tempo juntos, bebendo e ela dançando. A minha irmã e Ramona nos encontram.

Duas velas vivas.

Pelo menos, o Damon e o Roman ficam com a gente e tenho companhia para conversar.

Quando elas vão ao banheiro, procuramos algo no buffet para comer.

— A Ramona não é tão ruim com festas — Damon comenta.

— Ela teve ajuda — friso.

— Duas outras alopradas. Mas não mandaram mal. Por que não a contrata, Roman?

— A Ramona na minha boate? Perdeu o juízo?

— Ela seria a grande atração do lugar — comento.

— É por isso mesmo que ela deve ficar em casa. E já deveria estar aprendendo a ser uma boa esposa em vez de ficar o dia inteiro deitada numa cama, reclamando que vai morrer encalhada.

— E gastando dinheiro com compras — Damon completa.

— É isso. Eduquem a irmã de vocês para a minha seguir o exemplo, já que ela só ouve a Ramona.

— Cadê o Héctor? — Roman pergunta.

Eu sempre faço essa pergunta nos eventos da família.

— Eu tenho uma sugestão. — Damon levanta o dedo. — Ele deve estar caçando a Caterina e a atormentando sob as luzes de neon.

Aceitamos a suspeita.

É o perfil dele.

Tão perturbado o meu melhor amigo.

Isso me preocupa muito. Não têm condições de me dar um conselho confiável. Sei que quem será o conselheiro sou eu, mas isso é trabalho, não amizade.

Ramona aparece correndo e segura o meu braço.

— Você tem que falar com a Serena. Aconteceu uma coisa.

Meu coração dispara.

Esse banheiro também tem mais de uma porta?

Rapidamente a acompanhamos e encontramos Serena chorando e tremendo do lado de fora da festa, ao lado da minha irmã.

— O que houve? — Seguro seu rosto.

Eu vou matar quem a fez chorar.

— Olha o que deixaram quando eu estava no banheiro. — Ela mostra um papel dobrado com o carimbo do Cesare.

No outro lado está escrito:

Estou vendo tudo, minha imperatriz.

Em breve estaremos juntos novamente, então não me decepcione.

Do homem da sua vida, Cesare.

Amasso o bilhete e jogo no chão.

— Não deixe ninguém sair da festa. Quero saber quem trouxe esse bilhete.

— Vou falar com os seguranças. — Roman nos deixa e quem chega é Héctor.

— O que está acontecendo?

— Cesare mandou algum corvo para a festa. Temos um traidor e precisamos encontrá-lo.

— Traidores? — Um sorriso sádico surge nos lábios dele. — Estou indo procurá-lo.

Para ele, o título de traidor é um passaporte para qualquer tipo de tortura.

Serena está chorando como uma criança e isso me deixa puto.

Eu quero sufocar quem fez isso até a morte.

Cesare deveria ter aproveitado que o deixei de lado e sumido para nunca mais aparecer.

Eu a envolvo com meus braços e ela soluça contra o meu peito.

— Esse bilhete não significa nada — garanto com a voz apertada.

— Se essa pessoa conseguiu fugir e contar para ele que nos viu juntos? Ele ficará ainda mais furioso.

— Foda-se! A fúria dele não é maior que a minha.

— Eu não consegui ver o rosto da pessoa — Chiara diz para Damon.

Serena afasta o rosto do meu peito.

— Não foi por debaixo da porta. Caiu em cima de mim.

— Então foi pela janela — Damon conclui.

Roman volta.

— Já avisei ao segurança. Ninguém passará nesses portões.

— Pode ser qualquer um. — Serena chora. — Pode nem ter tatuagem. Henrico, Cesare tem com ele as pessoas que odeiam a máfia.

— Mas todos aqui são filhos de associados, então algum filho da puta traidor anda bem envolvido com ele e vamos descobrir, com ou sem tatuagem.

40



TORTURA

Serena Russo

Um ano atrás...

— ***Para*** onde pensa que vai? — Cesare tira os óculos de grau e me analisa, sem sair de trás da sua mesa de estudos.

— Vou ao cemitério. Hoje faz um ano que o meu pai faleceu, não lembra? — Pego o celular na sua mesa, mas ele bate a mão no meu punho tão forte que derrubo o aparelho. — Cesare...

Está virando rotina querer chorar depois de falar com ele. Tudo que ele me diz é rude, me ameaça e me entristece.

— Pensa que não sei que quer ligar para aquela garota?

— Eu nem sei o número da Paola de cor.

— Instagram, Facebook... Não pense que esqueci que você já tentou falar besteiras para ela.

Paola era minha amiga de curso. A que fazia os trabalhos em dupla e nas noites de estudo era minha companhia. Agora não mais, porque Cesare me afastou de todo mundo.

Tentei pedir ajuda para ela, sim, mas ele foi mais rápido e me impediu.

— Não tenho essa intenção. Eu só quero visitar o túmulo do meu pai. Faz um ano e só fui lá no dia do sepultamento. — Meus olhos se alagam com a dor dessa realidade sobre o meu pai.

Já foi difícil saber que não o veria nunca mais, então os lugares que poderia sentir que estava mais próxima dele e das lembranças foram proibidos para mim. Também não volto à casa em que morei com ele, desde que me mudei para cá.

O lugar me engoliu de uma maneira que fiquei perdida e presa. Queria dizer que foi de entretenimento, mas aqui é mesmo um inferno e o meu torturador se tornou o meu marido.

— Não vai. Tem velas na cozinha, acenda e reze por ele em casa.

A insensibilidade de Cesare sempre me apavora, mesmo assistindo à péssima relação que ele tem com a família.

Tenho cada vez mais medo da pessoa com quem me deito toda noite, pois aqueles depoimentos de familiares em programas sobre psicopatas se assemelham muito ao que vejo no comportamento de Cesare.

É por medo do que ele pode fazer comigo, ou mandar alguém fazer, que desisto de ir e faço o que sugeriu.

Acendo uma vela na cozinha e rezo para o meu pai, chorando. Também rezo para Deus, para que um dia eu me livre do Cesare. Eu não o amo, ele não me ama, apenas me usa para irritar sua família. Não mereço isso. Estou sobrevivendo na fé que um dia isso vai acabar.



AGORA

— Serena? — Henrico bate à porta do quarto.

Continuo debaixo dos cobertos e não pretendo me levantar para abrir.

— Eu preciso de um tempo sozinha, Henrico. Por favor. — Fecho os olhos apertados e as lágrimas deslizam pelo meu rosto.

Ele não diz mais nada.

Eu só quero ficar um tempo sozinha, alinhando as ideias na cabeça.

Ele está perto e sabia o exato lugar onde eu estaria.

Sabia da festa da Ramona e aposto que sabe que neste momento estou temendo o reencontro citado no seu bilhete.

Isso já me cansou.

Viver temendo esse homem, de cabeça baixa para tudo que dizia, suas ameaças absurdas, a maneira como me fez sentir um lixo tantas vezes para dizer que eu tinha sorte de estar com ele.

Perdi tudo quando achei que encontraria o que faltava nele, mas agora sei o que me faz mal e o que me faz bem. Sei também o que quero para mim e aprendi a me impor. Já fiz coisas que nunca imaginei e todas são bem maiores que enfrentar um covarde que se esconde em um laboratório e atrás de uma marca de corvo, autointitulado imperador.

Ele pode se enganar o quanto quiser, mas não serei sua imperatriz nunca mais.

Eu só posso ser uma coisa na vida do Cesare, o seu fim.

E nunca acenderia uma vela para a alma dele, porque remorso por sua morte nunca existirá dentro do meu coração.

Eu me levanto e enxugo o rosto enquanto vejo pela janela a bagunça que está lá fora.

Todos os convidados confusos, os seguranças e os rapazes entrevistando todo mundo.

Sei que quem trouxe o recado do Cesare não será encontrado.



Se ela quer ficar um instante só, posso respeitar seu espaço. Só não quero que ela mude de ideia sobre nós por medo do Cesare.

Quando saio no quintal vejo várias pessoas indo embora. Roman está esvaziando o local em um ritmo lento, porque os seguranças estão verificando os celulares de todos.

Dá para ouvir as reclamações sobre privacidade de longe.

Abordo um segurança para saber como estão as coisas.

— Acabamos de pegar um tentando fugir, senhor. Achamos que pode ser ele, mas estamos revistando todos para ter certeza que não tem nenhum outro corvo.

— E onde está o suspeito?

— No porão com Héctor.

É claro.

Héctor só estava esperando isso.

Vou para o porão e assim que desço o primeiro degrau, ouço gritos de dor.

— Posso ficar aqui a noite inteira. Estou com abstinência de diversão de qualidade — meu amigo fala.

Chegando ao fim da escada, vejo meu amigo de pé, com um alicate na mão, de mangas arregaçadas, ao lado de uma manivela que está ligada a uma polia com um pouco de corda enrolada, o resto esticado e a ponta amarrada no pau e bolas do suspeito. Ele está com a calça aberta, preso de pé, em um dos pilares, pelos tornozelos e pelas mãos.

É um jovem chorão.

— Olha quem chegou! — Héctor me nota, animado. — O pegamos fugindo e até agora não está colaborando. Estou em dúvida se uso esse alicate nas unhas ou nos dentes. O que acha?

Em outra ocasião, diria que a tortura de puxar os testículos bastava.

Particularmente, não me atraio pelas coisas que divertem Héctor, mas neste caso ele mexeu com a Serena,

acabou com a noite dela e não poderia estar mais mal-humorado por isso.

Eu me aproximo dele e analiso seus dentes. Facetas. Ele deve ser muito vaidoso. Já as unhas são curtas e roídas. Um ansioso.

— Os dentes.

— Não! Por favor, não!

— Os dentes da frente — especifico e Héctor coloca as luvas de volta, sorrindo.

— Por favor. Eu digo, mas não mexa nos meus dentes.

Olha só!

A tortura dos testículos não seria mesmo suficiente.

Se importa mais com os dentes que com a capacidade de gerar filhos ou simplesmente foder.

— Diga. Onde encontrou o Cesare?

— O Cesare? Não! Aquele maluco sumiu. Todo mundo sabe! — ele diz transtornado.

— E quem te deu o bilhete?

— Foi uma mulher. Ela me encontrou na frente da minha casa e disse que era uma amiga da garota, inclusive mostrou uma foto, chorando e pediu que entregasse. Eu só fiz o que ela pediu. Que mal tinha?

— Que mal? — Agarro a gola da camisa dele com os dentes cerrados. — A minha mulher está em pânico por causa do bilhete!

— Eu não sabia!

Tomo o alicate da mão de Héctor.

Só consigo enxergar escuridão e maldade, e quero causar dor a quem causou dor a ela.

— Abra a merda da boca.

— Eu contei tudo — ele sibila.

Como se isso fosse me impedir de fazer o que quero.

Héctor me ajuda até que consigo prender o alicate no dente da frente. O rapaz se treme no poste. É a única coisa que ele pode fazer. Arranco a faceta e resta apenas um dente pequeno e estreito.

— Que bizarrice! — Héctor ri. — Arranca todos, Henrico. Vamos ver como ele é sem maquiagem.

— Não. Por favor, não — ele implora chorando.

— Mas o dente era falso. Aposto que nem sentiu dor. — A vontade de ferir continua me controlando e arranco o dente dele pela raiz.

Desta vez, vejo sofrimento, sangue, dor.

— Ainda não acabamos. — Devolvo o alicate ao dono. — Vamos chamar a Ramona. Precisamos do rosto da cadela.



Entre alguém ir chamar Ramona e sua chegada, passam cerca de dez minutos. Héctor soltou as bolas dele e o amarramos na cadeira. A boca continua cheia de sangue.

Ramona para na sua frente e o observa de cima abaixo.

— Está banido das minhas festas.

Todos temos motivos para odiá-lo. Quer dizer, Héctor odeia todos facilmente, sem motivo.

Ela se senta no outro banco, quase de costas para ele e levanta o seu caderno de desenho.

— Desembucha. Como era o rosto da piranha? Redondo, oval...

Ele começa a falar e ela rabisca até o rosto tomar forma. Demora muito. Só consigo pensar se Serena está bem, se já está dormindo e, principalmente, se não está pensando em nenhuma bobagem depois desse gatilho.

Vê-la tão apavorada de novo me machucou mais uma vez. Na noite do sequestro me senti péssimo por chegar a poucos segundos de perdê-la. Agora, a vejo em pânico por conta da merda de um bilhete do ex. O que só mostra o quanto ele a quebrou. Desta vez não quero socar um saco de pancadas e os dentes desse homem foram apenas o começo.

— É ela! Defe... feito — o banguela fala.

Ramona nos mostra.

Ela é ótima quando o assunto é desenho e fez um rosto perfeito.

A mulher no desenho merece sofrer mais do que esse filho da mãe que está aqui.

41



TE PEGUEI

Serena Russo

A casa está um breu nesta manhã e nem consigo encontrar a Caterina.

— Serena. — Camilla me encontra a caminho da cozinha.

Desde que estou nesta casa, sempre tomo café da manhã na cozinha.

— Oi! Bom dia, Camilla.

— Como está, querida? Chiara contou o que aconteceu ontem. Eu só vi o alvoroço, mas achei que era normal de festa.

Imagino que as festas deles sejam mais alvoroçadas que a dos outros.

— Estou bem. Agora estou bem.

— Ah, minha querida, que bom! Soube que estava muito nervosa.

— Eu fiquei, mas pensei muito e cheguei à conclusão que já deixei o Cesare me fazer sofrer demais quando estava com ele. Não posso deixá-lo fazer isso enquanto estamos afastados. Se ele pensa que vou voltar para a sua prisão, está muito enganado. Aquela medrosa viveu coisas demais para se manter viva. Chega de viver com medo dele.

Ela me dá um sorriso fraternal e segura a minha mão.

— É muito bom ver você tão corajosa. Só não cometa nenhuma loucura. Esse homem não vai chegar perto de você. Nossa Senhora não vai deixar. Eu já rezei muito por você.

Eu a abraço de lado, sorrindo.

— Obrigada por ser como uma mãe para mim.

— Ah, estou ficando com ciúmes! — Mirabela diz atrás de nós.

Rindo, eu também vou dar um abraço nela.

— Penso o mesmo de você.

— Como odeio aquele filho dos Russos. Juro que se o encontrasse, acertaria meu salto nele.

Rimos.

— Eu acertaria meu rolo de massas — Camilla comenta.

Eu acertaria um tiro, mas vou deixar essa informação apenas para mim.

— O que podemos fazer para melhorar o seu dia? — Mirabela pergunta e aceito uma xícara de café de uma das meninas da cozinha.

— Obrigada. — Experimento. — Onde está o resto da família?

— Ramona está dormindo porque ficou até tarde desenhando o rosto da mulher que entregou o bilhete ao rapaz. Já os rapazes saíram para procurar a safada e o Alejandro está na estufa com a protegida dele. Se o negócio ainda levantasse direito, eu me preocuparia.

Ela ainda faz piada!

— Rindo com respeito. — Cubro a boca.

— É isso que dá se casar com homem mais velho — Camilla zomba.

— Me serviu o quanto pôde. Agora ele esquece das coisas e o pinto esquece de levantar. — Mirabela se senta ao meu lado. — Você não respondeu à minha pergunta sobre o dia.

Eu me recomponho dos risos que seus desabafos causaram e foco na resposta.

— Hoje faz dois anos que o meu pai morreu. Queria poder visitar o túmulo dele. Nunca fiz uma visita desde o sepultamento.

— Podemos ir. Faz tempo que não visito o do meu pai — Mirabela comenta. — Aviso ao meu segurança e ele nos leva.

— Eu não sei se é seguro sair agora com apenas um segurança.

— Vamos com quatro ou seis. Com todos que estiverem passeando por aí. Você merece esse momento.

Apoio a mão sobre a dela.

— Vocês são tão boas comigo. Nem sei como agradecer tanto carinho. Muito obrigada.

— Você é da família, Serena. Será tratada como tal.

É como me sinto.

Aqui tenho amigas, um tio legal, duas mães, um namorado e alguns primos insuportáveis. É como estar em família mesmo.

Termino de tomar o café e me troco para sair.

Vamos com dois seguranças e Caterina em um carro, mais dois vem em outro. Eram todos que tinham disponíveis para sair. Também estamos levando buquês de flores que Caterina escolheu e fez para nós.

Com a confusão de ontem, os ajudantes do Cesare e ele mesmo já devem estar bem longe daqui. Se estavam me vigiando, já devem saber que todos estão os procurando.

Porque é isso que Cesare é, um covarde.

Ele foi embora quando o pai expulsou e depois me fez ficar de um canto para outro por semanas, enquanto dizia que estava plantando uma sementinha em cada lugar.

Agora sei que também era porque ele sabia que tinha gente querendo acabar com seus planos.

Quando ele vai entender que perdeu?

O motorista para na frente do cemitério e pede para que esperemos um pouco. Os homens do outro carro saem primeiro.

— Eles vão verificar se não tem nenhuma ameaça antes de entrarmos.

Aguardamos até eles darem o ok e saímos do automóvel.

O cemitério é bem antigo e tem um grupo de pessoas velando alguém.

Ao passar pelo grupo, toda a atenção deles se volta para nós e Mirabela presta as condolências.

Enquanto ela vai na frente, Caterina e eu vamos atrás.

Nunca falamos sobre nossos pais e não sei se os dela estão vivos.

Parece que o tempo quis fazer parte deste momento de maneira adequada. Tristeza, lembranças que nunca se repetirão, pois, de repente, o céu nublou e as nuvens carregadas tornaram o dia mais escuro.

— Vocês viviam bem, não era? O seu pai foi sepultado aqui — Caterina comenta.

Só soube muito tempo depois que o cemitério era bastante requisitado para melhor explicar.

— O Cesare insistiu que fosse aqui.

— Ele fez tudo mesmo para te impressionar, hein?!

— É. E eu caí direitinho na bondade dele.

Talvez não tivesse me envolvido tanto, se fossem apenas os atos que o poder aquisitivo dele tornavam realidade.

— Na época, eu precisava de apoio emocional e ele me deu. Você sabe, nesses momentos de vulnerabilidade a gente se apega a quem está mais presente.

— É. Independente do quanto a pessoa é esquisita.

Mesmo sendo um lugar com um belo gramado, o tempo fechado e o vento que a cada assobio se torna mais frio, dá a impressão que todos sempre têm de um cemitério.

Mirabela já está usando o lenço para cobrir os braços e o cabelo ruivo balança com o vento quando ela se vira para nós.

— Meninas, vou ficar por aqui. — Ela aponta com o buquê para um enorme e chamativo túmulo.

Algo digno de alguém poderoso, ou uma família poderosa.

Com certeza a família dela era.

— Se me lembro bem, o túmulo do meu pai fica lá no fundo. Nos vemos na saída?

— Sim, querida. — Ela sorri para mim. — Qualquer coisa, me liga ou… Grita.

Gritar surtirá mais efeito pois o lugar é extremamente silencioso, com exceção dos assobios do vento, é claro.

Caterina me acompanha.

— Ela nem parece ser dessa família, não é? — ela comenta sobre Mirabela.

— Se não estivesse tão na cara, diria que ela já foi como nós.

Ela concorda com a cabeça.

— Gosto do tio Alejandro. Se não fosse por ele, Héctor já teria me matado, mas acho que no passado ele deve ter sido um homem muito duro, ou não teria filhos assim.

— Penso da mesma forma. Deve ser a velhice e as doenças, que o deixaram mais caridoso. Ele deveria ser igual ao Héctor.

Quando estamos à sós podemos ser sinceras sobre essas coisas.

— Você acredita que o Héctor foi atrás de mim, na festa?

— Para? — Uma esperança de que seja algo bom faz meu coração vibrar, mas estou ciente que isso é impossível.

— Para me atormentar, é claro. Disse que não deveria estar lá.

— O que você fez?

— Me afastei dele e fui dançar. — Ela cobre a boca rindo. — Depois ele ordenou aos seguranças que me tirassem da festa.

— A Ramona sabe disso? — Encolho as sobrancelhas.

Ramona sabe que Caterina não anda fazendo nada de mal. Eu já disse para ela.

— Não. — Ela continua falando risonha. — Fui embora feliz de ver a cara dele de raiva, sem poder fazer nada comigo. Ele ficou paralisado me olhando. Se eu tivesse encarado por mais de dois segundos, com certeza teria ficado com medo, mas tinha muita gente presente para ele fazer alguma coisa.

Héctor é realmente estranho.

— O Henrico deslocou o ombro do rapaz na frente de todos.

Não menos esquisito.

Rimos.

— Ele está muito apaixonado por você. Agora nem se esforça para esconder. — Ela pega um galho de árvore que estava pendendo no caminho e começa a desfiar folha por folha.

— É. Eu acho que depois de ontem não tem mais o que esconder.

— Você acha que quem deixou o bilhete pode ter contado ao seu marido o que viu você fazendo?

— Não, porque ele foi pego antes de fugir, mas se tivesse feito, eu não me importaria. Perdi o medo do Cesare,

Caterina. Já passei por tantas coisas mais amedrontadoras do que ele, que me recuso a sofrer por seus bilhetes bobos. Espero que ele experimente a própria droga e morra intoxicado.

Ela dá uma gargalhada, depois cobre a boca olhando para os lados.

— Esse não é um lugar feliz, mas adoraria saber que você ficou viúva dessa forma.

— Seria o dia mais feliz da minha vida.

Continuamos andando pela estrada estreita, descendo e subindo pequenos montes com placas e mais placas de identificação pregadas na grama.

— Parece que quanto mais a gente anda, mais esse lugar fica medonho. Olha a grama. Esqueceram de molhar — Caterina comenta.

De fato, a grama que antes era verde, em um trecho está amarela e podemos ver o cinza logo à frente.

— Se não morreram, vão ficar verdes com a chuva.

Os raios estão distantes, mas já alertam para o que vem por aí.

Finalmente, chegamos ao lugar onde o corpo do meu pai descansa.

Paro em frente à lápide e me ajoelho para analisar os nomes escritos nela.

Está tudo certo. Nascimento, falecimento, seu nome e a única foto que eu tinha dele.

Um bolo aperta a minha garganta e tento engoli-lo, meus olhos lacrimejam, mas agora sinto uma saudade boa, alívio por estar fazendo a visita que deveria ter feito muitas vezes nos dois anos que passaram.



Cesare me trouxe uma xícara de chá e se sentou ao meu lado.

Era um chá doce, quase mel, mas estava quente, então dava para tomar.

— Você quer avisar a sua família?

— Tentei ligar para a minha mãe, mas não consegui. Por que você anda com tantos homens? — questionei ao vê-los parados novamente na frente da casa.

— Nunca ouviu falar da família Russo? — Ele parecia achar isso estranho.

— Não.

Cesare era um homem que exalava elegância e confiança. Do corte de cabelo curto e bem desenhado a barba tão bem-feita que parecia nunca ter nascido naquela região. Ele cheirava bem e suas roupas gritavam notas altas.

Era estranho ver alguém assim tão interessado no luto de uma família, que não carregava poder nenhum. Ele apareceu depois que a polícia me avisou sobre o corpo do meu pai ter sido encontrado em um beco na cidade.

Sempre tive medo de acontecer alguma coisa ruim com ele, porque o meu pai era o único entregador que eu conhecia, que trabalhava à noite. Às vezes até bem tarde, o que me fazia adorar os dias em que ele ficava em casa nesse período, e dormir rezando quando não estava.

As orações que fiz não funcionaram para sempre.



— Eu vou dar um passeio por ali. — Caterina aponta para o muro no final do local, que fica a cerca de 100 metros de mim. — Quando você quiser ir, me chama.

— Tá bom.

Trocamos um pequeno sorriso e fico sozinha.

Quero acreditar que ele me ouve. Sei que não é em corpo, mas em espírito.

— Mamãe com certeza mandaria uma carta se soubesse que vim, mas acho que ela nem sabe como estamos agora. Você deve estar bravo com isso também, não é? Nenhuma carta nova chegou... Bem, não olhei a caixa dos correios. — O insight surge na minha mente. — Farei isso quando voltar. — Arrumo as flores no buquê. — Eu não consegui falar com ela, depois achei melhor não fazer, por causa dele. Ainda bem que ele nunca encontrou aquelas cartas que mamãe mandou, ou teria usado o endereço para me ameaçar.

São tantas possibilidades que sempre chego à conclusão que colaborar com ele e não dar motivos para fazer maiores ameaças do que me bater, foi a coisa mais inteligente que fiz quando percebi no que tinha me metido.

— Você tinha razão. Tinha homens com quem eu não deveria me meter. Mas ele disse que era seu amigo. Você deveria ter me avisado que tinha amigos problemáticos. Não parecia ter. — Arranco pétalas de uma das flores, um pouco chateada. — Mas agora passou. Nunca mais voltarei para aquele monstro.

E nunca mais terei medo dele também.

Ontem foi a última vez que ele me fez chorar.

— Eu fiz coisas, pai. Talvez não te encontre do outro lado. Você nunca machucou ninguém, nunca ofereceu mal algum, e eu matei uma pessoa. — Falar isso em voz alta me incrimina mais ainda.

As imagens passam novamente na minha mente. Foi tão rápido e barulhento que só pude sentir o impacto e depois o alívio de não ter sido eu a cair.

— Eu também acabei o atropelando e isso me deixa tão enojada de mim mesma... Ah, e eu traí o meu marido. Na verdade, estou traindo. O senhor deve estar aliviado agora, porque se ouvisse isso em vida, desejaria morrer. A mamãe também. Sou uma vergonha. — Olho para onde Caterina foi, mas não consigo vê-la.

— E o engraçado, se é que isso tem graça, foi que os pais dele me odiaram sempre, mas quando me reencontraram com a outra família, me trataram bem! O senhor deve estar se perguntando que outra família é essa. Bem, quando matei o homem, foi para salvar o que me sequestrou e ele me trouxe para junto dessa família, que tirando a matriarca só tem doido. Agora eles me tratam bem e tem valido a pena ter salvado o homem. — Arrumo o buquê. — Disse que é com esse homem que tenho traído o seu amigo?

Nunca pensei que estaria aliviada por não poder ver o rosto do meu pai enquanto sou sincera.

— Pois é. Eu me perdi na vida para me encontrar. Agora sou mais feliz. Não é porque matei e traí, mas porque eu me tornei mais forte. Achei que todo o mal da minha vida se resumia a Cesare, e acabei descobrindo que tem muito mais gente disposta a me matar ou me usar para coisas ruins. Lidei com elas, porque não posso lidar com um nerd produtor de drogas? O senhor sempre melhorou o meu

humor. Acho que é a primeira vez que faço piadas sobre a minha situação de merda. — Deixo o buquê perto da lápide. — Mas não será a última. Agora estou livre. Voltarei aqui sempre que possível. Espero que da próxima vez traga muito orgulho, para compensar o desgosto dessa vez. Queria dizer que cometi essas atrocidades em dois anos, mas foi em apenas dois meses. — Passo o dedo por sua foto e tento sorrir em vez de chorar. — Sinto a sua falta, pai. — Eu me levanto, limpo as minhas roupas e suspiro olhando para o belo buquê.

Caterina deveria ter uma floricultura, embora acredite fortemente que ela esconda outros dons. Os meus buquês não saem tão bons quanto os dela.

Saio à procura dela e quanto mais ando, mais sinto a aura fúnebre do lugar. Os túmulos enormes ficam nos fundos, todos acinzentados, quase pretos, poucos têm algum revestimento em cerâmica. Isso deve ser da época do tataravô de alguém.

— Caterina? — chamo vasculhando o lugar com os olhos. — Cadê você? Não me diga que foi até o fim disso. Não era você quem estava reparando na tristeza do lugar?

Uma ventania arrasta folhas secas e passa perto de mim. Algumas folhas ficam presas no meu cabelo e paro para retirar.

Eu realmente não gosto dessa parte, parece o quintal da mansão Russo.

— Caterina, pelo amor de Deus, me poupe dos pesadelos e apareça. Se for me causar susto, vou mandar o Héctor aparecer à noite no seu quarto. Sim, eu farei isso.

Nada da mulher.

Silêncio total.

Se ela voltou para o início sem mim, irei mandar o Héctor também.

Dou mais alguns passos entre os túmulos maiores quando uma sombra se move.

Eu só não tenho medo porque sei de quem é.

Quem vai levar o susto é ela.

Pulo na frente da sombra.

— Peguei você.

Congelo.

— Não, amor, eu te peguei. — Cesare sorri com Caterina presa em seus braços, com a boca coberta por sua mão e uma arma apontada para a cabeça.

Toda a energia do meu corpo cai, os batimentos do meu coração se tornam dolorosos e estou vendo tudo em câmera lenta ou é o vento forte carregando areia em frente ao meu rosto.

O olhar de Caterina é de pavor.

Já os olhos de Cesare reconheceria em qualquer lugar, enquanto a barba que ele usa não. Nunca o vi de barba.

Lembra que você não tem mais medo?

— Como entrou aqui? Como soube que eu estava aqui? — Franzo o cenho.

As sobrancelhas dele se erguem como se estivesse surpreso com a minha coragem.

— Poderia ter dificuldade em te encontrar em qualquer dia do ano, mas não nessa data, amor. Aliás, nunca tive dificuldade de te encontrar, os meus corvos estão em todos os lugares.

— Enquanto você fugia? Imaginei.

— Quem disse que fui a algum lugar? — Ele ri. — Ir embora sem você sempre esteve fora dos meus planos.

Não o deixe ficar no poder.

Não dê poder a ele, Serena.

— Solte a minha amiga.

— Sim, claro. Só a peguei para o caso de te encontrar corajosa demais. E, pelo visto, você anda assim. — Seu olhar desce para a minha mão. — Cadê a aliança?

— No lixo. Solte-a.

Ele inclina a cabeça.

— Amor, se esqueceu de como deve se comportar?

— Na verdade, eu aprendi. Solte-a ou grito.

— Eu vi que andam com alguns guardinhas, mas acho que eles estão bem distraídos neste momento. Você sabe, não queria que ninguém atrapalhasse o nosso reencontro. — Ele dá uma piscadela. — Vamos para casa.

— Solte a minha amiga! Eu não vou com você.

— Sei que o seu QI não é dos maiores, mas tenho uma arma e não tenho medo de descarregar na cabeça dela.

Ir com ele depois de tudo que passei?

Ele pigarreia.

— Reformulando, amor. Você vem comigo e deixo a sua amiga ir, ou mato a sua amiga e te levo comigo.

Que inferno!

Olho para a estrada e estamos em um lugar tão baixo que não dá para ver as outras pessoas.

Henrico não vai me deixar.

Eu sei que ele vai me procurar.

Não serei o fantoche ou saco de pancadas do Cesare nunca mais.

— Solte-a. Vou com você se soltá-la — minto.

Uma explosão me assusta e olho para o céu. Estão soltando fogos de artifício.

Ele solta Caterina e ela vem correndo, tremendo em lágrimas.

— Amiga, e agora?

— Fica tranquila, vou resolver isso. Você só precisa…

— Nananão. — Cesare me puxa. — Nada de recados.

— Me solta, seu monstro! Corre, Caterina.

Ela corre e continuo tentando me soltar dele.

— Você disse que viria comigo.

— Eu menti! — Piso no seu pé, mas ele não me solta de jeito nenhum e, no meio dos fogos, ele levanta a arma e atira na direção de Caterina.

Ela cai, assim como o meu chão.

— CATERINA!

Cesare me arrasta e encosta o cano quente na minha pele.

O local queima.

— Cale a boca e me acompanhe, *amore mio* — ele diz com a voz apertada.

Mal enxergando por causa das lágrimas, eu o acompanho.

Caterina morreu por minha causa!

42



ELA NÃO FOI SEQUESTRADA

Henrico Milano

A história é a seguinte:

Elas foram para o cemitério, que até então era seguro, pessoas passaram em um carro atirando e um grupo de segurança foi atrás deles, o outro foi buscar as mulheres para ir embora. Encontraram a madrinha bem e Caterina ferida, dizendo que o marido de Serena a levou embora.

Não foi um sequestro, ele simplesmente resgatou a esposa. Foi o que ele mandou Caterina dizer, mas claro que ela falou mais que isso. Ela disse que Serena foi contra a sua vontade.

Agora ela está no hospital e nós em casa, tentando falar com o grupo que seguiu os atiradores.

— A culpa é toda minha. — A madrinha chora. — Eu deveria ter ido com elas. Fiquei perto do túmulo do meu pai e deixei se afastassem.

— Não se culpe, mãe. — Damon tenta consolá-la. — Se os seguranças falaram que era seguro, deveria ser, mas em algum momento deixou de ser, quando o Russo chegou. E falando em Russo, depois dessa todos concordam que ninguém dessa família vai se casar com essa gente, não concordam?

— Quando matarmos o Cesare, poderemos dizer que ninguém da família se mistura com essa gente — Roman diz mexendo no celular. — Cadê o pai?

— Para onde acham que foi? — Ramona indaga. — Disse que iria confrontar Riccardo Russo por deixar o filho dele tocar na Serena. Aliás, ele disse que quando o pegarem, devem cortar as mãos para mandar para os Russos como pagamento da promessa.

Eu vou arrancar mãos, pés, tudo o que eu puder daquele desgraçado.

Ela pode ser esposa dele, mas não é sua propriedade.

O covarde finalmente apareceu, agora eu mesmo posso cuidar dele.

Deixo a família conversando na sala e desço ao armazém.

— Filho. — Minha mãe me acompanha. — O que está pensando em fazer?

— O que deveria ter feito com o meu pai quando ele te machucou da primeira vez. — Abro a porta e o som do ferro ecoa no corredor de paredes de tijolinho.

Assim que a porta abre, a luz automaticamente acende, revelando um cômodo de iluminação quente, com armários nas paredes, cheios de armas de todos os tipos.

— Você sabe o quanto isso é perigoso? Mal se curou.

Eu me viro para ela com as emoções à flor da pele.

— Mãe, ela é mais que alguém que me pediu proteção. Ela não é só a mulher que me salvou. Ela é importante pra mim. Eu... Me apaixonei por ela e nem quero pensar em como seria se a perdesse.

Ela pisca os olhos enquanto o resto do corpo está estático.

Sei que ela nunca esperou ouvir isso de mim.

— Eu não posso virar as costas para ela, mãe. Nem que eu quisesse esquecê-la, conseguiria.

Ela suspira.

— Ela já faz parte da vida de todos nós, e entendo que para você é mais forte ainda. — Suas mãos envolvem o meu rosto. — Ô, meu filho... Como eu queria que quando esse sentimento surgisse no seu coração, não viesse com tanta turbulência. Ela é esposa de outro...

— Foda-se ele, mãe! Ele não a merece e, em breve, não será nada disso para ela. — Pego uma escopeta.

As armas estão sempre limpas e prontas para serem carregadas.

O olhar de temor da minha mãe me envergonha um pouco, mas ela estava ciente que eu cresceria no meio disso quando chamou o padrinho para dar um fim ao nosso sofrimento.

— Eu vou ficar bem, mãe. Vou lá e voltarei são, com a Serena do meu lado. — Visto um colete por baixo da roupa e além da arma, carrego a munição no cinto, mais uma pistola na bota.

Minha mãe sai antes de terminar de me preparar e encontro Damon no caminho. Ele olha para a arma na

minha mão.

— Uh! Sempre essa. Acho que vou escolher o mesmo para ir resgatar a priminha.

— Onde está o Héctor?

— Héctor saiu e ainda não voltou.

— Você chutaria?

— Chutaria que ele foi sozinho, mas o brinquedo favorito dele ainda está ali. — Ele aponta para a bazuca. — Então ele deve estar amando em silêncio, enquanto grita por alguém no hospital.

— Concordo. — Sigo para a saída e ligo para os homens que perseguiram os atiradores.

Mais uma vez ninguém atende.

Roman aparece no meu caminho a passos tão rápidos, que o sobretudo voa atrás dele.

— Viram um carro em alta velocidade perto da praia.

— Há quanto tempo?

— 30 minutos.

Não devem ter ido tão longe.

— Pegaram mais alguma coisa?

— O suficiente para colocarmos todo mundo no rastro dele.

— Perfeito. — Meu coração bate forte com mais esperança.

Serena não iria com ele de boa vontade e não vou deixá-la nas mãos daquele filho da puta.

— Vendada, sério?

— Desde quando você se tornou tão provocadora? — Cesare pergunta ao volante.

Sei disso porque ele se sentou no banco antes de colocar a venda em mim e amarrar as minhas mãos nas minhas coxas.

— Desde que lembrei que posso falar o que eu quiser.

— Você sabe que não gosto disso.

— Escuta, por que você não deixa? Você só me usou para irritar os seus pais e conseguiu fazer com que eles te tratem como morto. Eu não tenho serventia para você.

— É minha esposa. Até que a morte nos separe, lembra?

Que morte demorada!

— Não nos casamos na igreja.

— Podemos, se é isso que você quer. Agora eu posso tudo, amor. Nesses meses, conquistei mais gente do que pode imaginar.

— E se escondeu tanto?

— Um imperador precisa de privacidade. Além do que, a fonte do meu poder está na minha mente, muita gente gostaria de saber dela.

— Por isso quase morri duas vezes.

— Eu não deixaria.

— Você não apareceu. A essa hora, não estaria viva se não fosse o Henrico.

— Nome proibido. Esqueça esse homem. Você nunca mais o verá.

Jamais esquecerei o Henrico.

— Quando ele vier, espero que te mate.

A palma de sua mão acerta o meu rosto em cheio. Não o suficiente para remover a venda, mas conseguiu me deixar com gosto de ferro na boca.

— Olha o que me obriga a fazer, amor. Acho melhor deixar essa marra de lado e voltar a ser a esposa que criei.

Sua calma repentina faz meu sangue ferver.

— Você se enganou se achou que eu era aquilo. Eu fingia, apenas isso.

— Não fale assim… — ele pede manso. — O meu plano é te colocar sentada ao meu lado, como a minha imperatriz, não te manter como minha prisioneira.

— Como se eu quisesse ser alguma coisa sua.

— Você quis e é. — Seus dedos tocam no lugar do tapa, agora acariciando a minha pele.

O lugar ainda queima.

— Eu não quero mais. Me deixe livre, CESARE! — imploro com vontade de chorar, mas prometi para mim mesma que aquela foi a última vez que ele me fez derramar lágrimas.

— Essas palavras não são suas. Sei que te envenenaram. Lembra de quem esteve ao seu lado no seu pior momento.

— É por ter tido momentos bem piores que aquele, que digo isso com segurança. Eu não sou seu fantoche, Cesare. Tudo o que fiz foi para sobreviver.

Ele para o carro e ouço latidos.

— Chegamos na nossa nova casa. — Ele suspira. — Só faltava você.

Eu gostaria de revirar os olhos agora e colocar o dedo na garganta para vomitar em cima dele.

Ouço a porta abrir, um leve balanço e ela se fecha.

A conversa acontece fora dele.

— Cadê o resto do pessoal? — Cesare pergunta.

— Ainda estão vindo. Eles esperaram os seguranças dos Barones irem embora. Os outros conseguiram despistar e já chegaram.

— Ótimo. A partir de agora vamos cuidar para não chamar atenção das pessoas para a comunidade. Segue os passeios normais com o motoclube, mas nada de trazer gente nova pra cá. Não quero ninguém fazendo trilha nessa região, muito menos vindo para comprar drogas. Sobre elas, seremos mais discretos, assim ninguém corre o risco de ser seguido.

— Sim, senhor.

— Sequestraram a minha esposa uma vez, foi muito difícil trazê-la de volta e não posso perdê-la de novo.

Sequestraram?

Me libertaram!

— Não vai perdê-la, senhor. Não vamos deixar.

— Confio em vocês.

Passos, latidos, chuva, a porta abre e a venda sai do meu rosto. Abrir os olhos é um pouco incômodo, mas logo me acostumo a ver de novo.

Cesare desamarra as minhas mãos e acabo me distraindo com o lugar.

No meio de uma floresta, com árvores altíssimas, tem casas, trailers e Harleys[22].

— Vem, amor. Vou te apresentar à nossa nova família. — Cesare me puxa para fora do carro.

A chuva não cai tão forte por causa da copa das árvores, mas começa a me molhar.

Cesare anda ao meu lado com um sorriso vitorioso, as pessoas param o que estavam fazendo (limpando motos, estendendo roupas e carregando lenha) para nos observar.

— Família, conseguimos resgatar a minha esposa! — Ele levanta o meu braço junto ao dele e as pessoas comemoram. — A imperatriz está entre nós.

Eu me pergunto como não notei os sinais que ele era um lunático debaixo daquelas roupas caras e do sorriso gentil, quando me abordou depois da morte do meu pai.

Imperatriz, me poupe!

— Agora ela precisa descansar e assimilar tudo. A prisão a que submeteram foi capaz de mudar seus pensamentos sobre mim, mas isso é passageiro.

Eu o encaro e as palavras de ódio chegam na ponta da língua.

Espero que estejam vendo a marca do amor dele por mim, na minha pele.

Só espero que o Henrico chegue logo.

Ele me leva para uma casa. É pequena, de pedra, com portas de madeira, mas dentro é bem aconchegante.

O luxo que ele está acostumado a ter.

— Senta. — Ele me solta no quarto, perto da cama.

Além dela tem a mesa de estudos dele, que parece usar como laboratório também, uma cadeira de madeira, a arma ele carrega no cós da calça, um armário branco onde deve ter enfiado todas as roupas que couberam na mala, que tive que arrumar depois de sermos expulsos de casa.

Ele abre duas portas do guarda-roupa.

— Suas coisas estão limpas e passadas — ele fala com um sorriso amigável e vem até mim. — Senti tanto a sua falta, meu amor. — Suas mãos envolvem o meu rosto, mas eu tento afastá-las. — Nunca mais ficaremos longe um do outro. — Me beija.

Eu não sinto nada além de nojo.

A segurança e confiança que criei por Henrico, não existe entre Cesare e eu. A qualquer momento, com alguma palavra minha ou alguma ideia da cabeça louca dele, sua atitude pode mudar de pacífica para agressiva.

Eu não retribuo o beijo.

Ele se afasta e suspira me contemplando.

— Vou te dar um tempo. Temos todo o tempo do mundo, querida.

O seu tempo está acabando, Cesare.

43



É MENTIRA!

Serena Russo

De toda a esquisitice que era viver entre os Russos, essa situação é a mais esquisita que já fui colocada.

Eu não sei se foi ele quem criou ou se foi fortemente acolhido, mas no meio desse nada, melhor, dessa floresta, existe essa comunidade de motoqueiros e outras pessoas que parecem não ter nada a perder, unidas.

De uma coisa tenho certeza porque já vi, eles usam a Behavior livremente.

Tem mulheres aqui e vi duas crianças brincando próximos a uma árvore. Várias motos, poucos carros.

Acho que tentam passar a imagem de uma comunidade normal.

Eu nunca vi isso aqui na cidade.

É estranho.

Eles tratam Cesare com muito respeito.

Impressionante como essas pessoas que são contra a manipulação da máfia, confiam suas vidas à Cesare e deixam de lado toda a história dele, só porque ele foi afastado da família onde nasceu.

Ele continua sendo um Russo e usando tudo o que aprendeu com o pai.

Só que faz isso em benefício próprio.

O que pensariam se soubessem que se Cesare se tornasse o mais poderoso de todos seria diferente?

Seria pior, mil vezes pior.

Mas sei que não será, porque acredito que o Henrico não vai me deixar aqui.

E se ele não aparecer, em algum momento darei um jeito de acabar com isso, de uma vez por todas.

Está chovendo tanto, que a noite caiu rápido. Estou na porta, de braços cruzados, assistindo.

Não serei pacífica com Cesare, mas quero que essas pessoas acreditem que sou, que não ofereço perigo a elas, porque quando eu for embora daqui, se ainda estiverem vivos, quero que acreditem que fui a vítima, essa é a verdade, e não me persigam.

Por isso estou assistindo à chuva cair entre as copas das árvores enquanto uma enorme fogueira é acesa no meio.

Não estou convencida de que vá funcionar, mas eles estão tentando acender mesmo com a chuva.

Uma jovem que deve ser mais nova do que eu, para na minha frente com as mãos atrás do corpo e sorri.

O seu rosto não me é estranho. Na verdade, eu o conheço bem. Tem coisas diferentes, está mais fino, magro, ela tem olheiras e outras marcas que antes não tinha. O cabelo está preto e desgrenhados quando antes era loiro e hidratado.

Paola, a minha amiga de curso. Minha primeira e única amiga na cidade antes do Cesare entrar na minha vida.

A amiga que Cesare afastou por ciúmes.

O que ela faz aqui, na comunidade do Cesare?

Meus olhos saltam das órbitas quando essa ideia faz sentido na minha mente.

— Foi você quem mandou o bilhete?

Seu sorriso cresce pleno.

Minha amiga!

Ouvinte!

A segunda pessoa que mais confiei nesta cidade.

Eu disse como Cesare estava sendo ruim comigo.

Por que parece estar do lado dele?

— O Ces. Eu só repassei.

Ces?

Quanta intimidade!

Ela me olha de cima a baixo e me rodeia por onde pode.

— Ainda não entendo a obsessão dele por você.

Ergo a sobrancelha.

— Por quê? Por que se juntou a ele?

Ela fica mais perto de mim, cara a cara, com o sorriso irritante e o cheiro de cigarro.

— Ele me contou tudo. Tudo sobre ele, sobre vocês. Não reconhece o quanto ele foi bom com você, nem o quanto continua sendo. Mas reconheço e não vou deixar que atrapalhe o que temos.

Devo encarar isso como uma ameaça?

Ela pode ficar com o Ces e apoiar seus planos, mas se tentar alguma maldade comigo, irei revidar.

— Grande amiga, Paola.

— Paola! — uma mulher chama ríspida e ela se afasta de mim.

— O que é?!

— Se coloque no seu lugar.

— Estou me colocando. — Ela vai embora olhando para mim, com um sorriso vencedor enquanto a mulher que gritou com ela, abaixa a cabeça na minha direção, como se eu fosse mesmo algum tipo de realeza.

Bando de alienados!

Por um breve momento, esqueço que Cesare está de barba e o observo até reconhecê-lo. Ele sorri de longe, despertando todo sentimento ruim que tatuou em mim, quando usava esse sorriso cínico logo após me agredir.

Ele se aproxima, tranquilo, com as mãos atrás do corpo, até parar na minha frente e segurar as minhas mãos.

— Você continua linda.

Reviro os olhos e tento ignorar sua presença assistindo às pessoas ao redor da fogueira.

Eles conseguem fazer com que ela queime e a chama é grande, vermelha e amarela. Mais forte que as gotas de chuva que caem, mas silenciosa. Não nos faz esquecer dos trovões, muito menos brilha mais que os raios que causam clarões repentinos.

— Venha. Quero que conheça à família. — Ele entrelaça a mão esquerda na minha direita e me faz andar ao seu lado.

Cesare deveria ser a minha família, mas ele parece um desconhecido sem bom senso.

Ele me apresenta a cada um, mas não me importo em guardar o nome de ninguém. Apenas capturei o papel que essas pessoas tiveram na minha chegada aqui.

A porra da vizinha maluca que acenou para mim, quando estive na casa do meu pai, um entregador de alimentos não perecíveis, o homem que se aproximou das meninas no dia que fomos para a boate de Roman…

Eu estava mesmo sendo vigiada.

— Já matou a saudade da sua amiga? — Cesare se refere a Paola com seu sorriso cínico. — Foi ela quem te deu o meu último recado.

E me fez ficar em pânico, chorando desesperada, morrendo de medo do que poderia acontecer comigo.

Como Paola se deixou persuadir pelo Cesare?

Ignoro os cumprimentos dela e nos sentamos nas toras de madeira. Fico do lado de Cesare, não por querer, e do outro lado dele, Paola se senta.

De coração, eu adoraria saber que ela está se tornando sua nova obsessão.

Parece que não pode existir uma realidade em que fique livre e Cesare permaneça vivo.

Tornarei o impossível possível para viver na realidade, onde sou livre dele.

— Amigos. — Cesare se levanta, libertando a minha mão.

As pessoas que ainda não haviam se juntado a nós, aparecem. Alguns se sentam nos espaços que sobraram nos troncos, outros permanecem de pé, com roupas de chuva ou sem se importar com ela.

Espero não pegar um resfriado.

— Depois de semanas, conseguimos trazer a minha esposa de volta. Eu não poderia estar mais grato a vocês por me ajudarem nessa missão.

Mentiroso desgraçado!

Aposto que está pensando que não fizeram mais do que deveriam para o seu lorde.

— Mas a guerra está só no começo. — Ele continua seu discurso clichê e mentiroso. — Eles acreditam que estão do lado certo. Eles sempre acreditam nisso. E assim como sequestraram o amor da minha vida, tentarão contra nós mais uma vez, contra a resistência.

As pessoas murmuram que são contra o que eventualmente vai acontecer.

— Sabemos do que são capazes e que somos pacíficos, do bem. Mas, infelizmente, nas guerras temos que lutar de igual para igual. Por isso trouxe as armas que precisamos, caso eles apareçam.

As pessoas se calam.

Elas realmente parecem ser do tipo pacíficas.

Eu não diria se visse esses brutamontes barbudos e tatuados, cobertos de couro e bandana por aí.

— É isso ou eles acabarão conosco, ou comigo e com nosso elixir.

O meu autocontrole já foi testado várias vezes, mas aqui estou, segurando a risada.

Ele chegou a um limite que não imaginei que teria.

Elixir?

Que piada.

Eu me casei com um maluco mesmo.

Como pode ficar cada vez pior?

Parece que ele vive no mundo da fantasia.

As pessoas o apoiam como se toda essa lorota fizesse sentido.

Ele fez uma boa lavagem cerebral com a Behavior nessa gente. Além de serem completamente dependentes, ainda se sentem obrigados a manter esse babaca vivo para dar mais droga a eles.

Fico ouvindo esses absurdos por horas. Os planos são péssimos. Cesare é bom em manipular as pessoas, mas ele pensa demais e chega a um ponto de suas ideias serem muito fantasiosas para se tornarem realidade.

O que me dão para comer é sanduíche, que apesar de duvidoso, eu aceito. A fome é grande demais para dispensar, independente do veneno que carregue.

Quando a chuva piora a ponto de começar a apagar a fogueira e encharcar roupas, cada um vai para sua casa, barraca ou trailer.

Fico sozinha com Cesare na casa onde estive mais cedo.

Acho que a madeira faz com que ela seja quente.

Seria mais aconchegante se não fosse a companhia.

Aqui são os geradores que mantêm as luzes ligadas e o barulho dele se junta ao da chuva.

Cesare abraça minhas costas e beija meu ombro nu.

— É melhor trocar de roupa ou ficará doente.

Tento me soltar, sem sucesso.

— Amor, ainda não se recuperou do trauma do sequestro?

— O meu trauma é você e enquanto estiver perto de mim, eu não ficarei tranquila. Me solta.

Essas duas últimas palavras me lembram a Caterina.

Estou agarrada à esperança de que aquele tiro não foi fatal.

Nunca me perdoarei se ela morrer por minha causa.

Eu deveria ter vindo com ele sem resistir, sei da capacidade do Cesare e errei em tentar ser esperta tão cedo.

— Vamos apagar isso. Uma noite de amor cura tudo. — Ele beija o meu pescoço, me prendendo à força em seus braços.

— Eu não vou passar noite nenhuma com você. Não quero nada com você, Cesare. — Continuo na tentativa de me livrar do seu abraço, mas só consigo mover os pés.

E o levo cada vez mais longe da cama e perto da mesa onde ele fabrica a Behavior.

— Você é minha mulher e deve se deitar comigo.

— Eu não sou mais nada sua!

Sua mão alcança o meu rosto e ele me faz encará-lo.

— Você só está dando pontos para algo absurdo que me contaram.

— O quê?

Ele balança a cabeça em negação.

— Você sabe o que pode acontecer se me trair, Serena. Não se lembra o que significa a tatuagem que carrega?

Meus braços estão presos, mas ainda consigo movimentar o meu punho.

Como estamos perto da mesa, consigo alcançar um objeto fino, o prendo firme na minha mão, é liso, frio e cilíndrico. Dentre as opções na mesa, devo ter pegado um tubo de ensaio.

— Essa tatuagem não significa mais nada para mim. — Bato o objeto contra a mesa e levanto o mais rápido e forte possível na minha direção, acertando seu braço.

Ele me larga com o vidro preso na pele e antes que possa revidar, levanto a cadeira e acerto nele. Nos braços e depois na cabeça.

Ela é pesada, de madeira, suficiente para ele se desequilibrar e bater do outro lado da cabeça na quina da parede. Acerto mais uma vez e uma trilha de sangue começa a percorrer seu corpo.

Só mais uma para matá-lo e sinto a minha pele ser dolorosamente perfurada.

Largo a cadeira e me abaixo no chão.

Ele acertou o meu pé.

Em seguida sou jogada para trás pela cadeira, uma das pernas do móvel pega na minha cabeça e se arrasta pela lateral do meu rosto, pegando no canto da boca antes de cair no chão. Sinto o gosto de ferro mais uma vez hoje e a minha cabeça dói como marteladas. Meu joelho esquerdo também está sangrando e o líquido atravessa o tecido do meu vestido, mas a dor é quem mais me alerta sobre o machucado.

Cesare não parece bem, o sangue que desceu da cabeça cai pela sua roupa, assim como o que cai do seu braço.

— Argh! Você não imagina o erro que cometeu, Serena — diz com a voz apertada e começa a se arrastar.

Tento fazer o mesmo, mas o meu joelho esquerdo dói muito ao ser estendido. As costas da cadeira de madeira bateram nele e se não estivesse coberto eu diria que alguma coisa está fora do lugar, mas também foi apenas uma cadeira. Não seria capaz de fazer tamanho estrago.

Ainda assim, me deixou sem conseguir levantar.

Quando estou tentando, o bocal do tubo me acerta. Não o suficiente para prender em mim, mas me rasga no braço.

— Sabe o que o seu salvador fez? — A voz de Cesare parece cansada, mesmo assim ele continua tentando sair do lugar. — Ele matou o seu pai, Serena.

— O quê?

Ele ri com a boca sangrando.

— Henrico Milano matou o seu pai naquela noite de sexta-feira, em agosto, no beco próximo ao bar mais famoso da cidade. Tinha uma festa cheia de turistas e o trabalho

dele era espalhar a Behavior para toda aquela gente estrangeira.

Eu não posso acreditar nisso.

Não posso.

— Sim, Serena. Seu pai sempre trabalhou para mim. Meu corvo favorito. Discreto, eficiente. Ele me trouxe milhares de clientes, até o Henrico resolver matar todo mundo que estava vendendo a minha droga. O seu pai foi um dos primeiros — ele conta rindo.

O meu pai vendia drogas e o Henrico o matou?

São dois absurdos que não posso acreditar!

— Sabe qual era a única condição para o seu pai continuar trabalhando para mim, amor? Nunca mexer com a sua filha. — Ele lambe o sangue dos lábios. — E o que fiz assim que ele morreu? — Sua gargalhada com dentes ensanguentados é uma verdadeira cena de terror.

— Não. Meu pai nunca faria parte disso.

— Ele fez. E o seu amantezinho acabou com a nossa farra. Sempre atrapalhando. — Desta vez ele consegue se arrastar. — Ele matou o seu pai e ficou tão orgulhoso. A cada morte, ele se sentia mais vitorioso. E ele sabe que é o seu pai.

— Não. O Henrico jamais esconderia isso de mim. Ele não mataria alguém assim. O meu pai nunca trabalhou pra você. É mentira! Você não vai me enganar desta vez.

Ele se arrasta para debaixo da cama.

Não pode ser que ainda guarde as armas debaixo da cama.

Eu me arrasto até conseguir me esconder entre ela e o armário.

Eu preciso me levantar e sair daqui.

Independente das mentiras que ele conta, sei que me matar pode ser uma realidade.

— Nunca se perguntou por que o seu pai trabalhava à noite? Entregador de quê? Cartas na era dos celulares? Você não é tão ingênua, Serena.

Ele está com a voz embriagada. Talvez a batida na quina tenha o machucado muito, o bastante para não conseguir fazer mais nada.

As coisas que ele fala não fazem sentido.

Papai não mentiria assim para mim. Ele sempre foi um homem honesto, era contra drogas, armas e jamais se envolveu com coisas perigosas.

E o Henrico também não tirou a vida dele.

Ele não seria capaz de tamanha crueldade.

Papai era apenas um homem que trabalhava à noite.

Por que ele iria tirar a vida de um inocente?

— Você me machucou feio, amor.

A chuva lá fora e o gerador mal me deixam ouvir se ele está mexendo em alguma coisa.

— Espero que morra. — Eu me encolho atrás da cama.

Ele não vai conseguir me alcançar quando mal consegue rastejar, também duvido que vá atirar sem direção.

— Sinto muito por você, querida. Eles não vão poupar a sua vida. — Sua voz de bêbado piorou.

Eles?

— Só preciso de um simples aviso e todos virão.

Os trovões são altos demais. Agora estremeço com um deles.

Poderia ser um tiro.

Eu sei que poderia.

Estou apreensiva demais para tentar levantar e correr. Toco o meu joelho e sinto uma intensa dor na patela.

Eu me assusto de novo com um barulho na porta, levanto a cabeça e vejo Henrico colocando a perna em cima de algo.

— Henrico! — chamo com o coração quase saltando pela boca.

Ele está com uma capa de chuva toda molhada.

— Seu desgraçado! — Cesare pragueja com dificuldade.

— Finalmente te encontrei — Henrico diz com um olhar sombrio para o chão, se abaixa e volta a ficar de pé, segurando Cesare pelo pescoço, com as luvas de couro cobrindo as mãos.

Cesare me encara com os olhos esbugalhados e Henrico o coloca contra a parede ao lado da mesa.

Cesare tenta lutar, mas é inútil.

— Tenho que te parabenizar pelo trabalho que me deu. Tornou o momento mais saboroso.

A falta de sentimento na fala de Henrico me preocupa sobre o que vai acontecer a seguir.

Eu disse que queria este momento, mas depois do que ouvi de Cesare, temo pelo que pode ser verdade e o que pode acontecer agora.

— Eles vão te matar.

— Quem? — A ironia com que Henrico pergunta isso me dá uma resposta medonha.

Será que enquanto eu lutava com Cesare, todas aquelas pessoas foram mortas?

— Você acha que estou sozinho? — Cesare pergunta com a voz esganiçada e o rosto ficando roxo.

— Está e agora não há mais ninguém para usar as suas drogas, além de você mesmo. — Henrico coloca a mão no bolso e tira um pequeno saco branco, que empurra contra a boca de Cesare. — Vamos. Chegou a hora de você experimentar o seu próprio veneno.

Ele tapa a boca de Cesare e vejo o homem sufocado, se engasgar, como se estivesse convulsionando, com os olhos mais esbugalhados, voltados a Henrico.

Eles ficam assim até Cesare não se mexer mais, suas mãos não lutam, nem seus pés e joelhos tremem, seu olhar se torna vazio e Henrico o larga para que escorregue pela parede até o chão sem vida.

Mesmo assim, Henrico não tira os olhos dele, sequer pisca. É como se contemplasse o corpo de onde acabou de tirar a vida e sua bochecha se mexe levemente, em um pequeno espasmo.

Estaria sorrindo para a morte?

Eu não sei, mas ele vira para mim e a única coisa que espero do homem que deve ser a minha salvação é ser a próxima vítima.

— Serena. — A escuridão parece sumir do seu olhar e ele se apressa para mim. — O que ele fez, hein?

Eu me encolho assustada com sua aproximação.

— O seu pé está sangrando. — Ele me pega nos braços e me tira do chão. — Está tudo bem.

Será mesmo?

Olhando nos seus olhos, parece mesmo que está tudo bem agora, que nada do que ouvi esta noite é verdade, que o monstro que admirou a morte do inimigo é Henrico.

Ele me tira da casa e outro homem aparece no nosso caminho.

— Seja rápido — Henrico diz para ele e nos afastamos da pequena vila entre trovões, chuva e relâmpagos.

— Você sabe para onde vamos? — pergunto completamente perdida.

Sabia que ele viria, mas depois de tudo, o alívio e o pavor nunca estiveram tão misturados dentro de mim.

— Vamos embora. Acabou, Serena.

44



ACABOU

Henrico Milano

A tempestade facilitou a minha chegada ao acampamento, onde eles estavam se escondendo. Entre barracas, trailers e casas, apostei na casa que parecia ser a melhor, como o buraco para onde Cesare levou Serena.

Eu conheço esse tipo de gente e dormir em barracas ou trailers não faz o perfil.

Aposta certa.

Só me surpreendi ao encontrá-la naquela situação. Sei que Serena com medo é capaz de tudo, mas todo o tempo que ela passou comigo, vivia apavorada com a ideia de voltar para as mãos dele outra vez.

Ela voltou, mas foi a última porque acabei com a vida daquele desgraçado.

Estou me sentindo tão satisfeito.

É como passar meses desejando aquele videogame quando criança e, finalmente, tê-lo nas mãos, ou um tênis, ou no caso do Héctor a bazuca.

Agora estamos indo embora enquanto um dos seguranças cumpre o desejo do padrinho e os outros vasculham o lugar.

Não demora a ouvir o som de tiros.

Serena está nos meus braços, agora calada, olhando para o que fica para trás.

Ela é leve, mas conforme me esforço na caminhada e o tempo passa, se torna mais pesada.

Não irei colocá-la no chão até chegar ao carro.

Sei onde estacionamos e estou focado em seguir o caminho, mas se for para ser sincero, digo que me sinto perdido, todas as árvores são iguais e ainda não vejo a estrada.

Como se não bastasse o barulho da chuva, trovões e tiros, ainda tem uma moto.

— Tem alguém vindo, Henrico! Cadê a arma?

— No cós.

Serena se estica, ouço o som do gatilho e o impacto do tiro. Outro e mais outro. Ela carrega a arma quatro vezes até o barulho da moto mudar.

— Foi. — Seus braços voltam à frente do meu corpo.

Como não me apaixonar por uma mulher corajosa assim?

A vontade que sinto agora é de jogá-la contra uma árvore e fodê-la.

— O que foi? — ela pergunta quando passo um tempo a encarando.

— Eu sou louco por você, sabia?

— Ah, meu Deus! Declarações no meio da fuga?

A voz de Roman acaba com todo o clima.

Eu o encontro a metros à frente, com uma pistola em cada mão e uma capa de chuva o cobrindo.

— A princesa já foi resgatada. Chegamos tarde.

— Onde estão os outros?

— Damon está na estrada. — Ele aponta a direção.

Então não estou perdido.

— E o Cesare?

— Morto. Mas ainda tem gente lá. Eles têm motos.

— Vamos limpar tudo. — Ele guarda a arma e pega um rádio. — Roman falando. Se tiver muitos corvos, sinal vermelho, Héctor vai dar conta, se tiver poucos, verde e já estamos chegamos para a festa, cambio.

Ele faz isso frequentemente, foi escoteiro.

— Francis falando. Sinal vermelho, chefe. São muitos. Vamos bater em retirada. Cambio.

— Ok. Cambio, desligo. — Roman nos encara, desapontado. — É. Realmente chegamos atrasados.

Eu o acompanho até o carro.

— Eles têm armas — Serena avisa.

Eu já esperava isso.

Encontro Damon e Héctor no automóvel.

Damon está com um cubo mágico na mão e Héctor olhando para o fim da estrada, estático.

— Héctor. — Roman chama e ele atende no mesmo instante. — Pegue o seu brinquedo. Não vai dar tempo para o resto do pessoal chegar.

— Finalmente. Eu já estava entediado.

Damon larga o cubo e sai do carro, sorrindo para Serena.

— Uh. Encontrou a prima quase inteira. Ao menos está viva, não é? — Ele pega uma escopeta e balança a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse se aquecendo. — Quem matar menos corvos se casa com uma Russo. — Ele combina com Roman e os dois saem à frente de Héctor, com sorrisos divertidos.

Héctor trouxe a arma que tanto gosta e carrega em cima do ombro.

Doentes.

Vejo os rapazes se afastarem e coloco Serena dentro do carro.

O pé dela não para de sangrar.

— Para onde você vai?

— Vou buscar o outro carro. — Tiro alguns projéteis do cinto e entrego nas mãos dela. — Recarregue e faça o que for preciso, desde que não seja na pessoa errada. — Beijo sua testa e fecho a porta do carro.

Ainda tenho uma arma na bota e agora a carrego na mão. Algum engraçadinho pode ter fugido e querer aparecer no meu caminho.

Ouço o som das motos e tiros.

Agora estão superando os trovões.

Atento ao meu redor, sigo o caminho.

Não demora para ver o carro que deixei distante. Como resolvi procurar nesse lado, vim apenas com dois homens e esses estão no acampamento. Espero que saiam de lá vivos, antes do Héctor chegar.

Por sorte, os rapazes vieram ao meu encontro. Se conseguirem dar um fim a isso sozinhos, não precisaremos do apoio dos outros.

Entro no automóvel e dirijo até o carro de Damon.

Assim que saio para pegar Serena, vemos a explosão. As chamas formam um grande clarão e a silhueta de quatro pessoas de pé, perto dali.

Perdemos um?

Engulo o gosto amargo com dificuldade e abro a porta do carro.

Serena mais do que depressa aponta a arma para mim.

— Sou eu. — Levanto as mãos.

Por fim, também acabei me assustando com a sua reação.

Ela ainda fica um tempo me encarando com a arma apontada, o peito subindo e descendo, mas depois abaixa.

Mais um evento traumatizante para ela.

Eu entendo.

— Vamos. — Tento pegá-la no colo mais uma vez, mas ela me afasta.

— Eu posso fazer isso sozinha. — Sai do automóvel e manca assim que coloca a perna esquerda no chão, mas consegue ir devagar para o outro carro.

Abro a porta e ela se senta no banco do carona.

— Vamos para o hospital. — Tranco a porta e dou a volta para dirigir.

Quando faço o retorno, vejo os rapazes voltando, um pouco mais distante, e ouço tiros de novo.

Eu imaginei que poderia existir algum engraçadinho.

Pego o rádio e entro no canal deles.

— Roman? Precisa de ajuda?

Ouço um chiado antes do retorno dele.

— Fica tranquilo. Podemos lidar com isso.

— Ok. — Deixo o rádio de lado e troco a marcha do carro.

Agora preciso cuidar da Serena.

Cesare não é mais um problema.



O tempo que fiquei sozinha no carro me fez recordar das coisas que ouvi de Cesare.

Não parei de refletir sobre isso desde então.

A enfermeira termina de fazer o curativo no meu pé. O joelho também ganhou um e o braço.

— Pronto. Agora é só esperar a receita dos medicamentos e pode ir para casa. — A mulher gentil sorri para mim e joga as coisas da bandeja na lixeira.

— Obrigada. — Devolvo o sorriso e ela vai embora.

Roman e Henrico aparecem conversando e ficam do lado de fora do quarto.

— Não tem mais ninguém, porque vasculhamos a floresta como em um jogo de paintball. Acabou, Henrico. Você deixou a mulher viúva.

— Sem piadas. Cadê o Héctor?

— Está visitando a garota. O tiro pegou no ombro. Ela teve sorte.

Caterina!

Eu preciso vê-la.

Ela está viva!

Que alívio!

Tento me levantar, mas Ramona e Chiara acabam com os meus planos de visitar a Caterina.

— Serena! Quase morremos de preocupação — Ramona diz e as duas vêm para cima da cama, cada uma por um lado.

— Tem alguma coisa quebrada? — Chiara olha para as minhas pernas.

— Nada quebrado.

Elas me abraçam.

— Que alívio te ver bem. Mais ou menos bem, azarada — Ramona fala com a cara no meu ombro.

— Acabou. Agora não tem mais do que fugir. — Fico feliz em contar isso para elas.

As duas se sentam de frente para mim, cada uma segurando uma mão.

— Qual a loucura da vez? — Chiara pergunta.

— Foram tantas que ainda não assimilei tudo.

— O meu irmão ficou louco quando soube — ela revela. — Não descansou até poder sair e te procurar. Ainda bem que já estavam caçando aquela vagabunda que deixou o bilhete.

Ainda não me conformo com o que Paola fez.

— Graças a mim e algumas horas de sono perdidas — Ramona diz orgulhosa. — Até o Héctor ficou preocupado. Nível vingativo ao extremo quando soube do que aconteceu no cemitério. Eu não imaginava que ele se preocupasse tanto com você.

— Eu também não — admito.

As conversas deles, antes de explodir o lugar que aquelas pessoas moravam com o Cesare, me perturbaram.

Foi como vê-los no parque de diversões no outro dia, embora os prêmios fossem vidas perdidas.

Eles estavam ansiosos para fazer aquilo.

Três sádicos, para melhor definição.

— Falando nisso, coitadinha da Caterina. Quase morreu — Chiara comenta. — Depois que todos saíram de casa, a tia Bela veio para cá e não saiu de perto dela, até saber que ela estava fora de risco. Que loucura o que aconteceu no cemitério!

— Eu não esperava. Foi assustador. Uma pena a Caterina ter sido uma vítima quando ele foi atrás de mim.

Espero que ela me perdoe.

A imagem do rosto roxo de Cesare, com os olhos esbugalhados e sem vida passa pela minha mente.

Ele pagou por todas as vidas que desgraçou.

— Papai mandou uma caixa com as mãos de Cesare à família Russo. — Ramona se benze. — Ele fez discretamente, mas eu vi. Eles nunca mais mexerão com a nossa família.

Eu nem sou da família e eles me tratam assim.

— Obrigada por se preocuparem comigo. Não queria trazer dor de cabeça para suas vidas.

— A nossa vida é uma eterna enxaqueca — Ramona brinca e rimos.

Elas ficam conversando por um longo tempo comigo, até que o médico aparece, então as duas se despedem e dizem que vão me ver em casa.

Recebo a prescrição dos remédios e vejo que um deles é para dormir.

Acho que devem ter falado que passei por algum tipo de trauma.

Ele também me dá alta.

Aproveito para visitar a Caterina.

Estou mancando porque quando distribuo o peso do corpo o joelho dói, mas posso me virar.

— Serena. — Henrico se levanta ao lado de Roman. — Para onde vai?

— Vou visitar a Caterina. Vocês sabem onde fica o quarto dela? — Divido a atenção entre os dois e Roman aponta.

Acompanho a direção e vejo Héctor saindo de um quarto com um olhar sombrio.

Será que acabou de matar a minha amiga?

Dele não espero nada.

Ele não diz nada quando cruza comigo e entro no quarto de Caterina.

— Serena! — Um sorriso surge no rosto dela e mal fecho a porta, já me apresso conforme consigo para abraçá-la.

Seu ombro direito está enfaixado, então tomo cuidado ao apertá-la.

— Pensei que tinha morrido. — A vontade de chorar domina o meu corpo e as lágrimas caem. — Me perdoa. Por favor, me perdoa.

— Você não tem culpa de nada. A culpa é toda daquele monstro.

— A culpa é minha também. Se eu não tivesse tentado me soltar, ele não teria atirado. — Eu me sento na ponta da cama.

Coitada da Cate!

— Eu te acharia uma molenga se não tentasse. — Ela sorri para mim. — Mas doeu muito! Foi um inferno e até desmaiei!

— Sinto muito, Cate.

— Você também sofreu. Que alívio que conseguiram te pegar rápido.

— É um alívio, mas as horas que fiquei no meio daqueles alienados pareceram dias.

Bando de alienados...

— Ele te fez algum mal? Ele tinha cara de quem seria capaz de tudo. — Ela segura as minhas mãos.

— Ele tentou, mas o machuquei. Acho que se o Henrico não aparecesse naquela hora, teríamos matado um ao outro.

Seu sorriso cresce.

— Ele não só está apaixonado. Já te ama.

A alegria e a insegurança dividem o meu humor.

— Cesare me contou coisas sobre o meu pai e Henrico, Caterina, que tenho medo de acreditar.

— Que tipo de coisa? Aposto que ele estava tentando te manipular.

Sim!

Pode ser que sim.

— Eu quero acreditar nisso também, mesmo assim essas alegações ficam na minha mente. Eu não acredito que o meu pai era o que ele disse, muito menos o Henrico.

— Sobre o seu pai, não há muito o que fazer, mas sobre o Henrico sim. Pergunta para ele.

Concordo com a cabeça.

45



DIGA A VERDADE

Henrico Milano

Depois da noite agitada, voltamos para casa de madrugada.

Serena está pensativa, calada, e sei que é por conta do que ela vivenciou.

Nem quero pensar no que poderia ter acontecido se eu não tivesse chegado naquela hora. Ele estava tateando debaixo da cama e poderia ser qualquer coisa, até mesmo uma arma.

Héctor e Roman ficaram no hospital. Damon já trouxe as meninas para casa, agora estou abrindo a porta para Serena entrar.

Ela coloca a mão sobre a minha.

— Espera. Eu quero saber uma coisa antes de entrar.

Eu me viro para ela, aguardando a pergunta.

— Uma sexta-feira de agosto, no beco próximo a um bar cheio de turistas, o que aconteceu?

Pergunta específica.

Vejamos...

“Eu tenho certeza, Héctor. Vou pegar mais um nesta sexta. Cesare não quis parar de boa vontade, pois daqui a uns dias não terá ninguém vivo para vender suas drogas.”

Serena me observa com um olho tremendo.

— Você matou um homem nesse dia — conclui com a voz embargada.

— Como sabe?

— Ele era o meu pai, Henrico. Você matou um homem inocente. — Seus olhos inundam com lágrimas e engulo em seco.

Minha mente está uma confusão.

— Não, Serena. Eu não matei nenhum inocente — afirmo com segurança.

— Matou! O meu pai nunca fez mal a ninguém e você tirou a vida dele! — ela esbraveja em prantos. — Ele só estava trabalhando. — Ela balança a cabeça em negação. — De todas as mentiras que Cesare me contou na tentativa de me manipular, essa era uma que eu acreditava fortemente ser uma calúnia. Achei que você não machucava pessoas comuns, mas eles estavam certos. Vocês só trazem desgraça com suas regras e sua justiça baseada em injustiça!

— Serena, eu não matei nenhum inocente. Lamento se foi o seu pai, mas ele não morreu por acaso.

Seus olhos se tornam maiores e ela começa a acertar socos simultâneos contra o meu peito.

— Eu te odeio! Seu monstro! Você é igual ao Cesare. Não. Pior que ele. Eu vi o seu olhar. — Ela se afasta de mim. — Eu vi como você adorou matá-lo. Aposto que agiu da mesma forma com o meu pai.

Quantas vezes devo dizer que não matei um inocente?

— Você deveria pensar no que levou o seu pai a ter esse fim e não duvidar do que posso ou não fazer.

Ela balança a cabeça freneticamente.

— Eu quero distância de você! NUNCA MAIS ME PROCURE!

Que pedido é esse?

— Você não vai a lugar nenhum, Serena! — Seguro o seu braço, firme. — Eu não vou te deixar ir.

— Você vai, porque eu me recuso a ter que te ver mais uma vez. Você não imagina o mal que me causou! Tudo o que aconteceu de ruim na minha vida foi culpa sua! Assim que o meu pai morreu... Tudo mudou. Eu ainda achei que você me traria esperança.

O desprezo com que ela me olha me fere por dentro, mas sei que ela está fazendo isso para me causar esse tipo de dor.

— Eu deveria ter te deixado morrer naquele dia.

Agora senti mais do que antes.

Sua honestidade foi como receber um tiro. Dentro dos seus olhos, posso ver que há verdade no seu desejo, que existe arrependimento no que ela fez por mim.

Não consigo reagir a isso.

Ela se solta e manca para fora da calçada.

— Para onde vai, Serena? — Exijo saber.

— Eu vou embora como planejado.

Ela não pode abandonar tudo por causa disso.

Podemos conversar e em algum momento ela vai aprender a lidar com esse fato.

Eu aprendi a lidar com a perda do meu pai assim, por que ela também não pode?

Quando dou um passo para segui-la, alguém segura o meu braço.

Olho por cima do ombro e vejo o padrinho parado na porta.

— Deixe-a ir.

— Não! Claro que não! Ela precisa saber da verdade.

— Não por você. O seu problema com ela é outro e ela vai lidar à sua maneira.

— Discordo. Eu não vou deixá-la se afastar de mim, outra vez.

Ele aperta meu braço.

— Desta vez é ela quem quer. Eu quero que você fique aqui e não piore as coisas. Vou mandar levá-la até onde quiser ir, mas você fica.

— Você não entende o quanto ela é importante pra mim, não é?

— Ela é importante para nós, por isso asseguro que ela vai voltar, mas quando estiver pronta.

Eu não me arrependo do que fiz àquele homem, seja ele pai dela ou não, mas me dói saber que ela preferia que

eu estivesse morto agora e vê-la se afastando sem ter ideia de quando a verei novamente.

Eu não vou conseguir fazer o que ele quer.



Só aceitei a carona que tio Alejandro mandou, porque sabia que não conseguiria chegar no ponto de ônibus a pé nem se tivesse com as duas pernas boas.

O motorista me deixou no ponto de ônibus com um bilhete de Mirabela.

Nem pude vê-la novamente.

Nele estava escrito que ela lamentava pelo que aconteceu no cemitério, estava aliviada por tudo ter acabado bem e que esperava me ver, mas como por infelicidade não aconteceu, desejava uma boa viagem.

Tinha dinheiro também.

Ela e a Camilla foram mães para mim, nesse tempo que passei com eles, mas agora preciso da minha mãe biológica, porque o que descobri sobre Henrico e depois de tudo que vivi com Cesare, somente ela pode me consolar.

Passei a viagem inteira chorando.

Parece que não consigo ser apenas feliz ou apenas triste, sempre tem um sentimento misturado com o outro. Sejam esses dois citados ou outros.

Sentia a felicidade de estar finalmente livre, porque sonhei tanto com este momento e agora eu mal conseguia comemorar direito.

A leveza não existia, o alívio, a paz.

Era por causa da decepção que Henrico me causou.

Ele não demonstrou remorso algum pelo que fez com o meu pai. Foi tão frio, tão cruel nas palavras que deixei de enxergá-lo como o homem por quem me apaixonei.

Doeu mais a decepção com ele do que quando descobri a verdadeira face do meu finado marido.

Viajei de trem, depois de ônibus, depois de trem novamente e depois trilhei o caminho a pé.

Já é fim de tarde e estou chegando em casa.

De toda essa jornada, este momento é em que sinto a felicidade superar, quase engolir a decepção que carrego.

As galinhas, não as que quase matei, são quem me recebe. Isso porque roubei uma espiga de milho pelo caminho e debulhei para me distrair, jogando no chão por onde passo.

— Mas o que é isso? — minha mãe questiona alto.

Acho que me meti em confusão.

— Esqueci que a senhora não gosta de dar o milho sem moer — digo em lágrimas e ela corre segurando a saia para me abraçar.

— Serena!

— *Mamma*. — Choro no seu abraço forte, como uma criança. — Eu precisei desse abraço tantas vezes.

— Eu achei que... — ela diz com a voz embargada. — Eu achei que você estava morta.

— Como assim, *mamma*? Eu estou bem viva. Um pouco machucada, muito traumatizada, mas viva.

Ela segura meu rosto enquanto chora.

— Você está. Você está sim — afirma em prantos e me abraça de novo.

Agora estou um pouco confusa.

Não.

Ela tem razão em pensar assim.

Eu não dei notícias durante dois anos.

O que mais poderia pensar?

— Eu queria ter voltado, *mamma*, mas eu precisava te proteger dele.

— Você está proibida de fazer qualquer curso.

— Eu não quero sair de perto de você nunca mais. — Eu a abraço mais uma vez.

Era tudo que eu queria.

— Como sonhei com este dia.

Ela acaricia a minha cabeça.

— Para mim, já era um sonho impossível. Você está viva. Viva! É o maior presente que eu poderia ganhar. — Ela aperta a minha pele como se quisesse ter a certeza de que eu sou de verdade.

Vamos para dentro de casa chorando e nos sentamos no sofá da sala.

— Me diga o que aconteceu, Serena. — Ela enxuga o rosto com o avental, que está amarrado na frente da saia.

— Aconteceu que cometeram uma grande injustiça com o *papà* e tiraram a sua vida — conto chorando.

Só consigo lembrar do assassino.

Eu me deitei com ele!

— Eu tentei avisar, mas não consegui.

— Nós soubemos.

Souberam?

— E por que não foram? — pergunto desapontada.

— Porque fizemos tudo aqui, filha. Foi uma grande tristeza descobrir que você e o Carlo tinham morrido em um incêndio. Recebemos e velamos os corpos carbonizados. Foi tanta tristeza nesses dois últimos anos, que enquanto estou feliz que você está aqui na minha frente, temo ter enlouquecido.

Meu queixo cai com a informação.

— Então esse tempo todo vocês acharam que eu não estava viva?

— Sim! E agora você apareceu com essa história. Quem pode ter feito essa maldade, filha?

Cesare.

— Só tenho uma pessoa em mente. — Lembro de Cesare contando sobre a regra do papai, mas ainda não acredito nessa história deles terem trabalhado juntos. — O meu falecido marido, *mamma*.

— Marido? Quando você se casou? — Ela cobre a boca.

— Vou contar tudo. É uma história tão longa, mãe, que vai parecer mais assustadora do que essa mentira sobre a minha morte.

— Temos tempo. — Ela segura as minhas mãos e olha para o curativo no braço. — O que aconteceu com você?

— Tem a ver com tudo. Com o fim de tudo.

46



NÃO VOU DESISTIR DE VOCÊ

Henrico Milano

"***Estou*** indo embora como combinado."

Achei que esse combinado tinha acabado depois que ficamos juntos, mas ela reconsiderou tudo.

Reconsiderou até o que fez por mim.

Soco o saco de pancadas com ódio de mim mesmo, mas não enxergo um caminho diferente da minha parte naquela conversa.

Ela sim.

Ela deveria ter parado para me ouvir, simplesmente me julgou como culpado, sem saber a minha versão da história.

Eu não matei um inocente.

Jamais faria isso!

— Rico — minha mãe chama.

Relaxo os braços enquanto a vejo se aproximando. O tempo continua chuvoso, mas aqui dentro faz calor. Estou transpirando tanto que o suor pinga do meu rosto.

— Você não dormiu. — Cruza os braços junto aos lados do casaco. — Mirabela contou tudo.

— Tudo mesmo? — Duvido.

— A versão que ela sabe, ao menos. Meu filho, como isso aconteceu?

— Não foi por acaso, mãe. Fiquei responsável por acabar com o comércio do Cesare, ele não compareceu para falar comigo e entrar em um acordo. No meu acordo de parar com tudo. Então foi essa a maneira que encontrei. Eu não tenho culpa se o pai dela era um deles! — Tiro as luvas e pego uma toalha para enxugar o rosto.

— Você não sente nem um pingo de remorso? — Ela me observa com vincos entre as sobrancelhas.

— Não sinto. Aquele homem era o pior de todos. Levei tempo para descobrir quem era o braço direito do Cesare. Então, quando consegui, foi satisfatório cortá-lo e deixar aquele bastardo desnorteado.

Ela balança a cabeça em negação.

— Meu filho, eu não te reconheço! Desde quando você sente prazer em tirar a vida de alguém?

— Desde que criei coragem, mãe. Toda vez que ele te batia, era isso que eu queria poder fazer, mas nunca consegui. Nunca tive força, muito menos coragem para enfrentá-lo. E quando ele finalmente caiu, foi na minha frente, mas não por minhas mãos. Por mais que eu tenha passado anos apavorado, lidando com aquela imagem, no fundo, só queria ter feito aquela justiça.

Ela balança a cabeça em negação.

— Isso não é bom, Henrico. Você não precisa ser assim. Acabou naquele dia. Sei que te trouxe para esse meio que só ensina maldade, mas eu acreditava que você resistiria.

— Foi a melhor coisa que você fez. Nunca se culpe por isso. A nossa família foi destruída por causa de drogas e o Cesare foi a minha oportunidade de fazer o que não pude quando criança. O pai da Serena acabou com muitas famílias, assim como alguém fez com a nossa. Eu não pude evitar que o pai caísse nessa vida, mas com certeza poupei muita gente quando acabei com a vida daquele corvo.

Ela me ouve com o pavor estampado no rosto.

Eu não posso mentir sobre essas coisas.

— É a minha missão, *mamma.* Serena vivia como você. Eu ouvi como ele falava com ela, igual o meu pai gritava com você. Ameaças horríveis, ela ouvindo apavorada. Quando tirei a vida desse monstro, que não só machucou ela, como também fez a droga que destruiu muitas vidas, a criança em mim, se sentiu vingada. Cada cicatriz que carrego pelos golpes que levei do meu pai, foi amenizada.

Ela segura o meu rosto, chorando.

— Meu filho, você não pode ser assim. A vingança não traz nada de bom pra ninguém. Olha o que aconteceu. Perdemos a Serena.

Balanço a cabeça em negação.

— Ela vai voltar. Quando ela entender tudo, ela vai voltar — garanto confiante disso.

— Independente de quem foi o pai dela, essa mágoa que ela carrega não será fácil de ser perdoada. Você deveria

ao menos querer se desculpar! Do jeito que você fala, ela nunca vai te perdoar.

— Eu não posso mentir pra ela. — Tiro suas mãos do meu rosto. — Vamos entrar em um acordo de outra forma.



— Eu não acho uma boa ideia. — Héctor me observa na entrada do quarto, enquanto arrumo uma mala.

— Desde quando você tenta ser sensato?

— Desde que o meu melhor amigo enlouqueceu de paixão. Henrico, só tem uma semana que ela foi embora. Aposto que ela deve estar pensando em um milhão de formas de te matar, caso apareça na frente dela.

— Eu já esperei demais. Vai saber se ela já descobriu toda a verdade sobre o pai, Héctor? Ela pode estar sofrendo e me odiando à toa.

— Mesmo que descubra, não vai apagar o que ela viveu com ele. Ainda é o pai dela, Rico.

O meu pai deixou de ser o meu pai quando se tornou um monstro. Quando ela entender tudo, pensará da mesma forma que eu.

— Eu já disse que não quero ver sua versão de conselheiro sensato, preciso do meu amigo sem limites.

— Você sabe que existe uma balança e nosso equilíbrio é alguém extremamente correto e outro extremamente incorreto. Só trocamos de lugar hoje. Meu pai vai te matar se souber que você descobriu onde ela está e está indo para lá.

— Você não vai contar até que eu já esteja bem longe daqui. Para todos os efeitos, fui procurar uma noiva para você. — Fecho a mala.

Ele deixa a risada presa na garganta.

— É melhor nem brincar com esse assunto. — Ele olha para a mala e dá de ombros. — Então, boa sorte.

Assinto.

Saio de casa sem nenhuma interferência.

A família está ocupada demais para ficar perambulando pela casa. Depois da morte de Cesare, a aliança entre a família Russo e a família Barone se desfez. Advertências foram dadas quando o filho deles começou a causar problemas na cidade. Depois de Serena, os avisos foram bem mais severos e o presente do padrinho para eles só confirmou que não era um blefe.

O conselho decidiu.

Os Russos não vivem mais aqui e perderam o apoio de todos. Não há mais poder. São apenas uma família rica, de um empresário arrogante que ganhou poder demais e o perdeu.



Dirijo por horas para chegar ao endereço que Serena vive. É uma longa viagem e, sozinho, tenho tempo para pensar sobre toda a situação.

Não estou com raiva da Serena por ela não ter me ouvido, estou inconformado. Ela deu ouvidos ao marido, mas não parou para acreditar em mim.

Sim, matei o pai dela, um traficante disfarçado de bom moço, que além de fazer com que as pessoas da cidade se tornassem viciadas, oferecia aos turistas.

Ele pode ter sido um bom pai para ela, mas não foi um bom cidadão na Calábria.

Por mais que queira me arrepender, por ela, por amor a ela, eu não consigo. Não faz sentido querer voltar atrás em uma coisa, que resolveu um problema de saúde pública.

Alguém que viu seu pai se tornar um monstro pelas drogas, não pode se arrepender de ter matado um traficante!

Eu não consigo.

Mas também não vou desistir dela.

Eu não queria que ela fosse tão importante para mim, mas depois de tanto trabalho, tantos problemas que me deu, esse sentimento nasceu. É mais forte que uma paixão, muito mais que uma atração física. Sinto mesmo que ela faz parte da minha vida, como alguém importante e não sei como seria se a perdesse de vez.

Sei onde ela está e estou indo atrás porque não posso esperar de braços cruzados que isso se resolva com o tempo, através de outras pessoas.

Existem segredos que não envolvem meu nome e não devem ser discutidos por mim, mas tenho um relacionamento com ela.

Serena pode dizer que acabou, mas eu digo que não.

Ela é minha e a quero perto de mim. Estou disposto a fazer o que ela quiser para que tudo fique bem de novo.

Só volto para casa com esse assunto finalizado.

Serena Russo

Quase isoladas, tentando manter sigilo sobre a minha volta para não acabar em uma manchete de jornal ou site de fofoca, mas nunca me senti tão livre.

A ideia de que as coisas ruins dão mais significado às coisas boas nunca fizeram tanto sentido para mim.

Sempre gostei daqui, mas nunca valorizei como faço agora. As galinhas, a horta que tentamos manter longe dos bicos delas, o lindo pôr do sol, o rio e o aconchego da casa. Tudo isso tem mais significado do que nunca na minha vida.

Hoje a minha mãe foi fazer compras na cidade enquanto fiquei cuidando da casa, mais uma vez sem me expor.

Imagina a manchete: **garota morta carbonizada volta à vida?**

Não teríamos paz.

E mesmo assim, tentando não ser encontrada, vejo um carro vindo na direção da nossa casa. Moramos em um pequeno sítio afastado da cidade. Muitas casas aqui são assim. Cada um com a sua vida. Não temos carro e mesmo que tivéssemos, conseguiria distinguir de longe o automóvel que se aproxima.

Grande, preto, brilhante, elegante, o padrão de carros que os Barones usam.

Nem citei os nomes deles para a minha mãe na tentativa de apagar essa parte da história, deixando apenas o resumo que encontrei pessoas que me ajudaram em troca do que eu tinha a oferecer e eles me ajudaram. Fim.

Largo o saco de alface quando reconheço o rosto de quem dirige o carro.

Uma descarga dolorosa percorre meus músculos e meu coração bate lento e forte, o suficiente para sentir os solavancos.

Existem pessoas que marcam a nossa vida com coisas boas, outras com coisas ruins e às vezes as duas caem no esquecimento, mas quem deixou marcas felizes e tristes nunca são esquecidas. Sempre causam um misto de sentimentos. Você não sabe se fica feliz, se fica triste, com raiva ou afeição.

O meu coração está em dúvida sobre Henrico, depois do que soube que ele fez.

Outra coisa que não comentei com a minha mãe em busca de deixar no passado e por não acreditar que papai seria esse tipo de pessoa.

Mamãe tem uma boa memória dele, durante a semana falamos coisas boas. Não quero que ela acredite nisso, muito menos que tenha me deitado com o assassino dele.

Ela já sofreu demais.

Vejo seus olhos azuis brilhando na minha direção. Ele para o carro e sai dele depressa. Sempre de preto, desta vez combina muito com o seu humor, o olhar que mesmo brilhante carrega algum peso obscuro.

Espero que seja culpa e arrependimento.

Eu deveria correr para dentro de casa e trancar a porta, ignorar o fato de que ele sempre carrega armas que podem acabar com a nossa fechadura ou qualquer outra barreira, mas o meu corpo falhou, não consigo me mover.

Ele se aproxima e eu apenas assisto

Poderia ser mentira.

Ele deveria ser o justiceiro, não o malfeitor.

Henrico para perto o suficiente para entregar no seu cheiro e calor todas as memórias que fizemos juntos, boas ou ruins, mais as boas. Já o seu olhar, o seu semblante me lembra a última vez que nos vimos, quando ele não mostrou nenhum arrependimento pelo que fez.

Será que mudou?

— O que faz aqui? Eu disse para não me procurar.

— E eu disse que nunca mais ficaríamos longe um do outro. — Ele segura as minhas mãos e acaricia o dorso delas, repentinamente puxa meus braços para baixo dos seus e me abraça forte contra o peito. — Eu não posso viver sem você — ele fala contra a minha cabeça. — Vamos resolver essa história de uma vez.

Pés no chão, Serena.

Ele afasta a minha cabeça do peito e avança para a minha boca com um beijo voraz.

47



VAMOS RESOLVER AS COISAS

Henrico Milano

Eu a encontrei e tê-la presa em meus braços é uma posição em que eu poderia ficar para o resto da vida.

Seu jeito seco mudou assim que nos tocamos e nossas bocas estiveram em contato.

Pensei muito nessa viagem, mas posso esperar a conversa se for para matar essa saudade.

Eu não quero nada além dela no momento.

Após o primeiro beijo, ela me puxa para dentro da casa. Não disse mais nada além da pergunta sobre eu estar aqui. Acredito que ela sentiu tanto a minha ausência quanto senti a dela.

No caminho pelos cômodos, ela segura a minha mão com nossos dedos entrelaçados e beijo e mordo o seu ombro sempre que alcanço, mas ela tem pressa. Assim que

nos deparamos com uma cama, Serena me empurra de costas no móvel e salta para cima de mim. Mais apressada ainda, ela desabotoa a minha camisa. Cubro suas coxas com as mãos e ergo a barra do vestido florido até alcançar a calcinha.

Serena me beija violentamente e rebola em cima de mim, causando um atrito doloroso, aumentando o meu tesão. Sua boca afrouxa no beijo e arrasta a língua e os dentes pelo meu queixo e pescoço até chegar no meu peitoral, onde morde sem delicadeza. Arfo com meu pau pulsando dolorosamente dentro da calça e Serena não demora a chegar nesta parte. Então se desvencilha de mim e fica de pé. Logo, a minha calça e a roupa íntima são arrancadas do meu corpo.

Eu nunca a vi tão ousada.

Gosto desta versão.

Estou adorando.

Seu olhar de inocente não tem nada, ela volta a se debruçar em mim, agora abocanhando o cumprimento do meu pau, sugando e lambendo enquanto seus lábios macios sobem e descem. Engulo a saliva encarando o teto, meus gemidos baixos e guturais e o som dos movimentos dela em mim, são a trilha para o momento. Sua língua em contato com a minha glande faz meu coração descompassar.

Eu sempre estive no controle, mas, desta vez, ela me pegou, acertou precisamente.

— Não pare — ordeno com a voz soando como um rugido.

Sinto que em breve irei preencher sua boca com meu gozo.

Ela não para, agora sugando uma das minhas bolas para dentro da boca.

— Puta merda, Serena! — Eu me arrepio com a sensação.

Ela saboreia e desliza a língua até conseguir sugar a outra.

Talvez eu a deixe no comando mais vezes.

Eu não sei o que a levou a agir assim, se foi a saudade, mas espero que essa ousadia permaneça.

Sua boca desce para baixo das minhas bolas e afasto as pernas para sentir até onde ela vai. Eu sinto a sua língua passeando para cima e para baixo na linha entre meus testículos e o ânus.

— Desgraçada! — murmuro agarrando seu cabelo e ela volta trilhando um caminho entre as bolas até o topo do meu pau. Seu olhar encontra o meu.

Essa visão.

Esse olhar malicioso...

Ela desce a boca sobre a minha ereção e assisto o comprimento sumindo até a base. boca pequena aperta o contorno do meu pau e minha glande chega a um espaço mais apertado nela. Seus olhos lacrimejam.

Ela vai desistir.

Começa a se movimentar no sobe e desce e agora são meus olhos que ardem por não poder piscar diante do que ela faz comigo.

Ela não para e antes de conseguir avisar, gozo na sua boca. Não vejo a cor dos jatos e ela não para até terminar tudo.

Que esforço fiz para estar fraquejando assim?

— *Cazzo*! — Eu me sento na cama e ela levanta com o olhar malicioso no rosto. — Você não dá espaço pra comparações.

Alcanço seu braço e a puxo para um beijo agridoce.

Quando ficamos frente a frente, esperava que teria que insistir muito para ser ouvido, agora, acabei de receber o melhor boquete da minha vida.

— Eu não poderia amar outra mulher — sussurro contra seus lábios e selo com um beijo.

— Você me ama? — ela também sussurra.

— Existe outra palavra que signifique que outra pessoa é o seu mundo?

Ela afasta o rosto e morde os lábios analisando o meu rosto.

— Ainda não acabamos. Senta na cadeira. — Aponta para o lado.

— Com ou sem roupa?

— Sem, é claro.

Esse olhar maldoso só indica que me darei bem mais uma vez.

Quero saber até onde ela pode ser ousada comigo.

Abro a camisa e com meu pau ainda duro, sento na cadeira de madeira. Enquanto fazia isso, ela saiu do quarto, agora volta com cordas.

— É sério? — sorrio.

Calada, ela amarra as minhas pernas no móvel, depois ergue o tronco ficando cara a cara comigo, tão próxima que avanço para beijá-la, mas ela joga as minhas mãos de cima do colo e se afasta antes disso.

Não há beijo.

Dando a volta, ela amarra meus pulsos, um no outro e depois em mais um lugar, pois fica impossível erguer os punhos juntos.

— Onde você aprendeu esses nós?

Ela volta para a minha frente em silêncio.

— Então jogamos em silêncio?

Ela meneia a cabeça e sai do quarto mais uma vez.

Espero que volte sem roupa ou com uma lingerie.

Ela está ousada para quem disse que não queria me ver nunca mais, que me queria morto.

Ela volta com uma corda mais grossa e pequena, dobrada e as pontas presas na mão.

Sem a lingerie sexy ou nua.

— Não sabia que você tinha tendências sadomasoquistas.

Ela franze o cenho, ergue a corda e acerta o meu rosto com força.

Queima, arde, fere.

— Serena! — Eu a encaro, contrariado.

— Você não veio resolver as coisas entre nós? — Ela ergue uma sobrancelha.

Eu a desconheço diante da ironia que usa na sua fala.

— Não achou que chegaria aqui e eu esqueceria tudo que você fez com sexo, achou?

Então foi por isso que ela tomou toda a atitude?

Para chegar a isso e eu não ter chance de amolecer seu coração?

— Claro que não achei. — Deixo a dor de lado e foco no nosso verdadeiro problema. — Eu vim para resolver sim, de alguma forma. Se for essa a maneira, ok.

Cada um lida com a dor de uma forma. Eu só preciso que a mágoa que causei nela seja curada. Se for me machucando, eu aceito.

O peito dela sobe e desce, Serena me observa como se não me conhecesse e o canto dos olhos começa a encolher.

— Você vai se arrepender de ter matado o meu pai! — esbraveja e acerta a corda nas minhas coxas.

A essa altura a ereção já sumiu, mesmo assim acertou a pele do pau.

Respiro fundo.

Eu já passei por um sofrimento assim com o meu pai sem merecer. Desta vez eu mereço, por ela, por mais que doa na minha alma e acorde o menino que não podia se defender.

Ela está chorando. Na cara o olhar sombrio, mas as lágrimas são da garota que conheço.

— Eu não vou me arrepender, Serena. Não importa o que faça hoje comigo.

— Por que você diz isso tão tranquilo? Que tipo de monstro você é? — Ela chora.

— Porque ao contrário do que você disse, naquele dia eu não matei um inocente. Eu fiz justiça. Não me arrependo disso.

Ela acerta o meu peito e jogo a cabeça para trás enquanto a pele queima.

O rosto ainda dói, mas não na mesma intensidade.

Parece que ela pretende me deixar em uma situação de dor constante.

— O meu pai nunca faria isso.

— Para de ser ingênua, Serena! Se você, que é tão boa, cometeu atrocidades, acha mesmo que o seu pai não fez? Ele trabalhava com o Cesare.

— Não! — Ela anda para um lado, balançando a cabeça em negação. — O Cesare pode ter feito você cair nessa mentira, mas eu não. *Papà* era entregador, ele trabalhava à noite porque... Muitas pessoas não estavam durante o dia em casa. Era isso.

Como pode confiar tanto?

— Não é porque é da sua família que é digno de confiança, Serena. O seu pai era um traficante. Eu vi. Ele acabou com a vida de muitas pessoas até eu dar um fim nisso.

Ela levanta a corda e desta vez acerta o meu ombro e pescoço. Além de sentir dor, também fico um pouco desorientado.

— Quem é você pra achar que pode fazer justiça?

— Alguém que teve a família destruída por causa disso! O meu pai se tornou um monstro por causa das drogas, Serena! Ele machucou todos nós durante suas crises, quando chegava drogado!

— O meu pai não era o seu pai!

— O que está acontecendo aqui? — uma mulher pergunta, mas não perco o foco da discussão com Serena.

Ela tem que compreender.

— Eu mataria o meu pai se pudesse e mataria o seu pai outra vez também. E quer saber, Serena? Ele nem é o seu pai biológico!

Sei que o padrinho pediu para não contar, mas uma semana depois ela permanece sem saber da verdade. Se eu não estivesse aqui, talvez ela nunca soubesse.

Ela encolhe o rosto olhando para mim.

— Que mentira é essa? A solução para perdoar o que você fez?

Olho para a mulher que está paralisada na porta do quarto.

Estou deduzindo que seja a mãe dela, pois são muito parecidas.

— Pergunte à sua mãe.

Ela olha para trás.

— Mãe?

A mulher se mexe finalmente, as sobrancelhas caídas denunciam sua culpa.

— Vou explicar tudo. Mas quem é esse homem? Por que ele está nu e amarrado a uma cadeira, cheio de marcas?

Porque a sua filha é vingativa e quer descontar a raiva em mim.

— Como assim o meu pai não é o meu pai?

— Sou Henrico Milano. — Eu me apresento. — Afilhado de Alejandro Barone. Gostaria de me apresentar de uma maneira mais decente, mas aconteceu assim...

— Barone? — Ela cobre a boca.

— Mãe? — Serena segura o braço dela. — Que história é essa?

A mulher parece confusa.

— Barone. Eu achei que nunca mais ouviria esse sobrenome — ela admite com o olhar perdido e, por fim, encara a filha. — Vou contar tudo, Serena.

48



CONTRA A NOSSA VONTADE

Serena Russo

Eu não podia deixar o Henrico ter o controle e estava sedenta por fazer algo que me desse um pouco de alívio. Bater nele me deu isso, mas não curou nada.

Agora o assunto mudou e a minha mãe, que nem estava aqui, muito menos na Calábria, se tornou o centro de uma alegação absurda.

Vamos para a sala a ela se senta no sofá. Fico de pé, na sua frente, esperando uma resposta. De preferência, que ela desminta o que Henrico falou.

— Eu já estive na Calábria.

— Sim, eu sei. A senhora disse que depois que voltou de lá, se aproximou do meu pai.

— Senta aqui. — Ela bate a mão no sofá e me sento ao seu lado. — Aconteceu muita coisa na Calábria, filha. Principalmente, você.

Eu só queria um resumo, mas ela parece estar me dando uma sinopse que pode confirmar a ideia do Henrico.

— Me diga logo, mãe! — peço aflita.

— Quando estava lá, eu conheci um homem, nos apaixonamos. Não foi coisa boba, foi uma paixão avassaladora, Serena. Ele foi o meu grande amor e eu fui o dele. — Ela segura a minha mão e parece feliz contando sobre isso. — Fomos muito felizes até eu descobrir que não tínhamos um futuro para nós. Ele era de uma família muito rica e poderosa. Eles não me aceitaram, insistimos e só piorou. Ele não desistia de mim. Tinha medo do que os outros poderiam fazer contra nós, mas ele estava disposto a enfrentar todo mundo.

— E?

Parece um clichê.

Eu com certeza já ouvi histórias assim.

— E chegou um dia em que ele me contou que queriam que ele se casasse com outra mulher. Íamos fugir. Ele estava mesmo disposto a isso. Mudar de nome, de país... Eu faria isso por ele. — Ela dá um pequeno sorriso. — Ele me ensinou o que era amor sem arrependimentos, me tratava como uma dama. Antes mesmo de colocar o nosso plano em prática, a família dele me encontrou e me ameaçou. Disse que eu deveria colocar um ponto final nessa história ou sofreria as consequências.

Essa história realmente não me é estranha.

— E o que aconteceu?

— E eu terminei tudo. Falei que ele tinha que cumprir o seu dever, que nunca seríamos felizes, até menti que o amor tinha acabado. Logo depois descobri que estava grávida. Foi perto do casamento. Ele ainda me procurava insistindo, mas acabou aceitando se casar com a outra mulher. Eu fugi porque se soubessem que eu tinha um filho bastardo dele, poderiam nos matar. Ele se casou e pouco depois soube que ele morreu. — Ela se entristece.

— Não me diga que era aquele homem da família Barone?

A história é muito parecida!

Ela me encara em alerta.

— Você já ouviu falar dele?

— Estive na casa dos Barones esse tempo todo, mãe. Ouvi sim! — confirmo perplexa. — E essa criança?

— Era você! Você é filha de Frederico Barone, Serena.

Uma Barone?

Minha mãe não enlouqueceu. Ela não poderia saber da mesma história que Ramona me contou. Mesmo assim é tão chocante que parece mentira.

Como nunca soube disso?

Beira a outra crise existencial.

— E o *papà*?

— Quando voltei, ele me deu todo apoio. Sempre fomos amigos e nos tornamos inseparáveis. Ele ficou do meu lado para tudo e quando a barriga apareceu, tomou você como filha. Eu estava tão perdida que me apeguei a ele. Era um homem bondoso, tinha suas ambições e o principal: ele me amava e amava você mesmo dentro da barriga, independente do DNA. Quando me pediu em

casamento, aceitei ciente de que passaria o resto da minha vida com ele.

Então ele não era mesmo o meu pai biológico!

O homem que cuidou de mim, desde criança, que me deu tanto amor, não compartilhava do meu DNA.

Claro que essa coisa de sangue não importa. Ele foi o melhor pai que eu poderia ter, mesmo assim eu gostaria de saber disso.

— Ele me acolheu quando foi embora. Mesmo depois do divórcio, continuou sendo o pai maravilhoso de sempre. — As lágrimas inundam meus olhos. — E eu nem sabia que ele era meu pai por escolha.

— Ele te amou tanto! Nunca se arrependeu de ter te adotado como filha. Não tenha dúvida disso — ela afirma com as emoções mais controladas.

— E por que se separam? Por que se afastaram e continuaram trocando cartas?

Ela encara as mãos enquanto as lágrimas caem.

— Com o tempo você começou a me lembrar o Frederico e isso me desestabilizou muito. Nunca escondi nada do seu pai. Ele ficou magoado e resolveu ir para a cidade trabalhar. Ficamos cada vez mais distantes, até que ele foi para a Calábria, acabando com tudo. Sempre lamentei, ele continuou sendo o meu melhor amigo mesmo distante, mesmo não sendo mais marido e mulher, e eu sempre mandava cartas para ele. — Ela sorri. — As cartas... Eram um desabafo. — Ela me encara. — Você não teve chances de conhecer o Frederico, mas seu riso, principalmente, as gargalhadas, são idênticas à dele.

Então foi por isso que toda a família Barone ficou estática diante da minha risada naquele jantar?

E depois o tio Alejandro passou a ser cuidadoso comigo.

Tio...

E os rapazes me chamaram de prima.

Mesmo assim eu não poderia imaginar que essa era a resposta.

— Então o meu pai foi para lá e... — O assunto volta a me assombrar. — Você acha que ele seria capaz de fazer uma maldade como traficar?

Sua infelicidade me deixa apreensiva.

— Foi mais um motivo para a nossa separação. O trabalho na cidade era honesto, mas antes de se mudar para a Calábria, ele me falou de um russo que tinha um emprego que o deixaria rico.

— Um russo?

— Sim. Era alguma coisa com russo.

Cesare?

— Eu perguntei se era um emprego honesto, então ele contou que era uma coisa experimental desse empresário, que estava chegando no mercado, que não sabia direito o que era, mas prometia ser muito lucrativo. Eu deduzi que não poderia ser nada honesto. Nesse dia você não estava em casa e brigamos feio. O acordo era nunca fazer isso na sua frente. Ele não precisava daquilo! Sua atitude defensiva foi a resposta que eu precisava para confirmar que esse russo não oferecia nada de bom pra ele.

— Mãe, o meu marido era Cesare Russo. Foi quem me procurou depois que *papà* morreu e aposto que foi ele também que mandou os corpos carbonizados para fingir a minha morte. Mãe, ele me disse que o *papà* trabalhava para

ele. Eu não quis acreditar. — Mal consigo vê-la com os olhos embaçados pelas lágrimas.

Estou decepcionada.

Esse é o sentimento.

Uma descoberta mais cruel que a outra.

Saber que o meu pai esteve ao lado daquele monstro, apoiando suas loucuras, é pior do que saber da morte dele pelas mãos do Henrico.

— Faz todo sentido, filha. Sei que pra você tudo isso é um grande choque, mas eu não sabia como te contar sobre o Frederico sem magoar mais o seu pai. Ele era tudo o que você precisava, mesmo com suas decisões burras no fim, sempre cuidou de você.

Lembro do tempo que fiquei com ele na Calábria. Foi tão bom e eu nunca poderia desconfiar do que ele fazia.

— Ele se preocupava tanto comigo, que proibiu o Cesare de se aproximar de mim — conto chorando. — Ele só queria o meu bem? É isso? Mãe, o Cesare era um monstro. Como o papai apoiou aquele homem?

— Ele se iludiu pelas riquezas.

— Que riquezas? Morávamos numa casa simples na Calábria. Nunca faltou nada, mas também nunca tivemos luxo. Não entra na minha cabeça que ele pensava como o Cesare.

Ela acaricia a minha cabeça e me abraça.

— Me desculpa por esconder essas coisas de você, querida. Você já tinha idade suficiente para saber disso quando foi para lá.

— Por que me deixou ir para lá sabendo que papai trabalhava com isso? — questiono chateada.

— Porque estava sofrendo demais com as lembranças do Frederico e eu sabia que ele nunca deixaria que nenhum mal acontecesse a você, Serena.

— Ele não deixou enquanto estava vivo, mas... — Soluço. — Eu sofri demais nas mãos daquele louco e agora parece que a culpa toda é minha por ter nascido.

— Você não tem culpa de nada, querida. A culpa toda é da família Barone. Essa gente não é confiável. Eles ameaçaram à minha vida. — Ela enxuga o meu rosto. — Saber que você ficou entre eles... *Dio mio*! Se eles imaginassem quem você era, poderiam ter feito algum mal.

— Eu acho que eles sabiam, *mamma*. De qualquer forma, eu nunca mais vou voltar para lá.

Ouço um pigarro vindo do quarto.

— E esse homem? O que ele faz aqui?

Respiro fundo e me levanto, indo para o quarto.

As marcas das cordas estão mais fortes na pele dele, até inchadas.

Eu não me arrependo disso.

O meu pai apoiou um monstro e entendo a motivação do Henrico, mas não posso perdoá-lo por tirar a vida de alguém tão importante para mim, independente de ainda tê-lo no meu coração.

— A minha mãe contou uma versão igual a sua. — Passo a mão no rosto e puxo as lágrimas.

Poucas vezes, vi Henrico com um semblante que dissesse algo. Ele parece triste.

— Eu nunca menti pra você, Serena.

— Mesmo assim é coisa demais para eu digerir. O que você esperava? Que eu descobrisse que o meu pai era como

o Cesare, por isso você o matou e eu tenho que desconsiderar o quanto ele foi importante para mim? Eu não posso. Não tão rápido. — Abraço o corpo.

Mamãe solta as cordas dos pulsos dele e sozinho ele liberta as pernas.

— Você disse afilhado de um Barone? — ela pergunta e ele confirma com a cabeça.

Mamãe joga a calça nele.

— Você não é bem-vindo aqui.

Ela tem razão.

Ele veste a roupa enquanto olha para mim.

— Serena, o que combinamos?

Evito olhar nos olhos dele.

— Isso está fora de qualquer combinado, Henrico.

Ele veste a roupa e calça os sapatos, depois se aproxima de mim.

Eu senti muita falta do nosso contato, de conviver com ele.

Esse sentimento sempre vem antes de me lembrar o que ele fez e então se apaga.

Mesmo que o meu lado apaixonado se esforce para deixar tudo para trás, meu lado racional é mais forte.

— Eu vou te dar o seu tempo então. Mas não pense que a distância vai me fazer esquecer você. Eu não serei como Frederico. Não vou desistir do meu amor por família nenhuma.

49



A CARTA

Serena Russo

Depois que o Henrico foi embora e fiquei com o turbilhão de informações que a minha mãe deu, as coisas estão estranhas aqui.

Não paro de pensar nas coisas que os dois contaram.

Principalmente, sobre o que *papà* fez.

Agora não posso mais querer confiar e acreditar na imagem que tive dele a vida inteira.

Eu sei a verdade.

Antes era apenas algo que ouvi de Cesare, depois de Henrico.

Mas a confirmação com *mamma* me apavorou.

Henrico disse que nunca mentiria para mim, porém, era uma verdade dolorosa demais para aceitar junto a outra sobre a sua morte.

A felicidade que me deu ao voltar pra cá se foi.

Eu nem sei se o meu nome é mesmo Serena.

Não estou com raiva da *mamma*. Não poderia. Ela teve seus motivos e nenhum deles me fizeram mal.

Mas o pai Carlos, esse não poderia me deixar mais decepcionada.

Ele nos deixou para trabalhar com o Cesare!

Cesare acabou com os dois últimos anos da minha vida!

Pensar que ele distribuía a Behavior por aí, me faz concluir que ele não se importava com essas pessoas e a consequência que aquela merda traria.

Por dinheiro?

Que dinheiro?

Papai não vivia na riqueza. A casa era pequena, simples e tinha o básico.

Ok. Talvez eu seja muito ingênua mesmo.

Que tipo de entregador andaria esbanjando dinheiro e luxo?

Deveria ser a camuflagem dele.

Eu nem quero saber o que ele fez com o que ganhou acabando com a vida dos outros.

— Coitada dessa cebola! — mamãe comenta enquanto esfaqueio a cebola para o molho.

— Só estou picando bem.

Não.

Só estou mesmo descontando a raiva nela.

— Aquele rapaz também me deixou pensativa.

— Não estou pensando nele, mãe.

Estou pensando em tudo, menos nele.

Tenho que me resolver com os meus problemas, antes de me resolver com ele.

— Eu disse para Frederico que não o amava por medo da família dele. Eu sabia que eles cumpriam suas promessas e daquela vez eles não deram outra saída além da morte. Mas dentro de mim, eu queria que o Fred não desistisse de nós.

Nunca passou pela minha cabeça que a minha mãe amou tanto outro homem que não fosse o meu pai.

Ela fala dele ainda apaixonada, depois de quase 28 anos.

— Eu queria que ele continuasse lutando pela gente, que não deixasse que a família me tratasse daquela maneira... — Ela mexe a panela no fogo com um olhar entristecido.

Eu não posso dizer que Cesare lutou por mim, quando na verdade ele me perseguiu.

Já o Henrico...

Bem, é o mais próximo de alguém que pode me fazer compreender o que a minha mãe sentiu.

— Não precisava combinar. Ele poderia me encontrar onde quer que eu fosse.

Henrico me encontrou.

Eu disse para ele não me procurar!

Quando ele me ouviu também?

Nunca.

— Eu viveria com ele em qualquer lugar. Ele disse que mataria por mim, mas eu não pensei que tiraria a própria vida.

As falas da minha mãe trazem a lembrança de quando Henrico me salvou por pouco.

Naquele dia, eu tinha certeza que era o meu fim.

Ele disse que fez o certo sobre o meu pai.

Dio mio!

Eu não quero concordar com ele.

Será que a família Russo se sentiu assim quando os Barones avisaram que caçariam Cesare para matá-lo?

— É difícil encontrar alguém assim na vida.

— Mãe, você *tá* querendo alguma coisa com essa conversa? — Viro para ela, incomodada.

— Não, por quê? Só estou refletindo. — Ela dá de ombros.

— Porque parece que você anda fazendo campanha para o homem que disse que não era bem-vindo aqui em casa!

— Eu estava falando de mim, esse tempo inteiro. A não ser que você sinta por ele o mesmo que eu sentia por Frederico... Não me contou o que aconteceu entre vocês dois.

— Porque estou com raiva dele. Ele matou o meu pai e depois descobri que o meu pai não era o que eu esperava. Eu não sei o que pensar sobre isso! — desabafo, aflita. — Ele se tornou alguém muito importante pra mim.

Desde o momento que o coloquei naquele carro, inconsciente, com a intenção de me manter segura o mantendo vivo, ele se tornou uma das pessoas mais importantes para mim.

Mas agora é diferente.

É por outro motivo.

É mais íntimo.

Estar com Henrico é como se tivesse a parte que falta em mim. Se eu não tenho força, ele é a força. Se estou perdida, ele sabe o caminho. É a minha bússola. Quando um está prestes a morrer, o outro está ali para matar alguém se for preciso, e mesmo ele sendo uma tábua e viva, dizendo que eu falo demais, perto dele eu não sinto falta de amor.

Foi o mais perto que eu tive de um lar, depois que perdi o meu pai e antes de voltar para cá.

Não a mansão dos Barones.

Ele...

Ele era o meu lar.

— Mas vocês eram amigos ou namorados?

A minha mãe adora cartas de amor e ouvir histórias de amor.

E aqui vou eu, dar um pouco de desgosto a ela.

— Ele estava mais para o meu amante. Foi ele quem me tirou das mãos do Cesare, duas vezes. Na primeira, ele quase morreu e eu o salvei. Depois fizemos um trato para que ele não deixasse que Cesare me pegasse novamente. Eu tinha certeza que o fim de Cesare estava próximo, só precisava esperar em segurança. O lugar e as pessoas não eram seguros, mas ele era. Ele fez tudo para me manter bem. Foi ele quem acabou com o Cesare. — Eu me recordo

dos seus sermões depois de cada confusão em que me meti.

— Você quer dizer que esse povo, os Barones, cuidou de você? Que aquele rapaz, afilhado do Alejandro cuidou de você?

— Sim. Eles são estranhos, mas, no fundo, têm bom coração. Henrico me salvou de ter a cabeça explodida. Quando eu estava prestes a ver a luz, ele matou o homem.

Ela me encara, espantada.

— Mas, filha, você passou por isso? Não me contou nada então!

— Mãe, passei por tanta coisa nos últimos anos, que só estou viva pela minha covardia, um pouco de esperteza e por causa dele — admito. — Mas ele matou o meu pai. Eu não consigo conviver com ele sabendo disso.

— Serena, amei muito o seu pai e saber que o perdemos me destruiu, mas eu avisei a ele. Eu disse que aquilo não era bom. Ele teimou. Todo mundo sabe o final dessa história. Eu não sei como é estar na sua pele, mas passei dois anos achando que tinha perdido a minha filha e realmente perdi o meu marido para esse homem que te fez sofrer. Então, se esse rapaz, afilhado do Barone, acabou com o homem que levou o seu pai para esse caminho e salvou a sua vida, ele tem um ponto comigo.

O som de um carro interrompe a nossa conversa.

Vamos juntas olhar quem chega.

Henrico é teimoso e pode ser ele.

Vemos um carro vermelho se aproximando.

— Você conhece? — *mamma* pergunta.

— Ainda não. E você?

— Nunca vi um carro tão elegante nessas terras.

Quando chega mais perto, vejo dois sorrisos entre os bancos e entro em choque.

É a melhor visita que eu poderia receber, mas também a mais inesperada.

Desço os degraus da frente da casa e corro para o carro. Assim que ele para, Ramona e Chiara saltam para fora do automóvel e me abraçam.

— Estou cheirando cebola. O que fazem aqui?

— Aproveitamos a carona para vir te ver! — Ramona diz.

Bastou Henrico quebrar a minha regra na semana passada, para o restante deles ver o caminho livre.

Olho para o carro, para ver quem possibilitou a carona.

Tio Alejandro.

Ainda é difícil enxergar essa forma de chamá-lo como algo mais do que carinhoso.

Ele realmente é meu tio!

E Ramona é a minha prima!

O HÉCTOR!

Será que esse parentesco explica a minha predisposição para problemas?

Eu me afasto delas, que vieram de salto para o interior, e vou cumprimentar o tio Alejandro.

Minha mãe deve estar furiosa, mesmo assim não consigo tratá-lo com indiferença.

Caterina e eu já refletimos sobre a trajetória dele. A *mamma* deve tê-lo conhecido na fase da carranca.

— Como está, querida?

— O senhor sabia, não era? De toda a verdade? Por que não me disse?

— Não cabia a mim, contar essa parte da história, mas saber que o meu irmão mais querido deixou alguém com seu sangue aqui, me deixou muito feliz.

A minha mãe pigarreia na frente da casa. Ela está de braços cruzados e sem comoção alguma diante da conversa.

Tio Alejandro me deixa para ir até ela.

— Você continua igual! — ele diz.

— Você não. — Ela o olha de cima a baixo.

Ele assente.

— Eu não esqueci o mal que a minha família lhe causou e é por isso que estou aqui. Precisamos conversar sobre o passado, Mariana.

Mamma olha para mim e balanço a cabeça, a incentivando a aceitar.

Eu ouvi o lado da história do Frederico e não foi mais feliz do que a da minha mãe. Se a culpa foi dessa família, são eles quem têm que correr atrás de consertar o que fizeram.

Eles entram e fico para trás com as meninas.

— A sua mãe não veio? — pergunto à Ramona.

— Não. Mas ela queria.

— Então é aqui que você tem se escondido. — Chiara olha a paisagem e sorri. — Que lugar lindo. Aquele riacho é

onde você toma banho?

— A minha casa tem banheiro, Chiara. — Acerto o cotovelo nela e rimos. — Vocês querem ver de perto?

— Na verdade, eu quero rede. — Ramona levanta o celular. — Como assim não tem rede aqui? Vocês vivem isolados? Tem alguma redoma invisível que impede o sinal de satélite? Preciso atualizar o povo da minha vida.

Olho para Chiara e rimos.

— Vamos. Sei de um lugar onde o sinal é melhor. — Ando pelo quintal com elas e logo mostro um lugar mais alto para Ramona fazer suas publicações.

Enquanto ela faz, Chiara me acompanha até uma árvore perto do riacho.

— Henrico contou sobre suas descobertas. Como está lidando?

Ouvir o nome dele faz meu coração vibrar.

É claro que ele contou.

— Ainda não caiu a ficha.

— Imagina? Você esteve esse tempo todo na casa do seu tio. E o Damon conseguiu guardar esse segredo!

— Ele é ruim de guardar segredo?

Eu não sabia desse detalhe.

— Digamos que ele revela até mesmo o que a pessoa ainda não se deu conta. — Ela encara o horizonte.

— Ele deveria ter me contado sobre o que o seu irmão fez.

Ela bufa.

— Eu lamento muito por isso, Serena. Na época, Henrico ficou muito obcecado em acabar com essa gangue. Ele estava disposto a tudo. Quando Cesare não quis parar por boa vontade, ele escolheu eliminar todos até chegar nele.

— Eu nunca imaginei que o meu pai fizesse parte disso. Quando Cesare disse que eram amigos, não passou pela minha cabeça. — Essa verdade causa um gosto amargo. — Ele era o meu pai, Chiara.

— Às vezes as pessoas que mais amamos nos magoam mesmo. Nos machucam também. Todo mundo tem um lado ruim.

— Do meu pai eu nunca esperei nada ruim.

— Que sorte a sua. — Ela me olha com desânimo. — Porque sentimos na pele o que o nosso pai podia oferecer de pior. Ele foi um desses viciados que são agressivos e sempre que voltava pra casa, fazia uma briga. Por nada. Absolutamente nada. — Ela volta a olhar para frente. — Ele batia na nossa mãe com um taco de golfe. Quando não era nela, era na gente. Henrico sempre passava à frente para me defender. Ele ainda tem as marcas nas costas.

As marcas na tatuagem!

Abro bem os olhos diante do relato.

Eu nunca soube disso.

Ele contou na hora que eu estava batendo nele, mas não considerei porque o achava um insensível, que poderia machucar qualquer inocente, inclusive o próprio pai.

— Rico sempre me dizia que queria enfrentá-lo, fazer alguma coisa, mas ele não podia, estava de mãos atadas e só apanhava.

Como fiz com ele quando esteve aqui.

— E sempre acontecia de novo. Até que em uma das noites, enquanto ele batia no Henrico, mamãe voltou acompanhada de um homem. Era o tio Alejandro, mas a gente não sabia na época. Ele atirou no nosso pai e nos levou para a mansão. Achamos que o pagamento para aquilo seria horrível, mas *mamma* foi para a cozinha, eu fiquei perto de Ramona e com o combinado de não falar sobre isso, superei.

— Ele morreu na frente de vocês e aceitaram viver com o assassino dele? — Encolho o rosto.

Como conseguiram?

— Ele nos salvou, Serena. O futuro não tinha nada promissor para nos oferecer. Ele poderia ter matado a nossa mãe, ou o Henrico, ou eu! — explica lamentosa. — Não fiquei feliz. Eu o amava como você amava o seu pai, mas aquele monstro me dava medo e fiquei aliviada quando acabou.

Então ele realmente se transformou em uma besta demoníaca.

Papai nunca foi assim.

Não consigo comparar.

— Vocês falaram que a casa pegou fogo.

— Sim. Naquela noite. Eles a queimaram.

— E o Henrico? Como ele lidou com isso?

— Engraçado você fazer essa pergunta agora, porque ele ficou como está atualmente, desde que voltou da viagem para cá. Calado demais. Muito mais do que o normal. Sem dormir e completamente distraído de tudo. Ele nem está procurando uma noiva para o Héctor. Anda sem sentido. Estava de olhos abertos quando *papà* recebeu o tiro e a visão o chocou muito. Já desta vez eu deduzo que seja

por saudade de você. — Seu humor muda repentinamente e ela ri.

— Talvez. — Analiso a última vez que nos vimos. — Eu não sabia que ele tivesse passado por isso.

— É. Ele tem um ódio mortal por drogados. Ironicamente, fuma cigarro quando anda muito ansioso. Talvez seja a maneira de lidar com o seu maior inimigo. Vai saber o que passa na cabeça dele? Mas, Serena, ele nunca fez mal a um inocente. Se ele chegou ao seu pai, foi porque ele tinha um papel importante nessa merda toda.

— São verdades difíceis de engolir.

— São. Mas não pense que você está sozinha nessa de se decepcionar com o pai. Pelo que vivemos com o nosso, sabemos o mal que as drogas causam. Principalmente, as do Cesare. Ainda bem que não existia quando papai era vivo. Nenhuma criança ou esposa merece passar pelo que passamos. Querer ganhar rios de dinheiro enquanto famílias são destruídas é o mesmo que patrocinar uma guerra.

Concordo com a cabeça.

Não quero concordar que a morte do meu pai foi um sacrifício para o bem de milhares, porque penso que ele deveria ter tido uma chance de repensar os seus erros e parar de ajudar o Cesare.

Mas minha mãe disse que o alertou muitas vezes e ele não quis ouvir.

Será que essa era a chance?

Será que ele estava tão focado no que conseguiria com isso que não se importou com a própria vida quando a conta chegasse?

— CONSEGUI! — Ramona grita e quando olhamos para trás ela está pulando.

Rimos.

— Ela não vive sem internet — Chiara justifica.

— Estou vendo.

Olhando para a nossa casa não tem ninguém além do motorista do lado de fora.

Ainda devem estar conversando.

— A sua mãe, como ela é?

— Ela colocou o Henrico para correr daqui — conto rindo.

— Ele não disse isso! Deve estar doente de amor mesmo.

— Amor...

Ele usou essa palavra comigo.

E a verdade é que sinto a mesma coisa que ele resumiu como amor.

Foram dois meses, semanas com ele fugindo de mim e outras grudados.

Abraços têm um poder assustador de unir pessoas.

Os abraços dele eram os melhores.

E depois que nos envolvemos romanticamente, me apeguei mais, me senti mais dele e o senti sendo mais meu.

Mais que o meu protetor.

Chiara me abraça de lado.

— Tomara que fiquem bem logo. Finalmente, vou poder te chamar de cunhada sem parecer errado.

Ela adora essa ideia.

— Quer me deixar com a consciência pesada?

— Até as plantas sabem que aquele babaca merecia chifres.

Rimos.

— Não foi por isso. Pelo menos da minha parte. O que seu irmão e eu tivemos foi resultado de muito convívio e ameaças — resumo rindo.

Eu não deveria rir.

Estava com raiva dele antes dessa conversa.

E se eu ativei gatilhos nele naquele dia?

Não consigo imaginar o Henrico mais calado do que já é.

Apenas dormindo.

Pode não ser saudade de mim.

Eu queria machucá-lo, mas não desta forma.

Se bem que ele me machucou por dentro também...

Agora estou me sentindo mal por aquele assassino de merda.

Voltamos para casa e pegamos o fim da conversa entre a minha mãe e o tio Alejandro.

Ela está chorando e ele encarando as próprias mãos sobre o colo.

— Eu não acredito que tenha sido apenas um acidente — o senhor diz e olha para mim. — Você tomou a melhor decisão quando partiu sem contar sobre a Serena. Embora... — Ele suspira. — Isso tivesse dado coragem para o meu irmão continuar fazendo o que a família queria, vivo.

— Como eu disse...

Minha mãe é rancorosa.

— Sim. Eu sei que as minhas desculpas não valem por toda a família, mas falo por mim. Porque Frederico sempre conversou sobre você comigo. Nos perdoe. Não somos assim. Não mais. Quando me casei e tive os meus filhos, eu pensava como o meu pai, mas a vida de Frederico serviu como exemplo.

— Acho que todos pagaram o preço. Felizmente, a minha filha ficou longe disso o quanto pôde. — *Mamma* seca o rosto. — Eu não imaginei que apesar de estar na Calábria, ela encontraria vocês.

— Serena é querida. E a acolhemos antes mesmo de saber que era nossa sobrinha, depois disso fizemos de tudo para livrá-la daquele monstro. — Ele olha para mim e trocamos um pequeno sorriso, então fico perto da minha mãe, sentada no braço do sofá atrás dela.

— Sim. Vocês foram como uma família para mim — concordo, grata. — Não imaginei que era mais do que impressão.

Eu sou parente dele!

Mesmo que repita isso dez vezes por dia na minha mente, a ficha não cai.

— Queremos que vocês fiquem perto — ele fala com o ânimo elevado.

— Eu prefiro permanecer como está — minha mãe replica. — A sua intenção é muito boa, mas já vivi o suficiente no meio dessa vida que vocês têm, para entender que não é para mim.

— Compreendo — ele fala pacificamente. — Mas pense sobre isso. Todos estão com saudade de Serena em

casa e assim como a recebemos bem, você também será. — Ele levanta e arruma a camisa.

— Vocês querem comer ou beber alguma coisa? — pergunto já que parece que a minha mãe esqueceu.

— Eu vou buscar. — *Mamma* segue para a cozinha ainda se recompondo.

As meninas se sentam, olhando tudo.

— A Caterina iria adorar esse lugar — Ramona comenta.

Ela com certeza iria.

Pergunto sobre ela e conversamos até a minha mãe trazer bebidas e comidas para eles.

Elas contam tudo à minha mãe.

Duas fofoqueiras.

Claro que o tio Alejandro foi quem contou sobre o namoro falso, rindo da minha cara. E parece que essa conversa descontraída amoleceu a minha mãe, pois voltou a ser a mulher gentil do meio para o fim da conversa.

E eu fiquei apenas envergonhada com tanta exposição.

Por fim, eles voltaram para a cidade, a minha mãe disse que iria pensar sobre a ideia do tio Alejandro de nos aproximar deles e Chiara deixou um envelope na minha mão.

Quando não vemos mais o carro na estrada, *mamma* vai para a cozinha, já que paramos de fazer a comida para receber as visitas, enquanto vou para o quarto, ver o que tem no envelope.

Não tem endereço no envelope, mas dentro dele tem uma folha escrita à mão.

A letra mais torta que já vi.

Porém, é legível.

Serena...

Você disse que seus pais se comunicavam por cartas. Eu entendi o porquê delas depois de te visitar e tentar ligar para você.

Por isso, aproveitei as pombas e escrevi isso.

Talvez não fique nada bom.

Não sou bom com palavras, você sempre disse isso.

Mas sei reconhecer as coisas e como eu já disse, não minto pra você.

(Vamos desconsiderar o namoro falso. Você merecia).

Sobre o seu pai...

Eu errei por não ter dado uma chance para ele. Você tem completa razão em me odiar por isso.

Todos merecem uma chance, certo?

Eu dei ao Cesare, mas não dei as pessoas que estavam com ele. Agora entendo o meu erro e me arrependo por isso.

Espero que um dia você me perdoe.

Tenho mais coisas para falar, aproveitando a deixa.

Tentei não sentir nada por você, tratá-la como um objeto, uma mala com algo precioso que eu tinha que cuidar, mas você é você.

Tinha que ser você!

Foi impossível.

Nem fugindo nem falando coisas que te deixariam chateada e te afastariam de mim, funcionou.

Eu me importei demais.

Eu me importei tanto que isso se tornou grande demais para dizer que era por obrigação ou uma simples paixão.

Se você morresse, eu me mataria.

Cheguei a essa conclusão quando quase te perdi.

Eu também esconderia todos os corpos que você matasse, e os carros que roubasse.

Ainda posso fazer isso.

Estou disposto, se você quiser.

Serena, eu te amo.

Eu sinto raiva por sentir isso tão forte em mim, que parece estar me matando.

Eu te protegi de todo mundo, mas não consegui te proteger de mim, das coisas que fiz no passado e, principalmente, me proteger de você.

Você me avisou de todos os perigos, menos do seu.

Poderia me bater, me castrar, me matar, mas você me deu o maior castigo e no momento que escrevo isso, já olhei mil vezes para a mala que não desfiz, considerando ir atrás de você.

Mesmo que seja para apanhar de novo.

Quando você estiver pronta, se quiser, eu estarei aqui.

Mesmo que não esteja, eu ainda estarei aqui.

E aqui está a resposta do motivo de falar tanto.

Eu te amo.

Henrico.

50



ELA É MINHA

Henrico Milano

Mais cinco semanas sem ela, totalizando um mês e três semanas.

Mesmo com o discurso de Chiara sobre ter certeza de que ela vai reconsiderar a gente, acho que isso não será tão rápido.

Eu queria dizer que não tenho pressa, mas eu tenho.

Sinto falta dela cada dia mais e mesmo me enchendo de negócios, principalmente, viagens, a saudade não passa.

Desta vez, respeitei o pedido dela e não fui atrás. Mandei uma carta.

Talvez ela nem tenha lido.

Enfim.

Hoje teremos uma festa em casa e as intenções são claras: paquerar.

O padrinho já está perdendo a esperança de ver um neto nascer, embora ele tenha aparentado estar com uma saúde melhor nos últimos meses, e essa festa é mais que um evento, um grito desesperado por noras ou um genro.

— Roman, querido. — Héctor arruma a gravata da roupa do irmão.

Estamos tomando whisky na biblioteca.

Descobrimos o lugar recentemente ótimo para ficar em paz.

— Você não pediu a mão da *Van Durinha* em casamento? Dê o presente ao nosso pai.

Roman sorri, sem muita graça.

— Sim. Eu sou o orgulho da família. A esperança para o futuro do sobrenome Barone. Obrigado por salientar. Mas, esse orgulho segue as tradições, por isso, tenho que esperar vocês desencalharem logo. — Ele bate no ombro de Damon.

— Para mim, é questão de Henrico me dar a mão da irmã dele — Damon diz e me faz gargalhar.

— Eu adoro o seu humor.

— Você sorriu.

— Eu faço isso antes de matar alguém. — Tomo um gole da bebida e assim que engulo, volto a falar: — Eu já disse para parar com essas brincadeiras. A minha irmã vai se casar com um homem melhor. Da igreja.

Héctor ri que estremece.

— Eu vou fugir dessa festa.

— Pensa no benefício — Damon aconselha. — Esta noite terá um monte de mulheres querendo uma noite com homens como nós. E depois do casamento tem a cadeira do nosso pai, que não é menos importante, mas só vem depois.

— Todas são virgens, não? — comento confuso.

— É o que dizem. — Roman abre a porta da biblioteca. — Vão ter a chance de examinar. Agora me deem licença, pois tenho que encontrar a minha noiva. — Ele sai do cômodo, arrumando a roupa.

Assistimos de pé.

— Será que isso vai dar certo? — Héctor indaga.

Compartilho dessa dúvida.

— Vai. Eles são muito parecidos — Damon assegura e é o próximo a sair.

Héctor deixa o copo de lado e arruma a roupa.

— Fique de olho nela, Henrico.

— Você não deveria se preocupar em arranjar uma noiva? Essa obsessão já deveria ter acabado.

— Ela apenas começou. Agora, me deixe encontrar a mulher menos interessante e que só queira saber do meu dinheiro para pedir em casamento.

É isso.

Desde que Serena foi embora e quando não estou viajando, a minha missão nesta casa é vigiar a Caterina.

Mas tem suas regras.

Digo, as regras do Héctor.

Não pode tocar, não ter intimidade com ela.

Conversar?

Três palavras no máximo.

Felizmente, não sou o Damon, que foi proibido de mais coisas depois que fez ela sorrir.

Esvazio o copo de whisky e saio à procura da minha nova “mala”.

A casa está cheia e demoro muito cumprimentando as pessoas, também está quente e, no fim, acabo saindo para tomar um ar.

Folgo a gravata e abro o blazer para ajudar.

Quanta mulher para se casar com o Héctor!

Desta vez ele deixa a Caterina em paz.

Alguém pigarreia atrás de mim, mas ignoro porque não estou bloqueando a passagem de ninguém. Há muito espaço para passar.

— A sua proposta ainda está de pé?

Serena!

Estava tão descrente da conversa do tio Alejandro sobre elas aparecerem aqui.

Depois que conheci a mãe que ela tem, que é igual à filha, linda, tem cara de anjo, mas pode ser muito cruel.

Agora ela está aqui.

Um sorriso se ergue em mim.

— Aquela sobre ficarmos juntos outra vez?

— Claro que não. Me refiro a esconder os corpos e os carros.

— Que alívio! — Eu me viro para ela, tentando não parecer um bobo apaixonado.

Não é esperado esse tipo de atitude de um consigliere.

Continuo acreditando.

Serena está perfeita, bem na minha frente, com um vestido amarelo, do jeito adorável como gosta de se vestir e elegante. Ela sorri com os lábios brilhando, assim como os olhos.

— Você não achou que eu voltaria por causa de outra coisa, que não fosse para me livrar de problemas, achou? — Ela ergue a sobrancelha.

— Eu já deveria imaginar. — Seguro sua cintura e a colo em mim, acertando a sua boca com um beijo.

Como sempre, ela corresponde tão intensa quanto eu.

Eu desejei tanto ter outro momento assim.

Era como se estivesse faltando algo em mim, como se o remédio da doença crônica tivesse faltado e eu vivesse definhando sem isso.

Apalpo seu corpo e quebro o beijo para sentir outros lugares da sua pele.

— Você voltou mesmo — constato.

— Você não me mandou mais cartas.

— Você não respondeu à minha. — Eu a encaro e ela morde os lábios.

— Eu tive muita coisa pra pensar nesse tempo. Não só sobre o que você fez, o seu passado que a Chiara me contou, como também tinha a minha vida e o meu passado. Minha mãe e eu não queríamos nos afastar depois de tudo.

— Chiara contou, hein?

Minha irmã é fofoqueira.

Será que foi necessário justificar as minhas atitudes com o que aconteceu no passado?

Sim, tem uma ligação.

Mas tudo que causou em mim, foi sede de justiça e vontade de livrar outras pessoas desse tipo de sofrimento, já que eu tinha esse poder.

— Se voltasse no tempo, eu daria uma chance ao seu pai. Não por ser seu pai, é claro.

Refleti muito sobre isso.

— Que bom que pensa assim e sinto muito que você tenha perdido o amor pelo seu, de uma maneira tão traumatizante. — Ela me olha com pena.

— Você não deveria saber disso.

Odeio pena.

— Você sabe de todos os meus segredos, esse é o primeiro segredo seu que descobri. Agora estamos em uma posição justa. — Ela encolhe a testa. — Eu mexi com seus traumas naquele dia, não foi?

Muito.

Foi a única coisa que me fez repensar de verdade no pai dela.

— O meu trauma é ter você longe. E sobre o segredo, era o único.

— O único mesmo?

— O outro nunca escondi. — Acaricio seu rosto e ela dá um pequeno sorriso. — Não quero ficar longe de você. Não quero que fique longe de mim.

— Eu não estou mais em perigo.

— Não é por isso. É porque eu te amo, Serena. Você é o meu equilíbrio, também é o que me causa desequilíbrio. Quero que fique comigo, para o resto da vida. Com esse rosto sempre onde eu possa ver. — Analiso cada traço perfeito que ela tem.

— Esse pedido aí vai muito além...

— Eu quero que vá. Quero você ao meu lado sem julgamentos, sem proibições. Serena... — Encosto a testa na dela, encorajado a falar tudo que planejei quando a visse outra vez. — Eu não tenho dúvida de mais nada sobre o que quero com você.

— Eu também te amo — ela sussurra. — Tentei te esquecer, mas não tem como. Você foi a melhor coisa que me aconteceu desde que pisei na Calábria. Não. Da minha vida toda. E eu também esconderia os corpos, os carros, e mataria por você. Droga, eu matei! Faria de novo. E eu retiro o que disse sobre ter te salvado. Foi a coisa mais correta que já fiz, mesmo que me mande para o inferno, enquanto eu estiver aqui, serei feliz porque você também está.

Sorrio contra seus lábios.

Eu nunca imaginei que seria tão bom ouvir isso.

Jamais.

Beijo sua boca mais uma vez e mesmo querendo arrancar essas roupas e fodê-la aqui mesmo, faço algo mais prazeroso ainda. Seguro a sua mão com os dedos entrelaçados e entramos juntos na casa, como um casal de verdade.

O casal que seremos até o fim da vida.

Não foi à toa que a encontrei naquele dia no jardim.

Ela deveria ser minha.

Ela é minha.



EPÍLOGO

Serena Russo

<u>Três anos depois...</u>

Saio do carro enquanto Henrico tira o nosso filho da cadeirinha.

Sim, antes mesmo de nos casar eu fiquei grávida.

Quem poderia se surpreender com isso se o safado nunca usou preservativo comigo, não é?

Pelo menos a máquina de fazer filhos cuida muito bem do primogênito e Stefano só quer saber do pai!

Não liga para mim!

Espero que ao menos um dos dois que estão dentro da minha barriga seja muito apegado a mim, desta forma.

Pior que o nosso filho é a cara do Henrico. Até mesmo carrega a falta de expressões do pai. É preciso fazer

cócegas para ver o sorriso dele.

É algo que estou tentando mudar.

Henrico já era fechado antes do Héctor se tornar o Don, agora que isso é uma realidade e o meu marido se tornou o consigliere, anda mais rígido ainda.

Só acho sexy entre quatro paredes.

Mas ele é lindo de todo jeito.

Entramos na casa do tio Alejandro. Viemos para o seu aniversário de 75 anos. Ele adora ficar cercado pelos netos e considera o Stefano, como considera os filhos do Héctor e Damon.

As crianças também o adoram.

Vive dando mimos.

Comprou todos.

Enquanto Stefano corre para encontrar os primos, Henrico me espera e segura a minha mão com os dedos entrelaçados, como se a essa altura do campeonato, casados há dois anos e meio, alguém fosse me tirar dele.

— A sua mãe está por aqui — ele comenta assim que passamos pela porta.

— Como você é rápido!

— E o tio Salvatore está de olho nela — Damon completa, tomando a minha outra mão e beijando o dorso em cumprimento. — Se eu fosse você, avisaria a sua mãe para tomar cuidado. Os homens da nossa família são um pouco obsessivos, priminha.

— Estou ciente. — Dou um sorriso amarelo e vasculho o lugar para ver a minha mãe.

Ela está ao lado de Mirabela!

Não estou vendo o tio Salvatore.

Deus nos livre de ter esse homem por perto.

Eu o conheci no meu casamento e descobri que além de ser irmão do meu pai biológico, era o que fazia o inferno para que a família Barone não aceitasse o relacionamento dos meus pais.

Ele é bem mais jovem que o tio Alejandro, charmoso, embora se pareça muito com o Héctor em tudo, inclusive na ruindade.

— Escute, Rico. — Aperto a mão dele. — Me avise se esse tio cercar a minha mãe. Eu não gosto dele — falo no seu ouvido.

— Aviso. Claro. — Ele arruma a gravata.

O convite era para dresscode formal, já está anoitecendo, mas tem gente que mais parece que vai a uma festa informal.

A casa está cheia e cumprimentamos todos os convidados antes de chegar ao anfitrião.

— Serena! — Ele mal se levanta.

A velhice, alguns problemas de saúde...

Pelo menos parou com o charuto.

Eu o abraço e ele me balança de um lado para o outro.

— A barriga está crescendo. Está grávida?

— Sim. Gêmeos — conto como se fosse a primeira vez.

Como sempre, ele faz um alvoroço, então chama a esposa para saber da novidade e conta a todos ao redor.

Já disse a ele sobre essa gravidez quatro vezes, mas ele esquece sempre.

Tio Alejandro está cada vez mais esquecido.

Pelo menos, ele vibra sempre com a mesma força quando ouve sobre isso.

É empolgante.

Assim que ele se acalma, procuramos algo para comer. Eu fico com as meninas e ele vai conversar com o Héctor.

Ramona está radiante e Chiara está barriguda.

— Parece que estamos em sincronia quando o assunto é gravidez.

Da primeira vez, também engravidamos na mesma época.

— Nem fala. Ainda bem que guardei todos os vestidos da gravidez do Stefano. E mesmo assim, terei que comprar novos, porque com quatro meses de gravidez já estou usando o vestido que comprei quando Stefano estava com seis meses dentro do útero.

— Serão dois, querida — Ramona comenta sorrindo. — Será que um dia passarei por isso?

— Para com esse desânimo! Claro que vai! — Chiara reclama. — Você tem muitas opções.

— Não são homens com quem eu me vejo deitando e acordando ao lado.

— E o que você quer? Um homem de balada? — indago.

Ela só vive em festas.

— Um homem legal, que me interesse. Apenas isso.

Aperto o seu ombro.

— Você vai encontrar.

Vittoria aparece arrumando a roupa e com uma cara não tão feliz. Caterina anda ao seu lado.

— Onde eu me meti, hein?

Rimos.

— Vai dizer que não gosta? — Chiara zomba e ela dá um meio-sorriso.

— Às vezes eu repenso.

— Repensa no quarto, na biblioteca, no carro, na cozinha... — pontuo enquanto as meninas dão gargalhadas.

Vittoria dá de ombros.

— Repensar sempre no mesmo lugar não tem graça!

Concordo com ela e abraço Caterina, que está elegantérrima com seu vestido lilás.

— Foi você quem fez os arranjos? — pergunto.

— Sim. O tio Alejandro disse que só queria os meus.

Ela continua sendo a protegida dele.

Os garçons nos servem e *mamma* vem para perto de nós.

Ela anda tão elegante quanto eu.

Enquanto Chiara e eu tentamos nos manter decentes nos vestidos apertados nos peitos, Ramona, Vittoria, Caterina e ela se vestem elegantemente com vestidos sedosos, com caimentos perfeitos.

— O velhote se empolgou com a festa, hein? — ela comenta no meu ouvido.

Sim, ela o chama pelos nomes mais preconceituosos.

Diz que é uma forma de matar o resto do rancor que ela carrega da família Barone.

— Eles sempre capricham, mãe.

— Cadê o meu neto?

— Deve estar brincando com os primos. Com quem você veio e por que não passou na nossa casa?

Moramos em uma mansão ao lado da casa do tio Alejandro. Fica um pouco mais de um quilômetro de distância, mas além dessa, não tem outra casa tão perto.

Mamma mora na cidade. Ela está trabalhando como assistente em uma multinacional de um associado da família Barone. Ela não sabe da parte do associado porque se nega a aceitar coisas grandes dessa família.

Estamos sempre perto uma da outra.

— Vim de carona, mas na volta vou ficar na sua casa.

— Ótimo. — Sorrio.

Desde que nos reencontramos, a paz reina em nossas vidas.

A família Russo mudou seus negócios para outro país e nunca mais ouvi falar deles desde então, não se fala mais em Behavior, muito menos em rebeldes desde que o líder deles morreu.

Eu não poderia estar mais feliz com o Henrico. Ainda estamos nos adequando aos diferentes pontos de vista. Como eu já disse um dia, somos o ponto de equilíbrio um do outro.

Ele planejava muito até eu chegar na sua vida e bagunçar todos os seus planos, agora consegue pensar em outras coisas quando não está no cargo de consigliere. Já

eu, segundo ele, era muito impulsiva, principalmente, quando estava com medo.

Faz tempo que não sinto medo.

Na última vez que senti, expulsei um menino de dentro de mim, pela vagina.

Enfim, nos completamos.

Do outro lado da sala, ele levanta a taça para mim. Eu levanto a minha taça com suco e sorrimos.

Como adoro o sorriso dele!

Esse sorriso que sempre aparece para mim ou para o nosso filho.

É algo perfeito dele e que é só nosso.

O tio Alejandro inventa de dançar com a esposa e manda colocar Cantare e d'amore de Amedeo Minghi.

Rimos enquanto eles dançam colados.

— Todos devem dançar. Vamos! Vamos! — Ele acena. — Héctor pode estar em meu lugar nos negócios, mas quem manda nesta família ainda é Don Alejandro Barone! Dancem!

Os filhos dele se apressam para pegar as esposas e dançar.

Henrico deixa a taça de lado e vem sem pressa para mim.

— Você é mesmo fiel a essa família! — comento admirada e ele, segurando a minha mão, me guia para o meio da sala.

— Assim como sou a você. — Ele passa o braço pela minha cintura e ficamos colados. — Sem a parte da obsessão.

Dou risada.

— É claro que tinha que ter isso, não é?

— Sim. E, aproveitando o evento em que todos estão distraídos, estou pensando em te sequestrar.

Ele adora brincar com isso.

— E o resgate?

— Sem resgate.

— E os riscos?

— Os riscos... — Ele suspira. — Você pode implorar.

— Por coisa boa ou ruim?

— Me diga você. O plano é te foder até a exaustão, meu amor.

Aqui estou eu, facilmente abalada, com palpitações e espasmos entre as pernas.

— Tentador.

Ele me encara e um pequeno sorriso aparece.

— Tentador? Essa é a sua resposta?

Confirmo com a cabeça e ele beija o meu rosto.

— Vai me deixar doido até chegar à idade do padrinho, não é?

— Se eu não te matar antes, sim. — Beijo seus lábios e rimos juntos. — Eu te amo tanto.

O sorriso some do rosto dele e os olhos azuis brilham vidrados nos meus.

— Eu também te amo, Serena. Muito mais do que alguém deveria amar outra pessoa. — Sua boca encontra a minha.

Fim.

AGRADECIMENTO

Quero agradecer a todo mundo que me apoia desde que eu comecei a escrever em plataformas pagas.

A todo mundo que já tirou um tempo para ler as minhas histórias, mesmo que nunca tenha falado comigo, avaliado (excluo as que leem em PDF aqui, porque não me ajuda em nada), obrigada!

Obrigada a todas que APOIAM e RECONHECEM o que faço.

São vocês que me ajudam a permanecer seguindo o meu sonho e alcançando tantas coisas.

Aliás, obrigada por me tirarem do aluguel.

Quero agradecer ao meu marido, por nunca deixar de me apoiar e acreditar no meu trabalho. Assim como a minha irmã Verônica, que está comigo em todas as minhas histórias e compreende o que eu quero passar. A Letícia, revisora, e a minha equipe de assessoria, que acreditam em mim, mais do que eu mesma.

E antes de finalizar, quero agradecer as pessoas que provavelmente nunca vão ler isso, os arrombados que inventam coisas sobre mim, fora da internet, porque vocês me dão muita inspiração para escrever minhas histórias, principalmente, as da família Molina.

Beijos no dorso da
mão e até a
próxima.

LIVROS ÚNICOS DA AUTORA

A NAMORADA FALSA DO MILIONÁRIO



UM MILIONÁRIO PETROLEIRO ARROGANTE; UMA JOVEM COSTUREIRA ORGULHOSA; E ELES FORAM UNIDOS POR UM NAMORO DE MENTIRA!

Rômulo Guimarães é um milionário arrogante, que lidera negócios em torno do Petróleo no Brasil. Metódico e controlador, odeia ser atrapalhado, quando está concentrado em algo. Mas, de repente, uma mulher surge na sua porta. Com um metro e sessenta de pura ousadia, ela exige que ele a dê explicações sobre a morte do pai. Para ele, aquilo não passava de uma tentativa de golpe. Para ela, Rômulo era, definitivamente, o culpado pela morte do seu pai.

Linda Fonseca é uma jovem costureira orgulhosa que faz de tudo para proteger a sua família. Aos vinte e dois anos, é esforçada e luta bravamente pelos seus sonhos. Mas tudo muda quando perde o seu pai. Ao invés de ter explicações sobre a causa, recebe um contrato para que fique em silêncio e não explane para a mídia. Revoltada, ela vai em busca de respostas. Não esperava encontrar um homem insensível, turrão e arrogante.

E que ele, poucos meses depois, se transformaria no seu namorado...

... de mentira.

O detalhe é que ela o odeia. E que a vida dele, a partir desse momento, seria um inferno.

Tudo o que eles queriam era nunca mais se verem, mas o destino juntou os dois e, agora, a namorada falsa do milionário tem todos os holofotes sobre ela. Já ele, tem a chance de se redimir pelos erros que cometeu com a mulher no passado.

A PERDIÇÃO DO MILIONÁRIO



Ela faz de tudo pelo filho.

Ele não pensa em nada além de si mesmo.

Ela queria poder ter seus pais de volta.

Ele só encontra seus pais em datas comemorativas.

Ela precisa de um emprego melhor.

Ele pode oferecer isso a ela.

Gustavo Medeiros inaugurou um restaurante exclusivo para a elite da cidade e tudo estava indo perfeitamente bem até uma noite fatídica.

A responsável?

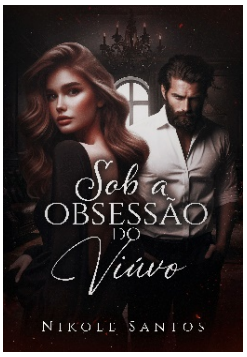
Jade, a garçonete em treinamento.

Até aquele momento, Jade estava se saindo excepcionalmente bem em seu trabalho e tinha uma certeza: não perderia o emprego por nada. Nem que tivesse que enfrentar o chefe arrogante e forçá-lo a mantê-la ali.

O que você ela faria para manter o melhor emprego que já teve?

Até onde ele iria para evitar que seu nome fosse envolvido em um escândalo?

SOB A OBSESSÃO DO VIÚVO



Após perder a esposa, **Lorenzo** se tornou um homem recluso e nem mesmo a riqueza que acumulou aos 33 anos, sendo dono de maior parte dos negócios da pequena cidade para onde retornou para ficar perto do pai, o fez voltar a ver beleza na vida.

Mas tudo mudou, em apenas uma noite, quando seus desejos ressurgiram diante de uma jovem que bateu à sua porta.

Anastácia sempre esteve ali, ocupada com os estudos, sonhando com seu momento de glória e vivendo um amor decadente. Intensa e atenta a tudo, logo percebeu que existia alguém disposto a oferecer o mesmo que entregava a todos, mas os dois eram de mundos diferentes.

Por mais que seu corpo queimasse e suas pernas fraquejassem diante dele, ela procurava resistir e não ultrapassar os limites entre os dois.

Mas, e se não existisse mais um limite?

REJEITADA GRÁVIDA PELO MAGNATA



Aos 28 anos, o magnata, Logan Beckett, tinha o mundo aos seus pés, um casamento fracassado e um único desejo: ser pai.

Mas depois de um ano tentando, ele fez exames e descobriu o motivo de mais um fracasso, era estéril e a única possível solução para salvar o casamento se tornou impossível.

Em processo de divórcio, Logan e seus amigos viajam para a Itália, em busca de diversão e para comemorar os 29 anos do filho mais velho da família Beckett.

Bologna não poderia trazer uma experiência melhor para ele.

Alice Barbiere, a jovem confeiteira se tornou a obsessão do magnata durante o curto período. Deveria ser apenas uma aventura, mas na última noite ele soube que ela não poderia ser mais um caso e a proposta perfeita para os dois envolvia uma viagem para Nova York – Estados Unidos e um emprego no famoso restaurante Beckett.

O que ele não esperava era que Alice poderia dar mais, por exemplo, um filho.

Mas ele não é estéril?

Então Alice é uma golpista ou uma traidora?

UM CONTRATO PERFEITO DE CASAMENTO



Depois de um casamento por conveniência, **Danielle Brown** se tornou uma Jones, mas isso não a impediu de ingressar na faculdade, perder sua aliança de casamento e se jogar nas aventuras que as garotas da sua idade tanto querem experimentar.

No casamento, ela só tinha um dever: assinar documentos da grande empresa do seu pai e seu sogro quando necessário.

Quando mais jovem, ela foi apaixonada por Mason, mas antes mesmo de se casarem, se deu conta que aquele homem nunca olharia para ela como uma mulher.

Mason Jones se tornou diretor da construtora Diamont Company após um casamento por contrato com a filha do sócio do seu pai.

Mesmo o casamento tendo propósito comercial, ele sabe que se separar de Danielle um dia significa deixar de ser o preferido para comandar a empresa que tanto estima. Por isso, na sua cama nenhuma mulher se deitou desde o casamento, nenhuma mulher andou ao seu lado e ele nunca se apaixonou por outra, direito esse da sua esposa, Danielle Jones, mesmo não havendo interesse dos dois lados em tornar real o que eles têm no papel.

Mas isso não significa que se manteve casto por esses anos e não se distraiu com outras.

Um dia, Danielle aparece totalmente diferente do que Mason está acostumado a ver e se oferece para ajudá-la.

Danielle cometeu um grande erro e isso enfurece Mason, o levando a tomar uma decisão que se arrepende de não ter tomado no passado: Danielle tomará seu lugar de esposa, usando a aliança, andando ao seu lado e dormindo na mesma cama que ele.

MEU TIPO CERTO DE GAROTO ERRADO



Bad boy x Good girl - Enemies to Lovers - Ex-namorado da prima

Eros Werneck nunca escondeu o orgulho que sentia em ser tão bem-sucedido aos 25 anos, tampouco o poder que nascer na família Werneck lhe permitia ter, embora não se sentisse tão amado dentro dela. Ele também sabia que o seu sucesso incomodava, mas não a ponto de armarem e o colocarem atrás das grades.

Dois meses na prisão, foram capazes de quebrar o jovem egocêntrico e acabar com o seu respeito, mas fora dali, mais decepções o esperavam. A sua ex-namorada estava casada com o seu irmão e sua empresa em ruínas.

O que ele deveria fazer? Se acostumar ou se vingar?

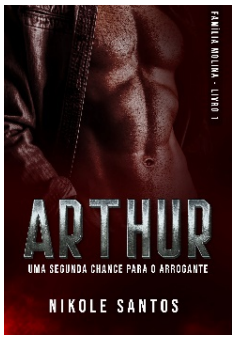
Liz Stuart, a prima da ex-namorada de Eros, esperava dele o pior, já que nos poucos encontros que tiveram, as coisas não foram amigáveis. Para ela, se envolver com Eros seria uma grande burrice, pois ela o considerava um grande

erro, no entanto, o destino os coloca no mesmo caminho, e tanto Liz quanto Eros acabam encontrando algo inesperado um no outro, quando na verdade deveriam se evitar a todo custo.

Será que Liz e Eros conseguirão superar suas diferenças e encontrar a redenção juntos, ou seus destinos estão selados pela mágoa e pelo passado conturbado?

LIVROS SÉRIE FAMÍLIA MOLINA

1. ARTHUR: Uma segunda chance para o arrogante



Arthur Molina é um homem poderoso, muito rico e respeitado que teve seu coração quebrado quando a mulher que amava, Petra Brandão, o deixou para ficar com seu irmão, Roger Molina. Desde então ficou estritamente proibida a entrada de mulheres em sua casa.

A verdade é que ele passou a odiar todas as mulheres.

Porém, sete anos depois, ele descobre que seu irmão e sua ex-amada morreram em um acidente, deixando a filha deles, Antonella Molina, de cinco anos, para ele cuidar.

De todas as torturas que Arthur poderia sofrer, sem dúvida, para ele essa será a pior.

A filha dos traidores e ainda uma mulher?

Ele se revolta com a nova realidade e vai praticar seu hobby preferido, caçar na floresta.

Quando vê uma presa grande, ele atira e logo em seguida descobre que machucou uma jovem e bela mulher que remete a alguém conhecido por ele.

Lutando contra seus instintos e passando por cima de sua maior regra, ele permite que a levem para a casinha onde ele cresceu na floresta e que cuidem dela.

Mas o que ele não imagina é que a mulher de rosto tão recordativo, na verdade, é a irmã mais nova de Petra, Daphne Brandão, que se perdeu enquanto procurava o lugar onde sua sobrinha irá viver.

Ela pretende cuidar da criança como última coisa que fará por sua irmã, não a deixando nas mãos do gângster de péssima fama de quem ela ouviu falar.

Agora, Arthur Molina terá que aprender a lidar com duas mulheres sob seu teto e Daphne terá que ensiná-lo a ser o tio que sua sobrinha precisa enquanto espera a chance de levar a criança embora.

Mas como eles irão lidar com tudo isso?

Será que Arthur mudará de ideia em relação às mulheres?

E Daphne, será que mudará a ideia que criou do irmão de seu cunhado quando o conhecê-lo melhor?

2. SANTIAGO: uma segunda chance para o viúvo amargurado



Amargurado e controlador, Santiago Molina dedica seu tempo a muitos investimentos, mas nenhum com tanta estima quanto a financeira SM Solutions, sua primeira empresa, a qual divide com seu irmão, Enzo.

Aos vinte e cinco anos, ele perdeu sua esposa, Alice, após o parto do primeiro filho do casal.

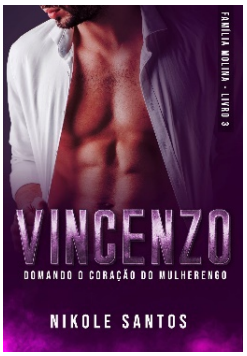
João Miguel nasceu saudável, mas Santiago nunca deixou de culpá-lo pela morte de sua amada.

Três anos depois, uma jovem desastrada aparece em sua vida como secretária. Em muitos momentos, ela tira a sua paciência, já em outro faz o viúvo duvidar das suas próprias promessas.

Com quarenta cursos no currículo e uma péssima concentração no que precisa ser feito, Laura Bianchi foi chutada do seu emprego por uma enorme lista de motivos, mas, no mesmo dia, conseguiu o que julga ser o melhor emprego de todos. Contudo, ela não contava que por vezes passaria vinte e quatro horas ao lado de um homem estressado, que mal a deixa falar e que a faz se sentir uma imprestável. Todavia, ela não desiste fácil e trabalhará de todas as formas para conquistar o seu chefe.

Ela só não imaginava que poderia conseguir mais do que permanecer no emprego.

3. VINCENZO: Domando o coração do mulherengo



Sendo um mulherengo de primeira, Vincenzo Molina não quer namorar. Diferente dele, Isabella Fernandes quer encontrar o amor da sua vida e aposta em todos os homens que aparecem na sua frente.

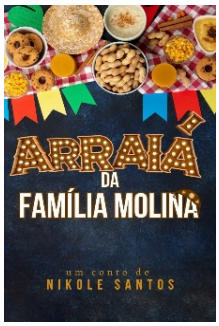
Quando esses dois se encontram, a atração é imediata. Para Vincenzo, ela será mais uma em sua cama, já para Isabella, ele é um forte candidato ao amor da sua vida.

Ela foi alertada sobre o perigo de ficar com mais um cafajeste.

Ele foi alertado sobre o perigo de machucar o coração de alguém que trabalharia tão próximo.

Eles ignoraram todos os alertas e agora resta saber se ela irá domar o coração do cafajeste.

CONTO: ARRAIÁ DA FAMÍLIA MOLINA



Na festa de São João, Arthur, Daphne, Santiago, Laura, Vincenzo, Álvaro e as crianças se juntam em mais uma festa

da família Molina, na casa da Tia Chica, para comemorar a data e matar a saudade.

Mas Daphne anda desconfiada que Arthur esconde algo dela e Laura está prestes a surtar com as paranoias de Santiago.

4. **O CASAMENTO DO ANO**



O bilionário arrogante, Arthur Molina, teve uma segunda chance para amar ao lado de Daphne Brandão, a irmã da ex-namorada dele e tia da sua sobrinha.

O momento de consolidar o amor que nasceu entre os dois chegou e com ele todos os membros da família Molina estarão reunidos em mais uma comédia romântica.

5. **ÁLVARO: INESPERADAMENTE APAIXONADO**



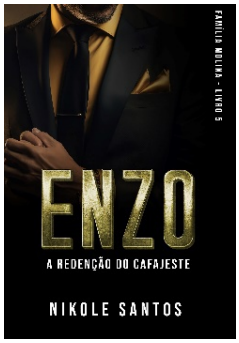
Quando o assunto é beleza, Álvaro Molina tem uma autoestima de milhões, já Catarina Rodrigues nem tem tempo para se preocupar com isso.

Eles são amigos de infância e enquanto ele busca a mulher perfeita, ela visa manter a ordem em seu estabelecimento.

Após ouvir do melhor amigo que deveria se cuidar ou não encontraria um namorado, Catarina resolveu tornar seu novo objetivo a busca por um namorado e assim ir acompanhada de alguém, que não seja ele, ao casamento do irmão dele.

Álvaro não imaginou nem de longe que isso lhe afetaria tanto e além de ser extremamente arrogante, o empresário descobriu ser um grande ciumento com chances de estar inesperadamente apaixonado por sua melhor amiga.

ENZO: a redenção do cafajeste



Inconsequente, ganancioso e esnobe, Enzo Molina perdeu o respeito da sua família quando fez negócios duvidosos.

Carismática, sincera e apaixonada, Afrodite foi traída por seu namorado e reprovou no último ano do Ensino Médio por ficar tão abatida com a situação.

Duas pessoas com problemas pessoais e a mesma solução: mudar para uma cidade pequena e recomeçar.

O fato de Afrodite encostar no carro que carrega seu nome, faz Enzo desgostar dela de cara e seu jeito rude reflete nela o mesmo sentimento.

Mas se o mundo é pequeno, imagina em uma cidade do interior?

Não tem como fugir das encrencas, muito menos do amor.

PÁGINA DA AUTORA NA AMAZON

---

[1] Pai.

[2] Mãe.

[3] Cidade da Calábria, Itália.

[4] Filho da puta.

[5] Eu sou vítima da noite. Ela lidera o caminho no escuro. Ela me deixa mais alto do que nunca.

[6] Cidade da Calabria, Itália.

[7] Meu Deus.

[8] Cadela, vadia.

[9] Cidade da Calabria, Itália.

[10] Cidade da Calábria, Itália.

[11] Cidade da Sicília, Itália.

[12] Teimosa como um burro.

[13] Modelador de cachos.
[14] Garotas solteironas.
[15] Prostituta vergonhosa.
[16] Do filme de 1976, Rocky - um lutador, com Sylvester Stallone
[17] Minha garota.
[18] Meu amor.
[19] Game of Thrones.
[20] Princesa.
[21] Minha paixão.
[22] Motos